

Sophia Michalenko



Misericórdia Minha Missão

Biografia de
Santa Faustina

4a Edição



EDITORA APOSTOLADO DA
DIVINA MISERICÓRDIA

Sophia Michalenko

Misericórdia Minha Missão

Biografia de Santa Faustina



**EDITORIA APOSTOLADO DA
DIVINA MISERICÓRDIA**

TÍTULO ORIGINAL:

Life of Sister Faustina Kowalska, S.M.D.M.

TÍTULO DA TRADUÇÃO POLONESA:

Milosierdzie Moja Misja

EDIÇÃO BRASILEIRA:

Editora Apostolado da Divina Misericórdia

www.misericordia.org.br

editora@misericordia.org.br

(41) 3148-3200

Direitos reservados

Apostolado da Divina Misericórdia.

Nenhuma parte pode ser reproduzida.

REVISÃO:

Carina Novak

Gislaine Keizanoski

NIHIL OBSTAT:

Curitiba, 28 de outubro de 1997

Pe. João Gorka, C.M.

IMPRIMA-SE:

Curitiba, 28 de outubro de 1997

+Dom Pedro Fedalto

Arcebispo de Curitiba

Introdução

Na história dos homens, sempre que uma crise de natureza espiritual, social ou política ameaçou o destino da humanidade, Deus, na Sua misericórdia, fez surgir no mundo homens e mulheres de Sua eleição que ajudaram as pessoas a superar as dificuldades e até a se enriquecer com elas espiritualmente. Lembremos de alguns deles: Francisco de Assis, Catarina de Sena, Joana d'Arc, Margarida Maria Alacoque, Bernadete de Lourdes e Teresa de Lisieux. No início do século vinte, para enfrentar o ateísmo, materialismo e a filosofia do comunismo, Deus enviou a Santíssima Virgem Maria às três crianças em Fátima. E, quando crescia o poder de Hitler, o próprio Cristo apareceu a uma moça polonesa, conhecida na vida religiosa como Irmã Faustina, beatificada aos 18 de abril de 1993 e canonizada em 30 de Abril de 2000 pelo Santo Padre Papa João Paulo II.

Helena Kowalska, futura Irmã Faustina, nasceu em 1905 no pequeno povoado chamado Glogowiec, perto de Łódź, como a terceira de uma família de dez filhos. Respondendo à graça de Deus, ingressou na Congregação das Irmãs de Nossa Senhora Mãe da Misericórdia, em Varsóvia, aos vinte anos de idade. Como tinha pouco estudo, desempenhou na vida religiosa tarefas comuns: de cozinheira, jardineira e porteira. Nessa humilde condição de vida, vivenciou grandes experiências místicas que passaram despercebidas até às suas mais próximas companheiras. Aceitou o convite de Cristo para ser sua Apóstola e Secretária, para anunciar, novamente, à humanidade a mensagem evangélica da Misericórdia de Deus.

Em 1934, obedecendo ao seu diretor espiritual, aos seus superiores e ao próprio Jesus, Irmã Faustina começou a anotar as suas experiências. Passado algum tempo, enquanto seu diretor espiritual estava ausente, visitando a Terra Santa, Irmã Faustina queimou o caderno que havia escrito até então, o que teria sido

supostamente sugerido por um anjo. Quando seu diretor regressou e tomou conhecimento disso, ordenou-lhe que reconstituísse a parte destruída e continuasse a anotar as suas experiências. Por isso, Irmã Faustina nem sempre datava as suas anotações, mas começava simplesmente com as palavras: “Em determinado momento...”. Além disso, repete-se bastante, porque raramente revia aquilo que anotava. Desse modo o conteúdo do seu Diário, de quase quinhentas páginas, pode parecer ao leitor um tanto confuso.

A biografia de Irmã Faustina aqui apresentada, contrariamente a biografias anteriores, concentradas principalmente no comentário temático ou na pessoa de Irmã Faustina, é uma apresentação cronológica. A autora fez uma seleção cuidadosa daqueles trechos do Diário que mais claramente apresentam a vida e a missão de Irmã Faustina, reorganizando-a numa sequência compreensiva, tanto quanto possível. Os trechos citados estão ligados a comentários baseados em outras partes do Diário, bem como em investigações feitas junto de pessoas que a conheceram.

Finalmente, o presente trabalho pode também ajudar a todos aqueles que queiram fazer um estudo mais detalhado do Diário. Por essa razão a autora fornece as referências com a ajuda das quais será fácil encontrar determinados textos no Diário. Os números entre parênteses correspondem aos números dos parágrafos da edição do Diário. As palavras pronunciadas por Nosso Senhor estão impressas em negrito; as de Nossa Senhora, em itálico. Trechos mais longos do Diário são geralmente apresentados em alíneas especiais.

As palavras de Irmã Faustina e de Jesus Cristo são citadas tal como estão no Diário, com poucos ou nenhum comentário, pois elas são extraordinariamente poderosas e efetivas em si mesmas.

Jesus disse à sua Secretária: **“A Humanidade não encontrará a paz enquanto não se voltar, com confiança, para a Minha misericórdia (Diário, 300). Minha filha, sê diligente em anotar cada sentença que te digo sobre a Minha misericórdia, porque se destinam a um grande número de almas que delas tirarão proveito”** (D. 1142).

Possa o conteúdo deste livro tocar os corações e o espírito daqueles que o lerem; possa enchê-los de confiança e inspirá-los a

promover este apostolado da Misericórdia Divina por palavras e obras.

Infância e Juventude (1905-1925) A casa paterna

Irmã Maria Faustina do Santíssimo Sacramento, que conhecemos simplesmente como Irmã Faustina, nasceu perto do centro geográfico da Polônia, não muito longe da cidade têxtil de Łódź. E justamente no distrito de Łódź, no município de Turek, que se situava o pequeno povoado de Glogowiec, que hoje já não encontraremos no mapa da Polônia porque Glogowiec agora faz parte de Świnice Warckie.

O pai de Faustina, Estanislau Kowalski, nasceu no povoado de Świnice no dia 6 de maio de 1868; a mãe, Mariana Babel, no dia 8 de março de 1885, no povoado de Mniewie. Parece não haver informações sobre os anos da infância deles. Após o matrimônio contraído no dia 28 de outubro de 1892, fixaram residência em Glogowiec.

O nome Glogowiec deriva da palavra “glóg” que significa o fruto do espinheiro ou, num sentido mais amplo, ervas daninhas ou arbustos espinhentos. O espinheiro é um arbusto ou uma árvore baixa da família das rosáceas, com flores brancas ou vermelhas, frutos esféricos e brotos espinhentos. Não importa se o nome Glogowiec expressa com exatidão o caráter do povoado, o importante é que, por providência divina, das “ervas e espinhos” dessa modesta localidade nasceu uma verdadeira “flor”. A sua mensagem – da misericórdia de Deus, representada na Imagem de Jesus, de cujo Coração saem raios, um vermelho e outro branco - já é conhecida no mundo inteiro. Chegou, portanto, o tempo de tornar mais conhecida a vida dessa mensageira.

O povoado de Glogowiec ficava a uma distância de uns três quilômetros de Świnice. Os dois povoados eram unidos por uma estrada rural que serpenteava em meio a campos arenosos interrompidos por bosques e capões de mato. O solo era pobre e

produzia apenas batata e centeio. Havia também pastagens onde eram apascentadas vacas, mas somente após a segunda ceifa. Antes disso, as vacas podiam pastar nos carreiros onde crescia erva, entre campos semeados, ou nas divisas entre as propriedades.

No horizonte estendia-se um bosque de abetos. As árvores serviam de fundo para o povoado de Glogowiec. Algumas casas, cercadas de jardins, espalhavam-se em meio aos campos, outras apareciam enfileiradas ao longo da estrada. Numa destas casas, junto à estrada, residia a família Kowalski.

A sua casa era uma construção típica daqueles povoados, feita em parte de pedra e em parte de tijolo. O telhado era feito com pequenas tábuas de madeira. O interior compunha-se de dois compartimentos separados por um saguão e uma cozinha de chão batido. A casa e os dois celeiros eram ladeados, pelos três lados, por um pátio.

Durante nove anos os Kowalski não tiveram filhos. Mas tanto Mariana como sua mãe não se cansavam de pedir ao Céu que Deus abençoasse o casal com o nascimento de filhos. No ano de 1901, as suas preces finalmente foram ouvidas. Após três dias de complicações e um parto difícil, durante o qual quase chegou a perder a vida, Mariana deu à luz uma menina. Deram-lhe o nome de Josefa. Dois anos mais tarde, veio ao mundo outra filha, e o parto novamente foi difícil. Não é de admirar que Mariana tivesse muito medo de um terceiro parto. No entanto, para surpresa sua, a vinda ao mundo da terceira filha ocorreu sem complicações. Foi no dia 25 de agosto de 1905. Dois dias depois, o pároco da igreja de São Casimiro em Świnice, padre José Chodynski, batizou-a com o nome de Helena. Os padrinhos foram Martin Lugowski e Maria Szewszczyk Szczepaniak.

Depois do nascimento de Helena, os sete partos seguintes transcorreram sem dificuldades. Com o correr do tempo, Mariana convenceu-se de que Heleninha, aquela criança abençoada, havia “santificado” o seu ventre. Duas meninas, Kazimira (Casimira) e Bronisława (Bronislava), morreram na infância. Os oito filhos restantes eram, por idade: Józefa (Josefa), Ewa, chamada pelos familiares de Genoveva ou Gienia, Helena, Natália, Stanisław (Estanislau), Mieczysław (Miecislau), Lucyna (Lucina) e Wanda

(Vanda). Os primeiros anos do século vinte foram cheios de agitação, de atividades revolucionárias e greves generalizadas. Porém as notícias sobre esses acontecimentos raramente chegavam até o pacato povoado de Glogowiec. Um agricultor como Estanislau só estava preocupado com o sustento da sua família. Cerca de sete acres de terra arável e cinco acres de pasto mal davam para sustentar a família que sempre aumentava. Mas, graças às suas habilidades, Estanislau podia trabalhar como carpinteiro e dessa forma aumentar a renda familiar.

Embora durante o dia se dedicasse à carpintaria e depois ainda trabalhasse no campo, muitas vezes até altas horas da noite, Estanislau acordava muito cedo. Iniciava o dia com o canto do tradicional “Pequeno Ofício da Imaculada Conceição da Santíssima Virgem Maria”, conhecido simplesmente como “Pequeno Ofício” que, na Quaresma, era substituído pelas “Lamentações sobre a Paixão do Senhor”.

Quando Mariana o mandava calar, dizendo: “Pare de cantar, você vai acordar a todos”, ele não dava nenhuma atenção a isso.

“A primeira obrigação se deve a Deus” - retrucava algumas vezes. Essas palavras certamente refletem o sentimento contido numa canção matinal popular de adoração a Deus “Ao amanhecer da aurora”, que também fazia parte de seu repertório diário:

“Ao amanhecer da aurora,
Toda a terra Vos adora,
os seres, com os hinos seus,
Vos adoram, grande Deus
e o homem, ser ditoso,
mui feliz e venturoso,
como não Vos louvaria,
dando graças dia a dia?”

Essas práticas caracterizavam a fé pessoal de Estanislau, uma fé simples mas profunda. Nunca faltava à santa Missa aos domingos e dias santificados e, como era costume na época, recebia a santa Comunhão sobretudo na Páscoa e no Natal, e possivelmente também em outras festas importantes. Mais tarde, quando a idade não lhe permitia ir à igreja, pendurava um relógio sobre a cama, desejando espiritualmente participar da santa Missa dominical que,

naquela hora, estava sendo celebrada na igreja. Estanislau conduzia a sua família de acordo com os mandamentos de Deus e da Igreja, em conformidade com a secular tradição polonesa. Um dos seus filhos que mais tarde se tornou organista na igreja paroquial, assim falou a seu respeito: “No que diz respeito à religião, o pai era muito exigente para conosco e para com Helena também, pelo que agora somos muito gratos”.

No que toca à disciplina, o seu filho Estanislau lembra que, certa vez na sua infância, quando quebrou uns galhos no salgueiro do vizinho, seu pai lhe aplicou um castigo muito severo, como se isso tivesse sido um grande delito. Por sorte, a severidade do pai era amenizada pelo amor compreensivo da mãe.

Os filhos recordam a mãe como uma mulher ativa, trabalhadora, cheia de desprendimento. Embora estivesse ocupada com a educação dos filhos, ajudava ao marido como podia. Diariamente levava-lhe uma refeição quente onde quer que estivesse trabalhando. Ao voltar, sempre trazia nas costas um feixe de lenha para o fogão. Procedia assim mesmo no inverno, quando a neve atingia os seus joelhos.

Dessa forma, esses pais pobres, sem instrução, mas honestos, pela palavra e pelo exemplo ensinaram aos filhos o amor a Deus, a obediência e o amor ao trabalho. Não é de admirar, portanto, que toda a vida de Helena se distinguisse por essas virtudes.

Muito cedo Heleninha aprendeu a recitar breves orações. Quando cresceu um pouco, passou a rezar com toda a família. Normalmente as crianças não são capazes de concentrar a atenção em alguma coisa por muito tempo. Passar muito tempo em oração não é algo natural e nem fácil para uma criança. No entanto, Heleninha foi atraída a conviver com o céu desde a mais tenra infância. Prova disso foi um sonho que teve aos cinco anos de idade. Sua mãe lembra que, naquela época, Heleninha havia dito aos familiares: “Estive passeando com Nossa Senhora num bonito jardim”. Muitas vezes, mesmo antes de completar os sete anos, acordava durante a noite e sentava-se na cama. A mãe sabia que ela estava rezando. Querendo abafar esse incomum zelo da filha, muitas vezes lhe dizia: “Vá dormir, porque senão você vai perder o juízo!”

“Oh, não, mamãe” - respondia Heleninha - “é o meu Anjo da Guarda que me acorda para rezar.”

Deus atraía Heleninha já na infância. Com a idade de sete anos, sentiu que estava sendo chamada a uma vida mais perfeita. Isso aconteceu durante uma celebração de vésperas com a exposição do Santíssimo Sacramento. Mais tarde, assim falou sobre isso: “Mas nem sempre eu era obediente ao apelo da graça. Não encontrei ninguém que me explicasse essas coisas”.

Com a idade de nove anos, Heleninha foi preparada para o sacramento da Confissão e para a primeira Comunhão pelo pároco Pawlowski. A zelosa menina muitas vezes prolongava o tempo da oração noite adentro. Seus pais achavam essas práticas impróprias e não as viam com bons olhos. A mãe lembra que, antes de sair de casa no dia da primeira Comunhão, Heleninha beijou as mãos do pai e da mãe para expressar arrependimento pelas vezes que os havia ofendido. A partir de então participava do sacramento da Penitência todas as semanas, e, todas as vezes, pedia perdão aos pais beijando suas mãos segundo um antigo costume polonês. Procedia dessa forma, embora mais nenhum dos irmãos fizesse o mesmo.

Quando Heleninha cresceu o suficiente para poder trabalhar, ajudava em casa, no preparo das refeições e na limpeza. Mais tarde cuidava dos irmãos menores e estimulava-os a serem obedientes e diligentes nas tarefas que lhes eram confiadas. Não é de admirar que o caráter bondoso de Heleninha, sua obediência e a vontade de ajudar antecipando-se às necessidades dos outros fizessem com que ela se tornasse a favorita dos pais.

Tendo aprendido com o pároco quais eram suas obrigações religiosas, Heleninha procurava sempre santificar o dia do Senhor e não deixava de participar da Missa aos domingos. No entanto, as vacas tinham que ser apascentadas e mungidas mesmo nesse santo dia. Para facilitar a todos os membros da família a ida à igreja, Heleninha, certa vez, levantou muito cedo, saiu pela janela do quarto de dormir que havia deixado aberta na noite anterior e foi até o estábulo. Abriu a porta e retirou as vacas para apascentá-las nos caminhos cheios de ervas que dividiam as plantações de centeio. Nesse ínterim, o pai percebeu o estábulo aberto e, não vendo as vacas, pensou que alguém as tivesse roubado. De repente, ouviu

Heleninha a cantar o Pequeno Ofício com todas as suas forças. Ela justamente vinha trazendo as três vacas da ponta da roça. Zangado, pensando que as vacas haviam causado estragos no centeio, tirou a cinta e segurava-a de prontidão, querendo surrar a filha por tanto prejuízo. Mas, quando ia andando em sua direção, percebeu admirado que as três vacas estavam amarradas numa só corda. O capim na divisa havia sido comido, mas a plantação de centeio estava intacta. Meio sem jeito, escondeu a cinta atrás das costas.

“Papai – perguntou – posso ir à Missa hoje?”

Não podia ralhar com ela nem recusar o pedido. Ela levou as vacas para o estábulo e, ordenhando-as, cantava de alegria. Podia ir à santa Missa!

“Controlar uma vaca é bastante difícil, mas vigiar três atadas por uma corda é inacreditável!” - exclamou o pai, contando depois à família esse inesquecível acontecimento.

Estanislau, irmão de Helena, mencionou que sua irmã, muitas vezes, permitia que as vacas pastassem na divisa que marcava o limite extremo da propriedade. Os animais, no entanto, não faziam estrago nas plantações dos vizinhos. Por essa razão, e também porque Helena tinha sempre uma palavra amável para lhes dizer, os vizinhos tratavam-na com bondade e simpatia.

Sempre que era a vez de Helena levar as vacas para a pastagem, reuniam-se em volta dela muitas crianças que eram atraídas pela sua bondade natural. Gostavam de ouvir as histórias que ela então lhes contava. O pai de Helena gostava de livros e de histórias. Lia para as crianças o que havia reunido em sua modesta biblioteca de livros religiosos (onde havia uma Bíblia, revistas dedicadas a missionários e biografias de santos). Eram justamente esses livros que forneciam a Helena assunto para as suas histórias. Mais tarde, quando Helena já era capaz de ler sozinha, o pai a incumbiu daquela tarefa. Eram essas as histórias que Helena dramatizava e contava com tanto entusiasmo e engajamento de ânimo que as crianças não queriam perder nenhuma palavra. Muitas vezes, dizia-lhes que, algum dia, ela também abandonaria a casa paterna para se juntar aos eremitas que viviam nas florestas e se alimentavam de raízes e frutas silvestres, ou que se tornaria missionária e anunciaria a fé aos pagãos. Seu entusiasmo atraía

tanto as crianças que se sentiam dispostas a segui-la para qualquer lugar.

Helena era sociável e criativa. Muitas vezes, fazia diversos objetos de pedaços de papel e tecido e depois brincava “de loja”, vendendo os produtos a seus amigos. Os trocados que, dessa forma, conseguia ganhar eram entregues para ajudar as crianças pobres. Os animais também eram alvo do seu amor e da sua compaixão. Se um cachorro ficava doente ou um frango se machucava, ela se apressava em ajudá-los.

Durante a Primeira Guerra Mundial, a Polônia sofreu uma grande destruição, muita fome e miséria. A família dos Kowalski ficou desprovida de quase todos os meios de subsistência. Não tinham recursos para comprar roupas adequadas para ir à igreja. Helena sofria muito com isso. Quando não podia ir à Missa no domingo (em casa havia apenas um vestido em condições de uso, de modo que as meninas tinham que esperar a sua vez de vesti-lo), ela se escondia com o livro de orações para rezar na hora em que, na igreja, era celebrada a Missa. Se acontecia de a mãe a chamar para ajudar nas tarefas caseiras, Helena não respondia. Somente quando sentia que a Missa havia terminado ela ia ter com a mãe e, beijando a sua mão, dizia: “Não se zangue, mãezinha, eu tinha que cumprir com os meus deveres para com Deus”.

Segundo os registros escolares, Helena começou a frequentar a escola em Świnice, em 1917, quando já tinha doze anos. Isso aconteceu porque, durante a Primeira Guerra Mundial, quando o território polonês estava ocupado pelas tropas russas, as escolas, na Polônia, estavam fechadas. Visto que Helena já sabia ler, entrou logo na segunda série. Era uma boa aluna. O diretor da escola lembrava com orgulho que, no dia da visita do inspetor, ela ganhou um prêmio pela bonita recitação do poema “O regresso do Pai”, de Adam Mickiewicz. Estudou apenas três semestres. Na primavera de 1919, todos os alunos mais velhos foram obrigados a deixar a escola. As autoridades decidiram que era preciso abrir vagas para as crianças menores.

Nos dois anos seguintes, Helena trabalhou em casa. Cumpria as suas obrigações, mas sua mente e seu coração eram ocupados por outros pensamentos e aspirações. Não queria ficar em casa, era

atraída para um outro tipo de vida. Desejava servir exclusiva e inteiramente a Deus. Embora não tivesse conhecimento concreto da vida religiosa, tinha a certeza de que ela existia em algum lugar e de que lá era seu lugar. O desejo de oração tornava-se nela cada vez mais forte, continuava a rezar noite adentro. Certa vez, contou aos pais que, muitas vezes, via estranhas luzes brilhantes; recebeu deles a ordem de parar de pensar nessas coisas e de contar bobagens. A partir de então, já não falava das suas extraordinárias experiências, mas não podia deixar de pensar nelas.

Apenas uma vez Helena entristeceu e irritou seu pai. Ela tinha, então, catorze anos. Sua irmã mais velha, Josefa, havia sido convidada para participar em Świnice de um baile organizado por alguns agricultores ricos. Como o senhor Kowalski preocupava-se muito com os princípios de convivência social, mandou que Helena fosse junto com a irmã. Já era mais de meia-noite quando ambas voltaram para casa com um dos jovens que haviam participado do baile. Foram vistas pelo tio de Helena que relatou o caso ao pai, mas descrevendo com muito exagero toda a história. O senhor Kowalski ficou furioso, repreendeu asperamente e castigou severamente as filhas pela vergonha que lhe haviam causado voltando tão tarde para casa. Em vão tentaram apresentar alguma justificativa. Helena não pode esquecer que seu pai se vira obrigado a proceder dessa forma com sua filha predileta. “Pelo desgosto que lhe causei tenho que me redimir cem vezes, trazendo honra a ele, e não vergonha”^[1] - decidiu então.

Doméstica

Na primavera de 1921, Helena, que, então, tinha quinze anos, disse à sua mãe: “Mamãe, nosso pai trabalha tão pesado, e, mesmo assim, não tenho com o que me vestir aos domingos. Tenho o pior vestido de todas as meninas. Vou trabalhar fora para ganhar algum dinheiro”.

A mãe que já tinha deixado partir as duas filhas mais velhas para trabalharem como doméstica, pensou um momento e respondeu: “Então vá, minha filha, em nome de Deus”. Helena saiu

de casa e foi trabalhar como doméstica na casa da irmã de uma vizinha, a senhora Helena Goryszewski, em Aleksandrów, perto de Łódź.

Como doméstica, Helena era prestativa, obediente e alegre no serviço. Desempenhava bem todas as tarefas. A senhora Goryszewski ficava particularmente satisfeita com a maneira como ela divertia seu filhinho com historinhas. Mas, antes que decorresse um ano, Helena avisou que estava indo embora. A senhora Goryszewski ficou muito preocupada com essa decisão, pois queria que Helena ficasse com ela, perguntou. “Porque é que você vai embora?”

Helena respondeu: “Não lhe posso dizer por que estou indo embora, mas não posso ficar mais”. E, tendo dado essa misteriosa resposta, desistiu da sua primeira possibilidade de ganhar dinheiro.

A senhora Goryczewski não sabia que a vida de oração de Helena estava em contínuo desenvolvimento. Rezava durante o dia enquanto trabalhava e, muitas vezes, também até altas horas da noite. A estranha claridade não lhe permitia dormir. O seu desejo e ânsia de Deus havia crescido enormemente. Helena sabia que tinha que tomar uma decisão.

Primeiro contou tudo à mãe: “Mamãe, eu tenho que ir para o convento”.

Os pais decidiram não dar atenção a seus pedidos. O pai justificava-se desta maneira: “Não tenho dinheiro para o dote (dinheiro ou vestuário que deve trazer consigo a pessoa que ingressa na vida religiosa) e sempre estou com muitas dívidas”.

“Papai, eu não preciso de nenhum dinheiro” - respondeu ela. “O próprio Nosso Senhor me levará ao convento”. Mas os pais, muito afeiçoados à sua filha predileta, permaneceram inflexíveis. Não concordaram em que Helena fosse ao convento.

No outono de 1922, desapontada, Helena novamente saiu de casa. Dessa vez, foi procurar trabalho em Łódź. Morava na casa de seus parentes, os Rapacki, mas trabalhava para três mulheres que pertenciam à Ordem Terceira de São Francisco. Estava satisfeita, embora não ganhasse muito. As suas patroas permitiam que ela assistisse à Missa diariamente e visitasse os moribundos da vizinhança. Estranhos desejos de uma moça de dezessete anos.

Pedia também para se confessar com o confessor das suas patroas, o Frei Wyzykowski. Seu tio, Miguel Rapacki, ao perceber que Helena desejava a vida religiosa, vivia zombando dela, mas Helena não se deixava perturbar. A sua resposta firme e perseverante era: “Vou servir a Deus, porque é isso que decidi fazer desde a minha infância e é isso que farei”.

Apesar das condições vantajosas, Helena novamente decidiu procurar trabalho em outro lugar. Não podia deixar de pensar na total dedicação a Deus, como se uma voz interior a pressionasse para “abandonar o mundo e entrar no convento”. Helena foi para casa e, mais uma vez, suplicou a permissão para ingressar na vida religiosa. Os pais continuavam negando. Espiritualmente abalada, Helena resolveu abandonar a vida interior e começou a “levar uma vida dispersa, entregue às vaidades da vida”, como ela^[2] própria mais tarde a definiu. Tentava não dar atenção às inspirações da graça, fazia até tentativas de abafá-las, cedendo a diversos prazeres: começou a cuidar mais da sua aparência exterior, comprava vestidos da moda e ia aos bailes com suas amigas. No entanto, nada a alegrava nem satisfazia a fome de sua alma.

Por intermédio de uma agência de empregos, Helena arrumou serviço na casa da senhora Marciana Sadowski, em Łódź. Começou a trabalhar no dia 2 de fevereiro de 1923. A senhora Sadowski gravou bem esse dia. Mais tarde assim o recordava: “Helena apareceu em minha casa tão bem vestida que fiquei na dúvida se devia aceitá-la como doméstica. De propósito, diminuí o salário proposto, para que fosse embora, mas ela aceitou a minha proposta”.

A Senhora Sadowski, sempre ocupada na sua mercearia, estava satisfeita com a nova doméstica e babá dos filhos. Percebeu em Helena um talento especial para lidar com crianças. Ao anoitecer, a doméstica contava aos pequenos histórias tão interessantes que os três ficavam inteiramente concentrados, ouvindo-a. Acontecia também que as crianças rompiam em gargalhadas, e Helena junto com elas. A Senhora Sadowski considerava Helena uma pessoa muito responsável e, quando tinha que viajar, ficava absolutamente tranquila, pois sabia que Helena cumpriria as tarefas domésticas até melhor do que ela. Algumas vezes, saíam juntas para fazer compras.

Helena sempre queria levar a sacola com as compras. Vendo como a moça estava esgotada pelo jejum, a Senhora Sadowski tentava tirar dela a sacola, mas sempre sem resultado.

A Senhora Sadowski não podia deixar de perceber que Helena deixava de comer carne nas quartas, sextas e sábados. Durante a Quaresma, não comia nada de carne e, naqueles três dias, deixava até de consumir derivados do leite.

Um dia Helena recebeu a visita de sua irmã Josefa, naquele tempo já como Senhora Jasinski. A Senhora Sadowski propôs que Helena servisse alguma coisa à irmã. Helena correu até a loja e voltou com um bolo de mel.

“Helena, por que você não comprou carne?” - perguntou a Senhora Sadowski.

“Hoje não, senhora Sadowski. Hoje é dia de jejum” - respondeu Helena.

A Senhora Sadowski voltou-se à Senhora Jasinski com esta pergunta:

“Que espécie de gente são vocês e como foram educados para jejuarem tão rigorosamente? Helena não come um pedaço de carne durante toda a Quaresma”.

“É justamente assim que a gente faz – respondeu a Senhora Jasinski – foi bem assim que nosso pai nos educou.”

Segundo a Senhora Sadowski, Helena foi sempre piedosa e gostava de rezar. Participava com regularidade dos serviços religiosos na catedral. A Senhora Sadowski percebeu também que Helena tinha tanto senso de humor e era tão espirituosa que facilmente poderia tornar-se atriz profissional. A sua bondade, a vontade de ajudar e o riso alegre faziam com que facilmente granjeasse a simpatia das pessoas.

No dia 1º de julho de 1924, sem revelar à patroa os seus planos para o futuro, Helena desistiu do emprego. “Ela teria saído mais cedo – disse a Senhora Sadowski – mas era tão boa e solícita que eu sabia que ela estava esperando pelo nascimento de meu filho”.

Vocação

Logo depois de deixar o emprego com a Senhora Sadowski, Helena foi a um baile juntamente com sua irmã Josefa. Embora todos se divertissem muito, Helena passava por um grande tormento. Quando começou a dançar, teve a seguinte experiência mística: de repente viu a seu lado Jesus, despido de suas vestes e coberto de chagas. Jesus olhou para ela com reprovação e disse: **“Até quando hei de ter paciência contigo e até quando tu Me desiludirás?”** (D. 9). Nesse momento, deixou de ouvir a música agradável, não via ninguém. Estava a sós com Jesus. Saiu da pista de dança, sentou-se ao lado da irmã e fingiu que a mudança abrupta que nela havia ocorrido fora causada por uma dor de cabeça. Depois, sem ser percebida, abandonou o salão de danças e dirigiu-se para a catedral de Santo Estanislau Kostka. O sol já estava se pondo. Na igreja, encontravam-se poucas pessoas. Sem se dar conta da presença dessas pessoas, Helena prostrou-se diante do Sacrário. Do fundo da sua alma angustiada, suplicava ao Senhor que lhe desse a conhecer a Sua vontade e mostrasse o que deveria fazer a seguir. De repente, ouviu as palavras: **“Vai imediatamente a Varsóvia, lá entrarás num convento”** (D. 10).

Helena levantou-se e foi juntar os seus pertences. Na manhã do dia seguinte, despediu-se da sua irmã e voltou à casa do seu tio para lhe dizer: “Estou indo a Varsóvia, para entrar no convento”.

“Pelo amor de Deus, Helena! O que você está fazendo? - exclamou o tio. - Você sabe que sua mãe e seu pai vão morrer de tanto choro e desgosto”.

Helena respondeu: “Então, tio, por enquanto não lhes diga nada. Quando mais tarde o senhor for visitar meus pais, entregue-lhes estes vestidos”.

“E você vai ficar com o quê?” - perguntou ele.

“Para mim é suficiente o que estou vestindo. Nosso Senhor vai me fornecer tudo” - respondeu Helena.

Helena partiu para Varsóvia apenas com a roupa que tinha no corpo. O tio acompanhou-a até a estação do trem. Aguentou firme até o momento de embarcar. Aí começou a chorar: “Quando a mãe descobrir isso, vai pensar que fugi” - suspirou. Estava preocupada com a dor que sua atitude causaria aos pais, mas a necessidade de

obedecer Àquele a quem tinha amado desde os sete anos de idade era mais forte do que essa preocupação.

Já era fim de tarde quando o trem chegou a Varsóvia. Na estação, Helena misturou-se com a multidão e de repente ficou apavorada. O que devia fazer? Aonde devia ir? Não conhecia ninguém em Varsóvia. Na sua aflição, pedia à Nossa Senhora: “Maria! Conduzi-me, guiai-me” (D. 11).

Imediatamente ouviu nas profundezas da alma uma voz dizendo que devia sair da cidade e ir até um povoado próximo onde poderia passar a noite em segurança. Helena obedeceu e encontrou tudo o que lhe tinha dito a Mãe de Deus.

No dia seguinte, de manhã bem cedo, voltou à cidade e entrou na primeira igreja que encontrou. Era a igreja de São Tiago, no bairro de Ochota. Ajoelhou-se e começou a rezar para que Deus lhe revelasse a Sua vontade. Enquanto ela rezava, diversos sacerdotes celebravam seguidamente o Sacrifício da Missa. Durante uma dessas Missas, Helena ouviu as palavras: **“Vai falar com esse padre e diga-lhe tudo, e ele te dirá o que deves fazer em seguida”** (D. 12). Após a Missa, ela foi até a sacristia, contou ao padre tudo o que ocorria em sua alma e pediu que lhe aconselhasse em qual convento devia ingressar.

No começo, o padre ficou atônito, mas depois disse a Helena que tivesse muita confiança e aguardasse outras recomendações de Deus. “Por enquanto – disse o padre entregando-lhe um cartão – vou enviar-te a uma piedosa senhora com a qual ficarás enquanto não ingressares no convento” (D. 13)

Dessa forma, no verão de 1924, o Cônego Tiago Dabrowski, pároco da igreja de São Tiago em Varsóvia, enviou Helena à casa da Senhora Aldona Lipszyc. Como bom amigo de seu marido, sabia que a Senhora Lipszyc, mãe de quatro filhos, estava procurando uma doméstica. A família Lipszyc residia em Ostrówek, perto de Varsóvia. Helena apareceu ali com um cartão do cônego Dabrowski que dizia: “Não a conheço, mas espero que sirva”.

A Senhora Lipszyc simpatizou com Helena porque a moça lhe parecia saudável, agradável e alegre. Percebeu que todos os pertences de Helena estavam amarrados num lenço. Por isso, para começar, deu-lhe um vestido e outras peças de roupas. Helena

explicou-lhe que havia saído de casa porque queria tornar-se religiosa, e logo que ganhasse o dinheiro suficiente para o seu dote pretendia entrar no convento.

Novamente manifestou-se o amor de Helena pelas crianças. Gostava de conviver com elas. Quando as crianças tinham vontade de brincar de máscaras, ela vestia uma máscara e brincava com elas. A família Lipszyc também gravou na memória o seu sorriso feliz e sadio.

Confiando nos conselhos e nas recomendações da senhora Lipszyc, Helena começou a bater sucessivamente à porta de diversas congregações religiosas na grande e “assustadora” cidade de Varsóvia. Sua aparência um pouco desleixada, a falta de instrução, a extrema pobreza e a profissão de doméstica faziam com que, em todos os conventos, se deparasse com a recusa. Diziam-lhe: “Aqui não aceitamos domésticas”.

Com o coração despedaçado, Helena pedia a Nosso Senhor: “Ajudai-me, não me deixeis sozinha!” Um dia apareceu na casa das Irmãs de Nossa Senhora da Misericórdia, na rua Zytnia 3/9. Com o coração aos pulos, estava ela na portaria do austero edifício. Bateu à porta. Apareceu a porteira e perguntou: “O que você deseja, filha?” (D. 13)

“Eu queria entrar no convento” - respondeu Helena.

“Entre aqui, espere um pouco, já vou chamar a Madre superiora”.

Logo apareceu na sala a Madre Michaela Moraczewska e, sem ser percebida por Helena, observava-a parada à porta. Descontente com a aparência da moça, tinha a intenção de mandá-la embora tão logo ouvisse o pedido de ser aceita na Congregação. Decidiu, no entanto, que seria mais caridoso fazer à moça umas perguntas gerais antes de a despedir. Durante a conversa, Madre Michaela percebeu que a candidata tinha algumas qualidades: um sorriso agradável, um rosto simpático, muita simplicidade e sinceridade e em suas palavras sentiu muito bom senso. A Madre decidiu aceitá-la.

É interessante notar que Helena teve desse primeiro encontro uma recordação completamente diferente. Escreveu mais tarde no Diário:

“Quando veio ter comigo a Madre superiora, a atual Madre geral Michaela, depois de uma breve conversa, disse-me que fosse ver o “Senhor da casa” e perguntasse se Ele me aceitaria. Compreendi logo que devia perguntar a Nosso Senhor. Fui à capela com grande alegria e perguntei a Jesus: “Senhor desta casa, Vós me aceitais? — Foi uma das irmãs que me mandou perguntar assim”.

E logo ouvi uma voz que me dizia: **Eu te aceito, tu estás no Meu Coração**. Quando voltei da capela, a Madre superiora logo me perguntou: “E então, o Senhor te aceitou? - Respondi que sim. - Se o Senhor te aceitou, eu também te aceitarei” (D. 14).

O maior obstáculo para Helena entrar no convento foi a pobreza. Não tinha dote. A Santa Sé poderia facilmente dispensá-la dessa obrigação, mas Helena necessitava de roupa, e a Congregação não dispunha de fundos para esses fins. Por isso a Madre propôs que Helena continuasse a trabalhar e economizasse algum dinheiro para o dote. A nova candidata estava muito satisfeita com essa proposta. Foi combinado que poderia trazer periodicamente o dinheiro que economizasse, para ser guardado no convento. Terminada a conversa, Madre Michaela despediu-se e acabou esquecendo completamente desse encontro. Helena voltou à casa da senhora Lipszyc e continuou a trabalhar como doméstica, para juntar o dinheiro que necessitava.

Alguns meses mais tarde, Madre Michaela estava visitando a casa da congregação em Wilno. Ficou muito admirada quando recebeu uma carta com a notícia de que uma jovem havia trazido sessenta zloty (moeda polonesa) “para serem guardados, como havia sido combinado”. Madre Michaela teve que fazer um esforço de memória até se lembrar do que se tratava. A partir de então, o depósito de Helena crescia incessantemente, e, no decorrer de um ano, conseguiu o valor total necessário.

Durante esse período, duas situações a desafiaram no seu propósito. Uma causada pela sua patroa, a Senhora Lipszyc, que simpatizou muito com ela, uma ruiva simpática e sardenta com uma forma de viver tão feliz e alegre. Sem compreender a felicidade da vida religiosa, começou a traçar para a sua empregada planos de casamento. Se tivesse prestado atenção ao tema dos hinos e

cânticos que Helena gostava de entoar, teria compreendido que, no caso dela, o casamento estava fora de questão. Não sabia, evidentemente, que Helena já havia tomado uma irrevogável decisão que iria afetar toda a sua vida. Isso aconteceu nas vésperas da oitava de *Corpus Christi*, no dia 25 de junho de 1925. Helena havia então falado com Deus com todo o anseio de sua alma. Fora, então, inundada com a luz interior de um conhecimento mais profundo do Senhor como o Supremo Bem e a Suprema Beleza. Experimentou a profundidade do amor de Deus por ela desde toda a Eternidade. Com palavras simples que brotaram do fundo da sua alma, Helena fez o voto de castidade perpétua (D. 16). Não é de admirar que, naquele tempo, tivesse uma predileção especial pelo cântico “A Jesus Cristo escondido”:

“A Jesus Cristo escondido
No Sacramento adorar,
A Ele tudo entregar,
Com Ele sempre viver”.

O outro acontecimento que preocupou Helena foi a visita de sua irmã Genoveva. Helena não tinha ido para casa desde a sua viagem a Varsóvia, mas tinha escrito aos pais que seria aceita no convento quando tivesse o dinheiro suficiente para o dote. Os pais enviaram Genoveva para tentar dissuadir Helena da ideia de entrar no convento e trazê-la de volta para casa. Quando Genoveva percebeu como era inflexível a decisão de Helena, suas insistências enfraqueceram. Passou a noite em Varsóvia e voltou a Glogowiec. Os pais ficaram tristes vendo que Genoveva havia voltado sozinha, sem Helena.

Quando todos os obstáculos foram finalmente removidos, Helena Kowalska ingressou no convento. Foi na véspera da Festa de Nossa Senhora dos Anjos, no dia 1º de agosto de 1925. Alguns anos mais tarde, assim escreveu, no Diário, a respeito desse momento: “Sentia-me imensamente feliz, parecia que havia entrado na vida do paraíso. O meu coração só era capaz de uma contínua oração de ação de graças” (D. 17).

**Pia Batismal da igreja paroquial em Świnice Warckie
onde foi batizada Helena Kowalska - Irmã Faustina.**

Os anos de noviciado (1925-1928) **Postulado**

A Congregação das Irmãs de Nossa Senhora da Misericórdia, em que Helena havia sido aceita, teve sua origem em Laval, na França. Foi fundada em 1818 por Teresa Rondeau. Em 1862, a condessa Eva Potocki, nascida Sulkowski, levou a espiritualidade dessa Congregação para o solo polonês. O objetivo principal da Congregação foi, e continua sendo, a imitação de Cristo em sua Misericórdia diante de todas as misérias espirituais da humanidade. As Irmãs de Nossa Senhora da Misericórdia dedicam-se, sobretudo, ao trabalho pela reabilitação de mulheres e moças decaídas. Essa Congregação caracteriza-se por uma especial devoção à sua padroeira Maria, Mãe de Misericórdia, e também à Misericórdia de Deus, inspiração do seu trabalho apostólico.

Até 1962, a Congregação tinha dois grupos de irmãs: as irmãs diretoras e irmãs coadjutoras. As diretoras tinham por tarefa instruir e educar as mulheres e as moças no espírito cristão. As coadjutoras ajudavam-nas desempenhando serviços caseiros, bem como por suas orações, sacrifícios e mortificações. Helena foi aceita nesse segundo grupo.

Já na terceira semana de convivência com as irmãs, Helena sofreu uma forte tentação de abandonar a Comunidade. Começou a pensar na possibilidade de ingressar numa congregação mais rigorosa, pois achava que, na Congregação em que estava, era pouco o tempo que se dedicava à oração. Não estava gostando também de várias outras coisas. Certa noite, resolveu falar à Madre Superiora sobre a sua decisão. Mas Deus encaminhou as circunstâncias de tal forma que não pôde encontrar-se com ela.

A capela principal ficava num prédio separado, de modo que o Santíssimo Sacramento era guardado também num quatinho da casa onde residiam as irmãs. Elas chamavam esse quarto de

“pequena capela”. Naquela noite, antes de se deitar, Helena entrou na pequena capela para pedir a luz e a inspiração de Deus. No entanto, não ouviu nada. Invadiu-a apenas uma estranha e incompreensível inquietação. Apesar disso, resolveu que pela manhã, logo após a santa Missa, iria falar com a Madre Superiora para lhe expor a sua decisão.

Todas as irmãs já estavam na cama, e as luzes estavam apagadas. Cheia de mágoa e angústia, entrou no dormitório. Sem saber o que fazer nem a quem recorrer, caiu de bruços no chão. Suplicava a Deus que a ajudasse a conhecer a Sua vontade. Enquanto rezava, uma espécie de claridade inundou a parte do dormitório em que ela estava. Numa das cortinas que separavam as camas viu a face dolorosa de Cristo. Seu rosto estava coberto por chagas abertas e grossas lágrimas caíam sobre a colcha branca de sua cama. Sem saber o que tudo isso significava, perguntou ao Senhor: “Jesus, quem Vos infligiu tanta dor?” E Jesus respondeu: **“Tu Me infligirás tamanha dor, se saíres desta congregação! Chamei-te para este e não para outro lugar e preparei muitas graças para ti”** (D. 19). Profundamente comovida, Helena pediu perdão ao Senhor e resolveu ficar onde estava.

No dia seguinte, foi se confessar e contou ao confessor tudo o que havia acontecido. O confessor não tinha nenhuma dúvida de que era da vontade de Deus que Helena permanecesse na Congregação. Disse que ela nem tinha o direito de pensar em abandoná-la e de ingressar numa outra. As palavras do confessor trouxeram alegria a Helena e fizeram com que ela se sentisse absolutamente tranquila a respeito dessa questão.

Durante o postulado, Helena ia se familiarizando com as obrigações e os exercícios espirituais que, no futuro, como membro da Congregação teria que cumprir. Foi destinada ao trabalho na cozinha. Sua tarefa era também manter a ordem no quarto da Madre Janina Barkiewicz e cuidar dela durante a doença. Madre Janina tinha sido, por muitos anos, Superiora e até mesmo Vigária Geral da Congregação. Como diretora de postulantes, essa idosa e experiente religiosa observava com atenção o comportamento das candidatas mais jovens. A respeito de Helena, dizia em poucas palavras: “Helena é uma alma interior”.

As lutas interiores, o grande zelo espiritual, bem como a mudança do estilo de vida fizeram com que Helena começasse a ter problemas de saúde. A Superiora, alarmada com seu profundo esgotamento, enviou-a em companhia de duas outras irmãs para um período de descanso em Skolimow. Havia aí uma casa alugada para as irmãs de Varsóvia e para as moças que se encontravam sob a proteção delas. A obrigação de Helena era preparar as refeições para si mesma e para as duas irmãs que haviam ido com ela.

Em Skolimow, Helena perguntou ao Senhor por quem mais devia rezar. Jesus disse-lhe que lhe daria a conhecer isso na noite seguinte. Foi naquela ocasião que Helena teve a primeira visão mística sobre as almas do Purgatório. Quando lhe foi recomendado que escrevesse o Diário, ela recordou esse momento:

“Vi o anjo da guarda que me mandou acompanhá-lo. Imediatamente encontrei-me num lugar enevado, cheio de fogo e, dentro deste, uma multidão de almas sofredoras. Essas almas rezavam com muito fervor, mas sem resultado para si mesmas. Apenas nós podemos ajudá-las. As chamas que as queimavam não me tocavam. O meu anjo da guarda não se afastava de mim nem por um momento. E perguntei a essas almas qual era o seu maior sofrimento. Responderam-me, unânimes, que o maior sofrimento delas era a saudade de Deus. Vi a Mãe de Deus que visitava as almas no purgatório. As almas chamam a Maria “Estrela do Mar”. Ela lhes traz alívio. Queria conversar mais com elas, mas o meu anjo da guarda fez-me sinal para sair. Saímos pela porta dessa prisão de sofrimento. [Ouvi uma voz interior] que me dizia: A Minha misericórdia não deseja isto, mas a justiça o exige. — A partir desse momento me encontro mais unida às almas sofredoras” (D. 20).

Noviciado (1926-1928)

A Congregação das Irmãs de Nossa Senhora da Misericórdia dirige um grande instituto educativo para moças decaídas no bairro de Łagiewniki em Cracóvia. Esse instituto foi fundado em 1890 pelo frei Alexandre Lubomirski. O padroeiro desse local é São José, e as

irmãs costumam chamar suas amplas construções, cercadas de pomares e jardins, simplesmente de “Jozefow” (Casa de São José). Era também a sede do noviciado onde os futuros membros da Congregação das Irmãs de Nossa Senhora da Misericórdia passavam por uma adequada formação para a vida religiosa que desejavam abraçar até a morte.

Helena e as suas companheiras completaram aqui os últimos três meses do postulado e, a seguir, fizeram um retiro de oito dias como preparação para o ingresso no noviciado.

A cerimônia da tomada do hábito e do véu realizou-se no dia 30 de abril de 1926. Já então Deus revelou a Helena a extensão dos sofrimentos que ela teria de suportar. Num instante, Deus lhe deu a conhecer com o que ela estava se comprometendo. A dor lancinante dessa revelação durou apenas um momento. Depois, Deus novamente encheu sua alma de grandes consolos.

A Irmã Clementina Buczek que foi escolhida para ajudar Helena nesta cerimônia, lembra-se de que, quando disse à Helena “que se apressasse e vestisse o hábito”, Helena parecia desmaiar. Irmã Clementina imediatamente foi buscar sais fortificantes. Mais tarde, confessou que sempre chateava Helena lembrando-lhe desse incidente e rindo dela porque “não queria abandonar o mundo”. Somente após a morte de Helena, Irmã Clementina ficou sabendo que não se tratava de um simples desmaio (D. 22).

Juntamente com o hábito e o véu branco, as irmãs recebiam também um novo nome, que devia simbolizar o início de uma nova vida. A partir daquele momento, Helena Kowalska tornou-se Irmã Maria Faustina ou, mais simplesmente, Irmã Faustina. O nome Faustina significa afortunada, feliz ou abençoada.

O noviciado na Congregação das Irmãs de Nossa Senhora da Misericórdia dura dois anos. No decorrer do primeiro ano, chamado canônico, a noviça aprofunda a sua vida espiritual pela meditação e por outras práticas religiosas. Nesse tempo, conhece os princípios da vida religiosa, as constituições, bem como o significado dos votos. Conhece também o valor de exercitar-se nas virtudes, especialmente na virtude da humildade. As noviças estudam também os fundamentos da fé, devem conhecê-los bem, para que depois possam transmiti-los aos outros. No decorrer do primeiro ano, as

noviças não podem frequentar a escola nem obter uma instrução formal, não podem também ter qualquer tipo de tarefas mais absorventes.

Durante o segundo ano, além dos habituais exercícios espirituais e religiosos, as noviças podem se dedicar aos estudos ou trabalhar sob a orientação de uma irmã professa. Se esse período de provação for avaliado como satisfatório tanto pela Congregação como pela noviça, esta será admitida aos votos, válidos por um ano. Esses votos serão depois renovados anualmente durante cinco anos, e, somente então, será admitida aos votos perpétuos.

Por cerca de dois meses, a Mestra de noviciado de Irmã Faustina foi a Irmã Margarida Gimbutt, uma mulher exemplar, bondosa, humilde, piedosa, cheia de dedicação e desprendimento. No dia 20 de junho de 1926, foi substituída pela Irmã Maria Josefa Brzoza. A nova Mestra havia passado algum tempo em Laval, na França, onde observara a formação das noviças e se familiarizara com o espírito da Congregação. Da mesma forma que a Mestra anterior, também ela podia servir de exemplo para os outros e, providencialmente, possuía um grande dom de discernimento. Era exigente, mas sempre cheia de desvelo maternal e de bondade diante das noviças.

Desse período, guardaram-se várias lembranças que indicam aqueles traços do caráter de Irmã Faustina que puderam ser observados já no começo da sua vida religiosa. A Irmã Regina Jaworski que, durante um ano e meio, residiu com Irmã Faustina no noviciado, lembra que as irmãs gostavam muito de permanecer na companhia dela. Chamavam-na jocosamente de “advogada”, visto que Irmã Faustina costumava gesticular muito na conversa, querendo, dessa forma, dar ênfase ao que dizia. O tema das suas conversas era sempre Deus. A sua maneira de rezar incutia nas outras noviças maior respeito para com a majestade de Deus.

Irmã Regina trabalhava com Irmã Faustina na cozinha, onde preparavam as refeições para as moças do Instituto. Muitas vezes também trabalhavam juntas no porão, onde eram guardados os alimentos. Durante esse trabalho pesado rezavam em voz alta ou, quando tinham permissão, conversavam sobre assuntos espirituais. Certo dia Irmã Faustina repentinamente interrompeu a conversa e

saiu. Foi falar com a Madre Mestra, porque se lembrou de que não tinha pedido a permissão necessária para conversar.

A Irmã Plácida também trabalhava na cozinha com Irmã Faustina. Quando a irmã responsável pela cozinha ficou doente, a Irmã Plácida debateu quem deveria ocupar o lugar dela. Lembra-se de que Irmã Faustina deixou o assunto imediatamente, dizendo: “Querida Irmã, não vamos perder a santa paz com essas coisas. Vamos trabalhar para que Jesus fique satisfeito conosco”.

A mesma Irmã Plácida admitiu que, durante o recreio, gostava de ficar perto de Irmã Faustina, porque ela sempre tinha algo de edificante para dizer. As noviças muitas vezes brincavam dizendo: “Vamos falar com a nossa teóloga”. Muitas vezes, conversava com elas sobre as virtudes da fé, esperança e do amor, ou acerca das almas do purgatório, estimulando-as a rezar por essas pobres almas. Os tempos de recreio eram momentos muito felizes para Irmã Faustina, especialmente quando era realizado ao ar livre. Fascinada com os encantos da natureza, com frequência erguia os braços ao céu e exclamava em voz alta: “Ó Deus infinitamente bom, como são insondáveis as Vossas obras!”

Durante um desses recreios, enquanto se encantava com alguns insetos perto do açude, debruçada sobre a água, Irmã Plácida jogou uma pedra na água bem perto dela. A lama manchou o rosto e o véu de Irmã Faustina. A Mestra viu isso e mandou Irmã Plácida trocar o seu véu com Irmã Faustina que pediu à Madre Mestra que se esquecesse desse incidente, mas a Madre negou o seu pedido. Então, Irmã Faustina disse calmamente a Irmã Plácida: “Vou rezar para que a Irmã aceite este dissabor por Jesus que sabe quanto isso custa à Irmã”.

No noviciado, Irmã Faustina foi destinada ao trabalho na cozinha. Ficava muito preocupada com isso, porque as panelas utilizadas na cozinha eram tão grandes que ela não podia dar conta delas. O trabalho mais difícil era despejar a água das panelas de batatas. Acontecia, algumas vezes, que deixava cair até a metade das batatas no chão. Quando falou sobre isso com a Mestra, essa respondeu que, com o tempo, iria adquirir prática. No entanto, a tarefa absolutamente não se tornava mais fácil, visto que Irmã Faustina ia enfraquecendo dia a dia. Por isso, começou a evitar esse

trabalho, fato que não deixou de ser notado pelas irmãs. Elas não sabiam que, apesar da maior boa vontade e de muitos esforços, Irmã Faustina não podia realizar essa tarefa. Certo dia ao meio-dia, durante o exame de consciência, queixou-se ao Senhor da sua fraqueza. E ouviu estas palavras: **“De hoje em diante farás isso com grande facilidade. Fortalecerei as tuas forças”** (D. 65).

Naquela tarde, confiando nas palavras de Deus, foi a primeira a correr para a panela. Ergueu-a com facilidade e derramou a água com perfeição. Quando ergueu a tampa para deixar sair o vapor das batatas, no lugar delas, viu ramalhetes de lindíssimas rosas. Jamais havia visto rosas tão bonitas. Enquanto permanecia assim espantada por aquela visão e refletia sobre o seu significado, ouviu uma voz no seu interior que dizia: **“Estou transformando o teu trabalho tão pesado em buquês das mais belas flores, e o seu perfume eleva-se até o Meu trono”**. A partir de então, procurava de boa vontade tirar a água das batatas, não apenas na semana a ela destinada, mas também nas semanas de trabalho das outras irmãs. Com alegria, ajudava as irmãs nessa tarefa e em outras obrigações difíceis, visto que compreendera o quanto isso agrada a Deus (D. 65).

Os frutos dessa lição tornaram-se permanentes. Em janeiro de 1937, Irmã Faustina, já gravemente doente, escreveu uma oração que de certa forma reflete o que já era um elemento da sua prática geral de misericórdia. Eis um trecho dessa oração:

“Ajudai-me, Senhor, para que as minhas mãos sejam misericordiosas e transbordantes de boas obras, nem se cansem jamais de fazer o bem aos outros, enquanto aceite para mim as tarefas mais difíceis e penosas. Ajudai-me, Senhor, para que sejam misericordiosos também os meus pés, para que levem sem descanso ajuda aos meus irmãos, vencendo a fadiga e o cansaço; o meu repouso esteja no serviço ao próximo” (D. 163).

Trevas

Ao fim do primeiro ano do noviciado, Irmã Faustina começou a experimentar a purificação da alma conhecida como “noite escura”. Essa provação durou seis meses. Durante todo esse tempo, a oração não trazia a ela alegria nem consolo. A meditação tornou-se

praticamente impossível. Foi envolvida pelo temor. Olhando mais profundamente para o seu interior, não via nada senão grande miséria, sentindo, ao mesmo tempo, tão nitidamente a grande santidade de Deus que não ousava levantar os olhos para Ele. Caindo no chão a seus pés, incessantemente pedia Misericórdia. Até o encorajamento da Madre Mestra, durante este período, se revelava sem efeito. Seus sofrimentos continuavam.

Nessa época, Irmã Faustina começou também a sentir certas dificuldades interiores relacionadas com problemas externos. A Irmã não escreveu de que problemas se tratava, mas as dificuldades cresciam sem cessar. Já não podia dar conta delas, estava ficando desesperada. Fazia muitas novenas a diversos santos, mas a situação tornava-se cada vez mais difícil. Subitamente teve a ideia de rezar à Santa Teresinha do Menino Jesus. Antes de entrar no convento, Irmã Faustina tinha grande devoção a ela, mas depois, por algum motivo descuidou-se dela. No quinto dia da novena, Santa Teresinha apareceu-lhe em sonho, mas como se ainda estivesse viva no mundo. Ocultou diante da Irmã a circunstância de ser Santa e começou a confortá-la dizendo: “Não se preocupe com esse assunto e confie mais em Deus. Eu também sofri muito”.

Irmã Faustina, não confiando nela, respondeu: “Parece-me que você não sofreu nada”. Mas Santa Teresa convenceu-a de que realmente tinha sofrido muito. Disse ainda: “Irmã, saiba que no terceiro dia a dificuldade terá uma solução feliz”. Mas como Irmã Faustina continuava não acreditando nela, Santa Teresinha revelou-se-lhe como Santa. O Diário assim descreve o final desse encontro:

“A minha alma encheu-se de alegria e perguntei-lhe: “Você é santa?” E ela me respondeu: “Sim, sou santa, e confia que aquele problema a irmã resolverá no terceiro dia”. — E eu disse a ela: “Santa Teresinha, diga-me, irei para o céu?” — Respondeu-me: “A irmã irá para o céu”. — “E serei santa?” — Respondeu-me: “A irmã será santa”. — “Mas, Teresinha, eu serei uma santa como você, nos altares?” — E ela me respondeu: “Sim, você será uma santa como eu, mas deve confiar muito em Jesus”. — E perguntei-lhe se meu pai e minha mãe irão para o céu, se... [frase incompleta] — Respondeu-me: “Irá”. — E continuei a perguntar: “E as minhas irmãs e meus

irmãos irão também para o céu?” — Respondeu-me que rezasse muito por eles, mas não me deu uma certeza. Compreendi que necessitavam de muitas orações. Tratou-se de um sonho e, como diz o provérbio: “O sonho é ilusão e só Deus é salvação”. No entanto, no terceiro dia resolveu-se esse difícil problema com muita facilidade. Como me tinha dito, cumpriu-se ao pé da letra tudo que se relacionava com essa questão. Foi um sonho, mas ele teve o seu significado” (D. 150).

O segundo ano de noviciado de Irmã Faustina aproximava-se rapidamente. Só o pensamento de que ia fazer os votos a deixava trêmula. Como podia fazer isso? Tinha dificuldade para compreender o que lia, não era capaz de fazer a meditação. Parecia-lhe que sua oração não agradava a Deus, sentia um enorme tormento em sua alma.

Um dia, quando se colocava na presença de Deus, foi esmagada pela ideia de que Deus a tinha rejeitado. O desespero inundou a sua alma. Sentiu a tortura que sofrem os condenados. Até o meio-dia, lutou com todas as forças enfrentando a escuridão total na alma. Depois do meio-dia, foi dominada por medos tão grandes que ficou totalmente exausta. Ficou caída na cela durante uns três quartos de hora. Por sorte, uma das irmãs entrou em sua cela. Vendo-a nesse estranho estado, a irmã saiu correndo para avisar a Mestra.

A Madre Mestra imediatamente foi ao encontro de Irmã Faustina. Logo que entrou na cela disse: “Em nome da santa obediência, ordeno-lhe que se levante!” Irmã Faustina sentiu que uma força a erguia imediatamente do chão, e pôs-se em pé. A Mestra começou a explicar-lhe com palavras bondosas que aquilo era uma prova enviada por Deus: “A Irmã deve ter sempre uma grande confiança. Deus é sempre Pai, mesmo na provação” - disse a ela.

Durante as orações da noite, começou novamente sentir uma agonia interior. Rezava então com estas palavras: “Jesus, que Vos comparais no santo Evangelho à mãe mais carinhosa, confio nas Vossas palavras, porque Vós sois a Verdade e a Vida. Jesus, eu confio em Vós contra toda a esperança, apesar de todos os sentimentos que tenho dentro de mim e que se opõem à esperança.

Fazei de mim o que quiserdes, que não me afastarei de Vós, porque Vós sois a fonte da minha vida” (D. 24). Nessa noite, recebeu a visita de Nossa Senhora com o Menino Jesus nos braços. A força e a coragem renasceram nela, mas só por um dia. Irmã Faustina tinha a impressão de que os tormentos espirituais a acompanhariam até o final da vida.

O tempo do noviciado estava chegando ao fim, e os sofrimentos da Irmã não diminuían. Provocavam, além do mais, um esgotamento físico cada vez maior. A Madre Mestra dispensou-a de todos os exercícios espirituais obrigatórios e recomendou que os substituísse por jaculatórias.

Na Sexta-feira Santa, que, em 1928, caiu no dia 16 de abril, a Irmã escreveu:

“Jesus arrebatou o meu coração para o próprio fogo do Seu amor. Isto deu-se durante a adoração noturna. De repente, envolveu-me a presença de Deus. Esqueci-me de tudo. Jesus deu-me a conhecer quanto sofreu por mim. Isto durou muito pouco. Uma terrível saudade. Sede de amar a Deus” (D. 26).

No dia 30 de abril de 1928, Irmã Faustina e suas companheiras fizeram os votos temporários por um ano. Nesse dia, Irmã Faustina expressou ao Senhor o seu desejo de aniquilar-se por Ele, através de um amor ativo, amor que permaneceria imperceptível mesmo às irmãs mais próximas.

Ela não sabia ainda que a sua oração havia sido aceita pelo Senhor. As trevas em sua alma persistiam por mais seis meses. Não tinha um diretor espiritual que a conduzisse. A falta de ajuda por parte dos confessores multiplicava os seus tormentos. Esses sacerdotes procuravam confortá-la dizendo que era justamente assim que ela mais agradava a Deus; e que aquilo que ela estava sentindo era melhor do que grandes consolos. No entanto, fracassaram na tentativa de ajudá-la, porque não lhe explicaram que aquele estado de alma é um dos estados da vida espiritual que as almas santas experimentam no seu caminho para Deus. Por isso as trevas continuavam.

Depois da sua primeira profissão, Irmã Faustina permaneceu na casa de noviciado em Łagiewniki até o fim de outubro. Nessa época, de 6 a 10 de outubro de 1928, realizou-se o Capítulo Geral da

Congregação no qual foi eleita para Superiora Geral a Madre Michaela Moraczewska, a mesma que havia admitido Irmã Faustina no convento. Como Superiora, Madre Michaela foi para Irmã Faustina seu principal apoio e fonte de consolo.

Profissão temporária (1928-1932) Varsóvia

No dia 31 de outubro de 1928, Irmã Faustina veio a Varsóvia, à mesma casa onde havia feito o postulado, desejosa de assumir o trabalho que lhe tinha sido atribuído. Deveria trabalhar na cozinha. Logo, no entanto, começou a ter problemas de saúde. Apesar dos cordiais e solícitos cuidados das suas Superiores e dos tratamentos médicos que recebeu, não apresentava melhora. Teve que passar um mês na enfermaria, sofrendo muitos dissabores por parte de algumas irmãs. Encontrava consolo unicamente na meditação da dolorosa Paixão de Jesus. Escreveu mais tarde: “Quando o próprio Senhor quer estar junto da alma e conduzi-la, afastará tudo o que seja exterior (...) O zelo das superiores pelas doentes era grande, e, no entanto, o Senhor fez com que eu me sentisse abandonada” (D. 149).

Certo dia, a própria Madre Michaela disse à Irmã Faustina: “No seu caminho, os sofrimentos parecem brotar da terra. Eu olho para a Irmã como para uma crucificada. No entanto, reconheço nisso a mão de Jesus. A Irmã seja fiel ao Senhor” (D. 149).

Os boatos de que ela estava apenas se fingindo de doente chegaram aos ouvidos de Irmã Faustina. Tais boatos duraram muito tempo e causaram-lhe muitos sofrimentos. Queixava-se a Jesus por ser um peso para as irmãs. O Senhor disse-lhe então: **“Não vives para ti mesma, mas para as almas. Dos teus sofrimentos terão proveito outras almas. O teu contínuo sofrimento lhes dará luz e forças para se conformarem com a Minha vontade”** (D. 67).

Quando uma das irmãs mais velhas soube do relacionamento estreito dela com Cristo, disse-lhe sem rodeios que devia tratar-se de uma ilusão, pois Deus convivia, dessa forma, apenas com os santos e não com os pecadores como ela. Não é de admirar, portanto, que a jovem Irmã começasse a tratar as suas vivências com certa

desconfiança. Durante a sua conversa matutina com o Senhor, perguntou: “Jesus, será que não sois uma ilusão? Jesus respondeu: **“O meu amor não engana ninguém”** (D. 29).

Como a opinião humana semeou dúvidas na alma de Irmã Faustina, intensificou-se também o seu medo. Pensava que, alguém de pouca instrução como ela, pouco podia saber sobre diversas coisas, principalmente sobre assuntos espirituais. Quando as dúvidas aumentaram, procurou luz e conselho junto ao seu confessor e superiores, mas não recebeu da parte deles nenhuma ajuda concreta.

Uma das superiores parecia compreender especialmente bem a sua alma e o caminho que Deus lhe havia traçado. Seguindo as suas orientações, Irmã Faustina fazia rápido progresso no caminho da perfeição. Mas isso não durou muito tempo. Quando desvendou mais a sua alma diante da Superiora, essa pensou que tais graças divinas são improváveis, de modo que não podia continuar ajudando Irmã Faustina. “Não é possível que Deus conviva dessa maneira com a criatura” - disse. “Temo pela Irmã, porque talvez seja alguma ilusão. Que a Irmã peça o conselho de algum sacerdote” (D. 122).

No entanto, o confessor também não a compreendeu e disse: “É preferível que a Irmã fale sobre essas coisas com as superiores”. Assim ela andava das superiores ao confessor e, de volta, sem encontrar a tranquilidade. As graças do Senhor tornaram-se para a Irmã uma fonte de sofrimento.

Dizia ao Senhor, com frequência cada vez maior: “Jesus, eu tenho medo de Vós. Não sereis algum fantasma?” (D. 122). E, embora Jesus lhe reassegurasse, ela continuava desconfiando. Ficava admirada também porque, quanto mais desconfiança demonstrava, mais provas Jesus lhe dava de que era Ele o autor dessas coisas.

Os sofrimentos de Irmã Faustina continuavam, visto que nem a Superiora nem as irmãs compreendiam as suas profundas experiências espirituais. Por muito tempo, consideraram-na como possessa do espírito mau e olhavam para ela com compaixão, sendo que a Superiora até adotou alguns cuidados em relação a ela. Quando Irmã Faustina ficou sabendo disto, começou a envolvê-la um crescente desânimo.

Mas sempre que tentava evitar as graças de Deus, descobria que isso não dependia dela. Ela escreveu: “De repente, ficava envolta em tão grande recolhimento que, mesmo contra a minha vontade, mergulhava em Deus, e o Senhor me mantinha junto de Si” (D. 123).

Novos compromissos

No dia 21 de fevereiro de 1929, as superiores enviaram Irmã Faustina a Wilno. Deveria substituir a Irmã Petronela que havia voltado a Varsóvia para a terceira provação (tempo de preparação para os votos perpétuos). Nos dois meses em que Irmã Faustina passou naquela casa da Congregação, a sua obrigação era o trabalho na cozinha. A Madre Superiora local, Irmã Irena Krzyżanowska, não sabia ainda que, no futuro, se encontraria mais frequentemente com Irmã Faustina.

No dia 11 de abril, Irmã Faustina voltou a Varsóvia, à casa na rua Zytnia. Em junho, no entanto, foi novamente destinada ao trabalho na cozinha da casa denominada “Jozefinek”, na rua Hetmanska 44, no bairro varsoviano de Grochów. Essa nova casa permanecia sob a administração da Superiora da casa na rua Zytnia.

Algumas semanas depois, em julho, Irmã Faustina foi enviada a uma outra casa da Congregação, dessa vez a Kiekrz, perto de Poznan onde deveria substituir a Irmã Modesta Rzeczkowska que estava doente. Até outubro, trabalhou aí, na cozinha. Quando voltou a Grochów, passou a tomar conta da horta. A sua convivência com as moças que a ajudavam deveria ser de muita bondade, porque quando souberam que a Irmã iria regressar à rua Zytnia, ameaçaram fazer as suas malas e ir junto com ela.

Poder-se-ia perguntar por que essas mudanças tão frequentes? Algumas irmãs achavam que Irmã Faustina gostava de mudar. Ela, porém, confessou a uma das irmãs que essas mudanças lhe custavam muito, mas não se oporia a elas, pois via nisso a vontade de Deus. Madre Michaela, Superiora Geral, lembrava mais tarde que a única irmã que ela podia transferir sem receio de provocar oposições e disputas era justamente Irmã Faustina.

Logo depois da sua volta a Varsóvia, Irmã Faustina começou novamente a sentir sofrimentos físicos que se tornaram para ela uma grande escola de paciência. Apenas Jesus conhecia os grandes esforços que ela tinha que fazer para cumprir as suas obrigações. Afinal, além das irmãs, era preciso ainda fornecer alimentação para cerca de duzentas moças. As outras irmãs, muitas vezes, interpretavam mal até as melhores intenções dela. Evitavam-na, porque procurava manter-se mais recolhida e fiel a Deus. Isso causava-lhe um sofrimento muito doloroso. Além disso, não compreendia por que Jesus havia recomendado que ela falasse de tudo às superiores, se elas não acreditavam em suas palavras e tratavam-na com compaixão, como se fosse uma pessoa sujeita a ilusões ou dominada pela sua imaginação (cf. D. 38).

Transferência para Plock

Em maio ou junho de 1930, as superiores enviaram Irmã Faustina para Plock. Tratava-se de uma cidade tranquila, de dimensão média. No entanto, as ricas coleções de livros da biblioteca Zielinski e da Biblioteca Diocesana testemunham que, no passado, essa fora uma cidade de grande significado. Na extremidade da rua Piekarska, perto do Mercado Velho, encontrava-se a casa da Congregação sob o patronato do Anjo da Guarda.

No começo, Irmã Faustina foi destinada ao trabalho na cozinha. O trabalho estava acima das suas forças. Passados alguns meses, verificou-se que ela não estava aguentando um esforço tão grande. Foi enviada então à casa de repouso da Congregação em Biala, um povoado situado a uns dez quilômetros de Plock. Foi aí que ela passou os meses restantes do ano de 1930. Logo que se sentiu melhor, voltou a Plock para assumir as suas difíceis obrigações. Agora já trabalhava na padaria e na loja. O trabalho era extenuante e absorvente, mas ela fez este propósito: “Não permitirei que seja absorvida pelo trabalho a ponto de esquecer de Deus. Passarei todos os momentos livres aos pés do Mestre oculto no Santíssimo Sacramento. É Ele quem me ensina desde os meus mais ternos anos” (D. 82). Ela sentia que agora, mais do que nunca, necessitava da orientação e da força de Cristo.

Revelação da Imagem da Misericórdia Divina

No dia 22 de fevereiro de 1931, Irmã Faustina recebeu a primeira das muitas revelações relacionadas com a sua missão de vida. Devia ser a confidente, secretária e divulgadora da Misericórdia Divina para toda a humanidade. Ela mesma assim descreve esse acontecimento:

“À noite, quando me encontrava na minha cela, vi Nosso Senhor vestido de branco. Uma das mãos erguida para abençoar, enquanto a outra tocava-Lhe a túnica, sobre o peito. Da túnica entreaberta sobre o peito, saíam dois grandes raios, um vermelho e o outro pálido. Em silêncio, eu contemplava o Senhor. A minha alma estava cheia de temor, mas também de grande alegria. Logo depois, Jesus me disse: **Pinta uma Imagem de acordo com o modelo que estás vendo, com a inscrição: Jesus, eu confio em Vós. Desejo que essa Imagem seja venerada primeiramente na vossa capela e depois no mundo inteiro**

Prometo que a alma que venerar esta Imagem não perecerá. Prometo também, já aqui na terra, e especialmente na hora da morte, a vitória sobre os inimigos. Eu mesmo a defenderei como Minha própria glória.

Quando falei disso ao confessor, recebi esta resposta: “Isso diz respeito à tua alma”. Disse-me assim: “Pinta a imagem de Deus na tua alma”. Quando saí do confessionário, ouvi novamente estas palavras: **A Minha imagem já está na tua alma. Eu desejo que haja a Festa da Misericórdia. Quero que essa Imagem, que pintarás com o pincel, seja abençoada solenemente no primeiro domingo depois da Páscoa, e esse domingo deve ser a Festa da Misericórdia.**

Desejo que os sacerdotes anunciem esta Minha grande misericórdia para com as almas pecadoras. Que o pecador não tenha medo de se aproximar de Mim. Queimam-Me as chamas da misericórdia; quero derramá-las sobre as almas.

Jesus queixou-se diante de mim com estas palavras: **A falta de confiança das almas dilacera-Me as entranhas. Dói-Me ainda mais a desconfiança da alma escolhida. Apesar do Meu amor inesgotável — não acreditam em Mim, mesmo a**

Minha morte não lhes é suficiente. Ai da alma que deles abusar!

Quando falei disso à Madre superiora, do que Deus está exigindo de mim, respondeu-me que, através de algum sinal, Jesus desse a conhecer mais claramente o que pretendia.

Quando pedia a Nosso Senhor algum sinal como prova “de que verdadeiramente sois Deus e meu Senhor e que de Vós procedem essas exigências”, ouvi esta voz interior: **Darei a conhecer aos superiores, por meio das graças que concederei através dessa Imagem.**

Quando quis me afastar dessas inspirações interiores, Deus disse-me que, no dia do Juízo, exigirá de mim um grande número de almas” (D. 4752).

A Visionária

Logo depois disso, quando Jesus lhe recomendou que pintasse a Imagem, as outras irmãs começaram a falar abertamente dela como histérica e visionária. Esses boatos espalhavam-se cada vez mais. Uma das irmãs que se compadecia com a situação dela disse-lhe com toda a sinceridade: “Ouvi dizer que a Irmã é uma visionária, que está tendo visões. Pobre Irmã, procure defender-se disso” (D. 125).

Tinha que ouvir essas coisas todos os dias. No entanto, fez o propósito de suportar tudo em silêncio e de não dar explicações quando lhe fizessem perguntas. Algumas irmãs, especialmente aquelas mais curiosas, ficavam muito irritadas com o seu silêncio. Outras que tinham pensamentos mais profundos diziam: “Irmã Faustina deve estar muito próxima de Deus, se tem forças para suportar tantos sofrimentos” (D. 126). Era como se enfrentasse dois grupos de juízes. Buscava incessantemente o silêncio interior e exterior. Não dizia nada a seu respeito, mesmo quando diretamente interpelada pelas outras irmãs. A sua paciência irritava-as, mas Deus lhe deu tanta força interior que ela suportava tudo com tranquilidade.

Quando Irmã Faustina compreendeu que não podia contar com a ajuda de ninguém, começou a pedir a Deus um diretor espiritual. Até então não tinha encontrado nenhum suficientemente seguro de

sua opinião a ponto de lhe inspirar a confiança que ela desejava ter e a certeza que queria ouvir , “fique tranquila, você está no bom caminho”, ou “rejeita tudo isto, porque não vem de Deus”. Como a sua incerteza continuava, decidiu submeter-se à vontade de Deus, qualquer fosse ela e rezava: “Peço-Vos, Senhor, guiai Vós mesmo a minha alma e ficai comigo, porque eu por mim mesma não sou nada” (D. 127).

Por algum tempo, silenciaram os juízos desfavoráveis das irmãs, e a alma cansada de Irmã Faustina teve um pouco de descanso. Mas isso não durou muito. Novamente desencadeou-se uma violenta tempestade da desconfiança. As irmãs reconheceram as antigas suspeitas como verdadeiras, e ela se viu obrigada a ouvir novamente as acusações. É estranho que, naquela ocasião, começou também a experimentar insucessos no cumprimento das suas obrigações, continuando a ser mal interpretada pelas irmãs. “Isso trazia numerosos e variados sofrimentos, por Deus somente conhecidos” – confessou no Diário. “Entretanto esforçava-me como podia para fazer tudo com a mais pura das intenções” (D. 128).

Um dia Irmã Faustina sofreu uma profunda humilhação da parte de uma das Madres. Disse-lhe ela: “Excêntrica, histérica, visionária, suma do meu quarto, não quero mais ver a Irmã” (D. 129). E enquanto continuava a dizer-lhe tudo quanto lhe vinha à cabeça, Irmã Faustina sentiu que não seria capaz de suportar por muito tempo essa humilhação. Escondeu tudo das irmãs e comportava-se como se nada tivesse acontecido entre ela e a Madre. Mas o demônio aproveitou-se desse momento, e pensamentos de desânimo dominaram sua mente. Surgiram perguntas: Seria essa a recompensa pela sua fidelidade e sinceridade? Como é que alguém pode ser sincero se é tão incompreendido? “Jesus, Jesus, não aguento mais!” - chorava quando voltou à cela e jogou-se de braços diante do crucifixo. Cobriu-se de suor, estava cheia de medo. Não tinha ninguém em quem pudesse se apoiar interiormente. De repente, ouviu em sua alma a voz que dizia: **“Não temas: Eu estou contigo!”** Uma luz estranha iluminou a mente de Faustina e ela compreendeu que não devia render-se a essa tristeza. Saiu da cela cheia de coragem e força para aceitar todos os sofrimentos (D. 129).

Como não queria tornar-se vítima de possíveis ilusões, Irmã Faustina procurava, muitas vezes, afastar-se das inspirações que surgiam em sua alma. No entanto, o Senhor a perseguia incessantemente com os seus dons de visões e graças, de modo que, durante os dois anos e meio da sua permanência, em Plock, revezavam-se nela momentos de tormento e de alegria. Mas, quando um dia, ainda antes de fazer os votos perpétuos, os seus sofrimentos atingiram o ápice, ela decidiu livrar-se de todas as dúvidas (D. 130-131).

Terceira provação e votos perpétuos (1932-1933) Garantias divinas

“**A** Irmã não será admitida naquela terceira provação. Eu mesma farei o possível para que não permitam que a Irmã faça os votos” – disse à Irmã Faustina uma das irmãs (D. 165). Embora Irmã Faustina não desse nenhuma resposta, essas palavras feriram-na profundamente. Procurava ocultar essa dor da melhor forma possível.

Mais tarde, quando se encontrava na capela, Jesus disse a ela:

“Neste momento, as Superiores estão avisando quais Irmãs devem fazer os votos perpétuos. Nem todas conseguirão essa graça, mas elas mesmas são culpadas disso. Quem não aproveita as pequenas graças, também não recebe as grandes. Mas tu, Minha filha, receberás essa graça” (D. 165).

Essas palavras foram para Irmã Faustina uma agradável surpresa, pois eram contrárias ao que aquela irmã lhe havia dito. Algumas semanas mais tarde, ela ficou sabendo que realmente havia sido admitida à provação. A lembrança da grande graça dos votos perpétuos enchia seu coração de enorme alegria. Foi visitar o Santíssimo Sacramento e mergulhou numa oração de ação de graças. Ouviu então em sua alma estas palavras:

“Minha filhinha, tu és a Minha delícia, o alívio do Meu Coração. Concedo-te tantas graças quantas puderes carregar. Sempre que quiseres proporcionar-Me alegria, fala ao mundo da Minha grande e insondável misericórdia” (D. 164).

Em novembro de 1932, Irmã Faustina veio a Varsóvia para começar a terceira provação. Após ter cumprimentado cordialmente as Madres, entrou por um momento na pequena capela. Sua alma foi repentinamente invadida pela presença de Deus. Ouviu as seguintes

palavras: **“Minha filha, desejo que o teu coração seja formado a exemplo do Meu Coração misericordioso. Deves ficar completamente impregnada pela Minha misericórdia”** (D. 167).

Naquele ano, Irmã Faustina ainda não havia feito um retiro, de modo que a Madre Mestra decidiu que, antes de iniciar a provação, devia participar ao menos de um retiro de três dias. Justamente nessa ocasião estava sendo realizado um retiro de oito dias em Walendów, ela deveria aproveitá-lo. Mas, como uma certa irmã estava contra isso, foi decidido que Irmã Faustina, afinal, não iria a Walendów. Após o almoço, durante a adoração de cinco minutos, Jesus disse a ela: **“Minha filha, estou te preparando muitas graças, que alcançarás nesse retiro que vais começar amanhã”** (D. 167).

Quando ela disse ao Senhor que o retiro já havia começado e que ela não iria, Jesus respondeu: **“Prepara-te para amanhã começar o retiro, e a tua partida Eu resolverei com as Superiores”**. Ela começou a pensar como poderia suceder isso, mas rapidamente rejeitou esses pensamentos e dedicou o tempo para a oração ao Espírito Santo.

Depois Irmã Faustina voltou às suas obrigações. Logo foi chamada pela Madre geral Michaela que lhe disse: “A Irmã vai ainda hoje com a Madre Valéria para Walendów, para que amanhã possa começar o retiro. Por uma feliz coincidência, está aqui a Madre Valéria, e então poderão ir juntas” (D. 167).

Menos de duas horas depois, já estavam em Walendów, distante uns vinte quilômetros de Varsóvia onde se encontrava uma das casas da Congregação. A Irmã que, com tanto empenho, havia se oposto à participação de Irmã Faustina no retiro, não escondia agora a sua surpresa e insatisfação. No entanto, Irmã Faustina saudou-a cordialmente e foi à capela para pedir a Jesus orientação sobre como proceder durante o retiro (D. 168).

Durante essa conversa Nosso Senhor disse a ela que o retiro em Walendów seria um pouco diferente dos outros:

“Na convivência Comigo procura manter uma profunda paz. Afastarei todas as incertezas a esse respeito. Eu sei que, agora, no momento em que falo contigo, estás tranquila; mas, quando deixar de falar, começarás a

procurar dúvidas. No entanto, fica sabendo que de tal forma fortalecerei a tua alma que, mesmo que queiras inquietar-te, isso não estará em teu poder. Como prova de que Eu estou falando contigo, no segundo dia do retiro, irás te confessar com o sacerdote que está pregando o retiro. Quando ele terminar a palestra, procura-o e conta-lhe os receios que tens a Meu respeito, e eu te responderei pela boca dele. E então cessarão os teus receios. Durante esse retiro mantém um silêncio tão rigoroso, como se nada existisse em tua volta. Falarás apenas Comigo e com o confessor, para as superiores pedirás apenas as penitências” (D. 169).

O Padre Edmundo Elter, SJ, que dirigia o retiro era um homem muito culto, professor de ética na Universidade Gregoriana em Roma. Naquela época, porém, residia em Varsóvia e pregava retiros para religiosos. Irmã Faustina descreve-o como uma pessoa de profunda vida espiritual. “A sua postura manifestava a grandeza do espírito, a mortificação e o recolhimento eram seus traços dominantes” - escreveu no Diário (D. 172).

Apesar dessas grandes virtudes do sacerdote, Irmã Faustina tinha muita dificuldade para abrir diante dele sua alma especialmente em relação às graças. Sempre lhe era fácil confessar os pecados, mas para falar das graças tinha que fazer um enorme esforço e, mesmo assim, não revelava tudo.

O demônio, vendo que poderia perder muita coisa, concentrou os seus ataques nessas dificuldades dela, de desvendar o seu próprio interior. Começou a agir durante a meditação que precedia a conferência. Tentava convencê-la de que devia aceitar a opinião das superiores e tratar a sua vida interior como uma ilusão:

“Afiml, a Madre X. te disse que o Senhor não convive dessa maneira com almas tão miseráveis. O mesmo te responderá também esse confessor. Por que tens que contar isso? Afiml não são pecados, e a Madre X. te disse claramente que toda essa familiaridade com Jesus é fantasia, pura histeria, e por que tens então que falar sobre isso a esse confessor? Farias melhor se considerasses tudo isso como uma ilusão. Olha, já sofreste tantas humilhações e muitas ainda te esperam, e mesmo as irmãs sabem que és uma histérica” (D. 173).

Como resposta ela gritou em sua alma: “Jesus”. Nesse momento, entrou o Padre e deu início à conferência. Falou muito pouco, como se estivesse com pressa. Depois sentou-se no confessionário. Vendo que nenhuma das irmãs se aproximava, Irmã Faustina ergueu-se rapidamente do genuflexório e, num instante, se encontrava diante do confessionário. Não tinha tempo para ficar refletindo. Em vez de falar das dúvidas anteriores, começou a falar das tentações que tinha enfrentado havia pouco (D. 174).

O confessor imediatamente compreendeu toda a situação e lhe disse:

“A irmã não confia em Nosso Senhor por estar Ele procedendo tão benignamente com a irmã? Pois bem, fique inteiramente tranquila. Jesus é seu Mestre, irmã, e a convivência da irmã com Ele, não é nem histeria, nem fantasia ou ilusão. Saiba a irmã que está no caminho certo. Peço-lhe que procure ser fiel a essas graças. A irmã não pode afastar-se delas. Para as superiores, a irmã não precisa falar dessas graças interiores, a não ser por ordem expressa de Jesus, e ainda seria bom entender-se antes com o confessor. Mas, se o Senhor exige alguma coisa que é exterior, então, depois de entender-se com o confessor, deve cumprir essa exigência custe o que custar. Por outro lado, a irmã deve contar tudo ao confessor. Não existe, absolutamente, outro caminho para a irmã. Peça a Deus um diretor espiritual, porque, de outra forma, a irmã desperdiçará esses grandes dons de Deus. Repito mais uma vez: Fique tranquila, a irmã se encontra no caminho certo. Não se preocupe com mais nada, mas seja sempre fiel a Jesus, não importando com o que outros possam dizer. Justamente com almas tão miseráveis é que o Senhor convive e, quanto mais a irmã se rebaixar, tanto mais perto Jesus estará da irmã” (D. 174).

Quando Irmã Faustina se afastou do confessionário, sua alma foi inundada por uma tão indizível felicidade que ela se retirou para um lugar isolado no jardim a fim de ficar longe das irmãs. Desejava derramar o seu coração diante de Deus. Foi dominada pela presença de Deus. Num instante, todo o seu nada mergulhou no Senhor, e, no mesmo instante, sentiu, ou antes, reconheceu, as Três Pessoas Divinas que residiam nela. De acordo com a promessa de Jesus, sua

alma foi inundada por tão grande paz que ela se admirava de ter tido tantos receios. No final do retiro, fez dois propósitos: ser fiel às inspirações interiores, por mais que isso lhe custasse e nada fazer por conta própria, sem antes entender-se com o confessor (D. 176).

No último dia do retiro, desde a hora em que acordou, a alma de Irmã Faustina mergulhou em Deus. Durante a santa Missa, o seu amor por Deus atingiu os limites da possibilidade. Depois de renovar os votos e receber a Comunhão, viu Jesus. O Senhor falou-lhe bondosamente: **“Minha filha, olha para o Meu Coração misericordioso”** (D. 177). Mais tarde ela anotou:

“Quando fixei o meu olhar nesse Coração Sacratíssimo, saíram Dele os mesmos raios que estão na Imagem — como Sangue e Água — e compreendi como é grande a misericórdia do Senhor. E novamente disse Jesus com bondade: **Minha filha, fala aos sacerdotes dessa Minha insondável misericórdia. Queimam-Me as chamas da misericórdia, quero derramá-las sobre as almas, e as almas não querem acreditar na Minha bondade”** (D. 177).

De repente, Jesus desapareceu, mas durante todo o dia a alma de Irmã Faustina permaneceu mergulhada na sensível presença de Deus, apesar do tumulto e das conversas que, como de costume, acompanhavam o encerramento do retiro. Nada a perturbava. Sua alma permanecia em Deus, embora não se afastasse das ocupações normais, participava das conversas e até visitou Derdy, a apenas um quilômetro de Varsóvia onde a Congregação tinha um instituto para moças...

Vítima

A terceira provação teve início oficialmente no dia 1º de dezembro de 1932. Irmã Faustina e duas outras irmãs encontravam-se com sua Mestra, Madre Malgorzata (Margarida) Gimbutt, em Varsóvia. As duas outras irmãs do grupo encontravam-se em Cracóvia com a Mestra de noviciado. A Madre Margarida começou o primeiro encontro com uma oração, explicou em que consistia a terceira provação e falou da grande graça que eram os votos perpétuos. Irmã Faustina, de repente, começou a chorar alto. Diante

dos seus olhos, apareceram, num só instante, todas as graças de Deus e a sua própria ingratidão diante do Senhor. As irmãs repreenderam-na por essa explosão, mas a Madre Mestra assumiu a sua defesa dizendo que compreendia os seus sentimentos.

Após a conferência, Irmã Faustina foi fazer uma visita ao Santíssimo Sacramento, a fim de suplicar a Misericórdia de Deus. O Senhor lhe disse: **“Minha filha, todas as tuas misérias foram consumidas no fogo do Meu amor, como uma palha lançada num enorme braseiro. E, com esta humilhação estás atraindo sobre ti e sobre outras almas todo o mar da Minha misericórdia.** — E respondi: “Jesus, formai o meu pobre coração de acordo com o Vosso Divino agrado” (D. 178).

Durante a provação, Irmã Faustina deveria ajudar a uma outra irmã no vestiário. A tarefa delas consistia em controlar os trajes e as roupas enviados da lavanderia e distribuí-los às irmãs. Deveria também fazer remendos nas peças que exigiam conserto, ou costurar novas para substituí-las. Os traços de caráter das duas irmãs eram incompatíveis, e frequentemente surgiam atritos entre elas. Quando Irmã Faustina adoeceu e ficou acamada, sua companheira chamou-a de “preguiçosa”. O trabalho comum forneceu às duas irmãs muitas ocasiões para se exercitarem nas virtudes (D. 179).

Durante todo esse tempo, Irmã Faustina rezava ardentemente para que Deus desse luz ao sacerdote diante do qual devia desvendar a sua alma. Pedia a graça de revelar os mais profundos segredos que a uniam a Deus. Estava decidida a aceitar a decisão do sacerdote como se ela proviesse do próprio Cristo. Começou também a ocultar todas as graças dentro de si, esperando pelo confessor que o Senhor lhe daria.

Nesse mesmo tempo, Jesus estava preparando Irmã Faustina para que se tornasse uma vítima diante Dele, isto é, para que se sacrificasse pelas almas, especialmente, pelos pecadores. Não é de admirar que ela rezasse assim:

“Ó meu Jesus, que sois a vida da minha vida, Vós sabeis bem que não desejo nada além da glória do Vosso Nome e que as almas conheçam a Vossa bondade. Por que as almas se afastam de Vós, ó Jesus — isso eu não compreendo. Oh! se eu

pudesse cortar o meu coração em pedacinhos pequenos e dessa maneira oferecer-Vos, Jesus, cada pedacinho como se fosse o coração inteiro, para ao menos em parte Vos desagrar pelos corações que não Vos amam. Amo-Vos, Jesus, com cada gota do meu sangue que derramaria de boa vontade por Vós, para Vos dar uma prova do meu amor sincero. Ó Deus, quanto mais Vos conheço, tanto menos Vos consigo entender, mas essa mesma incompreensão dá-me a conhecer como sois grande, ó Deus. E essa impossibilidade de Vos compreender inflama o meu coração com uma nova chama por Vós, ó Senhor. A partir do momento em que me permitistes mergulhar o olhar da minha alma em Vós, ó Jesus, fico em paz e nada mais desejo. Encontrei o meu destino no momento em que a minha alma mergulhou em Vós, no único objeto do meu amor. Todas as coisas nada são em comparação Convosco. Os sofrimentos, as contrariedades, as humilhações, os insucessos, os maus juízos de que sou vítima não passam de gravetos que mais ainda acendem o meu amor por Vós, ó Jesus.

São loucos e inatingíveis os meus desejos. Desejo esconder diante de Vós que sofro. Desejo nunca ser recompensada pelos meus esforços e boas ações. Ó Jesus, Vós somente sois a minha recompensa. Vós me bastais, ó tesouro do meu coração. Desejo participar do sofrimento dos outros, esconder no coração os meus próprios sofrimentos, não apenas diante do próximo, mas também diante de Vós, Jesus.

O sofrimento é uma grande graça. Pelo sofrimento, a alma assemelha-se ao Salvador; no sofrimento, cristaliza-se o amor. Quanto maior o sofrimento, tanto mais puro torna-se o amor” (D. 57).

Durante uma hora de adoração, Deus mostrou à Irmã Faustina numa visão o que significava ser “vítima”. Diante dos olhos dela, desfilaram todos os sofrimentos que ela deveria esperar: acusações injustas, perda do bom nome e muitos outros. Quando a visão terminou, a testa dela estava molhada de suor frio. Jesus deu-lhe a conhecer que poderia ser salva mesmo que não concordasse com isso, que não diminuiria diante dela as suas graças nem mudaria em nada a sua familiaridade com ela. Ainda que ela não concordasse

com esse sacrifício, não diminuiria por isso a prodigalidade de Deus. Ela sabia que todo o mistério dependia dela, do seu consentimento espontâneo com esse sacrifício. Em seu Diário assim descreveu o que aconteceu depois:

“Nesse momento, quando consenti nesse sacrifício de toda a minha vontade e coração, a presença de Deus me impregnava toda. A minha alma mergulhou em Deus e foi inundada de tanta felicidade que nem em parte posso descrevê-la. Sentia que Sua majestade me envolvia. Uni-me com Deus de uma maneira estranha. Via o grande agrado que Deus tem por mim, e o meu espírito por sua vez mergulhou Nele. Consciente dessa união com Deus, sinto que sou amada de maneira especial e eu, da minha parte, estou amando com toda a força da minha alma. — Ocorreu um grande segredo nessa adoração. Um segredo entre mim e o Senhor. Parecia-me que ia morrer de amor só de ver o Seu olhar. Falava muito com o Senhor, mas sem palavras. E o Senhor disse-me: És a delícia do Meu Coração. De hoje em diante, **tudo o que fizeres, mesmo o mais insignificante, será agradável aos Meus olhos.** — Nesse momento, senti-me consagrada. O invólucro do corpo parecia o mesmo, mas a minha alma estava alterada, pois agora nela habitava Deus com toda a Sua predileção. E isto não é uma mera sensação, mas uma realidade consciente, que nada pode obscurecer. Um grande mistério realizou-se entre mim e Deus” (D. 136-137).

Logo que Irmã Faustina saiu da capela, experimentou um grande sofrimento e humilhação da parte de certa pessoa. A partir de então, nenhum detalhe passava despercebido: cada palavra dela era analisada, cada passo era observado. Até a Mestra admirava-se com tudo aquilo que Irmã Faustina tinha que suportar. “E eu – anotou em seu Diário – alegrava-me com isso no mais fundo da minha alma e já há muito tempo estava preparada para isso. (...). Sei agora que a alma por si só não pode muito, mas com Deus tudo pode. Eis do que é capaz a graça de Deus” (D. 138).

Veio o tempo do Advento. Na alma de Irmã Faustina, surgiu um grande anseio por Deus. Com todas as forças, ela buscava a Sua vontade, e o Senhor iluminou-a e concedeu-lhe a graça de conhecer os Seus atributos divinos: a Santidade, Justiça, Amor e Misericórdia.

Compreendeu que os maiores atributos de Deus são o Amor e a Misericórdia, que unem a criatura com o Criador, e isso é evidente especialmente no mistério da Encarnação e da Redenção.

Na véspera do Natal, Irmã Faustina permanecia em união estreita com Maria. Obteve a graça de sentir as vivências interiores da Mãe de Deus no dia do nascimento de Cristo. De acordo com a tradição natalina polonesa, as irmãs fizeram a cerimônia da partilha do opłatke^[3]. Irmã Faustina entrou antes na capela para espiritualmente reparti-lo com as pessoas mais próximas, pedindo a Maria que as abençoasse. Seu espírito estava inteiramente mergulhado em Deus, mesmo durante a refeição e o trabalho que ainda era preciso executar. Durante a Missa do galo, viu na Hóstia o Menino Jesus. Essa visão se repetiria mais vezes, com bastante frequência (D. 182).

Um dia, quando estava procurando meditar sobre a Paixão do Senhor, apareceu-lhe o Menino Jesus, enchendo de alegria a sua alma. A majestade de Jesus tomou conta dela e ela disse-lhe: “Jesus, Vós sois tão pequenino e, no entanto, reconheço em Vós meu Criador e Senhor”. — E Jesus lhe respondeu: **“Sou e convivo contigo como criancinha, para te ensinar a humildade e a simplicidade”** (D. 184).

Terminou o período do Natal e aproximava-se rapidamente a Quaresma. Irmã Faustina começou a reunir todas as suas dificuldades e sofrimentos a fim de fazer deles um buquê para Jesus no dia dos seus esponsais perpétuos com Ele. Procurava principalmente guardar um grande silêncio por causa do Senhor, embora isso lhe custasse muito sofrimento. Um dia disse-lhe Jesus:

“Desejo que conheças mais a fundo o Meu amor, do qual está inflamado o Meu Coração pelas almas. Compreenderás isso quando refletires sobre a Minha Paixão. Invoca a Minha misericórdia para com os pecadores, pois desejo a salvação deles. Quando de coração contrito e confiante rezares essa oração por algum pecador, Eu lhe darei a graça da conversão. Essa pequena prece é a seguinte: Ó Sangue e Água que jorrastes do Coração de Jesus como fonte de misericórdia para nós, eu confio em Vós!” (D. 186-187).

Na terça-feira, antes da quarta-feira de Cinzas, Irmã Faustina teve uma visão da flagelação de Cristo. O conhecimento da enormidade dos sofrimentos do Senhor permitiu que, nessa Quaresma, ela entrasse mais a fundo na vida de oração, penitência e mortificação (D. 188).

Além dos sofrimentos a que normalmente estava sujeita, Irmã Faustina, muitas vezes, com o consentimento do confessor e do próprio Jesus, assumia os tormentos das educandas da Congregação. Certo dia, assumiu para si uma terrível tentação de suicídio por que estava passando uma das moças na casa de Varsóvia. Esse sofrimento durou sete dias. Passados esses dias, Jesus concedeu à Irmã Faustina as graças que ela estava pedindo. Ela confessou que essa experiência havia sido um enorme tormento (D. 192).

Em março, Irmã Faustina recebeu a visita de sua irmã mais nova, Vanda, que estava passando por uma profunda depressão. Irmã Faustina ficou muito impressionada com isso, obteve a permissão da Superiora para assisti-la durante duas semanas. Por nenhuma outra alma, ela levou até o trono de Deus tantos sacrifícios e orações. Sentia que havia forçado Deus a conceder a sua irmã a graça da cura interior. “Quando reflito sobre tudo isso, vejo nisso um verdadeiro milagre – escreveu. – Agora reconheço que grande força tem a oração para interceder diante de Deus” (D. 202).

Durante a Quaresma, Irmã Faustina, muitas vezes, sentia a Paixão de Nosso Senhor em seu próprio coração e corpo (estigmas). Esses sofrimentos, porém, não se manifestavam por nenhum sinal exterior. Sabia deles apenas seu confessor.

Certa vez, durante a terceira provação, Irmã Faustina estava se aconselhando com a Madre Margarida sobre o que deveria fazer para progredir na vida espiritual. A Madre deu-lhe respostas muito claras a todas as perguntas, acrescentando: “Se a Irmã continuar a cooperar assim com a graça de Deus, estará a um passo apenas da estreita união com Deus. A Irmã compreende o sentido do que estou falando. Que a característica da Irmã seja a fidelidade à graça do Senhor. Não é a todas as almas que Deus conduz por um caminho assim”(D. 204).

Estimulada pelas bondosas palavras da Madre Mestra, Irmã Faustina não cessava de empreender os seus heroicos esforços para agradar ao Senhor. Durante a Missa da Páscoa, Jesus aproximou-se de sua filha fiel envolto numa grande claridade e disse a ela: **“Participaste muito da Minha Paixão, por isso faço com que tenhas também uma grande participação na Minha glória e alegria”**. Durante todos os dias da Festa Pascal, Irmã Faustina estava envolvida num estranho recolhimento (D. 205).

Logo, no entanto, uma terrível escuridão envolveu novamente a sua alma e ela começou a ser atormentada pelas antigas dúvidas. As palavras do confessor: “Não posso discernir o poder que está agindo sobre a Irmã,— talvez seja Deus, e pode ser o espírito do mal”, somente intensificaram as dúvidas que reapareciam e atormentavam-na tanto. Quando ela foi confessar-se outra vez, ouviu estas palavras: “Seria melhor se a Irmã não se confessasse comigo”. Atormentada, afastou-se do confessor e ajoelhou-se diante do Santíssimo Sacramento e disse: “Jesus, ajudai-me, pois vedes como sou fraca”.

Então ouviu as palavras: **“No retiro, antes dos votos, Eu te darei ajuda”**. Aguardava esse retiro com uma estranha impaciência, pedindo incessantemente a Deus que concedesse luz ao sacerdote que ouviria a sua confissão (D. 211-213).

Esse sacerdote seria o Padre José Andrasz, jesuíta, que, em 1932, passou a ser o confessor extraordinário do noviciado em Łagiewniki. Desempenhou essa função por muitos anos, com grande proveito para as irmãs.

A volta a Cracóvia

No dia 17 de abril de 1933, três irmãs que realizavam a provação estavam se preparando para viajar a Cracóvia. Deviam partir para lá no dia seguinte para fazer o seu retiro na casa de São José, em Łagiewniki. Irmã Faustina entrou na capela desejando agradecer a Jesus pelas graças recebidas no decorrer dos cinco meses precedentes. Jesus disse-lhe então: **“Minha filha, fica tranquila, tomo sobre Mim todos os problemas. Eu mesmo os resolverei com as superiores e com o confessor. Fale com frei**

Andrasz com a mesma simplicidade e confiança com que falas Comigo” (D. 214-215).

As irmãs estavam muito felizes com a sua volta a Cracóvia, pois fora aí que haviam dado os primeiros passos na sua vida espiritual. A Madre Mestra, Maria Josefa Brzoza, pareceu à Irmã Faustina tão alegre e cheia de amor ao próximo como antigamente. A alegria encheu o coração de Irmã Faustina quando entrou na capela recordando todo a mar de graças que havia recebido nesse lugar como noviça.

A Madre Mestra forneceu às irmãs o programa do retiro. Enquanto ela falava, diante dos olhos de Irmã Faustina passou todo o bem que as noviças haviam recebido da Mestra. Sentia uma profunda gratidão para com ela, mas, ao mesmo tempo, seu coração encheu-se de tristeza, pois estava se dando conta de que aqueles eram os últimos dias que passaria no noviciado. Pensava consigo:

“Agora tenho que lutar ao lado de Jesus, trabalhar com Jesus, sofrer com Jesus. Numa palavra — viver e morrer com Jesus. A mestra já não me acompanhará passo a passo, para me ensinar aqui, repreender ali, advertir, encorajar ou censurar mais adiante. Sinto um estranho medo de ser deixada só. Jesus, encontraí uma solução para isso. Continuarei a ter uma superiora, sim, é verdade, mas agora ficarei mais entregue a mim mesma (D. 217).

O retiro começou no dia 21 de abril de 1933. Naquela noite, Jesus disse à Irmã Faustina que nada deveria assustá-la nem perturbar os seus pensamentos. Devia ficar inteiramente tranquila, porque tudo estava em Suas mãos. Ele mesmo a ajudaria através do padre Andrasz. “Sê como uma criança diante dele” - aconselhou-lhe (D. 219).

Durante uma breve conversa com Irmã Faustina, a Madre Mestra tranquilizou-a quanto à sua vida espiritual e assegurou-lhe que estava no bom caminho. A Irmã agradeceu ao Senhor por tão grande graça, pois Madre Josefa era a primeira das superiores que não provocava na alma dela nenhuma dúvida quanto à atuação de Deus em sua vida.

No quarto dia do retiro, Irmã Faustina aproximou-se do confessional. Ela mesma estava admirada da grande facilidade

com que falava de tudo ao confessor. Quando pediu ao padre Andrasz que a dispensasse da obrigação de obediência às inspirações interiores, bem como da obrigação de pintar a Imagem que Jesus havia pedido, ouviu dele: “Não dispenso a Irmã de nada e a Irmã não pode esquivar-se dessas inspirações interiores, mas a Irmã deve, necessariamente, relatar tudo ao confessor, sem falta, porque de outra forma a Irmã incorrerá em erro apesar dessas grandes graças de Deus” (D. 52-53).

Irmã Faustina ficou muito preocupada com isso. Esperava ser dispensada de tudo, mas aconteceu o contrário. Recebeu uma recomendação clara de proceder de acordo com as recomendações de Jesus, e não tinha um confessor permanente que a orientasse. O padre Andrasz assim encerrou o seu pronunciamento: “Tu me dizes que Deus exige uma grande confiança das almas. Por isso, demonstra essa confiança, tu primeiro. Mais uma palavra – aceite tudo isso com serenidade” (D. 55).

Depois da confissão, Irmã Faustina permaneceu mergulhada em oração durante três horas, embora lhe parecesse que tivessem passado apenas alguns minutos. Teve então uma visão do seu futuro diretor espiritual. Foi a mesma visão que havia tido durante a terceira provação em Varsóvia. Encorajada por essas visões e também pela garantia que lhe dera o Padre Andrasz de que não era vítima de nenhuma ilusão, mas de que estava agindo nela a graça de Deus, decidiu empenhar-se em ser fiel a Deus em tudo. Esses poucos propósitos, extraídos de uma lista bem mais longa, demonstram o quanto ela desejava essa fidelidade:

“Sofrer — sem se queixar, consolar os outros e esconder os próprios sofrimentos no Sacratíssimo Coração de Jesus. Todos os momentos livres de obrigações, passarei aos pés do Santíssimo Sacramento. Aos pés do Senhor, buscarei luz, consolo e força. Incessantemente demonstrarei a Deus minha gratidão pela Sua grande misericórdia para comigo, nunca me esquecendo dos benefícios que Ele me concedeu, especialmente a graça da vocação. Esconder-me-ei entre as irmãs como uma pequenina violeta entre os lírios. Quero florescer para o meu Criador e Senhor, esquecer-me de mim

mesma, aniquilar-me totalmente em benefício das almas imortais — esta é a minha delícia” (D. 224).

“Não prestar muita atenção para quem é a meu favor, e quem é contra; não confidenciar minhas vivências (...). Nos sofrimentos, manter a calma e o equilíbrio; nos momentos difíceis, recorrer às Chagas de Jesus — e nelas buscar consolo, alívio, luz e força” (D. 226).

“Em meio às provações, procurarei enxergar a amorosa Mão de Deus. Nada é tão duradouro como o sofrimento — ele sempre acompanha fielmente a alma. Ó Jesus, não permitirei que alguém me ultrapasse no amor por Vós” (D. 227).

“Ó Jesus, desejo a salvação das almas, das almas imortais! No sacrifício, darei livre curso ao meu coração — num sacrifício de que ninguém sequer desconfiará, vou arder e ser consumida sem ser notada, nas santas chamas do amor a Deus. A presença de Deus será o auxílio para que o meu sacrifício seja perfeito e puro” (D. 235).

Durante a hora santa, na adoração ao Santíssimo Sacramento, Irmã Faustina refletia sobre a sua miséria e rezava: “Tudo o que há de bom em mim é Vosso, Senhor, mas porque sou tão miserável e pequena, tenho o direito de contar com a Vossa infinita misericórdia” (D. 237).

Na véspera dos votos perpétuos, quando Irmã Faustina estava convocando o Céu, a Terra e toda a criação para agradecer a Deus pela enorme e indizível graça desses votos, ouviu estas palavras: **“Minha filha, o teu coração é o céu para Mim”**. Depois de alguns minutos de oração, as irmãs que estavam preparando a capela, o refeitório, os corredores e a cozinha para esse grande dia mandaram-na para a cama. Entretanto, de jeito nenhum ela podia dormir. A felicidade havia expulsado o sono. Ela pensava: “Como será no Céu, se já aqui, neste exílio, Deus enche a minha alma de tal modo?” (D. 238).

Votos perpétuos

Raiou o dia 1º de maio de 1933, dia dos votos perpétuos. Durante a santa Missa, Irmã Faustina depositou o seu coração na

patena junto com o Coração de Jesus e, junto com Jesus, ofereceu-se a Deus, o Pai comum de ambos, como sacrifício de amor e de adoração. Pedia ao Pai de Misericórdia que olhasse para o sacrifício do seu coração através da Chaga do Coração de Jesus. Nesse dia, Jesus tornou-se o seu único tesouro. Nada mais podia impedi-la de demonstrar o seu amor ao Amado. Jesus lhe disse: **“Esposa Minha, os nossos corações estão unidos pelos séculos. Lembra-te a Quem fizeste os votos”**. Jamais conheceremos toda a profundidade das vivências espirituais de Irmã Faustina nesse dia memorável, pois, como ela mesma confessou, “nem tudo pode ser dito” (D. 239).

De acordo com a tradição da Congregação, ao fazer os votos perpétuos as irmãs caem de bruços diante do altar e são cobertas por uma mortalha (uma grande peça de pano preto, com uma cruz branca no meio, usada para cobrir os esquifes), como sinal de que “morreram para o mundo e para as suas tentações”. Enquanto isso, os sinos tocam como num enterro, e as outras irmãs recitam em voz alta o Salmo 129, *“De profundis”*, recitado também durante os enterros. Deitadas sob o mortuário, as irmãs pedem graças especiais para si mesmas e para os outros. Irmã Faustina recorda que pediu a Deus a graça de não ofender a Deus consciente e voluntariamente, ainda que fosse com o menor pecado ou imperfeição. Fez também determinados pedidos pela Igreja, pela Congregação, pelas educandas, pela sua família, pelos agonizantes. Pediu também que nesse dia todas as almas do purgatório fossem libertadas. Não esqueceu de rezar pelas pessoas que lhe eram mais próximas, incluindo o Padre Andrasz e o seu futuro diretor espiritual. Terminou assim a sua oração:

“Para mim mesma peço-Vos, Senhor: Transformai-me inteiramente em Vós, mantende-me continuamente no santo zelo pela Vossa glória, dai-me a graça e a força de espírito para cumprir em tudo a Vossa santa vontade (...). Nos momentos de luta e de sofrimentos, de trevas e tempestades, de saudade e tristeza, nos momentos de difíceis provações, nos momentos em que não for compreendida por alguma criatura, e até condenada e desprezada por todos, eu me lembrarei do dia dos votos perpétuos, deste dia de inconcebível graça de Deus” (D. 240).

O Bispo Estanislau Respond, celebrante principal, aspergiu com água benta as irmãs deitadas sob a mortalha e disse: “Levantai, vós que morrestes para o mundo, e Jesus Cristo vos iluminará”.

A igreja estava repleta. Participavam da cerimônia as irmãs, as educandas, os convidados e parentes das irmãs que faziam os votos. Irmã Faustina não tinha convidados. Sua família não tinha recursos para vir. No entanto, ela confidenciou a uma irmã que estava feliz por poder passar esse dia a sós com Jesus. As palavras do bispo, no momento em que lhe entregava o anel, causaram nela tão grande impressão que anotou:

“Faço-te esposa de Jesus Cristo, Filho do Deus Altíssimo, que Ele te conserve pura. Aceita esse anel como sinal da aliança eterna que estás firmando com Cristo, Esposo das virgens. Seja para ti o anel da fé, sinal do Espírito Santo, para que te chames esposa de Cristo e, se Lhe servires fielmente, sejas coroada pelos séculos” (D. 248).

Sua anotação posterior lança mais luz sobre essa experiência:

“Dos momentos que eu vivi durante os votos perpétuos — não convém falar. Estou Nele e Ele em mim. No momento em que o bispo me colocava o anel, Deus apoderou-se de todo o meu ser e, não sabendo expressar isso, deixo esse momento no silêncio. A partir dos votos perpétuos, a minha convivência com Deus tornou-se tão estreita, como nunca antes tinha sido. Sinto que amo a Deus e sinto que Ele me ama. Uma vez que a minha alma experimentou o sabor de Deus, não saberia viver sem Ele. Para mim é mais agradável uma hora passada aos pés do altar, ainda que na maior aridez de espírito, do que cem anos de prazeres no mundo. Prefiro ser uma pobre coitada, sem valor, num convento, a ser uma rainha no mundo” (D. 254).

Irmã Faustina atingiu finalmente seu objetivo tão desejado: fez os votos perpétuos na Congregação das Irmãs da Nossa Senhora da Misericórdia. O trecho seguinte do Diário demonstra com quanta seriedade ela tratava essa decisão crucial da sua vida:

“Esse ano de 1933 é para mim solene de maneira especial, visto que, neste ano do Jubileu da Paixão do Senhor, eu fiz os votos perpétuos. Uni o meu sacrifício de maneira especial com o Sacrifício de Jesus Crucificado, para assim tornar-me mais

agradável a Deus. Realizo todas as minhas tarefas com Jesus, por Jesus e em Jesus” (D. 250).

Como já foi mencionado, Irmã Faustina tinha medo de deixar o noviciado e perder a ajuda visível da Madre Mestra. Pensou então num plano que lhe permitisse ficar para sempre no noviciado. Esse plano foi assim descrito por ela:

“Jesus oculto no Santíssimo Sacramento, vedes que hoje estou saindo do noviciado, fazendo os votos perpétuos. Jesus, Vós conheceis a minha fraqueza e pequenez e, portanto, a partir de hoje, quero entrar no noviciado dirigido por Vós. Continuo sendo noviça, mas noviça Vossa, Jesus, e Vós sereis meu Mestre, até o último dia. Virei diariamente para as aulas a Vossos pés. Não farei sozinha a mínima coisa, sem antes me aconselhar Convosco, como meu Mestre. Jesus, como estou feliz por Vós mesmo me terdes atraído e aceito no Vosso noviciado, isto é, no Sacrário. Fazendo os votos perpétuos, não sou uma religiosa perfeita — absolutamente não. — Continuo a ser uma pequenina e frágil noviça de Jesus e buscarei a perfeição tal como nos primeiros dias do noviciado, esforçar-me-ei por manter aquela disposição de alma que tinha no primeiro dia em que se abriu para mim o portão do convento.

Com a confiança e a simplicidade de uma criança entrego-me hoje a Vós, Senhor Jesus e meu Mestre. Deixo-Vos inteira liberdade na direção da minha alma. Guiai-me pelos caminhos que escolherdes, eu não vou querer entendê-los. Eu Vos seguirei confiante. O Vosso misericordioso Coração tudo pode! Pequena noviça de Jesus — irmã Faustina” (D. 228).

Os anos em Wilno (1933-1936) Transferências

Depois dos votos perpétuos, Irmã Faustina foi a única do grupo que permaneceu em Cracóvia sem designação. A Madre geral percebeu que ela estava suportando esse atraso com muita tranquilidade. Quando perguntou à Irmã Faustina de onde tinha tanta paciência, a jovem Irmã respondeu: “Eu quero cumprir somente a vontade de Deus, tenho a certeza de que, para onde a Madre me mandar, isso há de ser para mim a pura vontade de Deus, sem que eu me intrometa”. A Madre geral respondeu: “Muito bem” (D. 251).

No dia seguinte, a Madre chamou-a e anunciou que, visto que ela desejava a pura vontade de Deus, seria enviada a Wilno onde iria trabalhar na horta. Enquanto aguardava o dia da partida, prontificou-se para ajudar na horta. Visto que podia realizar esse trabalho sozinha e no tempo por ela escolhido, decidiu fazer ao mesmo tempo os trinta dias de retiro inaciano. Graças a esses exercícios espirituais, recebeu muita luz divina (D. 252).

Um dia antes da partida, foi se confessar com o Padre Andrasz. As palavras do Padre deram-lhe ânimo: “Se continuar a guardar essa simplicidade e obediência, nada de mal lhe acontecerá. Confie em Deus, você está no bom caminho e está em boas mãos – nas mãos de Deus” (D. 257).

Mas seria realmente assim? Na oração da noite, Irmã Faustina dizia ao Senhor que, em Cracóvia, havia encontrado alguém que a compreendia, mas agora tinha que partir e deixá-lo. O que seria em Wilno? Não conhecia ninguém naquela cidade. Até o idioma lhe parecia estranho. O Senhor novamente a consolou: **“Não tenhas medo, não te deixarei sozinha”** (D. 258).

Irmã Faustina continuou rezando, agora para agradecer por todas as graças recebidas por intermédio do Padre Andrasz. De repente, lembrou-se de uma visão na qual havia um sacerdote entre

o confessionário e o altar; um sacerdote que um dia ela teria que encontrar. As palavras que então ouvira, vieram-lhe também à memória: **“Ele te ajudará a cumprir a Minha vontade na terra”** (D. 258). A lembrança dessas palavras do Senhor trouxe-lhe muito conforto.

No dia seguinte, partiu contente por ter conseguido a autorização para parar em Częstochowa onde pela primeira vez veria a imagem de Nossa Senhora de Monte Claro. Aí assistiu à cerimônia da exposição da Imagem às cinco horas da manhã e continuou a rezar sem interrupção até às onze. Admirou-se quando uma das irmãs veio chamá-la para o café da manhã. Parecia-lhe que tinha acabado de chegar. A Superiora estava preocupada porque Irmã Faustina poderia perder o trem. A visita a Nossa Senhora devia ter sido um encontro muito especial, mas ela anotou apenas isto: “Muitas coisas me disse a Mãe de Deus. Confiei-Lhe meus votos perpétuos. Sentia que sou sua filha e Ela, minha Mãe. Nada me recusou do que Lhe pedi” (D. 260).

Segundo os registros da casa de Wilno, Irmã Faustina chegou aí na quinta-feira, 25 de maio de 1930. O complexo do convento, em Wilno, compunha-se de várias casinhas de madeira espalhadas. Não lembrava em nada os amplos prédios de São José em Cracóvia. Nesse convento, residiam apenas dezoito irmãs, portanto, a vida da comunidade era mais íntima. Receberam Irmã Faustina muito cordialmente. Irmã Justina, amiga de Irmã Faustina do tempo do noviciado, chegou a lavar o soalho da cela em sua honra. Tudo isso a encorajou e ajudou a suportar as dificuldades que a esperavam (D. 261).

Na bênção daquela noite, Jesus disse à Irmã Faustina como deveria comportar-se diante de certas pessoas. Na oração, uniu-se ao seu dulcíssimo Coração com toda força, consciente de que o seu novo trabalho de jardineira principal iria colocá-la em contato com muitos leigos, expondo-a a distrações exteriores (D. 262).

O prometido diretor espiritual

No dia da confissão, Irmã Faustina aproximou-se do confessionário com um sorriso nos lábios, fato que foi percebido

pelas outras irmãs e tornou-se assunto de muitos comentários. E ela tinha motivo para sorrir. Esse padre de Wilno era o mesmo que ela tinha visto anteriormente em duas visões. O próprio Jesus escolheu o Padre Miguel Sopoćko para ajudar Irmã Faustina a cumprir a vontade de Deus.

A nova penitente causou uma profunda impressão no Padre Sopoćko. Percebeu a delicadeza da sua consciência e a sua profunda união com Deus. Os pecados que ela confessava não tinham matéria para absolvição. De imediato, contou-lhe também a respeito das visões que havia tido com relação a ele e, sobretudo, que ele deveria ser seu diretor espiritual, visto que essa era a vontade do Senhor. Para provar a sua sinceridade, o sacerdote aparentemente menosprezou as suas palavras e até submeteu-a a um teste especial. Por esse motivo, a Irmã tinha dificuldades em lhe revelar as suas mais íntimas preocupações. E decidiu, por fim, procurar um outro confessor.

O novo confessor, o jesuíta Dabrowski, também a submeteu a diversas provas. Por isso a Irmã desistiu de confessar-se com ele. Fez apenas em sua intenção uma hora santa diante do Santíssimo Sacramento e praticou uma mortificação especial para que ele obtivesse a graça do discernimento.

Depois dessas experiências, voltou novamente ao padre Sopoćko e disse-lhe que estava disposta a aceitar qualquer prova. A partir de então, nunca mais teve que procurar um outro confessor. Quando desvendou inteiramente a sua alma diante do Padre, Jesus derramou nela todo um mar de graças. Não sabia que o Padre Sopoćko já tinha começado a tratar seriamente a sua missão.

Nesse ínterim, a vida na casa de Wilno desenrolava-se de acordo com os costumes aí praticados, com os quais Irmã Faustina ainda não se tinha familiarizado. Todas as novas obrigações eram para ela um pequeno noviciado. Parecia-lhe que era uma noviça inexperiente e que tinha ainda muita coisa para aprender. Quanto lhe custava a execução de cada nova obrigação, resumiu no Diário assim: “Começaram os dias de trabalho, lutas e sofrimentos” (D. 265).

A nova tarefa de horticultor responsável era para ela um verdadeiro desafio. Ela não entendia nada de horticultura. Acreditava

que, em razão da sua obediência, Deus a ajudaria nessa tarefa como havia feito em todas as precedentes. Logo que chegou, entregou-se diligentemente ao trabalho. Pedia conselhos a um irmão missionário que era horticultor de profissão. Graças às sugestões dele e à sua inteligência inata, Irmã Faustina dava conta do trabalho perfeitamente, tendo instalado até uma estufa própria. Os resultados eram excelentes. Um dia, o instituto recebeu a visita de hóspedes de um importante órgão estatal. Uma das senhoras dirigiu-se à Superiora Geral, a Madre Michaela, com esta observação: “Puxa, as irmãs têm um horticultor especialista”.

No entanto, ninguém sabia como era difícil e extenuante esse trabalho para a frágil “especialista”. Acontecia, por exemplo, que, devido ao excesso de chuva, as ervas daninhas se multiplicavam em demasia. A Irmã, com apenas algumas ajudantes, não tinha condição de limpar todos os canteiros. Por isso solicitava ajuda, mas em vão. Quando alguns canteiros ficavam tão praguejados que as hortaliças tinham que ser cortadas, ela era acusada de negligência. Uma das irmãs assumiu a sua defesa contra as acusações injustas, e tanto as irmãs como as educandas admiravam-se ao ver que, em tão difíceis circunstâncias, mantinha a tranquilidade e a serenidade de espírito. Uma das irmãs observou mais tarde: “Ela fazia tudo como se Deus estivesse olhando para ela e como se estivesse na companhia de Nosso Senhor”. Uma das educandas disse por sua vez:

“A Irmã Faustina sobrepujava todas as outras irmãs pela sua tranquilidade, humildade e até pelo seu temperamento. Era muito obediente e tratava as suas superiores com muito respeito. Não me lembro de tê-la visto alguma vez murmurar ou reclamar. Nunca a vi impacientar-se, embora tenha trabalhado com ela em Wilno durante três anos. Era um anjo de paz. Jamais falava mal de alguém, ao contrário – sabia descobrir o lado bom de cada pessoa”.

Irmã Faustina trabalhava na horta. Sua amiga, a Irmã Justina, era por sua vez responsável pela cozinha. Algumas vezes, já era hora de descansar, e a Irmã Justina ainda estava lavando a louça do jantar. Irmã Faustina ajudava-a sempre, embora ela mesma se sentisse esgotada por um dia inteiro de trabalho.

Certo dia, quando havia muito trabalho na cozinha, Irmã Justina foi enviada para resolver um assunto na cidade, e Irmã Faustina recebeu a recomendação de substituí-la. A Irmã Justina, tendo voltado da cidade, percebeu com espanto que tudo estava feito, e Irmã Faustina estava descansando num banco.

“Irmã Faustina, – perguntou – a Irmã tinha tanto serviço, como conseguiu terminar tão depressa? Quem foi que a ajudou?”.

Irmã Faustina, tranquila como de costume, respondeu com um sorriso: “Foram os anjos que me ajudaram, pois eu mesma nunca teria dado conta”. Não foi essa a única vez que ela mencionou os anjos. O Diário contém muitas observações sobre o seu anjo da guarda e outros anjos que a ajudavam (cf. D. 419, 474, 490, 630, 1271, 1676).

Passaram-se dois meses. No dia 5 de agosto de 1933, na festa de Nossa Senhora da Misericórdia, Irmã Faustina recebeu uma grande e inconcebível graça, pela qual, como disse, seria grata a Deus nesta vida e por toda a eternidade. Anotou em seu Diário:

“Jesus me disse que o que mais Lhe agrada é quando medito sobre Sua dolorosa Paixão e que, por essa meditação, muita luz desce sobre minha alma. Quem quiser aprender a verdadeira humildade, que medite sobre a Paixão de Cristo. Quando reflito sobre a Paixão de Cristo, consigo compreender claramente muitas coisas que antes não podia compreender. Quero ser semelhante a Vós, Jesus, a Vós crucificado, martirizado, humilhado. Jesus, imprimi na minha alma e no meu coração a Vossa própria humildade. Amo-Vos, Jesus, até a loucura. A Vós despojado, tal como Vos apresenta o profeta, como se não pudesse distinguir em Vós a forma humana devido aos grandes sofrimentos. É nesse estado que Vos amo, Jesus, até a loucura. Ó Deus eterno e incomensurável, o que fez de Vós o amor?...” (D. 267).

O tempo todo, Jesus instruía a sua pequena noviça. Certa vez, quando Irmã Faustina terminou uma novena ao Espírito Santo na intenção do seu confessor, o Senhor Lhe disse: **“Permiti que o conhecesses antes que as superiores te enviassem para cá; assim como procederes com o confessor, assim Eu procederei contigo. Se te ocultares diante dele, ainda que com a menor**

graça Minha, também Eu Me ocultarei diante de ti, e ficarás sozinha” (D. 269). Irmã Faustina procedia de acordo com a vontade de Deus, e sua alma se encheu de profunda paz. Compreendeu então como o Senhor defende os confessores e como toma o seu partido.

O Padre Sopoćko lembrava incessantemente à Irmã Faustina de que sem humildade não podemos agradar a Deus. Recomendou também a ela que se exercitasse no terceiro grau da humildade. Segundo a espiritualidade de Santo Inácio, nessa etapa, é preciso não apenas abster-se de se defender, quando censurado, mas até alegrar-se com a humilhação. Ele também lhe afirmava que, se tudo aquilo de que lhe falava realmente provinha de Deus, deveria preparar a sua alma para grandes sofrimentos.

“Você terá que enfrentar a incompreensão, a perseguição — olharão para você como para uma histérica, excêntrica, mas Deus não poupará a Sua graça. As verdadeiras obras Divinas sempre encontram dificuldades e caracterizam-se pelo sofrimento. Quando Deus quer alguma coisa, mais cedo ou mais tarde a realizará; você, entretanto, arme-se de grande paciência” (D. 270).

Como confessor prudente, o Padre Sopoćko procurava, nesse ínterim, ficar sabendo algo a mais a respeito de tão incomum penitente. Primeiramente dirigiu-se à Madre Irena Krzyzanowska, Superiora, solicitando uma avaliação do estado físico e psíquico de Irmã Faustina. Embora os resultados de todas as provas testemunhassem a favor de Irmã Faustina, o Padre continuava mantendo cautela e pedia o conselho de sacerdotes experientes. Tudo parecia indicar que Irmã Faustina era uma pessoa a quem Deus havia conferido graças excepcionais. O Padre Sopoćko chegou a ter certeza absoluta de que nela estavam se manifestando os dons do Espírito Santo. Não havia dúvida também de que lhe tinha sido dado um conhecimento incomum das coisas divinas.

Visão transferida para a tela

Por ocasião das suas longas e frequentes confissões, Irmã Faustina falava ao Padre das visões e recomendações que havia

recebido do Senhor. Com frequência cada vez maior lembrava as conversas com Jesus relacionadas com as questões da Misericórdia Divina. Disse ao Padre Sopoćko que Jesus estava exigindo que fosse pintado um quadro que seria uma fonte de graça para o mundo sofredor; dizia também que Jesus estava pedindo que fosse estabelecida na Igreja a Festa da Misericórdia no primeiro domingo depois da Páscoa. Ela havia recebido orientações exatas segundo as quais esse quadro deveria ser pintado.

Ainda não inteiramente convencido, mas curioso por saber como seria o quadro, o Padre Sopoćko confiou a execução da imagem a Eugênio Kazimierowski, um artista residente na vizinhança. A partir de 2 de janeiro de 1934, a Superiora permitiu que Irmã Faustina se encontrasse com o pintor a cada duas semanas e lhe fornecesse orientações a respeito do quadro. O Padre Sopoćko era, além do artista, a única pessoa a ouvir essas instruções e as memorizou com todo cuidado.

Por recomendação de seu diretor espiritual, Irmã Faustina perguntou ao Senhor qual era o significado dos raios no quadro. Como resposta ouviu estas palavras:

“Os dois raios representam o Sangue e a Água — o raio pálido significa a Água que justifica as almas, o raio vermelho significa o Sangue que é a vida das almas. Ambos os raios jorraram das entranhas da Minha misericórdia, quando na cruz, o Meu Coração agonizante foi aberto pela lança. Esses raios defendem as almas da ira do Meu Pai. Feliz aquele que viver à sua sombra, porque não será atingido pelo braço da justiça de Deus. Desejo que o primeiro domingo depois da Páscoa seja a Festa da Misericórdia.

Pede ao Meu servo fiel que, nesse dia, fale ao mundo inteiro desta Minha grande misericórdia, que aquele que, nesse dia, se aproximar da Fonte da Vida, alcançará perdão total das culpas e das penas.

A humanidade não encontrará paz enquanto não se voltar, com confiança, para a Minha misericórdia.

Oh! como Me fere a incredulidade da alma! Essa alma confessa que sou Santo e Justo e não crê que sou

Misericórdia, não acredita na Minha bondade. Até os demônios respeitam a Minha justiça, mas não creem na Minha bondade.

Alegra-se o Meu Coração com esse título da Misericórdia. Diz que a misericórdia é o maior atributo de Deus. Todas as obras das Minhas mãos são coroadas pela misericórdia” (D. 299-301).

Dom do conhecimento

Durante o retiro anual, Deus concedeu à Irmã Faustina o dom de conhecer diversas verdades espirituais. Eis as mais importantes que lhe foram reveladas naquela ocasião:

“O verdadeiro amor a Deus depende do cumprimento da Sua vontade. Para demonstrar amor a Deus na ação, é preciso que todos os nossos atos, mesmo os menores — decorram do amor para com Deus. E o Senhor me disse: **Minha filha, é no sofrimento que mais Me agradas. Nos teus sofrimentos físicos ou morais — Minha filha — não procures a compaixão das criaturas. Quero que o aroma dos teus sofrimentos seja puro, sem qualquer mistura. Quero que te desprendas não só das criaturas, mas também de ti mesma. Minha filha, desejo deleitar-Me com o amor do teu coração — com o amor puro, virginal, imaculado e em nada obscurecido. Minha filha, quanto mais amares o sofrimento, tanto mais puro será o teu amor para Comigo” (D. 279).**

“Com o mesmo amor com que te aproximas de Mim, aproxima-te de cada uma das irmãs, e tudo o que lhes fizeres — fazes a Mim” (D. 285).

Após a adoração que ofereceu pela Polônia, a alma da Irmã foi atravessada pela dor, e do seu coração brotou uma oração espontânea. Mais tarde, anotou-a assim:

“Jesus Misericordiosíssimo, peço-Vos pela intercessão dos Vossos Santos, e especialmente pela intercessão de Vossa Mãe diletíssima, que Vos educou na infância, suplico-Vos, abençoai a minha Pátria. Jesus, não olheis para os nossos pecados, mas olhai para as lágrimas das criancinhas, para a fome e o frio que

sofrem. Jesus, por esses inocentes, concedei-me a graça que Vos peço para a minha Pátria”. Nesse momento, vi Nosso Senhor que tinha os olhos rasos de lágrimas, enquanto me dizia: **Estás vendo, Minha filha, quanta pena sinto delas; sabe que elas sustentam o mundo”** (D. 286).

Deus não cessava de inundar Irmã Faustina de grandes desejos. Se pudesse gostaria de ser um sacerdote, a fim de lembrar a Misericórdia de Deus às almas pecadoras, mergulhadas no desespero. Desejava ser um missionário e levar a luz da fé às nações pagãs, para que as almas pudessem conhecer a Deus. Queria despojar-se e morrer pelas almas como mártir, como o próprio Jesus morreu por elas e por ela própria. Escrevia então:

“Ó Jesus, sei muito bem que posso ser sacerdote, missionário, pregador, mesmo mártir, pelo total despojamento e abnegação de mim mesma por amor a Vós, Jesus, e às almas imortais. Um grande amor consegue transformar coisas pequenas em coisas grandes e só ele dá valor às nossas ações; quanto mais puro se tornar o nosso amor, tanto menos o fogo dos sofrimentos terá de purificar em nós, e o sofrimento deixará de ser sofrimento para nós, convertendo-se até em delícia. Pela graça de Deus agora recebi uma tal disposição de coração, que nunca sou tão feliz, como quando sofro por Jesus, a Quem amo com cada pulsar do coração” (D. 302-303).

Certo dia o seu sofrimento era tão doloroso que deixou o trabalho e correu à capela para pedir a ajuda de Jesus. Após uma breve oração, cheia de entusiasmo e alegria, voltou ao trabalho. Uma das irmãs observou:

“Decerto, a Irmã tem hoje muitos consolos, porque está tão radiante. Deus certamente não está dando à Irmã nenhum sofrimento, mas apenas consolo. Respondi: A Irmã está muito enganada, porque justamente quando sofro muito, também a minha alegria é maior e quando sofro menos, também a minha alegria é menor. Mas essa alma deu-me a entender que não me compreendia nesse particular. Procurava explicar-lhe que, quando sofremos muito, temos uma grande oportunidade de demonstrar a Deus que O amamos, enquanto que, quando sofremos pouco, temos pouca possibilidade para demonstrar a

Deus o nosso amor e, quando não sofremos nada, então o nosso amor não é grande nem puro. Com a graça de Deus podemos chegar [ao ponto] de o nosso sofrimento transformar-se em deleite, porque o amor sabe fazer tais coisas nas almas puras” (D. 303).

Ato de oferecimento

Tendo preparado dessa forma Irmã Faustina, Jesus fez mais um passo para a revelação da sua vontade. Na Quinta-feira Santa, deu-lhe a conhecer, na oração, que desejava o seu sacrifício pelos pecadores, especialmente por aqueles que perderam a esperança de alcançar a Misericórdia de Deus. Ela concordou e fez ao Senhor o seguinte oferecimento:

“Deus e as almas — Ato de oferecimento

Diante do céu e da terra, diante de todos os coros dos anjos, diante da Santíssima Virgem Maria, diante de todas as potestades celestes, declaro a Deus Uno e Trino que hoje, em união com Jesus Cristo, Salvador das almas, faço espontaneamente o oferecimento de mim mesma pela conversão dos pecadores, especialmente por aquelas almas que perderam a esperança na misericórdia de Deus. Esse sacrifício consiste em eu aceitar, com total submissão à vontade de Deus, todos os sofrimentos, receios e temores que oprimem os pecadores, entregando-lhes em troca todos os consolos que tenha na alma, provenientes da convivência com Deus.

Numa palavra, ofereço por eles tudo: santas Missas, santas Comunhões, penitências, mortificações e orações. Não tenho medo dos golpes — dos assaltos desferidos pela justiça de Deus — porque estou unida a Jesus.

Ó meu Deus, desejo, dessa maneira, desagrar-Vos por aquelas almas que não confiam na Vossa bondade. Confio, contra toda [esperança], no oceano da Vossa misericórdia. Meu Senhor e meu Deus, meu quinhão — minha herança pelos séculos — não baseio esse ato de oferecimento nas minhas próprias forças, mas na força que decorre dos méritos de Jesus Cristo. Repetirei diariamente este ato de oferecimento com a oração seguinte, que Vós mesmo me ensinastes, Jesus:

‘Ó Sangue e Água que jorrastes do Coração de Jesus como fonte de misericórdia para nós, eu confio em Vós!’

Irmã Maria Faustina do Santíssimo Sacramento.

Quinta-feira santa, durante a santa Missa, 29.03.1934” (D. 309).

Jesus confirmou esse ato com as palavras: **“Faço-te participante da Redenção do gênero humano. És o alívio na hora da Minha agonia”** (D. 310).

Naturalmente, Irmã Faustina fez esse ato de sacrifício de si própria com o consentimento do confessor. Embora a inundasse a felicidade em razão da proximidade privilegiada com o Senhor, rapidamente se convenceu de que a sua vocação tinha em si também uma dimensão completamente diferente. Sua alma sentia desolação total e enchia-se de tormentos e inquietações com a mesma rapidez com que antes se enchia de consolos. Nos ouvidos dela, apinhavam-se incessantemente diversas blasfêmias e imprecações. A desconfiança e o desespero insinuaram-se em seu coração. Percebeu que havia tomado sobre si o que sentem os pobres pecadores. No começo, ficou apavorada com as suas terríveis impressões, mas as palavras do confessor rapidamente devolveram-lhe a tranquilidade.

Jesus recomendou à Irmã Faustina que, no primeiro domingo depois da Páscoa, comemorasse a Festa da Misericórdia. Passou o domingo de 8 de abril de 1934 em recolhimento interior e mortificação exterior, por três horas, usou um cinto penitencial de arame. Durante o tempo todo, rezava pelos pecadores e suplicava a Deus a Misericórdia para o mundo todo. Jesus lhe disse: **“O meu olhar repousa hoje com satisfação sobre esta casa”**. Após esse acontecimento, inspirada pelo Senhor, escreveu:

“Sinto bem que a minha missão não termina com a morte, mas começará com ela. Ó almas incrédulas, eu vos descortinarei o véu dos céus para vos convencer da bondade de Deus, para que não machuqueis mais com a dúvida o dulcíssimo Coração de Jesus. Deus é Amor e Misericórdia!” (D. 281).

O amor de Irmã Faustina ao Senhor era fortalecido também pelo amor ao próximo. Ela desejava tornar-se uma “névoa nos olhos de

Jesus”, para que Ele não pudesse enxergar os terríveis crimes cometidos na terra. A indiferença da humanidade diante de Jesus fazia incessantemente brotar lágrimas dos seus olhos; a frieza das almas religiosas fazia seu coração sangrar.

Em meio às tarefas comuns do dia a dia, os laços de Irmã Faustina com Jesus aprofundavam-se sem cessar. Com a chegada da primavera, havia mais trabalho na horta, intensificaram-se também os esforços com a pintura da Imagem de Jesus Misericordioso. Irmã Faustina inspecionava a pintura do Quadro, cuidava que ele correspondesse exatamente ao projeto. Quando percebeu que a Imagem não era tão bonita como a sua visão, ficou muito triste. Decepcionada, foi até a capela e ficou chorando por um bom tempo. Dizia a Jesus: “Quem Vos pintará tão belo como sois?”. Ouviu então a voz: **“O valor da Imagem não está na beleza da tinta nem na habilidade do pintor, mas na Minha graça”** (D. 313). Essas palavras trouxeram consolo para Irmã Faustina.

O quadro foi concluído em junho de 1934. Foi colocado no corredor do convento das Irmãs Bernardinas, junto à igreja de São Miguel onde o Padre Miguel Sopoćko era reitor.

Doença predita

Normalmente o próprio Jesus, em sua infinita bondade, preparava Irmã Faustina para o que devia suceder em sua vida. No entanto, foi Nossa Senhora que, em meados do verão, lhe falou da doença que a esperava e dos sofrimentos causados pela atuação de certos médicos. *“Sofrerás muito por causa dessa Imagem, mas de nada tenhas medo”* – disse ainda Maria. Irmã Faustina adoeceu quase que de imediato. Segundo um diagnóstico erradamente apresentado, tratava-se de um “resfriado”. O sofrimento havia se tornado para ela uma experiência diária muito tempo antes desse “resfriado”. Foi por isso que anotou em seu Diário: “O sofrimento é o companheiro constante da minha vida” (D. 316).

De acordo com um costume aceito na Congregação, todas as irmãs sadias faziam, uma vez por semana, uma hora de adoração ao Santíssimo Sacramento como reparação pelos pecadores. Essa “hora santa” realizava-se nas quintas-feiras, das nove às dez horas

da noite. Antes da primeira sexta-feira do mês, a adoração durava a noite toda, e as irmãs revezavam-se a cada hora. No dia 9 de agosto de 1934, Irmã Faustina anotou que havia rezado diante do Santíssimo Sacramento das onze às doze horas. Tinha oferecido essa adoração na intenção da conversão dos pecadores empedernidos, especialmente, daqueles que perderam a esperança de alcançar a Misericórdia de Deus. Ela convocava todo o Céu para juntamente com ela prestar reparação ao Senhor pela ingratidão de algumas almas.

Naquela noite, Jesus deu a conhecer a ela quanto Lhe era agradável a oração reparadora. **“A oração da alma humilde e amante desarma a ira de meu Pai e alcança um mar de bênçãos”** (D. 320).

Após a adoração, Irmã Faustina voltou à cela. Já se encontrava no meio do caminho, quando foi rodeada por uma matilha de grandes cães negros. Os cães uivavam e pulavam, tentando dilacerar a Irmã em frangalhos. A Irmã percebeu imediatamente de que não eram cães, mas sim demônios. Um deles falou com raiva: “Por nos teres arrebatado, esta noite, tantas almas, te faremos em pedaços” (D. 320).

Irmã Faustina respondeu: “Se essa for a vontade de Deus misericordiosíssimo, podem despedaçar-me, pois eu o mereci com justiça, porque sou a mais miserável entre os pecadores; e Deus, sempre santo, justo e infinitamente misericordioso”. A essas palavras todos os espíritos maus responderam ao mesmo tempo “fujamos, porque não está sozinha, mas com ela está o Onipotente!” E desapareceram como uma nuvem de pó, como o barulho de carruagens na estrada, e a irmã continuou andando tranquilamente para a sua cela (D. 320).

Três dias mais depois, no dia 12 de agosto, Irmã Faustina enfraqueceu tão inesperadamente que parecia estar próxima da morte. Ela se dava conta de que não se tratava da morte real – da passagem para a vida verdadeira, como a definiu – mas do antegosto do sofrimento da morte. Foi uma experiência aterradora. De repente, sentiu tonturas, seus olhos se escureceram, tinha dificuldade para respirar, perdeu a sensibilidade nas mãos e nas pernas. Pensou estar sufocando. Isso foi horrível! Um só momento

desse sofrimento parecia prolongar-se indefinidamente. Apesar da confiança, ela sentiu também um estranho temor. Assim descreveu a sua experiência:

“Desejava receber os últimos Santos Sacramentos, mas, embora quisesse me confessar, era-me extremamente difícil. A gente não sabe o que diz, começa uma coisa, antes de terminar outra. — Oh! que Deus livre toda alma do adiamento da confissão para a última hora. Conheci a grande força das palavras do sacerdote, que desce sobre a alma do doente. Quando perguntei ao diretor espiritual se estou pronta para me apresentar diante de Deus e se posso ficar tranquila, recebi a resposta: ‘Podes ficar inteiramente tranquila, não somente agora, mas depois de cada confissão semanal’. — Grande é a graça de Deus que acompanha essas palavras do sacerdote. A alma sente força e coragem para a luta” (D. 321).

O sacerdote que foi chamado para atender Irmã Faustina e que lhe administrou o Sacramento da Unção dos Enfermos foi o padre Sopoćko. Logo depois de receber o sacramento, a Irmã sentiu-se bem melhor, mas meia hora depois ocorreu um outro ataque. Contudo, graças aos cuidados dos médicos, não foi tão perigoso como o precedente.

A Irmã mais uma vez uniu os seus sofrimentos com os sofrimentos de Jesus. Ofereceu-os por si mesma e pela conversão daquelas almas que não confiam na bondade de Deus. De repente, a sua cela encheu-se de personagens negras como o piche, cheias de raiva e ódio dela. Uma delas disse: “Maldita és tu e Aquele que está em ti, porque já estás começando a nos atormentar mesmo no inferno!”. A Irmã respondeu tranquilamente: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós”. As figuras desapareceram de repente, fazendo ruído (D. 323).

No dia seguinte, Irmã Faustina continuava sentindo-se muito fraca, mas, como não sentia nenhum sofrimento, podia participar da Santa Missa. Depois da comunhão, viu Nosso Senhor. Disse a Ele: “Jesus, pensei que me levaríeis”. Jesus respondeu:

“Ainda não se cumpriu inteiramente em ti a Minha vontade, ainda ficarás na terra, mas não por muito tempo. Agrada-Me muito a tua confiança, mas quero que o amor

seja mais ardente. O amor puro dá força à alma no momento da agonia. Quando Eu agonizava na cruz, não pensava em Mim mesmo, mas nos pobres pecadores, e rezava ao Pai por eles. Quero que também os teus últimos momentos sejam inteiramente semelhantes aos Meus na cruz. Um só é o preço pelo qual se resgatam as almas — e é o sofrimento unido ao Meu sofrimento na cruz. Só o amor puro compreende essas palavras, o amor carnal nunca as compreenderá” (D. 324).

No dia 15 de agosto, na Festa da Assunção da Santíssima Virgem Maria, o médico não permitiu que Irmã Faustina participasse da Missa. Por isso, ela rezava ardentemente em sua cela. Viu então Nossa Senhora, indizivelmente bela, que lhe disse:

“Minha filha, exijo de ti oração, oração e mais uma vez oração pelo mundo e especialmente pela tua pátria. Por nove dias, recebe a Comunhão reparadora, une-te estreitamente ao Sacrifício da santa Missa. Durante esses nove dias te apresentarás diante de Deus como vítima de oblação, sempre, em todo lugar e tempo — de dia ou de noite, toda a vez que te acordares, reza em espírito. Em espírito, sempre se pode perseverar na oração” (D. 325).

Mais ou menos nessa época, o Padre Sopoćko, confessor permanente da Congregação, viajou por alguns dias para a Terra Santa. Foi substituído, então, pelo Padre Casimiro Dabrowski, SJ, o mesmo que havia submetido Irmã Faustina a várias provas logo após a sua chegada a Wilno. Visto que não tinha outra saída, a Irmã foi confessar-se com ele. O Padre Dabrowski, embora antes não tivesse percebido a profundidade da vida espiritual de Irmã Faustina, agora recomendava-lhe fidelidade às inspirações interiores. Disse-lhe: “A irmã não pode destruir isso na sua alma, nem mudar por sua conta. Não é em todas as almas que se manifesta essa grande felicidade de uma vida mais elevada, e, na irmã, ela é visível, porque existe em grau muito elevado. Que a irmã tome cuidado para não desperdiçar essas grandes graças Divinas” (D. 271).

No entanto, Irmã Faustina não deixou de sofrer muitos dissabores e perseguições. As humilhações tornaram-se para ela alimento cotidiano. Apenas graças à Eucaristia, tinha coragem e

força suficiente para perseverar na sua vocação. Tinha medo dos dias sem Comunhão. Talvez a anotação seguinte permita compreender ao menos em parte o motivo desse temor:

“Nos momentos em que muito sofro, procuro calar-me, porquanto não confio na língua que, em tais momentos, tem a tendência de falar de si mesma, e ela deve me servir para glorificar a Deus por tantos bens e dons que me concedeu.

Quando recebo a Jesus na santa Comunhão, peço-Lhe com fervor que se digne curar a minha língua, para que não ofenda com ela a Deus, nem ao próximo. Desejo que a minha língua incessantemente glorifique a Deus. Grandes são os erros cometidos pela língua. A alma não atingirá a santidade se não tomar cuidado com a sua língua” (D. 92).

Advento e Natal de 1934

Novamente começou o Advento. Naquele ano, Jesus ensinava à Irmã Faustina especialmente sobre a simplicidade: **“Embora a minha grandeza seja inconcebível, convivo somente com os pequeninos – exijo de ti a infância espiritual”**(D. 332). A respeito dessa virtude também falava para Irmã Faustina o seu diretor espiritual que lhe recomendava refletir sobre a essência da infância espiritual! (D. 332).

Certa vez a Irmã perguntou ao Senhor: “Jesus, por que agora conviveis comigo assumindo a forma de uma criancinha? Afinal, assim mesmo, eu reconheço em Vós o Deus inconcebível, meu Criador e Senhor. — Jesus me respondeu que, enquanto eu não aprender a simplicidade e a humildade, conviverá comigo como uma criancinha” (D. 335).

Durante todo o Advento, Irmã Faustina sentia uma proximidade maior de Deus e, muitas vezes, também tinha visões do Menino Jesus. Mas não foi um tempo desprovido de sofrimento interior. Numa oração de ação de graças escrita nesse período, a Irmã manifesta os seus tormentos: aridez espiritual, temor, trevas na alma, tentações e provações. Essa oração expressa também o amor com que ela aceitava tudo isso. Na data de 20 de dezembro de 1934, Irmã Faustina descreveu uma visão importante para ela. Essa visão

deu-lhe força para perseverar na promessa que havia feito a Deus já antes, de que se tornaria para Ele uma vítima pelos pecadores:

“Em determinado momento à noite, quando entrei na cela, vi Nosso Senhor exposto no ostensório, como que se fosse ao ar livre. Aos pés de Jesus, estava o meu confessor e, atrás dele, um grande número de eclesiásticos de alto grau cujas vestes nunca tinha visto, a não ser nesta visão. E, atrás deles, havia membros da vida consagrada. Mais além, vi grandes multidões de pessoas que a minha vista não podia abarcar. Vi saindo da Hóstia esses dois raios tal como na Imagem que se uniram estreitamente, mas não se misturaram, e passaram às mãos do meu confessor, e, depois, às mãos desses religiosos. De suas mãos, passaram às pessoas e voltaram à Hóstia... e, nesse momento, me vi na cela, como se mal tivesse acabado de entrar” (D. 344).

Na véspera de Natal, embora Irmã Faustina tivesse nesse dia muito trabalho, seu espírito estava mergulhado em Deus. A ceia natalina teve início antes das seis da noite. Apesar de toda alegria e da excitação que acompanhavam a partilha do Opłatek e as felicitações, nem por um momento a Irmã deixou de sentir a presença de Deus. Visto que havia recebido permissão para velar até a Missa do galo, rapidamente terminou o restante de suas obrigações e ainda antes das nove estava na capela. Ofereceu sua adoração das nove às dez horas na intenção de seus pais e de toda a família; das dez às onze, na intenção do diretor espiritual; e das onze à meia-noite rezou pela Igreja e pelo clero, pelos pecadores, pelas missões, pelas casas da Congregação. Pelas almas do purgatório ofereceu as indulgências recebidas.

Durante a Missa do galo, Irmã Faustina foi envolvida pela alegria e pelo recolhimento interior. Durante o ofertório, viu sobre o altar o Menino Jesus extraordinariamente belo. Durante o tempo todo, o menino olhava para as irmãs e estendia para elas as suas mãozinhas. Essa visão repetiu-se em cada uma das três Missas celebradas nesse dia e também no decorrer dos dois dias seguintes (D. 347).

Na quinta-feira depois do Natal, Irmã Faustina, envolvida pela atmosfera natalina, esqueceu-se de fazer a adoração semanal, a

chamada hora santa. As nove horas encaminhou-se para o dormitório juntamente com as outras irmãs, mas não podia conciliar o sono. Parecia-lhe que havia negligenciado alguma obrigação. Durante uma hora inteira, pensou em tudo que havia feito naquele dia, mas não podia lembrar-se de nenhuma negligência. Às nove horas, apareceu-lhe a Face martirizada de Jesus. O Senhor disse: **“Esperei por ti para repartir contigo o sofrimento, porque quem compreende melhor o meu sofrimento do que Minha esposa?”** A Irmã pediu perdão a Jesus pela sua indiferença e com o coração contrito pediu que lhe desse um dos espinhos da sua coroa. Jesus respondeu que lhe concederia essa graça, mas apenas no dia seguinte, e a visão terminou imediatamente (D. 348).

Na manhã seguinte, durante a meditação, Irmã Faustina começou a sentir a presença do doloroso espinho no lado esquerdo da cabeça. O sofrimento durou o dia inteiro. A irmã refletia sobre a imensa dor que devia causar a Jesus a coroa tecida de muitos espinhos. Uniu o seu sofrimento com os sofrimentos de Jesus e ofereceu-o pelos pecadores. Naquela tarde escreveu:

“Às quatro horas, quando vim para a adoração, vi uma das nossas educandas que ofendia terrivelmente a Deus por pensamentos impuros. Vi também uma certa pessoa que era causa do pecado dela. O temor atravessou a minha alma e pedi a Deus, pelas dores de Jesus, que se dignasse arrancá-la dessa terrível miséria. Jesus respondeu-me que lhe concederia essa graça não por ela, mas em atenção ao meu pedido, e então compreendi quanto devemos rezar pelos pecadores, especialmente pelas nossas educandas” (D. 349).

Na véspera do Ano Novo, Irmã Faustina obteve autorização para passar a noite na capela. Ofereceu a primeira hora de adoração por uma das irmãs que lhe havia pedido antes uma hora de adoração em sua intenção. Durante essa adoração, Deus deu a conhecer a ela quanto lhe agradava a alma daquela irmã. Ofereceu a segunda hora pela conversão dos pecadores. Também prestou reparação a Deus por todas as ofensas contra Ele, especialmente, por aquelas que O atingiam exatamente naquele momento. Ofereceu a terceira hora de adoração por seu diretor espiritual, pedindo que ele obtivesse luz a respeito de um assunto concreto. No relógio, soaram as doze horas.

Irmã Faustina encerrou a última hora do ano em nome da Santíssima Trindade. Em nome da Santíssima Trindade, iniciou também a primeira hora do ano de 1935, pedindo a bênção ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. Olhava para o futuro com confiança, embora estivesse certa de que o ano novo seria abundante em sofrimentos.

Durante essa oração intensiva, a Irmã compôs uma ladainha à Hóstia Santa que, mais tarde, anotou no Diário (D. 356). “Na Hóstia Santa – escreveu ela – está a nossa única esperança e confiança em meio às trevas, aos infortúnios e às dúvidas.”

Secretária e apóstola de Jesus

Em dezembro, a Madre Irena foi substituída na casa de Wilno por uma nova superiora, a Madre Borgia Tichy. No dia 4 de janeiro, realizou-se o primeiro capítulo sob a sua direção. Capítulo é uma reunião de todas as irmãs de uma casa, na qual a superiora faz uma breve conferência e expõe as suas observações quanto à observância das regras religiosas. Nesse capítulo, a Madre Borgia enfatizou a necessidade da vida na fé e da fidelidade nas pequenas coisas.

Depois da reunião, as irmãs abandonaram a sala, mas Irmã Faustina ficou, para ainda refletir sobre tudo o que havia ouvido. Ouviu então estas palavras: **“Diz a todas as Irmãs que exijo que vivam pelo espírito da fé, em relação às superiores, no momento presente”**. Pediu ao confessor que a dispensasse dessa difícil obrigação, mas provavelmente cumpriu a recomendação de Jesus (D. 352-353).

Nesse mesmo mês, Irmã Faustina começou a ter dúvidas sobre a exatidão das suas afirmações a respeito da grande Misericórdia de Deus. “Será que tudo isso que estou dizendo sobre essa grande Misericórdia de Deus não é talvez mentira ou ilusão?” Certa noite, durante a bênção, quando as dúvidas perturbavam-na cada vez mais, ouviu uma forte e nítida voz interior: **“Tudo o que dizes sobre a Minha bondade é verdade, mas não existem expressões suficientes para glorificar a Minha bondade”**.

Mais tarde a Irmã escreveu o seguinte:

“Essas palavras eram tão cheias de vigor e tão claras que daria a minha vida como prova que são de Deus. Reconheço-as pela profunda paz que nessas ocasiões me acompanha e continua comigo. Essa paz me dá tão grande vigor e força que todas as dificuldades, contrariedades e sofrimentos e até a própria morte nada representam. Essa luz fez-me perceber que são muito agradáveis a Deus todos os esforços que estou empreendendo para que as almas conheçam a misericórdia do Senhor. Isso me causa uma alegria tão grande que não sei se, no céu, pode haver uma maior. Oh! se as almas quisessem ouvir, ao menos um pouco, a voz da consciência e a voz, ou melhor, a inspiração do Espírito Santo! Digo “ao menos um pouco” — porque se nos entregarmos uma vez à influência do Espírito de Deus, Ele mesmo completará o que nos faltar” (D. 359).

Irmã Faustina, graças à sua abertura às inspirações do Espírito Santo, continuava ouvindo a voz de Deus. Algumas vezes, alcançava o conhecimento dos mais profundos sentimentos do Coração de Jesus, tanto do seu imenso amor como dos grandes desapontamentos. Anotava tudo com fidelidade:

“Em determinado momento, Jesus me fez conhecer que, quando Lhe peço alguma coisa na intenção que frequentemente me recomendam, está sempre pronto a conceder Suas graças, embora as almas nem sempre queiram aceitá-las: **Meu Coração está repleto de grande misericórdia para com as almas, e especialmente para com os pobres pecadores. Oh! se pudessem compreender que Eu sou para eles o melhor Pai, que por eles jorrou do Meu Coração o Sangue e a Água como de uma fonte transbordante de misericórdia. Para eles resido no sacrário e como Rei de Misericórdia desejo conceder graças às almas, mas não querem aceitá-las. Ao menos tu vem visitar-Me com a maior frequência possível e toma essas graças que eles não querem aceitar, pois com isso consolarás Meu Coração. Oh! como é grande a indiferença das almas para com tanta bondade, para com tantas provas de amor. O Meu Coração se enche somente de ingratidão, de esquecimento por parte das almas que vivem no mundo;**

para tudo têm tempo, apenas não têm tempo para vir buscar as Minhas graças.

Portanto, dirijo-Me a vós — almas escolhidas. E será que também vós não compreendeis o amor do Meu Coração? — Também aqui decepcionou-se Meu Coração, pois não encontro a total entrega ao Meu amor. Tantas reservas, tantas desconfianças, tantas precauções! Para o teu consolo, direi que existem almas que vivem no mundo que Me amam sinceramente, permanecem com prazer nos seus corações, mas não são muitas. Existem, também, nos conventos, almas que enchem de alegria Meu Coração. Nelas estão gravadas Minhas feições e, por isso, o Pai celestial olha para elas com especial predileção. Elas serão o alvo de admiração dos anjos e dos homens, mas o seu número é muito pequeno. Elas são o baluarte contra a justiça do Pai celestial e elas alcançam a misericórdia para o mundo. O amor e o sacrifício dessas almas sustentam a existência do mundo. O que mais fere o Meu Coração é a infidelidade de uma alma por Mim especialmente escolhida. Essas infidelidades são lanças que transpassam o Meu Coração” (D. 367).

Um dos dons espirituais concedidos à Irmã Faustina era o dom do conhecimento interior. No dia 29 de janeiro de 1935, a Irmã descreveu a seguinte visão:

“Nesta terça-feira de manhã, durante a meditação, vi o Santo Padre celebrando a santa Missa. Após o Pai-Nosso, ele estava conversando com Nosso Senhor sobre esse assunto que Jesus tinha ordenado a mim de falar-lhe. Embora eu não tivesse falado sobre isso pessoalmente com o Santo Padre, pois esses assuntos estão sendo resolvidos por outra pessoa, naquele momento, porém, soube, por um conhecimento interior, que o Santo Padre estava refletindo sobre essa questão, que irá em breve ser resolvida de acordo com os desejos de Jesus” (D. 368).

Essa visão foi confirmada dois anos depois pelo Padre Sopoćko. Numa carta sua à Irmã Faustina, mencionava que havia conversado com o Núncio Apostólico, o Arcebispo Cortesim, a respeito da Festa

da Misericórdia Divina e contava que o Núncio apresentaria essa questão ao Santo Padre.

Retiro de oito dias em 1935

Antes de começar o retiro anual, Irmã Faustina foi falar com o seu confessor, pedindo-lhe a autorização para, nesse período, praticar certas mortificações. Para sua decepção, o Padre Sopoćko concordou apenas com algumas delas.

Tendo voltado para casa, Irmã Faustina entrou por um momento na capela. Ouviu então estas palavras em sua alma:

“Uma hora de reflexão sobre a Minha dolorosa Paixão tem maior mérito do que um ano inteiro de flagelação até o sangue; a reflexão sobre as Minhas dolorosas Chagas é muito proveitosa para ti, e a Mim causa-Me grande alegria. Estou admirado que não renunciaste ainda plenamente à vontade própria, mas alegro-Me muito porque tal mudança se dará no retiro” (D. 369).

O retiro começou no dia 4 de fevereiro de 1935. Foi pregado pelo Padre Macewicz, SJ. Após a primeira conferência, a Irmã ouviu estas palavras:

“Eu estou contigo. Nesse retiro, Eu te confirmarei na paz e na coragem, a fim de que não te faltem forças para cumprir os Meus desígnios. Por isso, nesse retiro, riscarás por completo tua vontade própria e, em troca, se cumprirá em ti toda a Minha vontade. Fica sabendo que isso te custará muito, por isso, escreve numa folha em branco estas palavras: “A partir de hoje não existe em mim a vontade própria”, e risca-a; e do outro lado escreve estas palavras: “A partir de hoje cumprirei a vontade de Deus, em toda parte, sempre e em tudo”. Não te assustes com nada, o amor te dará forças e facilitará o cumprimento” (D. 372).

Irmã Faustina cumpriu a recomendação de Jesus. Exercitava-se incessantemente na renúncia à vontade própria, tendo também anotado os seus propósitos concretos (D. 375). Durante esse retiro, obteve também muitas outras graças, especialmente durante a adoração do Santíssimo Sacramento. Em determinado momento,

Jesus fez-lhe esta grande promessa: **“As almas que recorrerem à Minha misericórdia e aquelas que glorificarem e anunciarem aos outros a Minha grande misericórdia, na hora da morte, Eu as tratarei de acordo com a Minha infinita misericórdia”** (D. 379).

O Senhor lhe permitiu sentir também quão profundamente O fere a ingratidão das almas, especialmente das escolhidas. Todas as vezes que pensava na grande Misericórdia de Deus e na ingratidão das almas, a dor perpassava o seu coração, compreendia também quão dolorosamente havia sido ferido o Coração de Jesus. Cheia de amor novamente sacrificava-se pelos pecadores. Durante a renovação dos votos religiosos, Irmã Faustina obteve a visão da balança da Justiça. Num dos pratos, Jesus colocou uma espada, no outro, os Anjos depositaram os sacrifícios da vida religiosa das irmãs. A dedicação das irmãs agradou tanto a Deus que contrabalançou a espada da Justiça, já pronta para dar o seu golpe.

Encontro com a família

Logo depois do retiro, foi entregue à Irmã Faustina uma carta vinda dos seus familiares. Sua mãe, gravemente enferma e próxima da morte, queria mais uma vez encontrar-se com a filha. Irmã Faustina não havia estado em casa desde o outono de 1922, ou seja, fazia treze anos. A notícia sobre a doença da querida mãe muito a impressionou. Como desejava encontrar-se com ela! No entanto, deixou esse assunto nas mãos de Deus, desejando submeter-se inteiramente à sua vontade.

No dia 15 de fevereiro, dia onomástico de Irmã Faustina, a Madre superiora entregou-lhe uma segunda carta e deu permissão para ela viajar para casa. Assim Irmã Faustina podia atender ao pedido da mãe agonizante. Naquela noite, partiu de Wilno. Ofereceu toda as orações daquela noite na intenção de sua mãe, pedindo a Deus que lhe concedesse a sua graça e que os sofrimentos dela não perdessem nada dos seus méritos.

Às oito horas da noite do dia seguinte, já estava em Glogowiec. Saudou a mãe com o tradicional “Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo”, ajoelhou-se perto da cama dela e disse: “Mamãe, você ainda

vai ficar boa. Gostaria de conversar com você”. A mãe sentou-se na cama.

Isso foi percebido por uma das filhas que estava preparando a refeição. “Mamãe, você já está boa?” – gritou ela.

“Sim – respondeu a mãe. – Fiquei boa logo que a vi”. Até então a melhora havia sido insignificante, e o médico afirmava que sem uma operação não se podia falar de cura total.

Não é possível descrever a alegria que acompanhou o encontro de Irmã Faustina com a família. Após os cumprimentos, todos caíram de joelhos, a fim de agradecer a Deus por poderem estar juntos mais uma vez. Quando Irmã Faustina viu como o pai rezava, ela ficou envergonhada pensando que depois de tantos anos de vida religiosa não seria capaz de rezar com tanta sinceridade e ardor como ele rezava. Agradecia incessantemente ao Senhor por tão maravilhosos pais.

No Diário, ela descreveu a sua visita à família com muita simplicidade e sinceridade:

“Oh! como tudo mudou durante esses dez anos. É difícil de reconhecer. O jardim que era tão pequeno agora está irreconhecível; os irmãos e irmãs, que eram ainda tão pequenos, agora não posso reconhecê-los; todos cresceram, e eu me admirei por não os encontrar como os havia deixado. [Ela não mencionou que, no dia seguinte, era domingo e todos foram à igreja, inclusive a mãe, que no dia anterior estivera perto da morte] (D. 399).

Stasio me acompanhava todos os dias até a igreja. Eu sentia o quanto essa pequena alma era agradável a Deus. No último dia, quando já não havia ninguém na igreja, fui com ele diante do Santíssimo Sacramento e rezamos juntos o ‘Te Deum’. Após um momento de silêncio, ofereci essa almazinha ao dulcíssimo Coração de Jesus. Como eu era capaz de rezar bem nessa pequena igreja! Lembrei-me de todas as graças que tinha recebido nesse lugar e que então eu não compreendia e das quais, tantas vezes, abusava, e espantava-me como podia ter sido tão cega. Quando eu refletia assim e lamentava a minha cegueira, vi Nosso Senhor brilhando numa beleza indizível — e Ele me disse bondosamente: **Minha eleita, Eu te concederei**

graças ainda maiores, para que possas ser por toda a eternidade testemunha da Minha misericórdia.

Eu passei esses dias, na casa, em grande companhia, porque todos queriam encontrar-se comigo e conversar ao menos algumas palavras. Algumas vezes, eu contava até 25 pessoas. Estavam interessados nas minhas narrações das vidas dos santos. Parecia-me que nossa casa era verdadeiramente uma casa de Deus, porque todas as noites falava-se apenas de Deus. Quando estava cansada de falar e desejosa de solidão e de silêncio, eu saía sem ser notada, à noite, para o jardim, a fim de conversar a sós com Deus. Assim mesmo não conseguia fazê-lo, porque logo vinham os irmãos e irmãs, levavam-me para dentro e novamente era obrigada a falar, com tantos olhares fixos em mim. Mas eu conseguia uma maneira, uma forma de descanso: pedia aos irmãos que cantassem alguma coisa para mim, pois tinham lindas vozes e, além disso, um deles tocava violino e outro bandolim. Assim, durante esse tempo, podia entregar-me à oração interior, sem evitar a companhia deles.

Custava-me muito, ainda, beijar as crianças. As mulheres, minhas conhecidas, vinham com seus filhos e pediam que eu os tomasse, ao menos por um instante, nos meus braços e os beijasse. Viam nisso uma grande graça, e para mim isso era uma oportunidade para me exercitar na virtude, porque muitas estavam bastante sujas; mas, para me superar e não demonstrar repulsa, eu beijava duas vezes as crianças sujas. Uma conhecida trouxe sua criança doente dos olhos que estavam remelentos dizendo: 'Irmã, pegue-a só por um momento nos seus braços'.

A natureza sentia repulsa, mas sem me importar com nada, peguei a criança nos meus braços e beijei duas vezes nos olhos purulentos, pedindo a Deus que ela melhorasse. Tinha muitas oportunidades para me exercitar na virtude. Eu ouvia as queixas de todos e percebi que não havia sequer um único coração alegre, porque não havia um só que amasse sinceramente a Deus, e em absoluto não me admirava da situação deles. Fiquei imensamente preocupada por não poder encontrar-me com duas das minhas irmãs. Senti, interiormente, o grande perigo em

que se encontravam suas almas. A dor me apertou o coração só de pensar nelas. Quando uma vez eu me sentia muito próxima de Deus, pedi com fervor ao Senhor a graça para elas — e respondeu-me o Senhor: **Concedo-lhes não apenas as graças necessárias, mas também graças especiais.** — Compreendi que o Senhor as chamaria para uma união mais estreita com Ele. Sinto-me imensamente feliz pelo grande amor que reina na nossa família.

Quando me despedi dos meus pais e lhes pedi a bênção, senti a força da graça de Deus que desceu na minha alma. Meu pai, minha mãe e minha madrinha me abençoaram entre lágrimas e desejando-me a maior fidelidade à graça de Deus, pediam que nunca esquecesse dos muitos dons que Deus me havia concedido, chamando-me para a vida religiosa. Pediam as minhas orações. Apesar de todos chorarem, eu não derramei uma lágrima sequer. Procurava ser corajosa e consolava-os a todos como podia, lembrando-lhes o céu, dizendo que lá já não haverá separação. Stasio levou-me até o ônibus. Eu lhe dizia quanto Deus ama as almas puras, garantia-lhe que Deus estava satisfeito com ele. Quando lhe falei da bondade de Deus e de como Ele pensa em nós, começou a chorar como uma criancinha, e eu não me admirava, porque é uma almazinha pura que, portanto, facilmente conhece a Deus.

Quando sentei no ônibus, dei largas ao coração e igualmente comecei a chorar de alegria como uma criança, por Deus conceder tantas graças à nossa família, e mergulhei numa oração de ação de graças. À noite, já me encontrava em Varsóvia. Primeiro cumprimentei o Senhor da casa, e depois toda a comunidade.

Antes de ir descansar, fui fazer uma visita ao Senhor para Lhe dizer boa noite e pedir perdão por ter conversado com Ele tão pouco durante minha estadia em casa. Então, ouvi uma voz na alma: Estou muito satisfeito por não teres falado Comigo, mas por teres dado a conhecer às almas a Minha bondade e por teres despertado nelas o amor para Comigo” (D. 400-404).

Na manhã seguinte, a superiora, Maria Josefa, viajou com Irmã Faustina a Jozefinek. Irmã Faustina encontrou-se aí com a Madre

geral Michaela e passou com ela uma tarde muito agradável. À noite, continuou a viagem e, no dia seguinte, já estava em Wilno. “Oh, como me sentia feliz por já haver regressado ao nosso convento”, escreveu. “Eu tinha a impressão de haver ingressado na vida religiosa pela segunda vez. Sentia-me imensamente feliz com a calma e o silêncio, que tão facilmente fazem a alma mergulhar em Deus. Todos a ajudam nisso, e ninguém a perturba” (D. 407).

Quaresma e Páscoa de 1935

O tempo da Quaresma tornou-se para Irmã Faustina uma outra ocasião de aprofundar-se na proximidade com o Senhor. Durante a meditação sobre a Paixão do Senhor, foi-lhe dado ver mais claramente e sentir mais profundamente os sofrimentos que Jesus suportou pelos pecados da humanidade:

“Quando me concentro na Paixão do Senhor, frequentemente vejo Nosso Senhor na adoração, da seguinte maneira: após a flagelação, os carrascos levaram-No e tiraram-Lhe as vestes, que já se tinham colado às feridas. Ao tirarem Suas vestes, renovaram-se as Suas chagas. Em seguida, cobriram o Senhor com um manto de púrpura, sujo e rasgado, jogando-o sobre as chagas renovadas. Esse manto, apenas em alguns pontos, atingia os joelhos. Mandaram, então, que o Senhor se sentasse num tronco. Fizeram uma coroa de espinhos e colocaram-na na Sua Santa Cabeça, pondo-Lhe ainda um caniço nas Suas mãos e zombando Dele. Inclínavam-se diante Dele como diante de um rei, cuspiam no Seu rosto, enquanto uns pegavam o caniço e Lhe batiam na cabeça, outros infligiam-Lhe dores esbofeteando-O ou cobrindo-Lhe o rosto, davam-Lhe murros. Jesus suportava tudo em silêncio. — Quem compreenderá a Sua dor? Jesus olhava para o chão, e eu senti o que então estava acontecendo no dulcíssimo Coração de Jesus. Que toda alma reflita sobre o que Jesus sofreu nesse momento. Rivalizavam uns com os outros em insultos ao Senhor. Eu ficava refletindo de onde vinha tanta maldade no homem? E, no entanto, é o pecado que causa isso — encontrou-se o amor com o pecado” (D. 408).

A união de Irmã Faustina com Deus tornava-se cada vez mais permanente e profunda. Ela sentia a grandeza e a majestade de Deus que envolviam toda a igreja que ela visitava. Essa consciência da presença de Deus fez com que ela escrevesse: “Oh, se todas as almas soubessem quem reside em nossos santuários, não haveria tantas ofensas e tanto desrespeito nesses lugares santos” (D. 409).

Durante a Santa Missa, muitas vezes, via a Deus no interior de sua alma; sentia que a presença viva a envolvia. Ela não necessitava de palavras para conversar com Deus. Amava o Senhor até a loucura e sentia o seu imenso amor para com ela. No entanto, essas vivências duraram pouco. A alma não teria condições de suportar por mais tempo essa enorme felicidade – teria que separar-se do corpo. Essas experiências eram para ela uma fonte de força permanente. Durante a Eucaristia, não precisava esforçar-se para atingir o recolhimento e sentia-se envolvida por ele sem o mínimo esforço de sua parte. A consciência da presença de Deus não cessava mesmo durante as conversas com as pessoas e não perturbava Irmã Faustina no cumprimento das suas obrigações. “Sinto que estou unida com Deus tão intimamente como uma gota de água se une com o oceano profundo” – escreveu ela (D. 411).

Certo dia, quando Irmã Faustina entrou por um momento na capela, seu coração foi envolvido pelo poder da graça de Deus. Enquanto se encontrava recolhida, o demônio pegou com raiva um vaso de flores e jogou-o no chão com toda a força. Ela viu toda a sua raiva e inveja. Antes que conseguisse recolher os cacos e replantar a flor, entraram na capela a Madre superiora, e algumas outras irmãs. Todas pensaram que Irmã Faustina havia derrubado o vaso ao mexer em alguma coisa no altar. A Madre superiora não ocultava a sua surpresa. A Irmã responsável pela sacristia demonstrou insatisfação, e Irmã Faustina fazia esforço para não se justificar.

Naquela noite, Irmã Faustina estava tão esgotada que não podia rezar a hora santa. Pediu permissão à Madre superiora para ir descansar mais cedo. Adormeceu quase de imediato, mas por volta das onze horas foi acordada por uns abalos. Alguma coisa estava sacudindo a sua cama. A Irmã começou tranquilamente a rezar ao seu anjo da guarda. De repente, viu as almas que fazem penitência no purgatório. Essas almas tinham a aparência de sombras. Viu

também entre elas muitos demônios. Um deles procurava atormentá-la: tendo assumido a aparência de um gato, jogava-se na sua cama, sobre os seus pés. A Irmã tinha a sensação de que ele devia pesar uma tonelada.

Durante todo esse tempo, Irmã Faustina ficou rezando o terço. Antes do amanhecer, essas figuras se afastaram e ela finalmente pôde adormecer. Pela manhã, quando entrou na capela, ouviu na alma estas palavras: **“Estás unida Comigo, nada temas; mas fica sabendo, Minha filha, que o demônio te odeia; embora ele tenha ódio a toda alma, sente um ódio especial contra ti, porque arrancaste muitas almas ao seu domínio”** (D. 412).

Na Quinta-feira Santa, 18 de abril [de 1935], Jesus disse à Irmã Faustina que ela não sentiria a sua presença até a Missa da Páscoa. Uma enorme nostalgia imediatamente inundou a sua alma. Seu coração não tinha condições de suportar essa separação do seu querido Jesus. Durante a santa Comunhão, Irmã Faustina via a face dolorosa de Jesus em toda Hóstia que descansava no cálice, e a sua nostalgia aumentou mais ainda.

Às três horas da tarde, na Sexta-feira Santa, Irmã Faustina entrou na capela. Ouviu, então, estas palavras: **“Desejo que essa Imagem seja venerada publicamente”**. Depois viu Jesus que agonizava sofrendo na Cruz. Do Seu Coração, saiam os mesmos raios, iguais aos da Imagem (D. 414).

A primeira exposição da Imagem de Jesus Misericordioso

Irmã Faustina falou ao seu diretor espiritual a respeito da recomendação de Jesus tão depressa quanto pôde. Disse que Jesus desejava que o Quadro fosse exposto por três dias em Ostra Brama (portão oriental da cidade de Wilno) onde deviam realizar-se três dias de solenidades relacionadas com o encerramento do Jubileu da Redenção. Essas solenidades coincidiriam com a Festa da Misericórdia planejada pelo Senhor para o primeiro domingo depois da Páscoa.

O Padre Sopoćko achava que todo esse projeto era impossível de ser realizado. “Como é que se pode pensar em introduzir outra devoção no santuário de Nossa Senhora? – refletia ele. – Um pedido desses, com certeza, será rejeitado. E será verdade que serão realizados esses três dias de solenidades, como falou a Irmã?”.

Em breve, ficou sabendo que realmente, entre 26 e 28 de abril, seria realizado um tríduo em Ostra Brama. O Pároco de Outra Brama, Cônego Estanislau Zawadzki, pediu que ele pregasse os sermões durante as solenidades. O Padre Sopoćko, muito admirado, mas ao mesmo tempo também inteiramente convencido da veracidade da mensagem da Irmã, concordou em ser o pregador e providenciou que o Quadro de Jesus Misericordioso fosse colocado “como decoração” na janela na capela, perto da Imagem de Nossa Senhora. No começo, o Arcebispo opôs-se a isso, mas, no fim, concedeu a sua autorização. Irmã Faustina pediu para estar presente na exposição do Quadro. Eis como ela descreveu, no Diário, os três dias de solenidades:

“Na véspera da exposição dessa Imagem, fui visitar, com nossa Madre superiora, o nosso confessor. Quando a conversa recaiu sobre a Imagem, o confessor pediu que alguma das Irmãs ajudasse a fazer as grinaldas. A Madre superiora respondeu: ‘Irmã Faustina ajudará.’ Fiquei imensamente feliz com isso. Quando voltamos para casa, comecei logo a preparar ramos verdes e a juntá-los com a ajuda de uma das educandas. Ajudou-nos também uma outra pessoa que trabalha na igreja. Às sete horas da noite, estava tudo pronto e a Imagem já estava pendurada. Contudo, algumas senhoras repararam na minha presença, pois, com certeza, eu mais atrapalhava do que ajudava. No dia seguinte, perguntaram às Irmãs: ‘Que bonita imagem é esta e que significado tem? Certamente as Irmãs devem saber, porque ontem uma das Irmãs a estava enfeitando.’ As Irmãs ficaram muito admiradas, visto que não sabiam nada. Todas também queriam ver a Imagem e, logo suspeitaram de mim, e diziam: ‘Irmã Faustina certamente deve saber de tudo.’

Quando começaram a me perguntar, eu me calava, visto que não podia dizer a verdade. O meu silêncio era motivo para maior curiosidade delas. Dobrei a minha vigilância para não mentir

nem dizer a verdade, porque não tinha permissão para isso. Em face disso, começaram a manifestar-me o descontentamento e censuravam-me abertamente dizendo: ‘Como é possível que pessoas estranhas saibam sobre isso; e nós, nada.’ Começaram diversos julgamentos a meu respeito. Sofri muito por três dias, mas uma estranha força entrava na minha alma. Alegro-me por poder sofrer por Deus e pelas almas que conseguiram Sua misericórdia nestes dias. Vendo tantas almas que, nestes dias, conseguiram a misericórdia de Deus, nem me importo com as dificuldades e os sofrimentos, por maiores que fossem e ainda que tivessem de durar até o fim do mundo, visto que eles têm um fim, e as almas que assim se converteram [estão salvas] dos suplícios eternos. Senti uma grande alegria, vendo outros voltando à fonte da felicidade, ao seio da misericórdia de Deus” (D. 421).

Na sexta-feira, 26 de abril, Irmã Faustina participou das solenidades e ouviu o sermão do Padre Sopoćko sobre a Misericórdia Divina. Finalmente havia sido cumprida a primeira recomendação de Jesus, feita há tanto tempo. Quando o Padre Sopoćko começou a falar sobre a grande misericórdia de Deus, a Irmã teve a impressão de que a Imagem havia tomado vida. Viu os raios que atingiam os corações daqueles que estavam presentes, mas não com a mesma intensidade: uns recebiam mais, outros menos. O seu coração encheu-se de enorme alegria, e ouviu na alma as palavras: **“Tu és testemunha da Minha misericórdia, ficarás pelos séculos diante do Meu trono como testemunha viva da Minha misericórdia”** (D. 417).

Logo depois do sermão, sem esperar o fim das cerimônias voltou ao convento. Mas apenas andou alguns passos quando foi cercada por uma multidão de demônios. Os espíritos maus a ameaçavam com tormentos terríveis e lhe diziam raivosamente: “Ela nos roubou tudo aquilo que conseguimos com o trabalho de tantos anos.”

Perguntou-lhes: “De onde vindes em tão grande número?”.

As figuras maldosas responderam: “Dos corações dos homens, não nos atormente” (D. 418).

Percebendo o enorme ódio que tinham para com ela, Irmã Faustina pediu a ajuda do seu anjo da guarda. Imediatamente colocou-se ao lado dela uma figura clara e luminosa e o anjo disse-lhe: “Não tenhas medo, esposa do Meu Senhor, esses espíritos não te poderão fazer mal sem a permissão Dele” (D. 419). Os demônios desapareceram imediatamente, e o fiel anjo da guarda a acompanhou de forma visível até a casa. O olhar do Anjo era modesto e tranquilo, e na sua frente faiscava uma centelha de fogo.

Irmã Faustina escreveu: “Ó Jesus, eu desejaria trabalhar, atormentar-me e sofrer a vida toda por esse único momento em que vi a Vossa glória, Senhor, e o proveito das almas” (D. 419).

No domingo, 28 de abril de 1935, Irmã Faustina escreveu no Diário:

“Quando estava terminando a celebração, e o sacerdote segurou o Santíssimo Sacramento para dar a bênção, vi Jesus tal como está pintado na Imagem. O Senhor deu a Sua bênção, e os dois raios espalharam-se pelo mundo inteiro. Então, vi uma claridade impenetrável sob a forma de uma casa de cristal, tecida de ondas de claridade inacessível a qualquer criatura ou espírito. A essa claridade conduziam três portas. Nesse momento, Jesus, como aparece na Imagem, entrou nessa claridade — pela segunda porta no interior da Unidade. É a Unidade Trina que é inconcebível, que é o Infinito. Então ouvi a voz: **Essa Festa saiu do mais íntimo da Minha misericórdia e está aprovada nas profundezas da Minha compaixão. Toda alma que crê e confia na Minha misericórdia irá alcançá-la.** — Eu me alegrava imensamente com a bondade e a grandeza do meu Deus” (D. 420).

O Padre Sopoćko participou também na amarga doçura deste tríduo. Vendo os esforços e sacrifícios para cumprir a recomendação de Jesus, Irmã Faustina admirava a sua paciência e humildade. Sabia que essa obra havia custado ao Padre não apenas muito trabalho e muitos dissabores, mas que também havia despendido muito dinheiro para esse fim. O Padre Sopoćko pagava todos os custos. Irmã Faustina compreendeu que a Providência Divina o havia preparado para a obra da Misericórdia antes mesmo que ela tivesse

pedido a ajuda do Senhor (D. 422). De sua alma erguia-se um hino de adoração para com a Misericórdia Divina:

“Por tudo, a minha alma louva ao Senhor e glorifica a Sua misericórdia, porque Sua bondade não tem fim. Tudo passará, mas a Sua misericórdia é sem limites e sem fim e, embora a maldade chegue ao seu limite, na misericórdia não há medida.

Ó meu Deus, até nos castigos que infligis à terra eu reconheço o abismo da Vossa misericórdia, porque castigando-nos aqui na terra, livrai-nos do castigo eterno. Alegrai-vos, todas as criaturas, porque estais mais próximas de Deus na Sua infinita misericórdia do que o bebê junto ao coração de sua mãe.

Ó Deus, sois a própria compaixão, mesmo para os maiores pecadores, quando sinceramente fazem penitência! E, quanto maior o pecador, tanto maior direito tem à misericórdia de Deus” (D. 423).

Após as solenidades, a Imagem de Jesus Misericordioso foi levada de volta ao corredor escuro no convento das Irmãs Bernardinas.

Uma nova Congregação?

No domingo de Pentecostes, 9 de junho de 1935, Irmã Faustina ouviu pela primeira vez palavras que anunciavam uma importante mudança em sua vida. Naquela noite, quando passeava pelo jardim, ouviu na alma as palavras: **“Pedirás com tuas companheiras a misericórdia para ti e para o mundo”**. Ela compreendeu essas palavras como um prenúncio de sua saída da Congregação, e que isto era exatamente a vontade de Deus em relação a ela. Mas a ideia de começar uma nova congregação, deixou-a muito oprimida. Envolveu-a uma sensação de incompetência. Estava certa de que não servia para cumprir os planos de Deus. Ouviu então as palavras: **“Não tenhas medo. Eu mesmo completarei tudo o que te falta”**. Essas palavras atingiram-na profundamente e fizeram com que sentisse ainda mais a sua própria miséria. Sabia que Deus estava exigindo dela uma vida mais perfeita, e que escusar-se com a incapacidade já não seria suficiente (D. 435).

Nesse mesmo mês, Irmã Faustina falou ao Padre Sopoćko das obras que o Senhor queria realizar através dela. Estava convencida de que ia ouvir como resposta que Nosso Senhor não se utiliza de almas tão miseráveis como a sua para realizar os seus planos. Contrariamente às suas expectativas, o confessor disse que são geralmente almas assim que o Senhor escolhe para realizar os seus planos. Mais ainda, para a sua grande surpresa, Padre Sopoćko descobriu o segredo da sua alma, segredo que ela não confiou a ninguém, ou seja, que Deus desejava a fundação de uma nova Congregação. Essa Congregação deverá anunciar ao mundo a Misericórdia de Deus e, através da oração, pedir essa Misericórdia para o mundo. Enquanto a Irmã tentava justificar-se, dizendo que não havia recebido do Senhor uma ordem expressa de agir, de repente, viu Jesus como aparecia na Imagem, parado à porta. Jesus disse: **“Desejo que haja uma tal Congregação”**. Ela não falou de imediato ao seu confessor a respeito dessa visão, pois estava com pressa de voltar ao convento. Durante todo o caminho de volta repetia: “Eu sou incapaz de cumprir os Vossos desígnios, ó Deus, sou incapaz” (D. 437).

No dia seguinte, no início da santa Missa, Irmã Faustina viu Jesus em beleza indizível. Jesus disse que desejava que a Congregação fosse fundada o quanto antes, e acrescentou:

“Tu viverás nela com as tuas companheiras. O Meu espírito será a regra da vossa vida. Vossa vida deve modelar-se pela Minha desde a manjedoura até a morte na cruz. Mergulha nos Meus mistérios e conhecerás o abismo da Minha misericórdia para com as criaturas e a Minha insondável bondade — e a darás a conhecer ao mundo. Através da oração, serás medianeira entre a terra e o céu” (D. 438).

Já era hora de receber a Santa Comunhão. Jesus desapareceu, e ela viu uma grande claridade. Depois ouviu as palavras: **“Concedemos-te a nossa bênção”** (D. 439). Nesse momento, da claridade saiu um raio que invadiu o seu coração. Na alma de Irmã Faustina, acendeu-se um fogo estranho. Pensava que morreria de alegria e felicidade. Sentia que sua alma havia se separado do

corpo. Estava inteiramente mergulhada em Deus, arrebatada pelo Todo-Poderoso como um pozinho no espaço desconhecido.

Quando Irmã Faustina voltou a si depois dessa vivência, sentiu força e coragem para cumprir a vontade de Deus. Agora nada lhe parecia difícil. Disse ao Senhor: “Estou pronta para qualquer aceno da Vossa vontade” (D. 439). Havia passado interiormente por tudo o que a esperaria no futuro.

No dia 30 de julho, na festa de Santo Inácio, padroeiro da Congregação, Irmã Faustina rezou ardentemente a esse Santo, censurando-o até por não lhe ajudar no cumprimento da vontade de Deus. Durante a santa Missa, viu-o no lado esquerdo do altar. O Santo estava com um grande livro na mão. Dirigiu-se à Irmã Faustina com estas palavras: “Minha filha, não sou indiferente à sua causa. Essa regra pode ser aplicada também nesta Congregação”. Indicou o livro com a mão e desapareceu. Irmã Faustina ficou feliz ao ver que os santos pensam tanto em nós e mantêm conosco tanta união. “Ó bondade Divina – escreveu – como é belo o mundo interior se já aqui na terra convivemos com os santos”. Durante o dia todo, a Irmã sentia a presença do querido padroeiro (D. 448).

Irmã Faustina enfrentava incessantemente a luta interior relacionada com a possibilidade de precisar daquela estimada Comunidade religiosa e de fundar uma nova. Somente alguns meses antes da morte, ela se tranquilizou a esse respeito. No dia 5 de agosto de 1935, na Festa de Nossa Senhora da Misericórdia, essas dúvidas não a deixavam em paz nem durante a meditação, nem durante a primeira Missa. Durante a segunda Missa, a Irmã dirigiu-se à Mãe de Deus dizendo-lhe o quanto era difícil para ela sair de uma congregação que contava com a Sua especial proteção. Viu, então, Nossa Senhora extraordinariamente bela. Maria Santíssima desceu do altar até o genuflexório onde estava Irmã Faustina, estreitou-a junto ao Seu coração e disse: *“Sou vossa Mãe pela infinita misericórdia de Deus. A alma que cumpre fielmente a vontade de Deus é a que mais me agrada”*. Nossa Senhora deu a compreender à Irmã Faustina que ela tinha cumprido fielmente a vontade de Deus e que tinha encontrado graça aos olhos do Senhor. *“Sê corajosa, não tenhas medo das dificuldades ilusórias, mas fixa o teu olhar na*

Paixão do meu Filho e, dessa maneira, vencerás” – disse-lhe a Mãe de Deus (D. 449).

Deus e as almas

As palavras de Nossa Senhora lembraram à Irmã Faustina a visão que tivera na noite de quinta-feira, 01 de agosto de 1935, durante a adoração ao Santíssimo Sacramento, antes da primeira sexta-feira do mês. Ela descreveu assim essa visão:

“Quando cheguei para a adoração, logo me envolveu o recolhimento interior, vi Nosso Senhor amarrado ao tronco e logo sobreveio a flagelação. Vi quatro homens que se revezavam em açoitar o Senhor com azorragues. O meu coração parava só de olhar para esses suplícios . Então, o Senhor me disse estas palavras: **Sofro uma dor ainda maior do que esta que estás vendo.**— E Jesus deu-me a conhecer por quais pecados submeteu-se à flagelação: foram os pecados da impureza. Oh! por que terríveis sofrimentos morais passou Jesus quando se submeteu à flagelação! — Então, Jesus me disse: **Olha e repara bem o gênero humano na presente condição.** — E imediatamente, vi coisas horríveis: afastaram-se os algozes de Nosso Senhor e vieram flagelá-Lo outras pessoas que seguravam nas suas mãos os chicotes e castigavam sem piedade o Senhor. Eram sacerdotes, religiosos e religiosas e os mais altos dignitários da Igreja, o que muito me surpreendeu, havia leigos de diversas idades e classes — todos descarregavam sua maldade sobre o inocente Jesus. Ao ver isso, meu coração entrou numa espécie de agonia. E, quando o flagelavam os carrascos, Jesus se calava e olhava para longe, mas quando o flagelavam essas almas que mencionei acima, Jesus cerrava os olhos e um gemido surdo, mas terrivelmente doloroso escapava-Lhe do Coração. E o Senhor me fez conhecer, detalhadamente, a gravidade da maldade dessas almas ingratas: **Estás vendo, este é o sofrimento maior que a Minha morte.**— Então, calaram-se também os meus lábios e comecei a sentir em mim a agonia e senti que ninguém me consolaria nem me arrancaria desse estado a não ser Aquele

que me introduziu nele. Então, o Senhor me disse: **Estou vendo a dor sincera do teu coração que trouxe enorme alívio ao Meu Coração. Olha e consola-te.**

Então vi Nosso Senhor pregado na cruz. Enquanto Jesus, por alguns momentos, estava suspenso nela, vi uma legião inteira de almas crucificadas da mesma forma que Jesus. E vi uma segunda e ainda uma terceira legião de almas. A segunda legião não estava pregada na cruz, mas essas almas seguravam firmemente a cruz em suas mãos. A terceira legião de almas, no entanto, não estava nem crucificada nem segurava firmemente a cruz nas mãos. Essas almas arrastavam a cruz após si e estavam insatisfeitas. Então Jesus me disse: **Estás vendo — essas almas que são semelhantes a Mim em sofrimentos e desprezo? Elas serão também semelhantes a Mim na glória; e as que forem menos parecidas Comigo no sofrimento e no desprezo — essas também terão menos semelhança Comigo na glória.** Entre as almas crucificadas — o maior número era daquelas que pertenciam ao estado religioso. Vi também crucificadas almas minhas conhecidas, o que me causou grande alegria. Então Jesus me disse: **Na meditação de amanhã, refletirás sobre o que viste hoje.** — E logo Jesus desapareceu” (D. 445-446).

Na manhã seguinte, a Irmã ficou doente e não pôde ir à Missa. Por isso ficou deitada na cama, mas, na hora destinada à Missa, viu o seu confessor que estava celebrando a santa Missa na igreja de São Miguel. Durante essa celebração, viu também o Menino Jesus. No fim da Missa, a visão desapareceu, e ela viu que novamente se encontrava na cela. “Uma alegria indizível me envolveu, porque, embora não pudesse estar na nossa capela assistindo à Santa Missa, pude ouvi-la de uma igreja muito distante. Jesus pode arranjar tudo” (D. 447).

Uma semana mais tarde, Irmã Faustina sentiu-se tão mal que caiu ao chão de sua cela. No entanto, pensou na Paixão de Jesus e, não levando em conta a dor, decidiu fazer a adoração noturna das quintas-feiras. Quando chegou à capela, obteve o conhecimento interior da grande recompensa que Deus prepara não apenas pelas

boas obras, mas também pelo desejo sincero de cumpri-las. “Que grande Graça divina” – escreveu, e continuou refletindo:

“Oh! como é doce fatigar-se por Deus e pelas almas. Não quero descanso na luta, mas lutarei até o último suspiro da vida pela glória do meu Rei e Senhor. Não deporei a espada, até que me chame diante do Seu trono; não tenho medo dos golpes, porque Deus é o meu escudo. O inimigo é que deve ter medo de nós; e não nós, do inimigo. O demônio vence apenas os orgulhosos e medrosos, porque os humildes são fortes. Nada perturbará nem intimidará a alma humilde. Levantei voo para a própria fornalha do Sol, e nada conseguirá abaixá-lo. O amor não se deixa aprisionar, é livre como um rei; o amor alcança Deus” (D. 450).

Graças especiais

Um outro dia, após a santa Comunhão, Irmã Faustina ouviu as seguintes palavras: **“Tu és Nossa morada”**. Nesse momento, sentiu a presença da Santíssima Trindade em sua alma. Sentia que era templo de Deus, filha do Pai. Desconhecia palavras que pudessem traduzir essa experiência, mas seu espírito a compreendia perfeitamente. Ela refletiu depois: “Ó Bondade infinita, como Vos rebaixais até à miserável criatura! Se as almas quisessem se recolher, Deus logo lhes falaria, porque a distração abafa a palavra do Senhor” (D. 451452).

Com frequência cada vez maior, Irmã Faustina vivenciava a união com a Santíssima Trindade, colaborando também mais fielmente com a graça de Deus. Certa vez, o Senhor lhe disse: **“Minha filha, toma as graças que os homens desprezam, toma quantas conseguires carregar”**. Nesse momento, a sua alma foi inundada pelo amor de Deus. Escreveu ela: “Não busco a felicidade fora do meu interior, no qual Deus habita. Alegro-me com Deus no meu próprio interior, onde permaneço com Ele continuamente; onde está o meu convívio mais íntimo com Ele; onde permaneço com Ele em segurança; onde não me atinge o olhar humano” (D. 454).

A Virgem Santíssima estimulava a Irmã a esse tipo de convivência com Deus. Sentindo, no íntimo da alma, a plenitude da

felicidade, a Irmã já não sentia amargura quando a atingia o sofrimento e tampouco se deixava levar pelas grandes consolações. Sua vida começou a distinguir-se pela paz e pela serenidade de espírito.

No dia 12 de agosto de 1935, teve início um retiro de três dias. Foi pregado pelo padre Rzyckowski, SJ. Jesus, desejando dar coragem à Irmã Faustina, disse-lhe no começo desse retiro:

“Neste retiro, falar-te-ei pela boca desse sacerdote, para te certificar e fortalecer a respeito da verdade das Minhas palavras que estou pronunciando no fundo da tua alma. Embora esse retiro seja realizado para todas as irmãs, tenho por ti especial consideração, para te fortalecer e te fazer intrépida diante de todas as adversidades que te esperam, e, por isso, ouve as palavras do sacerdote com diligência e reflete sobre elas no fundo da tua alma” (D. 456).

Para surpresa de Irmã Faustina, tudo o que o pregador dizia sobre a união com Deus e sobre os obstáculos para essa união já era do seu conhecimento. Tinha ouvido a mesma coisa da boca de Jesus, vivenciava também as mesmas experiências em sua própria alma. A pregação do Padre Rzyckowski sobre a Misericórdia e a Bondade de Deus era uma repetição exata daquilo que Jesus lhe havia falado sobre a Festa da Misericórdia. Agora compreendeu claramente a promessa de Deus e não duvidava mais de nada. Em seu Diário escreveu:

“Durante toda essa meditação, vi, no altar, Nosso Senhor vestido de branco. Em Suas mãos segurava este caderno em que estou escrevendo. Durante toda essa meditação, Jesus virava as páginas do caderno e calava-se. Contudo, o meu coração não conseguia suportar o fogo que se acendeu na minha alma. Apesar do esforço e da vontade para me dominar e não dar a conhecer aos presentes o que se estava passando no meu íntimo, no final da meditação, senti que havia perdido completamente o domínio de mim mesma. Então, Jesus me disse: Não escreveste neste caderno tudo sobre a Minha bondade para com os homens. Desejo que nada omitas, desejo que o teu coração se confirme numa total paz” (D. 459).

Esse retiro foi especialmente importante para Irmã Faustina. Compreendeu que Jesus não deixará na incerteza nenhuma alma que O ama sinceramente. Agora via claramente que o que mais une a alma com Deus é a abnegação de si mesmo, isto é, a identificação da nossa vontade com a vontade de Deus. É justamente essa submissão à vontade de Deus que torna a alma verdadeiramente livre, contribui para um profundo recolhimento do espírito, faz com que os pesos da vida se tornem leves; e a morte, doce.

No dia 15 de agosto, na hora da renovação dos votos, Irmã Faustina viu Jesus abençoando as irmãs e entrando no Sacrário. De repente, do lado do altar, aproximou-se dela a Mãe de Deus vestida de branco e com um manto azul, com a cabeça descoberta. A Mãe de Deus pôs as mãos em Irmã Faustina e cobriu-a com o seu manto, dizendo: *“Oferece estes votos pela Polônia. Reza por ela”* (D. 468).

Durante todo o tempo do retiro, Irmã Faustina permaneceu em incessante união com Jesus. Após uma tão doce convivência com o Senhor, sentiu uma enorme saudade, visto que Deus novamente tornou-se invisível a seus olhos. A Irmã compreendeu o quanto o seu coração havia convivido estreitamente com o Amor eterno.

Certo dia, durante a adoração, a alma da Irmã ansiava com imensa saudade pela visível presença de Jesus. Não era capaz de conter as lágrimas. Viu então um espírito de extraordinária beleza. Esse espírito disse a ela: “Não chores diz o Senhor”. Quando perguntou quem era, respondeu: “Sou um dos sete Espíritos que permanecem dia e noite diante do trono de Deus e glorificam-No sem cessar”. Em vez de aliviar a saudade que ela sentia do Senhor, esse acontecimento despertou nela um anseio ainda maior. Por algum tempo, o espírito do Senhor não abandonava a Irmã, mas acompanhava-a por toda parte. No dia seguinte, durante a santa Missa, após a Elevação Eucarística, o mesmo espírito começou a cantar “Santo, Santo, Santo” com uma voz que soava como mil vozes. Isso era indescritível. A alma da Irmã Faustina uniu-se com o Senhor. Nesse momento, ela viu a grandeza e a inconcebível santidade de Deus, tendo compreendido, ao mesmo tempo, o grande nada que ela mesma era. Pelo conhecimento interior, independente dos sentidos, ela adentrava mais profundamente no mistério da Santíssima Trindade. Essas revelações repetiam-se na vida de Irmã

Faustina com frequência cada vez maior. Ela as obtinha não apenas durante a oração na capela, mas também durante o trabalho, mesmo em momentos em que menos o esperava (D. 471-472).

Terço da Misericórdia Divina

Na sexta-feira, 13 de setembro de 1935, o Senhor revelou à Irmã Faustina um meio poderoso para obter a Misericórdia de Deus para o mundo. Ela assim descreveu essa revelação:

“À noite, quando me encontrava na minha cela, vi o anjo executor da ira de Deus. Estava vestido de branco, o rosto radiante e uma nuvem a seus pés. Da nuvem saíam trovões e relâmpagos para as suas mãos e delas só então atingiam a terra. Quando vi esse sinal da ira de Deus que deveria atingir a terra e especialmente um determinado lugar, que não posso mencionar por motivos bem compreensíveis, comecei a pedir ao anjo que se detivesse por alguns momentos, pois o mundo faria penitência. Mas o meu pedido de nada valeu perante a ira de Deus. E foi nesse instante que vi a Santíssima Trindade. A grandeza da Sua majestade transpassou-me profundamente e eu não ousava repetir a minha súplica. Porém, nesse mesmo momento senti em mim a força da graça de Jesus que reside na minha alma. Quando me veio a consciência dessa graça, imediatamente fui arrebatada até o trono de Deus. Oh! como é grande o nosso Senhor e Deus e como é inconcebível a Sua santidade! Nem sequer vou tentar descrever essa grandeza, porque em breve todos O veremos como Ele é. Comecei, então, suplicar a Deus pelo mundo com palavras ouvidas interiormente.

Quando assim rezava, vi a impossibilidade do anjo em poder executar aquele justo castigo, merecido por causa dos pecados. Nunca tinha rezado com tanta força interior como naquela ocasião.

No dia seguinte pela manhã, quando entrei na nossa capela, ouvi interiormente estas palavras: **Toda vez que entrares na capela, reza logo essa oração que te ensinei ontem.**— Quando rezei essa oração, ouvi na alma estas palavras: **Essa oração serve para aplacar a Minha ira. Tu a recitarás por**

nove dias, por meio do terço do rosário, da seguinte maneira: Primeiro dirás o Pai-Nosso, a Ave-Maria e o Creio. Depois, nas contas do Pai-Nosso, dirás as seguintes palavras: ‘Eterno Pai, eu Vos ofereço o Corpo e o Sangue, a Alma e a Divindade de Vosso diletíssimo Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, em expiação dos nossos pecados e dos do mundo inteiro’. Nas contas de Ave-Maria rezarás as seguintes palavras: ‘Pela Sua dolorosa Paixão, tende misericórdia de nós e do mundo inteiro’. No fim, rezarás três vezes estas palavras: ‘Deus Santo, Deus Forte, Deus Imortal, tende piedade de nós e do mundo inteiro’” (D. 474-476).

Foi justamente esse o Terço que Jesus lhe recomendou que introduzisse na sua Comunidade e no mundo todo. No ano de 1936, graças ao empenho do Padre Sopoćko, a Editora Cebulski, de Cracóvia, publicou o Terço no verso do santinho da Misericórdia Divina – cópia do quadro de Eugênio Kazimierowski. No último dia de setembro, Irmã Faustina definiu claramente a sua missão de vida. Escreveu ela:

“Ó meu Deus, estou consciente de minha missão na santa Igreja. O meu constante empenho é de pedir misericórdia para o mundo. Uno-me estreitamente com Jesus e transformo-me em sacrifício suplicante pelo mundo. Deus nada me negará, se o rogar com a voz do seu Filho. Meu sacrifício nada é por si só, mas, quando o uno ao de Jesus Cristo, torna-se onipotente e tem o poder de aplacar a ira de Deus. Deus nos ama no Seu Filho, e a dolorosa Paixão do Filho mitiga continuamente a Sua cólera.

Ó Deus, como desejo que as almas Vos conheçam e saibam que as criastes por um amor inconcebível! Ó meu Criador e Senhor, sinto que conseguirei entreabrir o véu celeste para que a terra não duvide da Vossa bondade. Fazei de mim, Jesus, um sacrifício agradável e puro ao olhar de Vosso Pai. Jesus, transformai-me, a mim, miserável pecadora, em Vós, pois Vós tudo podeis, e entregai-me ao Vosso eterno Pai. Desejo tornar-me uma hóstia de expiação diante de Vós, mas que, aos homens, pareça como mero pão não consagrado. Desejo que o

odor do meu sacrifício seja conhecido apenas por Vós. Ó Deus eterno, em mim arde o fogo inextinguível de Vos suplicar a misericórdia, sinto e compreendo ser essa a minha missão aqui e na eternidade. Vós mesmo mandastes que eu falasse dessa Vossa grande misericórdia e bondade” (D. 482-483).

Anos de muitas mudanças (1936)

Mais uma vez a nova congregação

No começo de janeiro de 1936, Irmã Faustina foi recebida pelo Arcebispo de Wilno, Romualdo Jalbrzykowski. Ela disse ao Arcebispo que Jesus lhe recomendava rezar pedindo a Misericórdia de Deus para o mundo e desejava que surgisse uma comunidade religiosa cuja vocação seria pedir a Misericórdia Divina para o mundo. A Irmã já havia conversado sobre isso com o Arcebispo um ano antes, pois desejava obter a sua permissão para realizar tudo aquilo que Jesus estava exigindo. O Arcebispo lhe havia dito, naquela ocasião, que ela não devia pensar em abandonar sua Congregação, pois se tratava de uma séria tentação interior. “Se isso for da vontade de Deus, mais cedo ou tarde será realizado” – disse ele. Dessa vez, o Arcebispo respondeu-lhe:

“Quanto à oração, permito à irmã e até a encorajo a rezar o máximo possível pelo mundo e pedir para ele a misericórdia de Deus, porque todos necessitamos de misericórdia, e decerto também o confessor não está proibindo que a irmã reze nessa intenção. Mas, no que diz respeito à congregação, irmã, aguarde um pouco, até que as coisas se encaminhem mais favoravelmente. O que me pede é bom em si mesmo, mas não é preciso ter pressa: se isso for da vontade de Deus, cedo ou tarde será realizado. Por que haveria de não ser, pois se existem tantas e tão variadas congregações, também esta existirá, se Deus assim o exige. Peço-lhe que fique inteiramente tranquila. O Senhor tudo pode. Procure a estreita união com Deus e não desanime” (D. 585).

Quando Irmã Faustina, repleta de contentamento, estava saindo da casa do Arcebispo, ouviu na alma estas palavras:

“Para fortalecer o teu espírito, estou falando através dos Meus representantes, de acordo com o que estou exigindo

de ti, mas deves saber que nem sempre será assim. Eles haverão de se opor a ti em muitas coisas, e com isso se manifestará em ti a Minha graça, e se saberá que essa causa é Minha. Mas nada temas, pois estou sempre contigo. Deves saber ainda, Minha filha, que todas as criaturas, consciente ou inconscientemente, querendo ou não, sempre cumprem a Minha vontade” (D. 586).

Compreensão do mistério do sofrimento

No dia 29 de janeiro, entre outras coisas, Irmã Faustina descreveu uma visão relacionada com o seu confessor. Essa visão trouxe-lhe a compreensão do mistério do sofrimento. Ela obteve o conhecimento parcial do estado de alma do Padre Sopoćko, bem como das provações que Deus lhe enviava. Os sofrimentos do sacerdote envolviam a esfera intelectual. Eram tão dolorosos que a Irmã, com compaixão dele, perguntou ao Senhor: “Por que procedeis assim com ele?” O senhor respondeu que isso estava acontecendo, porque lhe estava destinada uma tríplice coroa – a coroa da castidade, do sacerdócio e do martírio. Deus concedeu a Irmã Faustina a compreensão do quanto é grande a glória daquele que pelo seu sofrimento na terra assemelha-se a Jesus. Essa pessoa também O lembrará na glória. “O Pai celestial admira e reconhece as nossas almas, na medida em que vê em nós a semelhança com Seu Filho”, anotou ela (D. 604).

Ela compreendeu que essa semelhança com Jesus deve ser por nós atingida aqui na terra. “Vejo almas puras e inocentes sobre as quais Deus exerce a Sua justiça. Essas almas são vítimas que sustentam o mundo e completam o que faltou à Paixão de Jesus. Essas almas não são muitas. Alegro-me imensamente por Deus me ter permitido conhecer tais almas” – escreveu ela (D. 604).

Mas numa outra anotação a Irmã confessou que, apesar das muitas e extraordinárias graças que recebia do Senhor, o caminho para a santidade não era fácil para ela:

“Meu Jesus, apesar das Vossas graças, sinto e vejo toda a minha miséria. Começo o dia com luta e termino-o com luta. Mal dou conta de uma dificuldade e, em seu lugar, surgem dez para

serem combatidas. Mas não me preocupo com isso, porque sei bem que este é o tempo de luta; e não, de paz. Quando a intensidade da luta ultrapassa as minhas forças, jogo-me como uma criança nos braços do Pai celestial e confio que não perecerei. Ó meu Jesus, como sou propensa ao mal. Isso me obriga a uma contínua vigilância sobre mim mesma, mas nada temo, confio na graça de Deus que é profusa justamente na maior miséria” (D. 606).

No dia 2 de fevereiro, após a Comunhão, a Irmã pediu a Jesus que concedesse ao Padre Sopoćko graças para a luta e o livrasse da provação pela qual estava passando. A resposta de Deus foi: **“Será como pedes, mas o mérito dele não diminuirá”**. A alma de Irmã Faustina encheu-se de alegria ao ver tão grande Bondade e Misericórdia de Deus. “Deus dá tudo o que Lhe pedimos com confiança” – escreveu ela (D. 609).

Tempo de provação e de graça

No dia 01 de março de 1936, na alma da Irmã Faustina começou uma luta que duraria vários dias. Ela estava certa de que Deus estava exigindo a fundação de uma nova congregação, mas algo em seu interior opunha-se a isso. Irmã Faustina tinha a impressão de que a luta que se havia desencadeado dentro dela lembrava, pela sua intensidade, os combates interiores de Jesus no Getsêmani. Ela sentia que uma força extraordinária a impedia de agir. Havia uma única coisa que a detinha – a santa obediência. “Ó meu Jesus – exclamava ela – Vós me impelis e, por outro lado, me segurais e me retendes” (D. 615).

Essas inquietações espirituais fizeram com que Irmã Faustina começasse a ter problemas de saúde. Ela não falava disso a ninguém, mas a Madre superiora percebeu a sua palidez e a mudança que havia ocorrido em sua aparência. Recomendou a ela que fosse deitar mais cedo e dormisse mais. Uma das irmãs deveria também trazer-lhe, à noite, um caneco de leite quente. No entanto, a ajuda externa não podia trazer alívio à Irmã Faustina.

Até o dia 18 de março, nada ainda havia sido solucionado. A Irmã pedia a Jesus que Ele desse o primeiro passo através de algum

acontecimento exterior, poderia até ser algo que levasse à sua expulsão da Congregação, porquanto ela própria não tinha condições de se afastar. Esse foi para Irmã Faustina um dia de agonia interior. No dia seguinte, a Madre superiora disse-lhe que a Madre geral a levaria para Varsóvia. A irmã pensou que se tratasse exatamente desse sinal exterior e até falou disso à Madre superiora. Parecia-lhe que não deveria viajar a Varsóvia, mas antes sair logo da congregação. No começo, a Madre superiora não respondeu nada, mas logo chamou a Irmã de novo e a aconselhou que, apesar de tudo, viajasse e não se preocupasse, ainda que se verificasse que a viagem havia sido inútil e ela tivesse que voltar em seguida. Irmã Faustina ficou muito preocupada com isso, pois sabia que essa sua partida novamente atrasaria as providências relacionadas com a nova congregação. No entanto, decidiu partir. Como sempre, procurava ser obediente.

Naquela noite, durante a oração, a Mãe de Deus disse a Irmã Faustina: *“Vossa vida deve ser semelhante à minha: silenciosa e oculta, continuamente unida a Deus, em súplica pela humanidade e a preparar o mundo para a segunda vinda de Deus”* (D. 625).

Quando, durante a bênção, Irmã Faustina se colocava na presença de Deus Pai, ouviu as palavras: **“Nada temas, Minha filha, todos os adversários fracassarão aos Meus pés”**. A alma da Irmã foi envolvida por uma profunda paz e um estranho silêncio interior (D. 626).

À noite, na véspera da partida de Irmã Faustina de Wilno, uma das irmãs, já idosa, revelou-lhe um problema espiritual e rogou que ela pedisse uma resposta a Jesus. “Eu sei que Jesus fala com a Irmã” – disse ela segurando sua mão. Irmã Faustina prometeu rezar na intenção dela. Naquele dia, durante a bênção, ouviu as palavras: **“Diz-lhe que mais fere o Meu Coração a sua incredulidade do que os pecados que cometeu”**. Quando Irmã Faustina repetiu isso à irmã, ela chorou de alegria, como uma criança (D. 628).

No dia seguinte, na hora da despedida, uma das irmãs pedia perdão à Irmã Faustina por tê-la ajudado tão pouco no cumprimento das obrigações. E não apenas por não a ter ajudado, mas por ter procurado dificultar o seu trabalho. No Diário, Irmã Faustina assim descreveu essa questão:

“Contudo, eu a considerava na minha alma como uma grande benfeitora, porque me exercitou na paciência. A tal ponto me exercitou que uma das irmãs mais velhas observou: “A irmã Faustina ou é boba, ou é santa, porque realmente uma pessoa normal não toleraria que alguém sempre a tratasse tão acintosamente”. Eu, no entanto, sempre me aproximava dela com bondade. Essa irmã buscava de tal forma dificultar o meu trabalho que, apesar do meu esforço, ela conseguia, às vezes, estragar alguma coisa do que estava bem feito — como ela mesma confessou ao se despedir de mim, pedindo-me muitas desculpas. Não quis entrar nas suas intenções, mas considerei isso como uma provação de Deus...

Admiro-me muito como se pode ter tanta inveja. Eu, vendo o bem de alguém, alegro-me com isso, como se eu mesma o possuísse. A alegria dos outros é minha alegria, e o sofrimento dos outros é meu sofrimento, porque de outra forma eu não ousaria conviver com Nosso Senhor. O espírito de Jesus é sempre simples, bondoso, sincero. Toda maldade, inveja e inimizade, encobertas com o sorriso da amizade, são como pequenos diabos astutos. Uma palavra severa, mas decorrente dum amor sincero, não fere o coração” (D. 632-633).

Durante a viagem para Varsóvia, Irmã Faustina não teve, provavelmente, a companhia de alguma irmã, mas não esteve sozinha. Um dos sete espíritos, radiante como antes, em figura luminosa, sentou-se a seu lado durante toda a viagem. Em cada uma das igrejas por que passavam, a Irmã via um anjo cuja luz era mais pálida do que aquela que envolvia o espírito que a acompanhava. Cada um dos espíritos que cuidava das igrejas fazia uma reverência com a cabeça diante do espírito que estava com ela. Quando Faustina transpôs o portão do convento de Varsóvia, esse espírito desapareceu. A irmã escreveu no Diário: “Agradei a Deus por Sua bondade, por nos dar anjos por companheiros. Oh! como as pessoas consideram pouco o fato de terem sempre perto de si um hóspede como esse, que é, ao mesmo tempo, testemunha de tudo! Pecadores, lembrai-vos que também vós tendes uma testemunha dos vossos atos” (D. 630).

Depois acrescentou ainda este pensamento consolador: “Ó meu Jesus, a Vossa bondade ultrapassa todo o entendimento, e ninguém esgotará a Vossa misericórdia. Só existe a perdição para a alma que quer se perder, porque a que deseja a salvação, para essa existe o mar inesgotável da misericórdia do Senhor. E como pode um pequeno vaso conter em si o mar profundo?” (D. 631).

A Irmã chegou a Varsóvia no dia 22 de março. Logo após a chegada, entrou na capelinha para agradecer ao Senhor pela feliz viagem e pedir-Lhe ajuda e graça em tudo o que a aguardava. Em todas as coisas, submetia-se à sua santa vontade. Ouviu, então, as palavras: “**Nada temas, todas as dificuldades servirão para que a Minha vontade se realize**” (D. 634).

Três dias depois, na festa na Anunciação, a Irmã foi envolvida pela presença de Deus. Ela viu a grandeza do Deus infinito e, ao mesmo tempo, a sua bondade para com a criatura. Depois viu a Mãe de Deus, que lhe transmitiu uma visão grave:

“Oh! como é agradável a Deus a alma que segue fielmente a inspiração da Sua graça! Eu dei o Salvador ao mundo e, quanto a ti, deves falar ao mundo da Sua grande misericórdia, preparando-o para a Sua segunda vinda, quando virá não como Salvador misericordioso, mas como justo Juiz. Oh! quão terrível será esse dia! Está decidido o dia da justiça, o dia da ira de Deus; os próprios anjos tremem diante dele. Fala às almas dessa grande misericórdia, enquanto é tempo de compaixão. Se tu te calares agora, terás de responder naquele dia terrível por um grande número de almas. Nada receies, sê fiel até o fim, Eu me compadeço de ti” (D. 635).

Novas designações: Walendów e Derdy

É de se supor que Irmã Faustina tenha chegado à conclusão de que não deveria ainda abandonar a Congregação, pois aceitou a designação seguinte. Dessa vez, devia ir a Walendów, um povoado a cerca de vinte quilômetros de Varsóvia. As irmãs de lá acolheram-na com muita sinceridade e alegria. Uma delas disse à Irmã Faustina: “Uma vez que a irmã chegou aqui, agora já tudo estará bem”. “Por

que a Irmã está falando assim?” – perguntou Irmã Faustina. E ela lhe respondeu que assim estava sentindo na alma (cf. D. 636).

A casa em Walendów estava passando por sérias dificuldades materiais. Para poder controlar a situação, as irmãs eram obrigadas a trabalhar no campo, do alvorecer ao anoitecer e, muitas vezes, não podiam realizar devidamente os seus exercícios espirituais.

Nessa situação, Irmã Faustina começou novamente a ter problemas de saúde. Não se queixava e aceitava todas as ocasiões de sacrifícios e abnegações, fazendo deles parte das suas renúncias quaresmais.

Quando a superiora lhe pediu que tirasse o pó das paredes, Irmã Faustina pediu humildemente alguma outra tarefa, pois sentia que estava doente e não daria conta de realizar esse trabalho. No entanto, a superiora não atendeu o seu pedido e a Irmã cumpriu a sua obrigação com obediência.

Afinal, não havia dito uma vez que preferia ser uma gata borralheira no convento a ser rainha no mundo? Antes da santa Comunhão, na primeira sexta-feira do mês, Irmã Faustina viu um grande cibório cheio de Hóstias. Uma mão colocou esse cibório diante dela e a Irmã pegou-o nas mãos. Havia aí mil Hóstias vivas. Em seguida ouviu a voz: **“Estas Hóstias são recebidas pelas almas para as quais obtiveste a graça de uma sincera conversão durante esta quaresma”** (D. 640).

Uma semana antes da Sexta-feira Santa, caía a primeira sexta-feira do mês. A Irmã passou esse dia num recolhimento de espírito ainda maior, procurando despojar-se interiormente pelo bem das almas:

“Oh! que alegria poder mortificar-me em favor das almas imortais! Sei que o grão de trigo, para se tornar alimento, tem que ser esmagado e triturado entre as mós. Assim também eu, para ser útil à Igreja e às almas, tenho que ser destruída, embora exteriormente ninguém perceba o meu sacrifício. Ó Jesus, quero ficar oculta exteriormente, como essa Hóstia, na qual o olho nada percebe. E eu sou uma hóstia a Vós consagrada” (D. 641).

O Domingo de Ramos trouxe à Irmã Faustina uma experiência especial. A Irmã conheceu os sentimentos que invadiam o

Sacratíssimo Coração de Jesus no momento em que entrava em Jerusalém, aclamado em altas vozes por jovens e velhos. Embora todos em volta estivessem repletos de alegria, Jesus demonstrava incomum seriedade. O Senhor deu a conhecer à Irmã Faustina o quanto havia sofrido naquela ocasião. Nesse momento, ela já via apenas o próprio Jesus e seu Coração saturado da ingratidão dos homens.

Na terça-feira da Semana Santa, veio a Walendów o Padre Aloisio Bukowski, SJ, confessor extraordinário daquela casa, para administrar o Sacramento da Reconciliação. O padre Bukowski fora anteriormente confessor extraordinário do convento varsoviano na rua Zytnia. E a Irmã conhecia-o dos primeiros anos da sua estada nesse convento. A Irmã sentia que não podia adiar por mais tempo a questão da nova congregação, por isso, durante a confissão, falou tudo ao Padre. O Padre Bukowski respondeu: “Irmã, isso é uma ilusão. Nosso Senhor não pode exigir isso. A irmã tem votos perpétuos, tudo isso é um engano. A irmã está inventando uma espécie de heresia”. Propriamente o Padre quase que ralhou com ela em voz alta (D. 643).

Quando perguntou como deveria proceder, ele lhe disse: “Pois bem, a irmã não pode seguir nenhuma inspiração, deve ficar distraída, não prestar atenção ao que ouvir na alma, procurar exteriormente cumprir bem as suas obrigações e, sobre essas coisas, não pensar absolutamente. Viver em total distração” (D. 643).

Ela respondeu: “Está bem, até agora eu procedia de acordo com a minha própria consciência, mas a partir de agora, se o padre manda que eu não preste atenção à minha vida interior, deixarei então de o fazer”.

O Padre disse então: “Se Nosso Senhor novamente lhe disser alguma coisa, faça o favor de me contar, mas a irmã por si mesma não tome qualquer iniciativa”. “Está bem, procurarei ser obediente” – respondeu Irmã Faustina (D. 643).

A Irmã não compreendia por que o Padre era tão severo. Quando se afastou do confessor foi oprimida por uma multidão de pensamentos diversos. Por um lado, achava bom não ser obrigada mais a prestar atenção à voz interior, pois isso lhe pouparia muitas humilhações até agora tão frequentes, contudo sentia em sua

alma uma estranha dor. Desde o momento da proibição do confessor, sua alma foi envolvida pelas trevas.

O sofrimento dela intensificou-se mais ainda na Quinta-feira Santa, quando o demônio começou a zombar dela. O relato que a Irmã deixou reflete muito bem as suas experiências daquele tempo:

“Quando vim para a meditação, entrei numa espécie de agonia, não sentia a presença de Deus, mas toda a Sua justiça pesou sobre mim. Via-me como que esmagada pelos pecados do mundo. O demônio começou a zombar de mim: ‘Estás vendo como agora não vais buscar a salvação das almas. Olha o pagamento que recebeste. Ninguém acreditará que Jesus está exigindo isso. Olha o que estás sofrendo agora e o que vais sofrer ainda, pois agora o confessor já te liberou de tudo isso’. — Agora posso viver como me aprouver, contanto que exteriormente tudo esteja bem. Esses pensamentos terríveis atormentaram-me uma hora inteira. Quando se aproximava a hora da santa Missa, a dor me apertou o coração — então eu tenho que sair da congregação? E se o padre me disse que se trata de uma heresia, tenho que me afastar da Igreja? — Chamei com uma voz interior e dolorosa pelo Senhor: ‘Jesus, salvai-me’. Contudo nem um raio de luz entrava em minha alma e sentia que as forças estavam me abandonando como se o corpo estivesse se separando da alma. Submetia-me à vontade Divina e repetia: ‘Faça-se comigo, ó Deus, segundo o que decidistes, em mim já nada existe de meu’. Então, de repente, envolveu-me a presença de Deus e transpassou-me toda, até a medula dos ossos. Era a hora de receber a santa Comunhão. Logo depois da Comunhão, perdi a consciência de tudo que me cercava e de onde eu estava.

Então, vi Nosso Senhor como está pintado na Imagem. Ele me disse: **Diz ao confessor que essa obra é Minha e que estou te utilizando como um modesto instrumento.**— E eu disse: ‘Jesus, eu nada posso fazer do que me mandais, porque o confessor me disse que tudo isso é ilusão, e não devo obedecer a qualquer ordem Vossa e nada devo fazer do que me recomendardes agora. Perdoai-me, Senhor, nada posso fazer, eu tenho que obedecer ao confessor. Jesus, peço-Vos perdão

de todo o coração. Vós sabeis quanto estou sofrendo por esse motivo, mas paciência, Jesus, o confessor não me permitiu seguir as Vossas ordens'. — Jesus ouvia com bondade e satisfação esses meus argumentos e queixas. Eu pensava que isso ofenderia muito a Nosso Senhor, mas, ao contrário, Jesus estava satisfeito e disse-me bondosamente: **Fala sempre ao confessor de tudo o que Eu te recomendo e digo, e faz apenas aquilo para o que obtiveres autorização. Não te assustes e não tenhas medo, Eu estou contigo.**— A minha alma encheu-se de alegria. Desapareceram todos os pensamentos que me atormentavam, e a certeza e a coragem voltaram à minha alma.

Em seguida, porém, comecei a sofrer os tormentos que Jesus sofreu no Jardim das Oliveiras. Isso durou até sexta-feira de manhã. Na sexta-feira, vivi a Paixão de Jesus, mas já de outra forma. Nesse dia, veio de Derdy nos visitar o frei Bukowski. Uma força estranha me impelia a confessar-me e contar tudo o que me sucedera e o que Jesus me disse. Quando falei disso ao padre — o padre estava completamente diferente e me disse: “A irmã não tenha medo, nada de mal lhe acontecerá, porque Nosso Senhor não permitirá. Se a irmã for obediente e perseverar nessa disposição, não precisa preocupar-se. Deus encontrará uma maneira de realizar essa obra. Mantenha sempre essa simplicidade e fale de tudo à Madre geral. O que eu disse foi para prevenir a irmã, porque até pessoas santas têm ilusões, e, a isso pode se juntar ainda alguma sugestão do demônio, e, às vezes, de nós mesmos. Portanto é preciso tomar cuidado. A irmã continue procedendo como até agora. A irmã está vendo que Nosso Senhor não está zangado com isso. A irmã pode repetir essas coisas que agora lhe sucederam ao seu confessor permanente”.

Uma coisa eu compreendi: que devo rezar muito por cada um dos meus confessores pedindo as luzes do Espírito Santo, porque, quando me aproximo do confessionário e antes não rezo com fervor, o confessor não me compreende muito” (D. 644-647).

Às três horas da Sexta-feira Santa, a Irmã viu Nosso Senhor na Cruz. O Senhor olhou para ela e disse: “**Tenho sede**”. A seguir, viu dois raios saindo do lado de Jesus, como no Quadro, o que despertou nela o desejo de salvar as almas e de se aniquilar em prol dos pobres pecadores. Juntamente com Jesus agonizante, ofereceu-se ao Pai Eterno pela salvação do mundo todo (D. 648).

No domingo de Páscoa, 12 de abril de 1936, a alma da Irmã estava mergulhada em Deus. Desejava unicamente que a vontade do Senhor se cumprisse nela e por ela, glorificava a insondável Misericórdia de Deus:

“Ó meu Jesus, meu Mestre e Guia, fortalecei-me, iluminai-me nesses momentos difíceis da minha vida. Não espero ajuda dos homens. Em Vós está toda a minha esperança. Sinto que estou sozinha diante das Vossas exigências, Senhor. Apesar dos receios e aversões da natureza, estou cumprindo a Vossa santa vontade e desejo cumpri-la o mais fielmente possível durante toda a vida e na hora da minha morte. Jesus, Convosco tudo posso, fazei comigo o que Vos aprouver, dai-me apenas o Vosso Coração misericordioso, e isso me basta. Ó meu Jesus e meu Senhor, ajudai-me. Faça-se comigo o que decidistes antes dos séculos. Estou pronta (...) Ó Deus inconcebível, como é imensa a Vossa misericórdia! Ela ultrapassa todo o entendimento humano e angélico juntos. Todos os anjos e homens saíram das entranhas da Vossa misericórdia. A misericórdia é a flor do amor. Deus é amor; e a misericórdia, a Sua obra. No amor se concebe, na misericórdia se manifesta. Tudo que vejo me fala da Sua misericórdia. Até a própria justiça de Deus fala-me da Sua imperscrutável misericórdia, porque a justiça nasce do amor” (D. 650-651).

O estado de saúde de Irmã Faustina agravava-se cada vez mais. Duas semanas depois da Páscoa, ela foi transferida para Derdy onde havia um instituto para moças. Derdy localizava-se a apenas um quilômetro de Walendów e a casa estava sob a administração da mesma Madre superiora. O instituto de Derdy era cercado por bosques. A Irmã deleitava-se com o silêncio, a paz e também com a beleza da natureza, na qual percebia a nítida presença de Deus. Tinha um trabalho relativamente leve, com mais

tempo para o descanso e a oração. Irmã Faustina guardou muitas lembranças agradáveis de Derdy. Sentia-se como se estivesse em Nazaré. Na atmosfera tranquila dessa casa, sua alma saiu fortificada. Ela estava tão feliz que, numa carta de 10 de maio de 1936, partilhou a sua alegria com o Padre Sopoćko.

No entanto, os médicos estavam certos de que Irmã Faustina, após a sua séria doença em Wilno, em 1934, não havia propriamente recuperado a saúde. Fora transferida a Walendów e, mais tarde, a Derdy, em razão do seu estado de saúde, mas ambas as casas estavam situadas em povoados e desses locais até Varsóvia o acesso era um tanto difícil. Irmã Faustina iria enfrentar mais uma mudança. Dessa vez, devia ir a Cracóvia, onde a assistência médica sempre estava acessível.

Irmã Faustina partiu de Derdy no dia 11 de maio. Antes disso, despediu-se de sua amiga, a Irmã Justina e, no maior segredo, disse-lhe que morreria no outono, dentro de dois anos, e que nunca mais elas se encontrariam na terra. “Enquanto eu vivo, você não pode falar disso a ninguém” – disse ela. Irmã Justina manteve o segredo como Irmã Faustina lhe havia pedido.

Novas proações

Irmã Faustina estava imensamente feliz com a sua volta a Cracóvia. Estava certa de que agora conseguiria finalmente cumprir todas as recomendações de Jesus. Pensava, evidentemente, na nova congregação. Confidenciou aí suas inspirações ao Padre José Andrasz, SJ. O Padre Andrasz prometeu que lhe daria uma resposta na festa do Sagrado Coração e pediu que até então ela rezasse e oferecesse algumas renúncias nessa intenção. A Irmã, no entanto, sentia-se tão pressionada a sair da Congregação que disse ao Padre na confissão que já havia decidido fazer isso. O Padre respondeu: “Se a Irmã decidiu sozinha, a Irmã será responsável por si mesma, então a Irmã pode ir.” Irmã Faustina estava feliz porque finalmente tinha se decidido. No entanto, no dia seguinte, abandonou-a repentinamente a presença de Deus, e sua alma foi envolvida pelas trevas, de modo que não podia rezar. Resolveu adiar a questão da saída da Congregação até a conversa com o Padre Andrasz. O

confessor tinha-lhe explicado que essas mudanças na alma são frequentes e não constituem um obstáculo para a ação (D. 655).

Quando Irmã Faustina falou de tudo à Madre Michaela, a Madre geral respondeu: “Irmã, eu estou fechando a irmã no sacrário com Nosso Senhor. Aonde quer que a irmã vá, será a vontade de Deus”. Assim a luta interior continuava (D. 656).

Certo dia, em junho, a Irmã escreveu:

“Ó meu Jesus, como me alegro imensamente por me terdes dado a garantia de que essa congregação vai existir. Já não tenho nem sombra de dúvida quanto a isso e vejo que grande glória ela dará a Deus; será o reflexo do maior atributo que existe em Deus, isto é, a Misericórdia de Deus. Incessantemente pedirão a misericórdia de Deus para si mesmas e para todo o mundo, e toda obra de caridade será decorrente do amor de Deus, do qual estarão embebidas. Procurarão se familiarizar com esse grande atributo de Deus, viver com ele e esforçar-se para que outros o conheçam e confiem na bondade de Deus. Essa congregação da Misericórdia Divina será na Igreja de Deus tão escondida e silenciosa como uma colmeia num jardim magnífico. As irmãs trabalharão como abelhinhas, para alimentar de mel as almas do próximo, e a cera deve fluir para a glória de Deus.

Compreendi que devo cumprir essa vontade de Deus apesar das contrariedades, perseguições, sofrimentos de todo tipo, apesar das aversão e do receio da minha natureza.

Compreendi que todo o esforço para atingir a perfeição e toda a santidade consiste no cumprimento da vontade de Deus. O perfeito cumprimento da vontade de Deus é, sem sombra de dúvida, a plenitude da santidade. Receber a luz de Deus, conhecer o que Deus quer de nós e não fazê-lo é uma grande injúria à Sua majestade. Uma alma assim merece que Deus a abandone por completo. É semelhante a Lúcifer, que tinha uma grande luz e não cumpria a vontade de Deus. Uma extraordinária paz dominou a minha alma, quando comecei a refletir que, apesar das grandes dificuldades, eu sempre segui fielmente a vontade de Deus conhecida” (D. 664-666).

Nos meses de junho e julho, Irmã Faustina teve muitas decepções quanto aos superiores. Tinha que suportar também as acusações e os sorrisos irônicos das irmãs com quem convivía. O desejo de cumprir a vontade de Deus e, ao mesmo tempo, a falta de confirmação da parte do confessor e das autoridades religiosas trouxe-lhe muito sofrimento e tristeza. Contudo, suportava tudo em silêncio e total tranquilidade. Para piorar a situação, o estado da sua saúde continuava se agravando. Três anos antes ela havia falado ao médico de uma dor nos pulmões, mas os exames, da mesma forma que a análise do escarro, não demonstraram nenhuma doença. “E, no entanto, dói” – havia sido, então, a silenciosa resposta da Irmã.

Entretanto, nesses dias difíceis ocorreram também momentos de indizível felicidade. No dia 7 de agosto de 1936, Irmã Faustina viveu uma enorme alegria – recebeu uma brochura sobre a Misericórdia Divina, editada em Wilno, de autoria do Padre Sopoćko. Na capa havia uma estampa – cópia da Imagem de Jesus Misericordioso. A Irmã escreveu no Diário:

“Ao mergulhar em oração de ação de graças, vi, de repente, Nosso Senhor numa grande claridade como está pintado, e aos pés de Jesus vi o frei Andrasz e o padre Sopoćko. Ambos seguravam canetas na mão. Das pontas de ambas as canetas saíam feixes de luz e fogo semelhante ao relâmpago que atingia uma grande multidão, dirigindo-se não se sabe aonde em sua corrida. Aqueles que foram atingidos por esse raio afastavam-se da multidão e estendiam os braços para Jesus. Uns voltavam com grande alegria; e outros, com muita dor e pesar. Jesus olhava com grande bondade para ambos. Em seguida, fiquei apenas com Jesus e disse: ‘Jesus, levai-me já, porque a Vossa vontade já foi cumprida’. E Jesus me respondeu: **Ainda não se cumpriu em ti toda a Minha vontade, ainda sofrerás muito, mas Eu estou contigo, não tenhas medo**” (D .675).

Ocasões de confiança na Misericórdia

No dia 14 de setembro, encontrava-se em Cracóvia o Arcebispo de Wilno, Romualdo Jalbrzykowski. O Arcebispo fez uma visita à casa da Congregação em Łagiewniki. Embora a sua visita fosse

muito curta, Irmã Faustina conseguiu conversar com ele sobre a obra da Misericórdia Divina. O Arcebispo via essa questão com muito bons olhos. Disse ele: “A irmã fique inteiramente tranquila. Se isso estiver nos desígnios da providência de Deus, será realizado. Por agora, a irmã reze, pedindo um sinal exterior mais claro. Que Nosso Senhor permita à irmã conhecer melhor esse assunto. Queira esperar mais um pouco. Nosso Senhor encaminhará de tal forma as circunstâncias que tudo ficará bem” (D. 693).

É possível que o Arcebispo tenha percebido a péssima aparência de Irmã Faustina e tenha chamado a atenção da Madre superiora a respeito disso. Em todo o caso, no dia 19 de setembro, a Irmã foi enviada a um médico especialista em doenças pulmonares. O médico não escondeu a sua inquietação. Após a visita, Irmã Faustina e a irmã que a acompanhava entraram por um momento na capela do hospital. Irmã Faustina ouviu, então, na alma as palavras: **“Minha filha, restam só mais algumas gotas no teu cálice, e já não vai demorar muito”** (D. 694). Sua alma encheu-se de alegria. Era o primeiro chamamento do Senhor

Cinco dias depois, na noite de 24 de setembro, Irmã Faustina foi despertada por dores muito fortes que duraram cerca de três horas. O sofrimento era tão grande que a Irmã não podia realizar o menor movimento, não podia sequer engolir a saliva. Contudo, não pediu ajuda, mas entregou-se inteiramente à vontade divina. Ela pensava que havia chegado o dia da sua morte, dia por ela tão desejado. Quando as dores cessaram, ela começou a suar. Cada movimento provocava mais um acesso de dores, de modo que não tinha coragem de se mexer. Na manhã seguinte, Irmã Faustina não sentia mais as dores físicas, mas estava tão cansada que não pôde levantar-se para ir à santa Missa. Pensou consigo: “Se após tais sofrimentos não ocorria a morte, quão grandes deviam ser os sofrimentos da morte!” Somente a confiança na infinita Misericórdia de Deus fez com que o seu temor cessasse (D. 696).

Dias depois desse episódio, Irmã Faustina anotou no Diário as palavras que atualmente são consideradas como a mensagem mais importante por ela recebida sobre a Festa da Misericórdia Divina:

“Minha filha, fala a todo o mundo da Minha inconcebível misericórdia. Desejo que a Festa da Misericórdia seja

refúgio e abrigo para todas as almas, especialmente para os pecadores. Nesse dia, estão abertas as entranhas da Minha misericórdia. Derramo todo um mar de graças sobre as almas que se aproximarem da fonte da Minha misericórdia. A alma que se confessar e comungar alcançará o perdão das culpas e das penas. Nesse dia, estão abertas todas as comportas Divinas pelas quais fluem as graças. Que nenhuma alma tenha medo de se aproximar de Mim, ainda que seus pecados sejam como o escarlata. A Minha misericórdia é tão grande que, por toda a eternidade, nenhuma mente, nem humana, nem angélica, a aprofundará. Tudo o que existe saiu das entranhas da Minha misericórdia. Toda alma contemplará em relação a Mim, por toda a eternidade, todo o Meu amor e a Minha misericórdia. A Festa da Misericórdia saiu das Minhas entranhas. Desejo que seja celebrada solenemente no primeiro domingo depois da Páscoa. A humanidade não terá paz enquanto não se voltar à fonte da Minha misericórdia” (D. 699).

O Senhor repetiu isso a Irmã Faustina ao menos catorze vezes, enfatizando, dessa forma, como é importante para Ele essa mensagem (D. 49, 88, 280, 299, 341, 420, 570, 699, 742, 964, 998, 1072, 1082, 1109, 1517).

Enquanto isso, àquela que recebeu essa mensagem Jesus dava mais ocasiões para se exercitar na confiança em Sua Misericórdia. Irmã Faustina sentia agora cansaço e dor incessantes. Certo dia, falou disso à Madre superiora. A Madre respondeu que ela devia acostumar-se com o sofrimento. A Irmã ouviu respeitosamente as suas palavras e se afastou. Pensou que, se a Madre superiora conhecida pelo seu amor ao próximo e pelo carinho que devotava às irmãs doentes, não a compreendia – isso significava que Jesus estava permitindo essas provações. Por isso, apesar da dor foi trabalhar no campo. Naquele dia, o calor era insuportável, mesmo para uma pessoa sadia e que não trabalhasse. Antes do meio-dia, a Irmã interrompeu por um momento o trabalho, olhou para o céu e com grande confiança disse ao Senhor: “Jesus, cobri o sol, porque já não posso aguentar mais este calor”. Nesse momento, uma nuvem branca cobriu o sol e, a partir de então, o calor já não era tão intenso.

Quando um pouco mais tarde Irmã Faustina se censurava por ter pedido alívio para si mesma, o próprio Jesus a tranquilizou. O sofrimento da irmã intensificava-se a cada dia, mas aumentavam também as graças para suportá-lo. Na união com Deus, ela encontrava paz interior e força. O tema do exame de consciência diário da Irmã era a união com Jesus Misericordioso. Ela sabia que essa união lhe trazia uma extraordinária força interior. E assim, em cada situação, a ação de Irmã Faustina estava subordinada à Misericórdia que brota do amor (D. 701).

Como já foi mencionado, os anjos serviam à Irmã de maneira especial. No dia 29 de setembro, dia de São Miguel Arcanjo, Irmã Faustina viu esse grande guia. O Arcanjo lhe disse: “Recomendou-me o Senhor que eu tivesse um especial cuidado por ti. Sabe que és odiada pelo mal, mas não temas. Quem como Deus!” O Arcanjo desapareceu, mas a partir de então a Irmã sentia junto de si a sua presença e ajuda (D. 706).

Na vida de Irmã Faustina, as graças continuavam entremeando-se com o sofrimento. No sanatório de Prądnik, o médico diagnosticou que Irmã Faustina estava com tuberculose e recomendou que fosse isolada das outras irmãs para evitar a propagação da doença. Irmã Faustina foi acomodada na parte do convento destinada aos doentes, mas não foi liberada das obrigações diárias.

Certo dia, ela sentiu que tinha que deitar-se mais cedo, porque não conseguiria aguentar até as nove. Pediu à irmã que estava de plantão na cozinha alguma coisa para comer, explicando que não se sentia bem e queria deitar-se. Essa irmã respondeu: “A irmã não está doente, apenas queriam lhe dar algum descanso a pretexto de uma doença” (D. 710). Irmã Faustina aceitou em silêncio esse julgamento precipitado, oferecendo-o a Deus como o fazia com as outras dores e feridas.

No dia 5 de outubro, a Irmã recebeu uma carta do Padre Sopoćko. As notícias contidas nessa carta encheram seu coração de alegria. O Padre Sopoćko planejava publicar um santinho de Jesus Misericordioso e pedia a Irmã Faustina que lhe enviasse uma certa oração contida em suas anotações, que seria impressa no verso do santinho, se o Arcebispo expressasse o seu consentimento. A irmã anotou então no Diário:

“Oh! de quanta alegria se enche meu o coração por Deus me ter permitido ver essa obra da Sua misericórdia. Oh! Grande é essa obra do Deus Altíssimo! Eu sou apenas o Seu instrumento. Oh! quão ardentemente desejo ver essa Festa da Misericórdia Divina que Deus está exigindo através de mim, mas se for a vontade de Deus; e se essa venha a ser celebrada solenemente só depois da minha morte, eu me alegrarei com ela desde agora e já a celebro interiormente com a permissão do confessor” (D. 711).

No dia 11 de outubro, quando Irmã Faustina estava escrevendo sobre a grande Misericórdia de Deus e sobre o seu proveito para as almas, de repente sentiu no quarto a presença do demônio. Com grande raiva e fúria, o espírito mau fazia de tudo para perturbar a paz da Irmã. Ela se assustou, mas logo pegou o crucifixo e fez com ele o sinal da cruz. Imediatamente essa monstruosa figura acalmou-se e desapareceu, e a Irmã continuou a escrever tranquilamente (cf. D. 713). A raiva e o ódio do demônio manifestavam-se, muitas vezes, nos momentos em que Irmã Faustina escrevia sobre a Misericórdia de Deus. O espírito mau ficava ainda mais encolerizado por não poder perturbar a paz da Irmã.

Certo dia, também em outubro, o Senhor disse a ela: **“Vai falar com a superiora e diz que desejo que todas as irmãs e crianças rezem esse Terço que te ensinei. Devem rezá-lo por nove dias na capela, com o objetivo de pedir perdão a meu Pai e pedir Misericórdia de Deus para a Polônia”** (D. 714).

A Irmã respondeu que devia primeiro falar sobre isso com o Padre Andrasz. No entanto, em razão de certas circunstâncias a que não devia dar atenção, como ela mesma confessou, não falou disso ao Padre imediatamente, mas decidiu fazê-lo por ocasião da sua próxima visita. Conheceu, entretanto, como isso havia desagradado a Deus. A permanente e nítida presença de Deus abandonou-a imediatamente, e a sua alma foi envolvida por tamanha escuridão que ela não sabia se estava em estado de graça. Por quatro dias, deixou de comungar, o que constituía para ela um grande sacrifício. Quando viu novamente o Padre Andrasz, contou-lhe tudo. O confessor consolou-a com as palavras: “A Irmã não perdeu a graça de Deus. Mas mesmo assim, continue a Lhe ser fiel.” No momento

em que a Irmã se afastava do confessional, novamente foi inundada pela presença de Deus. Compreendeu que “a graça de Deus deve ser aceita como Deus a envia e da maneira como Ele quer. É preciso aceitá-la tal como Deus nô-la envia”. Irmã Faustina fez o propósito de ser fiel até à menor das graças divinas (D. 715).

Naquela noite, o sofrimento físico não permitia que a Irmã adormecesse. Ela aproveitou para se preparar para, no dia seguinte, receber Jesus na santa Comunhão. Jesus lhe disse:

“E porque és tamanha miséria, desvendei-te todo o mar da Minha misericórdia. Procuro e anseio por almas como a tua, mas elas são poucas. Tua grande confiança em Mim Me obriga a conceder-te graças sem cessar. Tens grandes e inconcebíveis direitos ao Meu Coração, porque és uma filha cheia de confiança” (D. 718).

Uma outra vez, pouco depois desse acontecimento, Jesus disse a ela:

“As graças que te concedo não são apenas para ti, mas também para um grande número de almas... E no teu coração está continuamente a Minha morada. Apesar da tua miséria, uno-Me contigo e, pondo-a à parte, troco-a pela Minha misericórdia. Em cada alma realizo a obra da misericórdia e, quanto maior o pecador, tanto maiores direitos tem à Minha misericórdia. Em cada obra das Minhas mãos se confirma esta misericórdia. Quem confia na Minha misericórdia não perecerá” (D. 723).

Insólito retiro de oito dias

No dia 20 de outubro de 1936, devia iniciar-se um retiro de oito dias, pregado pelo Padre Ladislau Wojton, SJ. Quando Irmã Faustina pediu ao Senhor que lhe desse “ao menos um pouco de saúde, para que eu pudesse participar deste retiro”, sentiu uma estranha insatisfação. Interrompeu a sua oração de súplicas e começou uma oração de ação de graças por tudo o que Deus lhe enviava, submetendo-se inteiramente à sua santa vontade. Imediatamente uma profunda paz voltou à sua alma (D. 724).

Quando perguntava ao Senhor como devia proceder durante esse retiro, ouviu na alma as palavras:

“Desejo que te transformes toda em amor e que te consumas ardentemente como sacrifício puro de amor... (D. 726). Neste retiro, Eu te conservarei incessantemente junto do Meu Coração, para que conheças melhor a Minha misericórdia, a misericórdia que tenho para com os homens e, especialmente, para com os pobres pecadores” (D. 730).

Durante esse retiro, Irmã Faustina sentiu o ápice da sua união mística com Deus. O Senhor mostrou-lhe também os abismos do inferno e os tormentos que sofrem os condenados. Longas horas de meditação e de investigação intelectuais não lhe teria dado o conhecimento que obteve num só momento de união com Cristo. Por recomendação do Senhor, Irmã Faustina descreveu o inferno:

“Hoje, conduzida por um anjo, fui levada às profundezas do inferno. É um lugar de grande castigo e como é grande a sua extensão. Tipos de tormentos que vi: o primeiro tormento que constitui o inferno é a perda de Deus; o segundo — o contínuo remorso de consciência; o terceiro — o de que esse destino já não mudará nunca; o quarto tormento — é o fogo que atravessa a alma, mas não a destrói; é um tormento terrível, é um fogo puramente espiritual, aceso pela ira de Deus; o quinto — é a contínua escuridão, um horrível cheiro sufocante e, embora haja escuridão, os demônios e as almas condenadas veem-se mutuamente e veem todo o mal dos outros e o seu; o sexto — é a contínua companhia do demônio; o sétimo tormento — o terrível desespero, ódio a Deus, maldições, blasfêmias. São tormentos que todos os condenados sofrem juntos, mas não é o fim dos tormentos. Existem tormentos especiais para as almas, os tormentos dos sentidos. Cada alma é atormentada com o que pecou, de maneira horrível e indescritível. Existem terríveis prisões subterrâneas, abismos de castigo onde um tormento distingue-se do outro. Eu teria morrido vendo esses terríveis tormentos, se não me sustentasse a onipotência de Deus. Que o pecador saiba que será atormentado com o sentido com que pecou, por toda a eternidade. Estou escrevendo isso por ordem de Deus, para que nenhuma alma se escuse dizendo que não

há inferno, ou que ninguém esteve lá e não sabe como é. Eu, irmã Faustina, por ordem de Deus, estive nos abismos do inferno para que possa falar às pessoas e testemunhar que o inferno existe. Sobre isso agora não posso falar, tenho ordem de Deus para deixar por escrito. Os demônios tinham grande ódio contra mim, mas, por ordem de Deus, tinham que me obedecer. O que eu escrevi dá apenas uma pálida imagem das coisas que vi. Percebi, no entanto, uma coisa: o maior número das almas que lá estão, é justamente o daqueles que não acreditavam que o inferno existisse. Quando voltei a mim, não podia me refazer do terror de ver como as almas sofrem terrivelmente ali e, por isso, rezo com mais fervor ainda pela conversão dos pecadores, incessantemente, peço a misericórdia de Deus para eles. “Ó meu Jesus, prefiro agonizar até o fim do mundo nos maiores suplícios a ter que Vos ofender com o menor pecado que seja” (D. 741).

Durante esse retiro, Jesus deu igualmente à Irmã Faustina orientações claras sobre como realmente se deve prestar honra à sua Misericórdia:

“Minha filha, se por teu intermédio peço aos homens devoção à Minha misericórdia, debes ser a primeira a distinguir-te pela tua confiança Nela. Espero de ti atos de misericórdia que devem decorrer do amor para Comigo. Deves mostrar-te misericordiosa com os outros sempre e em qualquer lugar. Tu não podes te omitir, desculpar-te ou justificar-te.

Eu te indico três maneiras de praticar a misericórdia para com o próximo: a primeira é a ação; a segunda, a palavra e a terceira, a oração. Nesses três graus, repousa a plenitude da misericórdia, pois constituem uma prova irrefutável do amor por Mim. É desse modo que a alma glorifica e honra a Minha misericórdia. Sim, o primeiro domingo depois da Páscoa é a Festa da Misericórdia, mas deve haver também a ação, e estou exigindo o culto à Minha misericórdia pela solene celebração dessa Festa e pela veneração da Imagem que foi pintada. Por meio dessa Imagem concederei muitas graças às almas. Ela deve lembrar as exigências da Minha

misericórdia, porque mesmo a fé mais forte de nada serve sem as obras” (D. 742).

As palavras que Jesus havia dito à Irmã Faustina no início do retiro começaram a se realizar. Na Festa de Cristo Rei, comemorada no dia 25 de outubro de 1936, ela escreveu:

“Durante a santa Missa, envolveu-me tamanho calor interior de amor a Deus e de salvação das almas, que não sei como expressá-lo. Sinto-me toda incendiada e capaz de lutar contra todo o mal com a arma da misericórdia. Queima-me o desejo de salvar as almas. Percorro o mundo todo em todas as direções, vou até os seus confins, até os lugares mais selvagens, para salvar as almas. Faço-o por meio da oração e do sacrifício. Desejo que toda alma glorifique a misericórdia de Deus, para que cada uma sinta em si os efeitos dessa misericórdia. Os santos glorificam essa misericórdia do Senhor no céu, eu desejo glorificá-la já aqui na terra e divulgar a sua honra, tal como Deus o exige de mim” (D. 745).

Irmã Faustina estava consciente de que o seu enorme desejo de salvar almas estava levando-a a fazer de si mesma um sacrifício puro de amor, a percorrer o caminho demarcado pelas pegadas de Jesus. O caminho do sofrimento, do desprezo, do escárnio, das perseguições e das humilhações seria a sua sorte incessante. Ela concordou com tudo isso, porquanto sabia que Jesus não a abandonaria: “Meu Jesus, minha força e minha única esperança! Unicamente em Vós está toda a minha esperança. A minha confiança não será confundida” – escreveu ela (D. 746).

Após o retiro, durante a sua conversa com o Padre Andrasz, ela percebeu que o confessor lhe havia dado respostas claras e decididas a todas as perguntas relacionadas com as recomendações que lhe haviam sido dadas por Jesus. Parecia-lhe que também o Padre Andrasz devia sentir tudo isso. A irmã agradecia a Deus pela graça dos confessores cultos e pela Igreja, que os forma.

No entanto, o problema da saída da Congregação continuava sem solução. No dia 31 de outubro, depois do retiro, a irmã conversou mais uma vez sobre isso com a Madre geral. Ambas concordaram que ela deveria permanecer na Congregação, enquanto o Senhor não desse a conhecer à Madre, através de algum

sinal, que era vontade Sua que ela saísse. A Madre geral disse também à Irmã que ela rezasse pedindo esse sinal. Dessa forma, a questão foi adiada novamente. Apesar das pressões para fundar a nova congregação, Irmã Faustina estava inteiramente tranquila. Agora tudo dependia de Jesus. Ela disse ao Senhor: “Eu desejo amar-Vos em cada momento da minha vida. Se me mandardes ir, Jesus, para cumprir a Vossa vontade — irei. Se me mandardes ficar — ficarei. Não importa o que terei que sofrer, numa hipótese ou na outra” (D. 751).

Certo dia, de acordo com a recomendação de Jesus, Irmã Faustina disse à Madre geral que o Senhor queria que a Congregação rezasse o Terço para afastar a ira de Deus. A Madre respondeu que não poderia introduzir orações novas, não aprovadas pela Igreja. Apesar disso, pediu a fórmula do Terço, acrescentando que talvez o recitassem algum dia durante a adoração do Santíssimo Sacramento. “Seria bom que o padre Dr. Sopocho publicasse um livrinho com esse Terço, então seria mais fácil rezá-lo na congregação — porque assim é um pouco difícil” — disse ela (D. 752). Logo depois desse encontro, Irmã Faustina fez, no Diário, a seguinte anotação, sublinhando-a para assinalar como era importante:

Promessa do Senhor: **“As almas que rezarem este Terço serão envolvidas pela Minha misericórdia durante a sua vida e, de modo particular, na hora da morte”** (D. 754).

Estigmas invisíveis

Na sexta-feira, 20 de novembro de 1936, Irmã Faustina revelou mais uma fonte de sofrimento interior, a saber, os estigmas:

“Quando, pela primeira vez, experimentei esses sofrimentos, foi do seguinte modo: um dia, depois dos votos anuais, durante a oração, vi uma grande claridade. Dessa claridade, saíram raios que me envolveram e, com isso, senti uma dor horrível nas mãos, nos pés e no lado, e os espinhos da coroa. Eu sentia esses sofrimentos durante a santa Missa, nas sextas-feiras, mas isso durava apenas um breve instante. Isso repetiu-se em várias sextas-feiras e, depois deixei de sentir sofrimentos até o

momento presente, isto é, até o fim de setembro deste ano. Porém, ao longo dessa doença, na sexta-feira, durante a santa Missa, senti que me atingiam esses mesmos sofrimentos, isso se repete a cada sexta-feira e, algumas vezes, no encontro com uma alma que não está em estado de graça. Embora tal sofrimento seja raro e dure muito pouco — não deixa de ser terrível. Sem uma especial graça de Deus, não o suportaria. Exteriormente não tenho nenhum sinal desses sofrimentos. O que vai acontecer a seguir — não sei. Seja tudo pelas almas...” (D. 759).

Parece que o Senhor permitiu que as superiores da Irmã também se tornassem para ela causa de provações. “Vejo que até as superiores nem sempre compreendem o caminho pelo qual Deus me conduz, o que, aliás, não me surpreende” – escreveu Irmã Faustina no dia 21 de novembro de 1936. No dia seguinte, durante a confissão, o Senhor falou à Irmã pela boca do sacerdote, embora esse sacerdote não se desse conta disso. Ele não conhecia a alma de Irmã Faustina que, na confissão, apenas se acusou dos pecados. E no entanto, falou a ela palavras de consolo de que naquele dia ela estava tão necessitada: “Cumpra fielmente tudo o que Jesus está exigindo de ti, apesar das dificuldades. Saiba, ainda, que se as pessoas se aborrecem contigo, Jesus não está aborrecido e nunca se aborrecerá. Não leve em conta nenhuma consideração humana”. A feliz resposta interior de Irmã Faustina foi a seguinte: “Ó santo mistério, que grandes tesouros encerras em ti. — Ó santa fé, meu farol” (D. 761-763).

De uma carta recebida do Padre Sopoćko, no dia 24 de novembro, Irmã Faustina ficou sabendo os detalhes relacionados com a difusão da devoção à Misericórdia Divina e com a fundação da nova congregação. Após a leitura da carta, escreveu no Diário:

“Conheci através dessa carta que toda essa causa está sendo dirigida pelo próprio Deus e, como o Senhor a iniciou, também levará a termo. E, quanto mais dificuldades vejo, tanto mais tranquila fico. Oh! se em toda essa causa não houvesse a grande glória de Deus e proveito para muitas almas, o demônio não se oporia tanto, mas ele está sentindo o que perderá com isso. Agora compreendi que o demônio odeia mais do que tudo

a misericórdia; para ele, é o maior dos tormentos. Mas a Palavra do Senhor não passará, ela é viva. As dificuldades não sufocarão as obras de Deus, mas demonstrarão que elas são de Deus...” (D. 764).

Visão do Céu

Anteriormente, Irmã Faustina havia tido a visão do purgatório e do inferno. No dia 27 de novembro, enquanto estava acamada em razão da doença, teve agora uma visão do Céu. Ela a descreveu assim:

“Hoje estive no céu, em espírito, e vi as belezas inconcebíveis e a felicidade que nos espera depois da morte. Vi como todas as criaturas prestam incessantemente honra e glória a Deus. Vi como é grande a felicidade em Deus, que se derrama sobre todas as criaturas, tornando-as felizes: e então toda a glória e honra procedente da felicidade voltam à sua fonte e mergulham na profundidade de Deus, contemplando a Sua vida interior — o Pai, o Filho e o Espírito Santo, a Quem jamais compreenderão ou aprofundarão.

Essa Fonte de felicidade é imutável em sua Essência, mas sempre nova, jorrando para a felicidade de toda a criatura. Compreendo agora São Paulo, que disse: ‘Nem o olho viu, nem o ouvido ouviu, nem jamais imaginou o coração do homem o que Deus preparou para aqueles que O amam’.

E Deus me fez conhecer uma exclusiva e única coisa que, a Seus olhos, tem valor infinito que é o amor a Deus, amor, amor e, mais uma vez, amor — e nada pode ser comparado com um só ato de puro amor a Deus. Oh! que inconcebíveis favores Deus concede à alma que O ama sinceramente. Oh! feliz a alma que desfruta já aqui na terra de Seus especiais favores. Essas almas são as almas pequenas e humildes.

Essa grande majestade Divina que conheci mais profundamente e que os espíritos celestes glorificam de acordo com o grau de graça e a hierarquia em que se dividem, vendo essa potência e grandeza de Deus, não causou na minha alma nem terror nem medo. Não, não — absolutamente não. A minha

alma ficou repleta de paz e amor e, quanto mais conheço a grandeza de Deus, tanto mais me alegro por Ele ser assim. E alegro-me imensamente com Sua grandeza, e alegro-me por eu ser tão pequenina, porque, por eu ser pequena, Ele me toma nos Seus braços e me conserva perto do Seu Coração.

Ó meu Deus, quanta pena tenho das pessoas que não creem na vida eterna, como rezo por elas para que também elas sejam envolvidas pelo raio da misericórdia e mereçam o abraço paterno de Deus” (D. 777-780).

Irmã Faustina percebeu que a contínua perda de forças fazia que ela se tornasse hipersensível. Sabia que agora devia tomar mais cuidado consigo mesma. “Coisas a que nem teria dado atenção, quando estava com saúde, hoje me irritam” – escreveu ela, e rezava pedindo força que lhe permitisse, nesse dia, obter uma vitória interior. Agradecia também ao Senhor pela doença e pelos sofrimentos físicos, pois graças a eles podia passar longas horas aos pés do Deus oculto, horas que para ela eram como minutos. Havia perdido a noção do tempo (D. 783-784).

Lição de Nossa Senhora

Naquele ano a própria Virgem Maria ensinou a Irmã Faustina como ela devia preparar-se para as festas do Natal. No dia 29 de novembro, apareceu-lhe com o Menino Jesus e disse:

“Minha filha, busca o silêncio e a humildade, para que Jesus, que habita continuamente no teu coração, possa repousar. Adora-O no teu coração, não saias do teu interior. Pedirei para ti, minha filha, a graça da vida interior tal que, mesmo vivendo essa intimidade espiritual, sejas capaz de cumprir exteriormente todas as tuas obrigações com uma exatidão ainda maior. Permanece com Ele continuamente no teu próprio coração. Ele será tua força. Com as criaturas [relaciona-te] na medida em que a necessidade e os teus deveres o exigirem. És uma morada agradável para o Deus Vivo, na qual Ele permanece continuamente com amor e predileção, e a presença viva de Deus que sentes de maneira mais viva e clara te confirmará, minha filha, naquilo que Eu te disse. Procura proceder assim até

o Natal, e depois Ele mesmo te dará a conhecer de que maneira deverás conviver e unir-te com Ele” (D. 785).

No dia seguinte, durante as vésperas, a dor invadiu a alma da Irmã. Sentia que as enormes graças de Deus haviam se tornado para ela um peso demasiadamente difícil de suportar. As suspeitas e as dúvidas das superiores refletiam-se no relacionamento delas com a Irmã Faustina. Começaram a tratá-la com desconfiança. Ela escreveu em seu Diário:

“Meu Jesus, vejo que também tão grandes graças podem constituir sofrimento e, de fato, assim é; não somente pode, mas até deve haver sofrimentos por essa razão, para provar a ação Divina. (...) Quando, durante as vésperas, continuei a refletir sobre essa espécie de mistura de sofrimento e de graça, ouvi a voz da Mãe Santíssima: Sabe, minha filha, que embora Eu tenha sido elevada à dignidade de Mãe de Deus, sete espadas de dor transpassaram o Meu Coração. Nada faças para te defender, suporta tudo com humildade, e o próprio Deus te defenderá” (D. 786).

Durante o retiro de um dia, realizado em 1º de dezembro de 1936, Irmã Faustina pensava sobretudo no cumprimento da vontade de Deus que lhe havia sido revelada. No entanto, o Senhor deu-lhe a compreender que ela não devia dedicar tanto tempo a esse tipo de reflexões, não devia também despertar em si o temor diante das dificuldades que a aguardavam. Disse o Senhor: **“Deves saber que Eu estou contigo. Sou Eu que faço surgir as dificuldades e Eu as venço. Num só momento posso transformar as atitudes contrárias em favoráveis a esta causa”** (D. 788).

Renovada e fortalecida em espírito, Irmã Faustina fez certos propósitos mensais. Seu procedimento devia ser controlado pelas seguintes regras: nunca falar das próprias vivências; ter sempre o coração aberto para o sofrimento dos outros, mas submergir os seus próprios sofrimentos no Coração de Deus, de tal forma que, na medida do possível, permanecessem invisíveis; passar o Advento como lhe havia recomendado a Santíssima Virgem – em espírito de mansidão e humildade (D. 792).

A Irmã aguardava a vinda do Senhor com grande saudade, mergulhada em oração:

“Desejo que todos os povos conheçam o Senhor, desejo preparar todas as nações para receber o Verbo Encarnado. Ó Jesus, fazei que a fonte da Vossa misericórdia jorre com maior abundância, porque a humanidade está seriamente doente e, portanto, precisa mais do que nunca da Vossa compaixão. Vós sois um mar insondável de misericórdia para nós, pecadores, e quanto maior é a nossa miséria, tanto maior direito temos à Vossa misericórdia. Vós sois a Fonte que traz felicidade a todas as criaturas através da Vossa infinita misericórdia” (D. 793).

Sanatório

No dia 9 de dezembro de 1936, foi dito à Irmã Faustina que naquele mesmo dia ela partiria para o sanatório em Prądnik. O tratamento de que necessitava devia durar uns três meses. A Irmã aceitou com gratidão o desvelo das superiores, especialmente da Madre geral Michaela Moraczewska. Uma anotação no Diário revela-nos, no entanto, que a recuperação da saúde não era para ela algo mais desejado do que a morte. O único desejo da Irmã era o cumprimento da vontade de Deus (D. 795).

O sanatório, cerca de dez quilômetros distante de Cracóvia, era dirigido pelo Doutor Adam Silberg que um pouco antes havia aceitado a fé católica; e onde trabalhavam como enfermeiras as Irmãs da Congregação das Servas do Sacratíssimo Coração de Jesus. Fora justamente o doutor Silberg que, alguns meses antes, havia diagnosticado corretamente a doença de Irmã Faustina.

Irmã Faustina começou a recear um pouco um período tão longo de isolamento e de afastamento da Comunidade religiosa, mas Jesus lhe disse:

“Não estarás sozinha, porque Eu estou contigo sempre e em toda parte. Junto ao Meu Coração, nada temas. Sou eu mesmo a causa da tua partida. Fica sabendo que o Meu olhar acompanha cada movimento do teu coração com grande atenção. Levo-te para esse lugar isolado, para que Eu mesmo forme o teu coração de acordo com os Meus futuros desígnios. De que tens medo? Se estás Comigo, quem ousará tocar-te? No entanto, muito Me alegro que Me

confidencies teus receios, Minha filha. Fala-Me de tudo desta maneira tão simples e humana e Me causarás grande alegria. Eu te compreendo porque sou Deus-Homem. Essas palavras simples do teu coração Me são mais agradáveis do que os hinos compostos em Minha honra. Sabe, Minha filha, que quanto mais simples forem as tuas palavras, mais Me atrairás a ti. E agora, fica tranquila junto ao Meu Coração, deixa a caneta e prepara-te para a partida” (D. 797).

Levada ao sanatório pela Irmã Crisóstoma, Irmã Faustina foi acomodada num quarto individual, de modo que se sentia quase como uma carmelita enclausurada. Logo que Irmã Crisóstoma saiu, Irmã Faustina começou a rezar, recomendando-se à proteção especial da Mãe de Deus. A Santíssima Virgem disse que estava velando por todas as dificuldades e provações da Irmã. O próprio Jesus infundiu nela paz e vigor. Antes de se recolher, a Irmã foi ainda visitar o Santíssimo Sacramento, guardado numa capela um pouco afastada do prédio do sanatório. Jesus ensinou-lhe como devia comportar-se diante dos que a cercavam. A última anotação da Irmã Faustina daquele dia dizia: “O médico me dispensou os seus cuidados, vejo corações bondosos em minha volta” (D. 801).

Na manhã seguinte, Irmã Faustina levantou-se cedo e fez a meditação ainda antes da Missa, às seis horas da manhã. Quando voltou ao quarto depois da Missa, sentiu-se tão mal que teve que deitar-se imediatamente. Irmã Davida, que estava cuidando de Faustina, trouxe a ela um remédio que acabou não produzindo nenhum resultado. Naquela noite, Irmã Faustina não conseguiu rezar a hora santa das quintas-feiras. Tudo o que pode fazer foi unir-se com Cristo sofredor. Em sua doença, a Irmã fez a seguinte observação:

“O meu quarto está ao lado da sala dos homens. Não sabia que os homens eram tão tagarelas. Desde manhã até a noite conversam sobre diversos assuntos. Há muito mais silêncio na sala das mulheres. A mulher sempre é acusada de tagarelice — mas aqui tive a possibilidade de me convencer do contrário. É difícil a gente se concentrar na oração no meio desses risos e gracejos. Só não me perturbam quando a graça de Deus

apodera-se completamente de mim, porque, então, já não me dou conta do que acontece ao meu redor.

Meu Jesus, como estes homens falam tão pouco de Vós. Falam de tudo, menos de Vós, Jesus. E, quando falam pouco, com certeza nem pensam. Falam do mundo todo, mas a respeito de Vós, Criador, calam-se. Fico triste, Jesus, ao ver essa grande indiferença e ingratidão das criaturas. Ó meu Jesus, desejo amar-Vos por eles e desagruar-Vos com o meu amor” (D. 803-804).

Tempo de intercessão

O dia seguinte era uma sexta-feira. Irmã Faustina foi à santa Missa, mas logo após a Comunhão voltou ao quarto. Foi envolvida pela presença de Deus, por um breve momento sentiu em si a Paixão do Senhor. Obteve, nesse momento, um conhecimento mais profundo da obra da Misericórdia. Naquela noite, a Irmã acordou de repente com a sensação de que uma alma estava pedindo a sua oração e necessitava muito dessa oração. Numa oração breve, mas sincera, Irmã Faustina pediu a Jesus que concedesse a Sua graça a essa alma.

Na tarde seguinte, quando a Irmã entrou numa das salas, viu uma pessoa que agonizava. Disseram-lhe que o sofrimento da doente havia começado à noite. Graças a mais alguns detalhes, Irmã Faustina obteve a certeza de que a agonia havia começado exatamente no momento em que lhe foi dado sentir a necessidade de oração. Ouviu na alma a voz: **“Reza o Terço que te ensinei”**. Saiu correndo para buscar o rosário, ajoelhou-se junto à cama da agonizante e começou a rezar fervorosamente. De repente, a doente abriu os olhos e olhou para a Irmã. Antes que Irmã Faustina tivesse terminado de recitar o Terço, a mulher expirou muito tranquilamente. O Senhor deu a conhecer à Irmã que lhe havia concedido a graça prometida. “Essa alma foi a primeira em quem se cumpriu a promessa do Senhor”– escreveu Irmã Faustina (cf. D. 810). Quando entrou no seu quarto ouviu as palavras:

“Defendo toda alma que recitar esse Terço na hora da morte, como se fosse a Minha própria glória, ou quando

outros o recitarem junto a um agonizante — eles conseguirão a mesma indulgência. Quando recitam esse Terço junto a um agonizante, aplaca-se a ira de Deus, a misericórdia insondável envolve a alma e abrem-se as entranhas da Minha misericórdia, movidas pela dolorosa Paixão do Meu Filho” (D. 811).

Por três semanas, Irmã Faustina não podia ir confessar-se. Os motivos eram vários: doença, visita ao médico e mais uma visita no hospital. Tudo isso aconteceu nos dias destinados ao Sacramento da Reconciliação. Irmã Faustina começou a chorar em determinado momento, pois sentia que tinha muita necessidade desse sacramento. À tarde, entrou no seu quarto o Padre Andrasz e imediatamente dispôs-se a ouvir em confissão. A Irmã escreveu:

“Fiquei imensamente feliz, porque eu desejava muito me confessar. Desvendei toda a minha alma como de costume. O padre respondia-me a cada um dos pormenores. Eu me sentia estranhamente feliz por poder dizer tudo. Como penitência mandou que eu rezasse a ladainha ao Nome de Jesus. Quando eu queria apresentar a dificuldade que teria para rezar essa ladainha, levantou-se e concedeu-me a absolvição. De repente, uma grande claridade começou a envolver a sua figura, e vi que não era frei Andrasz, mas Jesus. Suas vestes eram brancas como a neve. Desapareceu imediatamente. De início, fiquei um pouco perturbada, mas, em seguida, uma espécie de paz invadiu a minha alma. Percebi que Jesus ouvia em confissão como os confessores, mas durante essa confissão uma coisa estranha tomava conta do meu coração, e eu não podia compreender, de início, o que isso significava” (D. 817).

Todas as orações e sofrimentos do dia 16 de dezembro, Irmã Faustina ofereceu pela Rússia. Após a comunhão, Jesus disse à ela: **“Não posso suportar por mais tempo esse país; não Me tolhas as mãos, Minha filha”**. Irmã Faustina compreendeu que, se não fosse a oração das almas agradáveis a Deus, essa nação já não existiria mais. “Oh! como sofro por causa dessa nação que expulsou Deus das suas fronteiras” – escreveu ela (D. 818).

O dia seguinte Faustina ofereceu pelos sacerdotes. À noite escreveu: “Nesse dia, sofri mais do que em qualquer outro — tanto

interior como exteriormente. Eu não sabia que era possível sofrer tanto num só dia. Procurei fazer a Hora santa na qual o meu espírito sentiu o amargor do Jardim das Oliveiras” (D. 823).

Trabalho e missão

No isolamento em que havia conduzido, Jesus também a instruía incessantemente como sua filha amada e permitia-lhe adentrar mistérios insondáveis. “Existe um segredo - escrevia irmã Faustina - que me une com o Senhor, do qual ninguém pode saber, nem mesmo os anjos. E ainda que o quisesse revelar, não saberia como expressá-lo: no entanto, é dele que vivo e viverei pelos séculos. Esse segredo me distingue das outras almas aqui na terra e na eternidade” (D. 824).

Depois escrevia com emoção sobre o dia da sua morte:

“Ó dia claro e belo em que serão realizados todos os meus desejos! Ó dia desejado que serás o último da minha vida! Alegro-me com esse último retoque que meu Divino Artista traçará na minha alma, que me dará uma beleza particular e que me distinguirá da beleza das outras almas. Ó grande dia, em que se confirmará o amor de Deus em mim! Nesse dia, pela primeira vez, entoarei diante do céu e da terra o cântico da insondável misericórdia do Senhor. Essa é a minha obra e a missão que o Senhor me destinou desde a fundação do mundo. Para que o cântico da minha alma seja agradável à Santíssima Trindade, guiai e formai Vós mesmo a minha alma, ó Espírito de Deus. Armo-me de paciência e aguardo a Vossa chegada, Deus misericordioso, e quanto às terríveis dores e ao medo da agonia — nesse momento confiarei, mais do que nunca, no abismo da Vossa misericórdia e lembro-Vos, ó compassivo Jesus, doce Salvador, de todas as promessas que me fizestes” (D. 825).

Embora a Irmã alcançasse na oração as alturas da virtude heroica, externamente vivenciava tudo como as outras pessoas. No dia 18 de dezembro, sentia-se muito triste e isolada, porque havia passado uma semana, e ninguém tinha vindo visitá-la. Quando se queixou disso a Jesus, Ele lhe respondeu: “**Não te basta que Eu te**

visite diariamente?” Irmã Faustina pediu perdão ao Senhor, e sua dor desapareceu (D. 827).

Durante a sua estadia no hospital, Irmã Faustina obtinha o conhecimento, mais frequentemente que de costume, de que algum agonizante necessitava de oração. Era também, nessas ocasiões, que se manifestava mais nitidamente a eficácia do Terço à Misericórdia Divina. A Irmã permanecia em oração até sentir paz em sua alma. O tempo dessa oração dependia do tempo da agonia do enfermo. Deus concedeu à Irmã Faustina uma extraordinária proximidade com os agonizantes, com aqueles que se encontravam perto, com aqueles que se achavam a centenas de quilômetros dela; com pessoas conhecidas ou completamente estranhas. Em uma de suas orações ela expressou a sua gratidão por essa graça incomum:

“Ó Deus de insondável misericórdia, que me permitis levar alívio e ajuda aos agonizantes pela minha indigna oração, sede bendito tantas mil vezes quantas estrelas há no céu e gotas de água em todos os oceanos. Que a Vossa misericórdia ressoe de todos os cantos do orbe terrestre e que se eleve até ao escabelo do Vosso trono, glorificando esse Vosso maior atributo, isto é, essa Vossa insondável misericórdia!

Ó Jesus dulcíssimo, que Vos dignastes permitir a mim, miserável, o conhecimento dessa Vossa insondável misericórdia; ó Jesus dulcíssimo, que tão amavelmente me pedistes que eu falasse ao mundo inteiro dessa Vossa inconcebível misericórdia, eis que tomo hoje nas minhas mãos os dois raios que jorraram do Vosso misericordioso Coração — isto é, o Sangue e a Água — e espalho-os por todo o globo terrestre, para que cada alma alcance a Vossa misericórdia e, recebendo-a, Vos glorifique por todos os séculos” (D. 835-836).

Durante as duas primeiras semanas da sua permanência no hospital, Irmã Faustina sofria, rezava e intercedia pelos outros. Visto que era o tempo do advento, preparava-se também para o momento solene da vinda de Jesus. A própria Virgem Santíssima ensinou à Irmã como deve ser a vida interior da alma com Jesus, especialmente durante a santa Comunhão. No dia 23 de dezembro de 1936, Irmã Faustina escreveu: “Só na eternidade conheceremos o

grande mistério que realiza em nós a Santa Comunhão. Ó momentos mais preciosos da vida!” (D. 840).

No dia 23 de dezembro, Irmã Faustina recebeu a visita da Irmã Crisóstoma. Ela lhe trouxe algumas maçãs, limões e também um pequeno pinheirinho de Natal. Transmitiu ao médico o pedido da Madre superiora, para que ele permitisse Irmã Faustina ir passar as festas de Natal em casa. O médico concordou de boa vontade. Irmã Faustina estava tão feliz que chorou como uma criança. A Irmã Crisóstoma ficou muito impressionada com a mudança que havia ocorrido na aparência de Irmã Faustina. “Sabe, Irmã Faustina – disse ela – decerto você vai morrer; a Irmã deve estar sofrendo muito”. Ela respondeu que, naquele dia, estava sofrendo mais do que de costume, mas que não era nada, que não era demais para salvar as almas (D. 842).

Na tarde seguinte, veio a Irmã Caetana, a fim de levar Irmã Faustina para passar o Natal no convento. Nem a viagem para casa arrancava a Irmã do seu recolhimento na oração. Quando estavam passando pela cidade, Irmã Faustina imaginava que estavam em Belém. Via as pessoas apressadas e refletia:

“Quem medita hoje sobre esse mistério em recolhimento e silêncio? Ó Virgem Imaculada, Vós hoje estais viajando, e eu estou em viagem. Sinto que a viagem de hoje tem o seu significado. Ó Virgem resplandecente, pura como o cristal, toda submersa em Deus, entrego-vos minha vida interior. Fazei tudo de forma que seja agradável ao vosso Filho” (D. 844).

Natal de 1936

De acordo com o seu costume, antes da ceia natalina Irmã Faustina foi à capela para espiritualmente repartir o opłatek com as pessoas mais próximas do seu coração. Apresentou cada uma delas ao Senhor pelo nome. Recomendou também a Deus todos os perseguidos, sofredores, aqueles que não conhecem o seu Nome, especialmente os pobres pecadores. Pedia que o Senhor envolvesse a todos com a imensidão da Sua inconcebível misericórdia.

Em razão do cansaço e de fortes dores, Irmã Faustina teve que deitar-se após o jantar. Velava, no entanto, aguardando juntamente

com a Mãe Santíssima o nascimento do Menino.

Durante a Missa do galo, logo antes da elevação, a Irmã viu Nossa Senhora, o Menino Jesus e São José. Nossa Senhora lhe disse: *“Minha filha Faustina, aqui tens o mais precioso tesouro”* – e entregou-lhe o Menino Jesus. A alegria da Irmã foi indescritível (D. 846).

No primeiro dia depois do Natal, o Padre Andrasz ouviu Irmã Faustina em confissão. A Irmã fez-lhe perguntas a respeito da fundação da congregação que lhe havia sido recomendada por Jesus. O Padre não respondeu a algumas perguntas, disse apenas que ela deveria primeiro recuperar a saúde e, nesse ínterim, procurar aproveitar bem as graças recebidas de Deus. Como penitência, devia rezar o Terço que lhe havia sido ensinado por Jesus. Enquanto o rezava, ouviu as seguintes palavras:

“Oh! que grandes graças concederei às almas que recitarem este Terço. As entranhas da Minha misericórdia comovem-se por aqueles que recitam este Terço. Anota estas palavras, Minha filha, fala ao mundo da Minha misericórdia; que toda a humanidade conheça a Minha insondável misericórdia. Este é o sinal para os últimos tempos. Depois dele virá o dia da justiça. Enquanto é tempo, recorram à fonte da Minha misericórdia, tirem proveito do Sangue e da Água que jorraram para eles” (D. 848).

Após essas palavras de Jesus, Irmã Faustina escreveu: “Ó almas humanas, onde vos escondereis no dia da ira de Deus? Recorrei agora à fonte da misericórdia de Deus. Oh! que grande número de almas vejo! — que glorificaram a misericórdia Divina e cantarão o cântico de glória pelos séculos” (D. 848).

Glória da obra da Misericórdia

No dia 27 de dezembro, Irmã Damiana levou Irmã Faustina de volta ao sanatório. O anseio por Deus que havia se intensificado mais ainda durante as festas natalinas, não diminuiu, mas crescia continuamente. Só de lembrar do Nome de Jesus, a sua alma elevava-se para Deus.

No dia seguinte, a Irmã começou uma novena à Misericórdia Divina na intenção do Arcebispo de Wilno e do Padre Sopoćko. Ela pedia ardentemente ao Senhor que fizesse com que o Arcebispo aprovasse logo o Terço e a Imagem da Divina Misericórdia. A novena consistia na recitação do Terço que Jesus lhe havia ensinado. Durante essa oração Irmã Faustina transportava-se espiritualmente diante da Imagem de Jesus Misericordioso.

No segundo dia da novena, Irmã Faustina viu essa Imagem como se fosse viva, decorada por inúmeros votos. Viu também multidões que se aproximavam dela e muitas pessoas repletas de felicidade.

Após a Comunhão, a Irmã ouviu na sua alma uma voz que dizia: **“Minha filha, fica vigilante, porque virei inesperadamente. - Jesus, não me quereis dizer a hora que eu aguardo com tanta ansiedade?. — Minha filha, para o teu próprio bem o saberás, mas não agora; fica vigilante”** (D. 854).

“Ó Jesus, fazei de mim o que quiserdes! Sei que sois o Salvador misericordioso e sei que não sereis diferente para mim na hora da morte. Se agora me demonstrais tanto amor especial e Vos dignais unir-Vos a mim tão confidencial e bondosamente, espero mais ainda na hora da morte. (...) Portanto, vinde como quiserdes e quando quiserdes. Pai de infinita misericórdia, eu, Vossa filha, aguardo com ansiedade a Vossa vinda” (D. 854).

No dia 30 de dezembro, durante o retiro de um dia, a irmã refletia sobre todas as graças que Deus havia derramado sobre ela durante o ano de 1936. Durante uma hora inteira, permaneceu mergulhada em adoração e ação de graças. “Tudo o que este ano encerrou em si calou fundo no abismo da eternidade - pensava ela. - Nada se perde; alegre-me porque nada se perde” (D. 855).

Na noite de 31 de dezembro de 1936, véspera do Ano Novo, Irmã Faustina intercedia em oração por seus pais e parentes, pela Madre geral, por toda a Congregação, pelas educandas e também por três sacerdotes a quem muito devia. Depois ofereceu a Deus o mundo inteiro, agradecendo à insondável Misericórdia de Deus pelas graças recebidas pelos homens e pedindo perdão por tudo com que eles O ofenderam.

À meia-noite, a Irmã despediu-se do ano que se findava. Na primeira hora do ano de 1937 que se iniciava, pensava com temor no tempo que a aguardava. Rezava assim: “Jesus Misericordioso, Convosco irei com bravura e coragem para o combate e as batalhas. Em Vosso Nome conseguirei tudo e tudo vencerei. Meu Deus, bondade infinita, peço-Vos que me acompanhe sempre e em tudo a Vossa infinita misericórdia” (D. 859).

Durante essa oração, Jesus libertou a Irmã do temor e revelou-lhe a grande glória que lhe traria a obra da Misericórdia. Essa experiência fez Irmã Faustina escrever: “Existem momentos na vida em que a alma encontra alívio apenas na oração profunda. Queira Deus que, em momentos assim, as almas possam perseverar na oração, isso é muito importante” (D. 860).

Consumindo-se no amor (1937)

No ano novo de 1937, Irmã Faustina fez o propósito de identificar-se com Cristo Misericordioso, isto é, proceder como Jesus procederia em situação idêntica. Fez o propósito também de envolver espiritualmente o mundo inteiro, especialmente a Rússia e a Espanha. Irmã Faustina anotou treze propósitos para o ano novo (D. 861). Percebe-se neles a decisão inquebrantável de perseverar no caminho da perfeição. A Irmã não tinha a intenção de permitir que a doença a afastasse do cumprimento daquilo que havia decidido.

A festa do Santíssimo Nome de Jesus, comemorada no dia 2 de janeiro, era para Irmã Faustina um dia especialmente importante. Quantas graças ela havia obtido justamente nesse dia. Por exemplo, no dia 2 de janeiro de 1934 havia visitado pela primeira vez o artista que pintou o quadro, e a Misericórdia de Deus havia finalmente recebido veneração especial na forma escolhida pelo Senhor.

Quanto mais Irmã Faustina progredia no caminho da perfeição, tanto mais sofrimento lhe acarretava o anseio pela união com Deus. “Ó Jesus – escreveu ela –que terrível deserto me parece esta vida. (...) Vós me deixastes, Senhor, a Hóstia santa, mas Ela inflama ainda mais a saudade que minha alma sente por Vós” (D. 867).

As anotações dela, no dia 6 de janeiro, tratam de toques da graça de Deus que a levavam a um amor mais intenso a Deus e ao próximo:

“Hoje, durante a santa Missa, mergulhei inconscientemente na infinita majestade de Deus. Toda a imensidão do amor de Deus inundou a minha alma. (...) Aproveitando da familiaridade que o Senhor me concede, pedi-Lhe pelo mundo todo. Nesses momentos, parece-me que o mundo todo depende de mim” (D. 870).

O amor ao próximo que havia em Irmã Faustina envolveu também os pecadores agonizantes. Por eles ofereceu as orações do dia 8 de janeiro. Após a Comunhão, dirigiu-se com confiança ao

Senhor dizendo: “Jesus, como desejo dizer-Vos uma coisa.” O Senhor olhou para ela com amor e disse: **“E o que é que desejais dizer-me?”**. Ao que Irmã Faustina respondeu:

“Jesus, peço-Vos, pelo inconcebível poder da Vossa misericórdia, que todas as almas que hoje falecerem sejam livradas do fogo do inferno, ainda que sejam os maiores pecadores. Hoje é sexta-feira, memorial da Vossa amarga agonia na Cruz, e os anjos não se admirarão disso porque a Vossa misericórdia é inconcebível.” — E Jesus estreitou-me ao Seu Coração e disse: **Filha querida, conseguiste conhecer bem a profundidade da Minha misericórdia. Farei como pedes, mas une-te continuamente ao Meu Coração agonizante e satisfaz a Minha justiça. Deves saber que Me pediste uma grande coisa, mas vejo que foste levada pelo puro amor para Comigo e, por isso, satisfaço o teu pedido”** (D. 873).

Nesse mesmo dia, Irmã Faustina sentiu-se chamada a oferecer ao Senhor, como reparação, a sua enorme dor. Essa dor estava relacionada com uma visita das irmãs da sua Congregação:

“Hoje, tive um grande sofrimento no momento em que as nossas irmãs vieram me visitar. Soube de uma coisa que feriu muito o meu coração; no entanto, dominei-me de tal modo que as irmãs de nada se aperceberam. Essa dor dilacerou o meu coração por um bom tempo, mas tudo isso é pelos pobres pecadores... Ó Jesus, pelos pobres pecadores... Jesus, minha força, ficai junto de mim, ajudai-me...”(D. 875).

Nunca ficaremos sabendo o que a Irmã havia ouvido, mas o sofrimento causado por essa notícia deve ter tido uma influência muito negativa no seu estado de saúde. Começou a ter febre, desmaiava, sentia uma grande fraqueza. Receava que essa indisposição não lhe permitisse receber a santa Comunhão, por isso rezava para obter junto ao Senhor a graça desejada:

“Meu Mestre, peço-Vos de todo o meu sedento coração, se for segundo a Vossa santa vontade, dai-me os sofrimentos e as fraquezas que quiserdes, eu desejo sofrer o dia e a noite toda, mas peço-Vos ardentemente, fortificai-me para o momento em que devo receber a santa Comunhão. Vós vedes, Jesus, que

aqui não trazem a santa Comunhão aos doentes, e, assim, se não me fortalecerdes para esse momento, a fim de que eu possa descer à capela, como Vos receberei no Mistério do Amor? — E sabeis como o meu coração anseia por Vós. Ó meu doce Esposo, para que tantas explicações? Vós sabeis como Vos desejo ardentemente e, se quiserdes, podereis fazê-lo por mim” (D. 876).

Na manhã seguinte, a Irmã sentiu-se bem. No entanto, quando voltou da capela todos os sofrimentos e fraquezas voltaram imediatamente, como se já estivessem esperando por ela. “No entanto, não tinha medo deles de maneira nenhuma, pois me havia fortalecido com o Pão dos Fortes. Olho corajosamente para tudo, mesmo para a própria morte, firmando nela o meu olhar” (D. 876).

Naquele dia, 12 de janeiro, durante a inspeção o médico verificou que a febre da Irmã havia subido sensivelmente. Decidiu que Irmã Faustina não poderia ir receber a Santa Comunhão enquanto a temperatura não voltasse ao normal. Após uma breve discussão, ambos concordaram que, se o tempo estivesse bom, se não chovesse e a Irmã se sentisse melhor, então ela poderia ir. Deveria, no entanto, ponderar tudo isso em sua consciência. Irmã Faustina estava muito feliz por ver que o médico era tão compreensivo com ela. Ela disse a Jesus: “Vedes, Jesus, já fiz o que dependia de mim; agora, conto Convosco e estou inteiramente tranquila” (D. 878).

A espiritualidade de Irmã Faustina aprofundava-se continuamente. Seus dias e suas noites decorriam na alegria da união com Deus, ou então na tristeza provocada pela consciência de se encontrar no exílio, longe do Céu.

O valor da obediência

No dia 22 de janeiro, o médico decidiu que Irmã Faustina não participaria de toda a Missa, mas apenas do momento da Comunhão. Ela falou disso ao seu confessor. Ele concordou com o médico e disse: “É a vontade de Deus que a irmã fique boa e, por isso, não pode mortificar-se seja com o que for” (D. 894).

Irmã Faustina sentia que as palavras do confessor eram palavras de Jesus. Era difícil para ela concordar com essa decisão, porque durante a santa Missa Deus lhe concedia a graça de ver o Menino Jesus. Decidiu, no entanto, colocar a obediência acima de tudo. Enquanto permanecia mergulhada em oração após a confissão, de repente viu Jesus. O senhor disse a ela: **“Minha filha, saibas que Me dás maior glória por um ato de obediência, do que por longas orações e mortificações”** (D. 894).

No dia 23 de janeiro, a Irmã não estava com vontade de escrever, o que podia ter como causa o sofrimento intensificado por que havia passado nos dias precedentes. Ouvia, então, na alma a voz:

“Minha filha, não vives para ti, mas para as almas. Escreve para o proveito delas. Sabes que a Minha vontade quanto a escrever já te foi confirmada tantas vezes pelos confessores. Conheces o que Me agrada mais e, se tens dúvida quanto às Minhas palavras, sabes a quem deves perguntar —concedo-lhe luz, para que julgue a Minha causa. O Meu olhar vela por ele. Minha filha, deves ser, diante dele, como uma criança, cheia de simplicidade e sinceridade. Põe a opinião dele acima de todas as Minhas exigências, e ele te conduzirá de acordo com a Minha vontade. Se não permitir que executes as Minhas ordens, fica tranquila, não te julgarei. Esse assunto ficará entre Mim e ele — tu só tens a obrigação de ser obediente” (D. 895).

Dois dias depois, ela continuava mergulhada no sofrimento e na amargura. “Ó Jesus, ó meu Jesus, hoje todos podem encher mais o meu cálice de amargura – escreveu ela – não importa se amigo ou inimigo, cada qual pode causar-me sofrimento (...). Hóstia santa, sustentai-me e fechai os meus lábios para murmurações e queixas” (D. 896).

Depois dos dois dias seguintes, o estado de saúde dela melhorou tanto que ela se sentia completamente bem.

“Jesus me traz das portas da morte à vida, pois já não faltava muito para morrer, e eis que novamente o Senhor concede-me a vida plena” - escreveu ela. Compreendeu que ainda não havia cumprido tudo o que lhe havia sido destinado pelo Senhor. “Não

me deixará por mais tempo no exílio, porque a minha casa é o céu - acrescentou - mas, antes de irmos para a pátria, temos que cumprir a vontade de Deus na terra, isto é, temos que passar por provações e lutas. (...). Como desejei a morte! Não sei se, alguma vez na vida, ainda terei tamanha saudade de Deus (...). Oh! como é feia a terra quando se conhece o céu! Preciso lutar contra mim mesma para viver, fazer-me violência para viver. Ó Vontade de Deus, só tu és meu alimento!” (D. 897-899).

Sacrifício pelos pecadores

No dia 29 de janeiro, a neve atingia os joelhos das pessoas. Naquela manhã, Irmã Faustina havia dormido um pouco demais e teve que se apressar muito para estar na capela na hora da Comunhão, pois a sua seção era bastante longe da capela. Ela saiu. Somente na capela lembrou-se de que o Dr. Silberg não lhe teria permitido sair com uma neve daquelas. Recebeu a Comunhão e logo voltou ao seu quarto. Ouvia em sua alma: **“Minha filha, descansa junto ao Meu Coração, conheço os teus esforços”** (D. 902).

No dia seguinte, a Irmã fez o retiro mensal de um dia. Renovou, então, o seu ato de oferecimento pelos pecadores:

“Ó Jesus, como tenho pena dos pobres pecadores! Jesus, concedei-lhes contrição e arrependimento, lembrai-Vos da Vossa dolorosa Paixão. Conheço a Vossa infinita misericórdia e não posso suportar que uma alma que tanto Vos custou tenha que perecer. Jesus, dai-me as almas dos pecadores, que a Vossa misericórdia descanse neles. Tirai-me tudo, mas dai-me as almas. Desejo tornar-me uma vítima de expiação pelos pecadores. Que o invólucro do meu corpo esconda o meu sacrifício, visto que também o Vosso Santíssimo Coração está escondido na Hóstia e, no entanto, sois um sacrifício vivo.

Transformai-me em Vós, ó Jesus, para que eu seja um sacrifício vivo e agradável a Vós. Desejo a todo momento dar-Vos satisfação pelos pecadores. A oblação do meu espírito, se esconde sob o véu do corpo. O olho humano não o percebe, e por isso é puro e agradável a Vós. Ó meu Criador e Pai de

grande misericórdia, confio em Vós, porque sois bondade pura. — Almas, não tenhais medo de Deus, mas confiai Nele, porque Ele é bom e eterna é a Sua misericórdia” (D. 908).

Irmã Faustina entregou-se a Deus inteiramente. Deus, a quem é impossível ultrapassar em liberalidade, também desejava entregar-se inteiramente a ela. Nesse período, Irmã Faustina obteve duas graças espirituais particulares: o conhecimento mais profundo da unidade das Três Pessoas Divinas na Santíssima Trindade e a experiência do desposório espiritual com Deus. Atingiu o momento em que podia dizer: “Não sei viver sem Ele. Prefiro estar com Ele em tormentos e sofrimento a ficar sem Ele nas maiores delícias do céu” (D. 911-912).

No dia 2 de fevereiro, embora Irmã Faustina sofresse muito, sua alma estava repleta de felicidade. Tinha dois motivos para isso: havia conhecido, através de uma revelação, o enorme valor do sacrifício da santa Missa e tinha obtido também uma grande graça rezando diante da Imagem de Jesus Misericordioso. Durante a Missa daquela manhã, havia visto Jesus sofrendo na Cruz um enorme tormento. O sofrimento do Senhor, de forma invisível mas extraordinariamente dolorosa, havia invadido a alma e o corpo da Irmã. Ela anotou:

“Oh! que terríveis mistérios ocorrem durante a santa Missa. (...) Com quanta devoção deveríamos ouvir e participar dessa morte de Jesus. Conheceremos um dia o que Deus faz por nós em cada santa Missa e o grande dom que nela nos prepara. Somente Seu amor Divino pôde proporcionar tal dádiva. Ó Jesus, meu Jesus, que grande dor domina a minha alma ao ver a fonte de vida que jorra com tanta doçura e força para cada alma. E, no entanto, vejo almas murchas que secam por sua própria culpa. Ó meu Jesus, fazei que a força da misericórdia envolva essas almas” (D. 914).

Nesse mesmo dia, Irmã Faustina sentiu-se compelida a rezar diante da Imagem que Jesus lhe havia recomendado pintar. Pegou nas mãos a brochura com a estampa da Misericórdia Divina na capa e disse ao Senhor: “Jesus, Vós mesmo me dissestes que concedereis muitas graças através desta Imagem, por isso peço-Vos a graça do santo batismo para esta judia [no quarto ao lado]”. No dia seguinte, o Senhor fez com que se criassem condições favoráveis ao batismo, antes que tivesse início a agonia. Uma enorme alegria

envolveu a Irmã quando, logo após a morte dessa mulher, viu sua alma entrando no Céu em surpreendente beleza. “A alegria reinou em minha alma – escreveu – por eu ter obtido diante dessa imagem uma tão grande graça para essa alma (...). Já é a segunda grande graça que aqui consegui para as almas diante dessa Imagem”. Jesus cumpriu a Sua palavra e honrou a confiança que Irmã Faustina havia depositado Nele (D. 916).

A Irmã sentia agora a sua vida na terra como um exílio. Desejava a felicidade celestial, mas queria permitir também que a vontade divina fosse a delícia de sua alma. “Deixai-me na terra enquanto quiserdes, ainda que seja até o fim do mundo” (D. 918).

No dia 7 de fevereiro de 1937, Jesus disse à Irmã:

“Estou exigindo de ti um sacrifício perfeito de oblação — o sacrifício da vontade. Nenhum outro sacrifício pode-se comparar com esse. Sou Eu mesmo que dirijo a tua vida e faço tudo de tal forma que sejas para Mim contínuo sacrifício. Farás sempre a Minha vontade e, para completar esse sacrifício, te unirás a Mim na Cruz. Sei o que podes. Eu mesmo te darei muitas ordens diretamente, mas atrasarei e farei depender de outros a possibilidade de execução das mesmas. Mas o que as superiores não conseguirem, Eu mesmo completarei diretamente em tua alma. E, no mais oculto recôndito da tua alma, haverá um sacrifício perfeito de holocausto, e não só por algum tempo, pois deves saber, Minha filha, que esse sacrifício durará até a morte. Mas virá o tempo em que Eu, o Senhor, satisfarei todos os teus desejos. Sinto por ti uma predileção, como por uma hóstia viva. Que nada te atemorize, porque Eu estou contigo” (D. 923).

Naquele mesmo dia, a obediência da Irmã foi submetida a uma prova. Ela havia recebido da Madre superiora uma carta com a proibição expressa de fazer visitas aos agonizantes. Então, em vez de, com a sua presença pessoal, rezar junto aos agonizantes, ela optou por ser obediente à Madre oferecendo a Jesus a sua obediência por esses agonizantes. Agora a obediência deveria ser para eles uma fonte de graça. Essa era a vontade de Deus, e isso

era suficiente para Irmã Faustina. Sabia que o que não podia compreender agora lhe seria revelado um dia.

Quaresma e Páscoa de 1937

Nos dias anteriores à Quarta-feira de Cinzas de 1937, o Senhor deu a conhecer à Irmã Faustina os pecados cometidos no mundo inteiro no período daquele carnaval. Essa revelação havia durado um instante apenas, mas fez com que ela desmaiasse de pavor. Embora conhecesse a profundidade da Misericórdia de Deus, admirava-se de que Deus ainda permitisse que a humanidade exista. O Senhor revelou-lhe que as almas escolhidas sustentam a existência do mundo. Quando se completar o número das almas escolhidas, a humanidade deixará de existir. Irmã Faustina ofereceu as suas Comunhões e tudo o que faria no decorrer desses dois dias como reparação pelos pecadores. “Que os golpes da Vossa Justiça atinjam a mim, e um mar de Misericórdia envolva os pobres pecadores” – pediu ao Senhor. Jesus ouviu a sua oração. Muitas almas voltaram a Ele. A Irmã, por sua vez, agonizava sob o peso da Justiça de Deus. Sentia que se havia concentrado sobre ela a Ira do Deus Altíssimo. Ela chegou a tal estado de abandono interior que gemidos involuntários brotavam do seu peito. Fechou-se no seu quarto e começou a rezar a hora santa. Os gemidos e o pranto eram a sua única oração. De repente, viu o Senhor. Jesus aconchegou-a ao seu Coração e disse: **“Minha filha, não chores, porque não posso suportar as tuas lágrimas. Concederei tudo que pedes, mas não chores mais”** (D. 927-928).

No dia seguinte, era terça-feira, o último dia do carnaval. Estimulada pela bondade de Jesus, ela continuou conversando com Ele, falando das dores do seu coração e da sua grande preocupação com toda a humanidade. Jesus OuvIU tudo o que a Irmã lhe confidenciou e disse: **“Minha filha, agrada-Me a linguagem do teu coração, e pela recitação desse Terço aproximás a humanidade de Mim”** (D. 929). O amor a Deus e ao próximo havia atingido em Irmã Faustina novos cumes.

No dia seguinte, 10 de fevereiro, era a Quarta-Feira de Cinzas. Havia começado a Quaresma. Durante a santa Missa, Irmã Faustina

sentiu por um breve momento, em seus membros, a Paixão de Cristo. “A quaresma é um tempo especial de trabalhos sacerdotais. É preciso ajudar os padres na salvação das almas” - escreveu ela. Embora desejasse praticar grandes mortificações, como outrora, a doença não permitia que ela o fizesse. Recebeu permissão apenas para algumas pequenas práticas, como dormir sem travesseiro, sentir um pouco de fome, recitar diariamente de braços abertos o Terço que o Senhor lhe havia ensinado e, algumas vezes, rezar de braços abertos por tempo indeterminado. Tratava-se de coisas simples, mas Irmã Faustina acreditava nas palavras de Jesus que disse: **“Minha filha, debes saber e proceder de acordo com isso: qualquer coisa, ainda que a mais insignificante, se tiver o selo da obediência do Meu representante — é agradável e grande aos Meus olhos”**. A intenção da Irmã era conseguir junto a Deus a Misericórdia para os pobres pecadores, e para os sacerdotes o poder de levar os corações pecadores à penitência: para pedir misericórdia para os pobres pecadores, e para os sacerdotes, o poder de sensibilizar os corações pecadores (D. 931-934).

Durante a Missa, na sexta-feira, a Irmã sentia dor nas mãos, nos pés e no lado. Ofereceu essa dor pelos pecadores. Embora o sofrimento tivesse durado apenas alguns minutos, ela continuou sentindo por muito tempo a sensação que a dor havia deixado. Irmã Faustina sentia também o abandono da alma que pode sentir um coração ferido pelo amor. Dizia, nesses momentos: “Ó almas dos pecadores, vós me tirastes o Senhor, mas está bem, está bem; reconheçam como é doce o Senhor e que todo um mar de amargura inunde o meu coração. A vós entregarei todos os consolos Divinos” (D. 943).

Mais ou menos nesse mesmo tempo, inspirada por Deus, ela escreveu uma ladainha de veneração à Misericórdia Divina, para que “a alma que desconfia leia estes louvores à misericórdia e torne-se confiante”. Mais tarde, o Padre Sopoćko publicou essa ladainha (D. 949-951).

No dia seguinte, Deus prodigalizou Irmã Faustina o seu consolo. Ela escreveu:

“Hoje, a presença de Deus atravessa-me totalmente como um raio de sol. A saudade que a minha alma sente de Deus é

tão intensa que a cada instante faz-me desfalecer. Sinto o amor eterno tocar o meu coração e a minha pequenez não o pode suportar, fazendo-me desfalecer. Porém, a minha força interior é grande e a minha alma quer corresponder ao amor com que é amada. A alma, nesses momentos, adquire um profundo conhecimento de Deus, e quanto mais O conhece, tanto mais ardente e tanto mais puro torna-se o seu amor para com Ele. Oh! são inconcebíveis os mistérios da alma com Deus! A minha alma, às vezes, fica perdida por horas inteiras em assombros, vendo a majestade infinita, que assim se rebaixa até ao nível da minha alma” (D. 946-947).

No domingo, durante a execução dos cânticos quaresmais, na celebração da Paixão, a Irmã viu Jesus martirizado, com uma coroa de espinhos e segurando, na mão, uma cana. Escreveu então:

“Jesus não dizia nada, apenas olhava para mim. Nesse olhar senti o Seu martírio, tão terrível que nós nem fazemos ideia do que Jesus sofreu por nós antes de ser crucificado. (...) Quando vejo Jesus martirizado, o meu coração se dilacera, e penso o que será dos pecadores se não souberem tirar proveito da Paixão de Jesus. Na Sua Paixão vejo todo um mar de misericórdia” (D. 948).

No dia 15 de fevereiro, seu dia onomástico, Irmã Faustina aceitou com alegria os votos do Padre Sopoćko, entretanto ficou preocupada com o precário estado de saúde dele. Convenceu-se também de que o conhecimento interior que havia obtido em relação a ele era verdadeiro, inclusive nas questões sobre as quais o Padre não escrevia. O Padre Sopoćko também deve ter obtido um conhecimento interior relacionado com a Irmã, pois pedia-lhe, mais uma vez, que sublinhasse, em suas anotações, tudo aquilo que, com certeza, não provinha dela mesma, mas que ela havia ouvido em sua alma. Já lhe tinha pedido isso várias vezes anteriormente, no entanto, ela não demonstrava pressa em cumprir a sua recomendação. “Mas, ao mesmo tempo, como ele sabe que eu não completei isso?” - refletia ela e entregou-se a esse trabalho com todo o empenho.

A intercessão pelos pecadores ocupava o primeiro lugar nos pensamentos da Irmã. Oferecia por eles os seus sofrimentos e suas

orações, bem como tudo o que fazia. No dia 16 de fevereiro, logo depois de realizar os exercícios espirituais, ela se pôs a fazer crochê. A profunda e doce consciência da presença de Deus em seu coração inspirou Irmã Faustina a dizer ao Senhor: “Ó Santíssima Trindade que residis em meu coração, peço-Vos, dai a graça da conversão a tantas almas quantos pontos eu fizer neste crochê” (D. 961). Ouviu então, na alma, as palavras:

“Minha filha, são grandes demais os teus pedidos. — Jesus, afinal para Vós é mais fácil dar muito do que pouco. — Sim, para Mim é mais fácil dar muito do que pouco, mas cada conversão de uma alma pecadora exige sacrifício. — Portanto, Jesus, eu Vos ofereço este meu trabalho sincero. Este sacrifício não me parece pequeno por um tão grande número de almas, pois Vós, Jesus, por trinta anos salvastes as almas com um trabalho semelhante e, como a santa obediência me proíbe penitências e grandes mortificações, aceitai estas insignificâncias com o selo da obediência como coisas grandes. Então ouvi esta voz na alma: **Minha filha querida, satisfaço o teu pedido”** (D. 961).

Nesse mesmo dia, a Irmã anotou um precioso pensamento sobre o sofrimento: “Oh! se a alma sofredora soubesse quanto Deus a ama, morreria de alegria e de excesso de felicidade. Conheceremos um dia o valor do sofrimento, mas já estaremos na impossibilidade de sofrer. Nosso é só o momento presente” (D. 963).

Durante a santa Missa do dia seguinte, a Irmã viu novamente a Jesus sofredor: Seu sofrimento refletiu-se no corpo dela de forma invisível, porém dolorosa. Jesus olhou para ela e disse:

“As almas se perdem, apesar da Minha amarga Paixão. Estou lhes dando a última tábua de salvação, isto é, a Festa da Minha Misericórdia. Se não venerarem a Minha misericórdia, perecerão por toda a eternidade. —Secretária da Minha misericórdia, escreve, fala às almas desta Minha grande misericórdia, porque está próximo o dia terrível, o dia da Minha justiça” (D. 965).

Mais tarde, nesse mesmo dia, Irmã Faustina ouviu, na alma, as palavras: **“Minha filha, põe mãos à obra. Eu estou contigo. Aguardam-te grandes perseguições e sofrimentos, mas te**

console o pensamento de que muitas almas se salvarão e se santificarão por esta obra” (D. 966).

Quando, ainda no mesmo dia, Irmã Faustina estava fazendo a meditação diante do Santíssimo Sacramento, ouviu: **“Sabe, Minha filha, que aquilo que as outras almas alcançarão na eternidade, tu já o experimentas agora”**. Sua alma ficou, de repente, inundada pela luz do conhecimento de Deus. A Irmã não era capaz de expressar com palavras nem a mínima parcela daquilo que havia experimentado descansando junto ao Coração da Majestade Inconcebível. Apenas a alma que, ao menos uma vez, tenha alcançado semelhante graça pode compreender experiência assim (D. 969-970).

No dia 19 de fevereiro, a Irmã ficou sabendo que teria que ficar no sanatório até abril. Aceitou essa decisão como vontade de Deus, embora desejasse muito voltar novamente ao convívio com as irmãs. Nesse dia, recebeu também a notícia de que, em Płock, havia morrido uma das irmãs. Isso não foi uma surpresa para ela, pois a alma dessa irmã já a havia visitado (D. 972-973).

Durante a Quaresma, Irmã Faustina rezava com mais fervor ainda pelos sacerdotes. Foi levada a isso sobretudo pelas palavras que Ihe havia dito Jesus: **“Minha hóstia amada, reza pelos sacerdotes, especialmente neste tempo da messe. Em ti se compraz o Meu Coração e por ti abençoo a terra” (D. 980).**

No dia 22 de fevereiro de 1937, começou um retiro para os pacientes que se encontravam no hospital. Quem quisesse, poderia participar. O Padre Boaventura pregava a conferência diária, geralmente de uma hora. Ele tinha o dom de falar direto aos corações. Irmã Faustina aproveitou com alegria, esse tempo de recolhimento e, no dia 28 de fevereiro, fez o retiro mensal de um dia. Durante a última conferência, o Padre falou de quanto o mundo necessita da Misericórdia de Deus. Dizia também que o tempo atual parece ser um tempo especial, porque a humanidade se encontra em terrível necessidade de Misericórdia de Deus e de oração. A Irmã ouviu, então, na alma a voz:

“Estas palavras são dirigidas a ti. Faz tudo o que estiver ao teu alcance pela obra da Minha misericórdia. Desejo que seja louvada a Minha misericórdia. Estou dando à

humanidade a última tábua da salvação — isto é, o refúgio na Minha misericórdia. O Meu Coração se alegra com esta Festa” (D. 998).

A Irmã compreendeu que não havia nada que pudesse liberá-la da obrigação que lhe tinha imposto o Senhor. Naquele dia, escreveu: “Hoje senti, por um longo momento, a Paixão de Nosso Senhor. Então, conheci quantas almas necessitam de oração. Sinto que me transformo toda em oração para obter a misericórdia de Deus para cada alma. Ó meu Jesus, recebo-Vos no meu coração, como penhor de misericórdia para as almas” (D. 996).

Nesse mesmo dia, a Irmã descreveu também um acontecimento que deveria repetir-se dentro de algum tempo. “Hoje, durante a noite, sofri tanto que pensei já ter chegado o fim. Os médicos não conseguiram diagnosticar que doença era. Sentia como se tudo se dilacerasse dentro de mim. No entanto, após várias horas desses sofrimentos, senti-me bem. Seja tudo isso pelos pecadores. Desça sobre eles a Vossa misericórdia, Senhor” (D. 999).

O Diário da Irmã fala que Jesus desejava que o coração da “apóstola da Sua Misericórdia”, como havia chamado Irmã Faustina, estivesse repleto exatamente do atributo divino da misericórdia. O Senhor havia atraído o coração da Irmã para aquelas obras de misericórdia que traziam às almas não apenas alívio passageiro, mas também bênção para toda a eternidade. Os seguintes trechos do Diário testemunham o quanto Irmã Faustina se preocupava com a salvação dos pecadores, com a ajuda aos agonizantes e às almas do purgatório:

“5 de março de 1937. Hoje senti, em meu corpo, a Paixão de Nosso Senhor por muito tempo. É uma grande dor, mas tudo isso é pelas almas imortais.” (D. 1010).

“8 de março 1937. Hoje, quando estava rezando na intenção de frei Andrasz, conheci de uma só vez quão perto ele se encontra de Deus e como essa alma é agradável ao Senhor. Fiquei imensamente feliz, porque desejo ardentemente que todas as almas estejam unidas a Deus da maneira mais estreita possível” (D. 1012).

“12 de março 1937. Hoje senti quanto precisava de oração uma certa alma agonizante. Rezei por longo tempo até sentir

que já havia falecido. Oh! como as almas agonizantes necessitam de oração. Ó Jesus, inspirai as almas para que rezem com frequência pelos agonizantes” (D. 1015).

“15 de março 1937. Hoje entrei no amargor da Paixão de Nosso Senhor Jesus, sofri tudo em espírito. Conheci como é terrível o pecado. Deus me fez conhecer toda a aversão ao pecado. Interiormente, na profundidade da minha alma, conheci como é terrível o pecado, por menor que seja; conheci como atormentava a alma de Jesus. Eu preferiria sofrer mil infernos, a cometer ainda que fosse o menor pecado venial” (D. 1016).

“O Senhor me disse: **Desejo doar-Me às almas e enchê-las do Meu amor, mas são poucas as almas que querem aceitar todas as graças que o Meu amor lhes destinou. Porém, a Minha graça não se perde, se a alma para a qual é destinada não a aceita, outra a recebe**” (D. 1017).

No dia 21 de março, Domingo de Ramos, durante a santa Missa, a alma da Irmã mergulhou na amargura e nos sofrimentos de Jesus. O Senhor deu-lhe a conhecer o quanto havia sofrido por ocasião da sua triunfal entrada em Jerusalém. O “Hosana” ressoava no Coração de Jesus como um eco do “Crucifica-O!” (D. 1028).

Naquela tarde, o médico não permitiu que Irmã Faustina participasse das cerimônias da Paixão, por isso ela ficou rezando em seu quarto. De repente, ouviu a campainha no quarto vizinho. Foi até lá e ajudou um homem gravemente doente. Quando voltou ao seu quarto, viu Nosso Senhor que lhe disse: **“Minha filha, deste-Me maior alegria prestando-Me esse serviço do que se tivesses rezado por muito tempo”**.

A Irmã respondeu: “Não foi a Vós, meu Jesus, que prestei um serviço, mas a esse doente”. Ao que o Senhor respondeu: **“Sim, Minha filha, tudo que fazes ao próximo — é a Mim que o fazes”** (D. 1029).

No dia seguinte, durante a santa Missa, Irmã Faustina viu Jesus sofrendo terrivelmente na Cruz. Do seu Coração, brotou um surdo gemido. A seguir disse: **“Tenho sede. Estou sedento pela salvação das almas. Ajuda-Me, Minha filha, a salvar as almas. Une os teus sofrimentos à Minha Paixão e oferece-os ao Pai celestial pelos pecadores”** (D. 1032).

Naquele mesmo dia, foi dada a ela a ocasião de cumprir o pedido de Jesus:

“Hoje de noite, estava morrendo um homem ainda jovem, que sofria terrivelmente. Comecei a rezar por ele o Terço que o Senhor me ensinou. Rezei-o todo, no entanto a agonia se prolongava. Queria começar a ladainha de todos os santos, mas, de repente, ouvi estas palavras: Reza o Terço. — Compreendi que essa alma estava necessitando de uma grande ajuda de oração e de grande misericórdia. Fechei-me em meu quarto, prostrei-me de braços estendidos diante de Deus, mendigando misericórdia para essa alma. Então, senti a grande majestade de Deus e a Sua grande justiça. Eu estava tremendo de terror, mas não cessava de suplicar a Deus misericórdia para essa alma. Tirei depois o crucifixo do meu peito, o pequeno crucifixo dos votos, e o coloquei no peito do moribundo e disse ao Senhor: ‘Jesus, olhai para esta alma com o mesmo amor com que olhastes para o meu holocausto no dia dos votos perpétuos e, em virtude da promessa que me fizestes para os moribundos e para aqueles que pedirem a Vossa misericórdia para eles’. E o agonizante deixou de atormentar--se. Morreu tranquilamente. Oh! como devemos rezar pelos agonizantes! Aproveitemos a misericórdia, enquanto é tempo de compaixão” (D. 1035).

“Conheço cada vez melhor o quanto toda alma necessita da misericórdia de Deus ao longo de toda a vida, mas especialmente na hora da morte. Esse Terço é para aplacar a ira de Deus, como [Ele] próprio me disse” (D. 1036).

Festa da Divina Misericórdia

O Senhor não deixava de lembrar à Irmã Faustina o seu desejo de estabelecer a Festa da Misericórdia. Esse desejo começou a consumir a alma da Irmã. Ela encontrava alívio na oração fervorosa, pedindo o apressamento da decisão necessária. Começou também uma novena na intenção de certos sacerdotes, para que Deus lhes concedesse luz e os inspirasse para que buscassem a aprovação dessa Festa. Pedia também que o Espírito Santo guiasse o Santo Padre em toda essa questão. A novena consistia numa hora de

adoração diária do Santíssimo Sacramento e deveria terminar na Quinta-feira Santa.

No dia 23 de março, na terça-feira da Semana Santa e, ao mesmo tempo, no sétimo dia da novena, a Irmã recebeu de Deus a seguinte visão:

“De repente, a presença de Deus me submergiu e me vi em Roma, Na capela do Santo Padre, embora, ao mesmo tempo, eu me encontrasse na nossa capela. A solenidade do Santo Padre e de toda a Igreja estava estreitamente unida com a nossa e, de maneira especial, com a da nossa congregação. E eu participava, ao mesmo tempo, da solenidade em Roma e em nossa capela. Essa solenidade estava tão intimamente unida com Roma que, embora eu esteja escrevendo, não posso distingui-las, mas assim é, isto é, assim eu vi. Eu vi, na nossa capela, Nosso Senhor exposto no ostensório no altar-mor. A capela estava solenemente enfeitada e, nesse dia, estava aberta a todos quantos quisessem entrar. A multidão era tão imensa que eu não podia abarcá-la com a vista. Todos participavam com grande alegria dessa solenidade, e muitas pessoas receberam o que pediram. A mesma solenidade se realizava em Roma, num belo Santuário, e o Santo Padre celebrava com todo o clero. De repente, vi S. Pedro que se colocou entre o altar e o Santo Padre. Eu não podia ouvir o que S. Pedro dizia, mas percebi que o Santo Padre entendia as suas palavras...

Então uns clérigos, que eu não conheço, começaram a me examinar e humilhar, ou melhor, o que eu tinha escrito, mas eu notava como o próprio Jesus me defendia e lhes fazia compreender o que não sabiam.

Em nossa capela, vi, de repente, como da Hóstia saíam dois raios, como estão pintados na Imagem, espalhando-se pelo mundo todo. Isso aconteceu num instante, mas era como se tivesse durado o dia todo. A nossa capela estava cheia de gente o dia inteiro, e todo esse dia era repleto de alegria.

E, de repente, vi Nosso Senhor vivo no nosso altar, tal como está pintado na Imagem. No entanto, eu sentia que as irmãs e todo o povo não viam a Nosso Senhor tal como eu. Jesus olhou

com muita bondade e alegria para o Santo Padre, certos sacerdotes, todo o clero, o povo e a nossa congregação.

Nesse momento, fui arrebatada para perto de Jesus, coloquei-me no altar ao lado Dele, e o meu espírito ficou repleto de tanta felicidade que não tenho condições nem de a compreender, nem de a descrever. Uma profunda paz e um profundo descanso inundavam a minha alma. Jesus inclinou-se para mim e disse bondosamente: **O que desejas, Minha filha?** — E respondi: Desejo a glória e a honra da Vossa misericórdia. — **Já estou recebendo a honra, pela instituição e celebração desta Festa. O que mais pretendes?** — E olhei para a grande multidão que prestava honra à misericórdia de Deus e disse ao Senhor: “Jesus, abençoai a todos esses que estão reunidos para Vos honrar, para prestar honra à Vossa infinita misericórdia”. Jesus fez o sinal da cruz com a mão. Essa bênção refletiu-se nas almas como um raio de luz. O meu espírito mergulhou em Seu amor. Sinto como se eu me dissolvesse em Deus e desaparecesse Nele. Quando voltei a mim, uma profunda paz inundava a minha alma, e comunicou-se à minha mente uma estranha compreensão de muitas coisas que antes me eram incompreensíveis.

Estou imensamente feliz, embora eu seja tão pequena, não gostaria de modificar nada daquilo que Deus me deu. Não me trocaria nem com um serafim tal é o conhecimento interior que Deus me deu Dele mesmo. Minha união interior com Deus é tal que nenhuma criatura pode compreendê-la, especialmente, a profundidade da Sua misericórdia que me envolve. Estou feliz com tudo o que Vós me dais!” (D. 1044-1049).

Sufrimento misericordioso

Na quarta-feira, Irmã Faustina continuava ansiando por Deus, desejando unir-se com Ele. Em seu corpo, no entanto, sentia um sofrimento tão grande que, sem a ajuda do Senhor, não poderia suportá-lo. Em sua agonia, rezava por toda a Igreja, especialmente pelos sacerdotes. Durante a santa Missa do dia 25 de março, Quinta-feira Santa, o Senhor disse a ela: **“Darei a ti uma parcela da Minha**

Paixão, mas não tenhas medo e sê corajosa. Não procures alívio, mas aceita tudo com submissão à Minha vontade”. A Irmã assim descreveu essa experiência:

“Quando Jesus se despedia de mim, uma dor tão grande oprimiu a minha alma que não é possível expressá-la. As forças físicas me abandonaram, saí depressa da capela e fui me deitar. Perdi a noção do que estava ocorrendo em minha volta. A minha alma sentia saudade do Senhor, e toda a amargura do Seu Coração Divino comunicou-se a mim. Isso durou umas três horas. Pedia ao Senhor que me defendesse do olhar dos que me cercavam. Embora quisesse, eu não podia ingerir nenhum alimento durante o dia todo, até à noite. Eu desejava ardentemente passar a noite toda no calabouço com Jesus. Rezei até as onze horas. Às onze o Senhor me disse: **Deita-te e descansa. Eu te dei a sofrer em três horas o que sofri a noite inteira.** — E, imediatamente, deitei-me na cama. Forças físicas eu não tinha absolutamente. O sofrimento privou-me delas por completo. Durante todo esse tempo eu estava como que desfalecida, cada pulsar do Coração de Jesus refletia-se em meu coração e atravessava a minha alma. Se esses tormentos se relacionassem apenas comigo, eu teria sofrido menos, mas quando vejo que está sofrendo Aquele a quem o meu coração ama com toda a sua força, e eu em nada O possa aliviar, o meu coração despedaça-se de amor e de amargura. Eu agonizava com Ele e não podia morrer; mas eu não trocava esse martírio por todos os prazeres do mundo inteiro. Nesse sofrimento, o meu amor cresceu de modo inconcebível. Sei que o Senhor me sustentava com o Seu poder, porque de outra forma eu não aguentaria um momento sequer. Experimentei com Ele e, de maneira especial, todos os suplícios. O mundo ainda ignora tudo que Jesus sofreu. Acompanhei-O no Jardim das Oliveiras, no calabouço e durante o julgamento no tribunal. Estive com Ele em cada um dos Seus tormentos. Nenhum de Seus movimentos, nenhum olhar Seu me passou despercebido. E conheci todo o poder do Seu amor e da Sua misericórdia para com as almas” (D. 1054).

Na Sexta-feira Santa, logo depois de despertar, a Irmã sentiu em seu corpo a dor das cinco Chagas do Senhor. Esse sofrimento durou até às três horas. Embora exteriormente não se visse nenhum vestígio dessas chagas, nem por isso a dor era menor. Às onze horas, Jesus disse a ela: **“Minha hóstia, tu és o alívio para o meu coração atormentado”**. A Irmã recebeu também a graça de uma nova experiência mística. Descreveu-a da seguinte forma:

“Pensei que, depois dessas palavras, se consumiria o meu coração. E elevou-me a uma união tão estreita com Ele, que o meu coração desposou o Seu Coração de maneira amorosa. Sentia as Suas mais leves pulsações; e Ele, as minhas. O fogo do meu amor criado foi unido com o calor do Seu amor eterno. Essa graça supera todas as outras pela sua imensidade. A Sua Essência Trina envolveu-me toda, e fui toda mergulhada Nele. A minha pequenez de certo modo pelejava com esse Soberano imortal. Estou mergulhada num inconcebível amor e num inconcebível martírio por causa da Sua Paixão. Tudo o que se relaciona com o Seu Ser comunica-se também a mim.

Jesus me fez conhecer e pressentir essa graça; Hoje, porém, Ele a concedeu a mim. Eu não ousaria nem sonhar com essa graça. O meu coração encontra-se como que em contínuo êxtase, embora exteriormente nada me perturbe na convivência com o próximo e na solução de diversos assuntos. Nada pode interromper o meu êxtase, e ninguém consegue adivinhá-lo, visto que Lhe pedi que se dignasse defender-me do olhar humano. E, com essa graça, invadiu a minha alma todo um mar de luz do conhecimento de Deus e de mim mesma. Fico toda dominada pelo espanto e levada como que a um novo êxtase, por Deus se ter-se dignado abaixar-se a mim, tão pequenina” (D. 1056-1057).

Às três horas, a Irmã deitou-se de bruços e rezou pela humanidade. Ouvia as últimas sete palavras que Jesus pronunciou antes de morrer. O Senhor lhe disse também: **“Querida filha do Meu Coração, tu és Meu alívio em meio aos terríveis tormentos”** (D. 1058).

Jesus recomendou à Irmã Faustina que fizesse uma novena antes da Festa da Misericórdia. Deveria iniciá-la ainda naquele

mesmo dia e pedir ao Senhor a conversão do mundo inteiro, que os homens conhecessem a Misericórdia de Deus e que toda alma pudesse glorificar a bondade de Deus. Em seguida, Jesus permitiu que a Irmã ouvisse palavras de consolo para os pecadores:

“Desejo a confiança das Minhas criaturas; exorta as almas a uma grande confiança na Minha inconcebível misericórdia. Que a alma fraca, pecadora, não tenha medo de se aproximar de Mim, pois, mesmo que os seus pecados fossem mais numerosos que os grãos de areia da Terra, ainda assim seriam submersos no abismo da Minha misericórdia” (D. 1059).

A Irmã atendeu ao pedido de Jesus e fez a novena, mas não a escreveu em seu Diário até o dia 10 de agosto daquele ano. Somente com base nessa anotação de agosto, o Padre Sopoćko compôs o texto da novena e, ainda no mesmo ano, publicou-a juntamente com a ladainha e o Terço à Misericórdia Divina.

Quando Jesus exalou o último suspiro, a Irmã sentiu sua alma se desfazer em dor. Por algum tempo, não pôde voltar a si. As lágrimas eram o seu único consolo. Seu Amado havia morrido. Todo aquele que já perdeu uma pessoa amada, com certeza, compreenderá a sua tristeza. Mais tarde, naquele dia, a Irmã ouviu pelo rádio sacerdotes cantando salmos. Desatou a chorar. A dor novamente invadiu sua alma. Irmã Faustina chorava, inconsolável em seu sofrimento. Ouviu, então, na alma a voz:

“Não chores — já não sofro. E pela fidelidade com que Me acompanhaste na Paixão e na Morte — a tua morte será solene e Eu estarei contigo nessa última hora. Pérola querida do Meu Coração, vejo o teu amor tão puro, mais do que o dos anjos, e mais, porque lutas. Por ti abençoo o mundo. Vejo os teu esforços por Mim, e eles encantam o Meu Coração” (D. 1061).

Consolada por essas palavras, Irmã Faustina parou de chorar. Dava graças ao Pai Celestial por nos ter dado o Seu Filho e pela obra da Redenção. Naquela noite, fez uma hora de adoração. Agradecia a Deus pelas graças recebidas e pelos quatro meses de doença que para ela também eram um grande dom. “Tudo por Deus e pelas almas” – escreveu ela (D. 1062).

Volta a Jozefow

No Sábado Santo, 27 de março, Irmã Faustina sentia-se tão bem que pôde voltar ao convento em Łagiewniki. Após a chegada, entrou por um momento na capela. O Senhor deu-lhe, então, a conhecer mais uma vez o quanto teria que sofrer e lutar em razão dessa missão – a missão de difundir a Devoção à Misericórdia Divina e de fundar uma nova congregação. Irmã Faustina buscava força e coragem em Jesus, pois sabia que somente Ele poderia ajudá-la (D. 1066).

No Domingo de Páscoa, durante a Missa pascal, a Irmã viu Jesus rodeado de esplendor e glória. O Senhor disse a ela: **“Minha filha, a paz esteja contigo”**. Abençoou-a e desapareceu, mas a alma da Irmã estava repleta de indescritível alegria. O coração dela havia sido fortalecido para a luta que a aguardava. Mais tarde, naquele dia, ela disse ao Padre Andrasz que Jesus lhe havia aparecido pela manhã. O padre Andrasz disse que ela tomasse cuidado, porque essas visões repentinas despertam suspeitas. E, embora não tivesse percebido, nessa questão, nada de mal nem de contrário à fé, mais uma vez pediu à Irmã que fosse prudente e que conversasse sobre esse assunto com a Madre geral, quando ela viesse (D. 1067-1068).

No dia seguinte, o Senhor apareceu, de repente, à Irmã Faustina durante a meditação e disse: **“A paz esteja contigo, minha filha”**. Com essas palavras a Irmã estremeceu de amor para com Ele e disse: “Ó Senhor, embora eu Vos ame de todo o coração, peço-Vos, não me apareçais, porque o Padre me disse que as Vossas repentinas aparições despertam suspeitas, que talvez sejais alguma ilusão. E embora eu Vos ame mais que a minha vida, embora eu saiba que Vós sois meu Senhor e meu Deus e que comigo conviveis, devo, acima de tudo, ser obediente ao confessor” (D. 1069).

Jesus ouviu-a com seriedade e bondade e em seguida disse: **“Diz ao confessor que convivo tão intimamente com a tua alma, porque não roubas os Meus dons, e é por isso que derramo todas as graças na tua alma, pois sei que não as guardas para ti. Mas, como sinal de que Me é agradável a prudência dele, não Me**

verás e não te aparecerei desta maneira, até que lhe prestes conta do que Eu te disse” (D. 1069).

No entanto, o Senhor não cessava de falar com Irmã Faustina através da voz interior. No dia 2 de abril, durante a Missa, ouviu as palavras: **“Diz à superiora que desejo que seja feita aqui uma adoração na intenção de pedir misericórdia para o mundo”**. Tratava-se de uma tarefa muito difícil para ela. Sabia que, se falasse à superiora do pedido do Senhor, estaria se expondo a grandes sofrimentos. Decidiu, no entanto, ser fiel a Jesus e cumprir a sua recomendação, pois sabia que Deus a sustentaria com a sua graça especial (D. 1070).

No dia 3 de abril, o Senhor confiou-lhe uma outra missão: **“ Diz ao padre professor... que desejo que, na Festa da Minha misericórdia, faça um sermão sobre esta Minha insondável misericórdia”**. Provavelmente tratava-se do Padre Teodoro Czaputa, capelão da casa em Łagiewniki. Irmã Faustina cumpriu a recomendação de Jesus, mas o sacerdote não aceitou as suas palavras. Quando se afastava do confessional, ouviu as palavras: **“Faz o que estou mandando e fica tranquila. Esse assunto é entre Mim e ele. Tu não serás responsável por isso”** (D. 1072).

No dia seguinte, 4 de abril, era o primeiro domingo depois da Páscoa, ou seja, a Festa da Misericórdia. Após a santa Comunhão, Irmã Faustina permaneceu mergulhada em Deus. Estava unida com as três Pessoas da Santíssima Trindade de tal forma que, quando estava unida com Jesus, estava também unida com o Pai e o Espírito Santo. A Irmã conheceu toda a profundidade da inesgotável Misericórdia do Senhor, e sua alma foi inundada por uma enorme alegria. “Oh! se as almas quisessem compreender quanto Deus as ama! – escreveu ela – Todas as comparações, mesmo as mais sutis e veementes, são apenas pálidos reflexos em comparação com a realidade” (D. 1073). Enquanto ela permanecia em união com o Senhor, foi-lhe dado conhecer quantas almas engrandecem a Misericórdia de Deus.

A superiora mostrou-se obediente às palavras de Jesus e recomendou que se fizesse a adoração. Enquanto durava a adoração, Irmã Faustina ouviu as seguintes palavras de consolo:

“Minha filha querida, escreve estas palavras que hoje o Meu Coração descansou neste convento. Fala ao mundo da Minha misericórdia, do Meu amor. As chamas da misericórdia Me consomem, desejo derramá-las sobre as almas humanas. Oh! que grande dor Me causam, quando não querem aceitá-las!

Minha filha, faz o que está ao teu alcance pela divulgação do culto da Minha misericórdia. Eu completarei o que não consegues. Diz à humanidade sofredora que se aconcheque no Meu misericordioso Coração, e Eu a encherei de paz.

Diz, Minha filha, que sou puro Amor e a própria Misericórdia. Quando uma alma se aproxima de Mim com confiança, encho-a com tantas graças, que ela não pode encerrá-las todas em si mesma e as irradia para as outras almas.

As almas que divulgam o culto da Minha misericórdia, Eu as defendo por toda a vida como uma terna mãe defende o seu filhinho e, na hora da morte, não serei para elas Juiz, mas sim, Salvador misericordioso. Nessa última hora a alma nada tem para a sua defesa, além da Minha misericórdia. Feliz a alma que, durante a vida, mergulhou na fonte da misericórdia, porque não será atingida pela justiça.

Escreve: Tudo o que existe está encerrado nas entranhas da Minha misericórdia de uma forma mais profunda que a criança no ventre de sua mãe. Quanta dor Me causa a falta de confiança em Minha bondade. Os pecados que Me ferem mais dolorosamente são os de desconfiança” (D. 1074-1076).

Quando Irmã Faustina se despedia do Senhor antes de ir descansar, ouviu as palavras: **“Hóstia agradável ao Meu Coração, por ti abençoo a Terra” (D. 1078).**

No sábado, 10 de abril, a Madre superiora entregou para a Irmã ler um artigo do “Semanário Católico” de Wilno, do dia 4 de abril de 1937. O artigo continha uma reprodução da Imagem de Jesus Misericordioso e as palavras ditas por Jesus a Irmã Faustina. Alguns trechos haviam sido tirados do Diário. Quando a Irmã pegou o artigo

em suas mãos, o amor inundou a sua alma. Ela ouviu as palavras: **“Pelos teus ardentes desejos, estou apressando a Festa da Misericórdia...”** O espírito da Irmã inflamou-se de uma chama de amor tão potente que ela tinha a impressão de esvair-se toda em Deus (D. 1080-1082).

Cura inesperada

No dia seguinte, Irmã Faustina escreveu uma carta ao Padre Sopoćko. Contudo, não conseguiu despachá-la, porque adoeceu de repente. Estava aguardando um sinal claro de Deus para saber se realmente deveria enviar essa carta. Mas a doença se intensificou, e a Irmã teve que ficar acamada. Os acessos de tosse atormentavam-na tanto que, se persistissem por mais tempo, provavelmente a levariam à morte. Dois dias depois, ela continuava acamada. Foi acometida por tosse tão violenta que não tinha condições de andar. No dia seguinte, com dificuldade levantou-se para a Missa. Sentia-se pior do que na época em que estava no sanatório. Em seus pulmões, ouviam-se roncos e chiados e, além disso, sentia dores estranhas. Depois de receber a santa Comunhão, a Irmã sentiu-se compelida a esta oração: **“Ó Jesus, que Vosso Sangue puro e saudável circule no meu organismo doente, e que o Vosso Corpo puro e saudável, transforme o meu corpo doente, e que pulse em mim uma vida saudável e vigorosa, se realmente for da Vossa santa vontade, que eu me encarregue dessa obra, e este será para mim um sinal da Vossa santa vontade”** (D. 1089).

Durante essa oração, Irmã Faustina sentiu, de repente, que alguma coisa estava abalando todo o seu organismo. Num instante, estava bem. Sentia que seus pulmões estavam limpos, a dor havia desaparecido. Isso foi para ela um sinal de que deveria dar início à ação relacionada com a fundação da nova congregação. Tudo isso aconteceu no último dia de uma novena ao Espírito Santo feita por ela. Jesus a fortaleceu e mais uma vez confirmou as suas recomendações. Irmã Faustina permaneceu junto ao Senhor durante o dia todo, conversou com Ele sobre detalhes relacionados com a nova congregação. Ouviu então as palavras: **“Vai dizer à superiora que estás bem de saúde”**. Em seu Diário, ela anotou: **“Pedi a saúde**

como sinal e testemunho da vontade de Deus, e não para buscar alívio no sofrimento” (D. 1091).

Pressões de Deus

No dia 23 de abril, iniciou-se o retiro de oito dias. Irmã Faustina aproveitou essa ocasião e fez, então, o seu retiro anual de três dias. Naquela noite, ouviu na alma: **“Minha filha, debes saber que falarei a ti de maneira especial através desse sacerdote, para que não tenhas dúvidas quanto às Minhas exigências”** (D. 1101).

Já durante a primeira conferência, as palavras do sacerdote produziram na Irmã uma profunda impressão. Deu-se conta, mais claramente, de que não lhe era permitido opor-se à vontade e aos planos de Deus, quaisquer fossem eles; e, se estivesse plenamente convencida de que alguma coisa era da vontade de Deus, sua obrigação era cumprir essa vontade. Agora sabia o que Deus estava esperando dela e como deveria proceder (D. 1101).

No dia 30 de abril, dia da renovação dos votos, logo depois de despertar, Irmã Faustina sentiu-se envolvida pela presença de Deus, sua alma foi inundada pelo amor. O Senhor deu-lhe a conhecer que todos os acontecimentos estavam sujeitos à sua vontade. Depois ouviu as palavras do Senhor: **“Desejo conceder indulgência plenária às almas que se confessarem e receberem a Santa Comunhão na Festa da Minha misericórdia”** (D. 1109).

Durante a cerimônia solene da renovação dos votos, Irmã Faustina ouviu anjos cantando em diversos tons: Santo, Santo, Santo. “Ninguém poderá expressar com termos humanos a harmonia desse canto” – escreveu ela (D. 1111).

Também veio a Cracóvia a Madre geral. Ela deveria receber os votos das irmãs e visitar a casa da Congregação. No dia 4 de maio, Irmã Faustina perguntou-lhe numa conversa: “A Madre teve alguma inspiração relacionada com a minha saída da congregação?” (D. 1115).

A Madre Michaela respondeu: “Até agora sempre quis reter a irmã, mas agora dou-lhe liberdade, se a irmã quiser — pode deixar a congregação, e se a irmã quiser — pode ficar”.

A Irmã respondeu: “Está bem” (D. 1115) – e pensou que logo escreveria ao Santo Padre, pedindo a dispensa dos votos. No entanto, quando se afastou da Madre geral, as trevas novamente envolveram a sua alma. Ficava admirada em ver que, todas as vezes que pedia permissão para se afastar, sua alma mergulhava na escuridão. Decidiu imediatamente ir ao encontro da Madre e falar-lhe dessa estranha luta e sofrimento.

A Madre afirmou: “Essa saída da Irmã é uma tentação”. Após alguns instantes de conversa Irmã Faustina sentiu um certo alívio, mas as trevas da alma permaneceram. A Madre observou: “Essa Misericórdia Divina é bela e deve ser alguma grande obra de Deus, se o demônio se opõe tanto e quer destruí-la” (D. 1115).

A respeito da enormidade do sofrimento de Irmã Faustina, falamos uma das suas anotações:

“Ninguém entenderá nem compreenderá os meus tormentos, nem eu saberei descrevê-los, pois não pode haver um sofrimento maior do que esse. Os sofrimentos dos mártires não são maiores, pois a morte nesses momentos seria um alívio para mim e não tenho com que comparar esses sofrimentos, essa agonia da alma sem fim” (D. 1116).

No dia 5 de maio, no confessionário, junto ao confessor, ela buscava uma explicação para a inquietação que a envolvia todas as vezes que queria abandonar a Congregação. O confessor lhe disse que talvez ainda não tivesse chegado o tempo adequado. “É preciso rezar e esperar pacientemente, mas é verdade que a aguardam grandes sofrimentos” (D. 1117).

Ela sentia-se perdida também porque seu diretor espiritual, o Padre Andrasz, tinha viajado para passar umas semanas em Roma. Contudo, acreditava firmemente que Deus não lhe daria mais sofrimentos do que ela pudesse suportar. Colocou a sua confiança na Misericórdia de Deus. Todavia, em sua alma, continuava a sofrer tormentos e trevas. E, embora toda a natureza respirasse a alegria da primavera, o coração de Irmã Faustina não sabia alegrar-se, visto que o seu Amado havia se ocultado diante dela (D. 1118-1120).

No dia seguinte, festa da Ascensão, o estado de espírito de Irmã Faustina mudou completamente. Deus tocou sua alma e por um momento a Irmã permaneceu com o Pai Celestial. Foi envolvida por

um amor tão grande para com o Pai Celestial, que ela relatou que esse foi um dia de êxtase ininterrupto de amor. A certeza de que Deus a amava e o conhecimento de que sua alma Lhe era agradável introduziram em seu interior uma profunda paz. Naquele dia, não tinha condições de comer nada, sentia-se saciada de amor.

No dia 20 de maio, Irmã Faustina escreveu que, durante todo o mês anterior, havia passado com boa saúde. Veio-lhe ao pensamento que já não estava segura do que mais agradaria ao Senhor: servir-Lhe na doença ou com a saúde cheia de vigor, que havia recebido. Disse, então, ao Senhor: “Jesus, fazei de mim o que Vos aprouver”. Jesus fez com que, ainda no mesmo dia, a doença voltasse (D. 1125).

Mestre Divino

Dois dias depois, no dia 22 de maio, ocorreu certo acontecimento. Irmã Faustina descreveu-o detalhadamente, visto que alí se havia revelado a força que Jesus conferiu ao Terço da Misericórdia:

“Hoje está fazendo tanto calor que é difícil aguentar. Desejamos chuva e, no entanto, não chove. Há alguns dias o céu cobriu-se de nuvens, mas a chuva não chegou a cair. Quando olhei para as plantas sequiosas por falta de chuva, a compaixão tomou conta de mim e resolvi rezar esse Terço até que Deus mandasse chuva. Após o lanche da tarde, o céu cobriu-se de nuvens e caiu uma chuva abundante sobre a terra. Rezei essa oração por três horas sem parar. E o Senhor me fez conhecer que, com essa oração, tudo se pode obter” (D. 1128).

Era um período de importantes festas eclesiais: no dia 23 de maio, comemorava-se a solenidade da Santíssima Trindade; no dia 27 de maio, *Corpus Christi*. Cada festa trazia à Irmã Faustina uma alegria adicional. Nesse tempo, o Senhor Lhe concedeu também uma compreensão mais profunda da sua Majestade e Bondade (D. 1129-1141).

Durante a santa Missa do dia 4 de junho de 1937, na solenidade do Sacratíssimo Coração de Jesus, a Irmã ouviu palavras muito importantes:

“Apóstola da Minha misericórdia, proclama ao mundo toda essa Minha insondável misericórdia. Não desanimes com as dificuldades que encontrares na divulgação da Minha misericórdia. Essas dificuldades, que tão dolorosamente te atingem, são necessárias para a tua santificação e para comprovar que essa obra é Minha. Minha filha, sê diligente em anotar cada sentença que te digo sobre a Minha misericórdia, porque se destinam a um grande número de almas, que delas tirarão proveito” (D. 1142).

Durante o retiro de um dia, que Irmã Faustina fez no dia 6 de junho, o Senhor novamente lhe falou:

“Coloquem a esperança na Minha misericórdia os maiores pecadores. Eles têm mais direito do que outros à confiança no abismo da Minha misericórdia. Minha filha, escreve sobre a Minha misericórdia para as almas atribuladas. Causam-Me grande alegria as almas que recorrem à Minha misericórdia. A estas almas concedo graças que excedem os seus pedidos. Não posso castigar, mesmo o maior dos pecadores, se ele recorre à Minha compaixão, mas justifico-o na Minha insondável e inescrutável misericórdia. Escreve: Antes de vir como justo Juiz, abro de par em par as portas da Minha misericórdia. Quem não quiser passar pela porta da misericórdia, terá que passar pela porta da Minha justiça...” (D. 1146).

Certa vez, quando a Irmã se sentia magoada por lhe ter sido confiada uma certa tarefa que a impedia de participar das conferências especiais juntamente com as outras irmãs, Jesus lhe disse: **“Minha filha, por que dás tanta importância ao ensino e às palavras dos homens? Eu mesmo quero instruir-te e, por isso estou arrumando as circunstâncias de tal forma que não possas participar dessas conferências. Num só momento te darei mais conhecimento do que os outros conseguirão labutando por muitos anos” (D. 1147).**

O Senhor não cessava de instruir a sua pequena noviça. No dia 20 de junho, Irmã Faustina ficou sabendo que **“tornamo-nos mais semelhantes a Deus quando perdoamos ao próximo. Deus é Amor,**

Bondade e Misericórdia” (D. 1148). Jesus lhe disse: **“A Minha misericórdia deveria refletir-se em cada alma, especialmente na alma religiosa. O Meu Coração está repleto de compaixão e misericórdia para com todos. O coração de Minha esposa deve ser semelhante ao Meu Coração; do coração dela deve brotar a fonte da Minha misericórdia para as almas; de outra forma não a reconhecerei”** (D. 1148).

No dia 27 de junho, a Irmã teve uma visão da casa da nova congregação, bem como das pessoas que permaneciam nessa casa. O Senhor deu-lhe luz e uma profunda compreensão dessa obra. Na alma de Irmã Faustina não restava sombra de dúvida. Jesus deu-lhe a conhecer, também, a sua vontade quanto à nova congregação. Ela deveria constar de três ramos, prestando três serviços diferentes, mas o objetivo de todos era comum:

“O primeiro é aquele no qual as almas isoladas do mundo arderão em sacrifício diante do trono de Deus e pedirão misericórdia para o mundo inteiro... E pedirão a bênção para os sacerdotes e, por sua oração, prepararão o mundo para a última vinda de Cristo.

O segundo é a oração unida com a obra de misericórdia. Especialmente defenderão do mal as almas das crianças. A oração e as obras de misericórdia encerram em si tudo que essas almas devem fazer. Na sua comunidade, podem ser aceitas até as mais pobres, e, no mundo egoísta, procurarão despertar o amor, a misericórdia de Jesus.

O terceiro é a oração e as obras de misericórdia não obrigatórias por voto, mas, pela sua realização, as pessoas poderão participar de todos os méritos e privilégios da comunidade. A esse grupo podem pertencer todas as pessoas que vivem no mundo.

O membro desse grupo deve praticar ao menos uma obra de misericórdia por dia, mas pode haver muitas, pois cada um, por mais pobre que seja, pode realizá-las com facilidade, porque existe uma tríplice forma de praticar a misericórdia: [primeiro] — a palavra misericordiosa, pelo perdão e pelo consolo; segundo — quando não é possível pela palavra: oração — isso também é misericórdia; terceiro — obras de misericórdia.

E, quando vier o último dia, seremos julgados segundo tais disposições e, de acordo com isso, receberemos a sentença eterna” (D. 1156-1158).

A seguir, Irmã Faustina anotou as seguintes palavras: “As comportas das graças de Deus abriram-se para nós; queiramos aproveitá-las antes que venha o dia da justiça de Deus, e [esse será] um dia terrível” (D. 1159).

Certa vez, quando ela perguntava a Jesus como Ele podia suportar tantos e tão variados pecados e crimes e não os castigar, o Senhor respondeu:

“Para puni-los, tenho a eternidade, mas agora prolongo-lhes o tempo da Misericórdia; contudo, ai deles, se não reconhecerem o tempo da Minha visita. Minha filha, secretária da Minha misericórdia, estás obrigada não só a escrever e divulgar a Minha misericórdia, mas também a pedir por eles a graça, para que também eles bendigam a Minha misericórdia” (D. 1160).

Visto que Irmã Faustina procurava cumprir fielmente a vontade de Deus, o demônio ardia de ódio para com ela: “Mil almas me causam menos prejuízo do que tu, quando falas da grande misericórdia do Todo-poderoso. Os maiores pecadores adquirem confiança e voltam para Deus, e eu perco tudo. Mas, além disso, persegues a mim mesmo com essa insondável misericórdia do Todo-poderoso” (D. 1167).

No dia 29 de junho, voltou de Roma o Padre Andrasz. Irmã Faustina desejava muito compartilhar com ele as inspirações interiores, bem como os sofrimentos por que tinha passado durante a sua ausência, mas não conseguiu conversar com ele a sós. Naquela tarde, por duas horas, o Padre Andrasz ficou falando às irmãs e educandas sobre o que havia visto em Roma, e já não houve tempo para uma conversa particular.

Na vida da Irmã, a doçura continuava mesclando-se com o amargor. Ela confessou que, apesar da profunda paz na alma, travava-se, em seu interior, uma luta incessante. A fidelidade ao caminho que Jesus lhe havia destinado, frequentemente, custava muito a ela. No dia 4 de julho, dia do retiro mensal, a Irmã anotou o

que era fruto de suas meditações e, ao mesmo tempo, um plano de ação para o mês todo:

“Tudo o que Jesus fez — fê-lo bem. Passou fazendo o bem. Na convivência, era cheio de bondade e misericórdia. Seus passos eram movidos pela compaixão. Aos inimigos, demonstrava bondade, cortesia, compreensão; aos necessitados, auxílio e consolo. Neste mês, decidi refletir em mim, fielmente, esses traços de Jesus, ainda que isso me custe muito” (D. 1175).

Durante a adoração ao Santíssimo Sacramento, a Irmã ouviu, na alma, a voz: **“Agradam-Me os teus esforços, Minha filha, delícia do Meu Coração. Vejo cada movimento do teu coração, com que Me louvas”** (D. 1176).

Algumas semanas mais tarde, o Senhor deu à Sua secretária as seguintes instruções:

“Minha filha, delícia de predileção Minha, nada Me impedirá de te conceder graças. A tua miséria não perturba a Minha misericórdia. Minha filha, escreve que quanto maior a miséria da alma, tanto mais direito tem à Minha misericórdia, e [estimula] todas as almas à confiança no inconcebível abismo da Minha misericórdia, porque desejo salvá-las todas. A fonte da Minha misericórdia foi na cruz aberta com a lança para todas as almas, – não excluí a ninguém” (D. 1182).

Jesus instruía Irmã Faustina sobre o valor da submissão à Sua santa vontade e da reflexão sobre a Sua Paixão. Irmã Faustina escreveu:

“À noite, vi Nosso Senhor Crucificado. Das mãos, dos pés e do lado corria o preciosíssimo Sangue. A seguir, Jesus me disse: **Tudo isto é pela salvação das almas. Reflete, Minha filha, sobre o que tu estás fazendo pela salvação delas.** — Respondi: “Jesus, quando olho para a Vossa Paixão, vejo que eu quase nada faço pela salvação das almas.” — E o Senhor me disse: **Fica sabendo, Minha filha, que o teu silencioso martírio de todos os dias, na total submissão à Minha vontade, leva muitas almas ao céu. Quando te parecer que o sofrimento ultrapassa as tuas forças, olha para as Minhas**

Chagas e te elevarás acima do desprezo e do juízo dos homens. A meditação sobre a Minha Paixão te ajudará a te elevares acima de tudo. — Compreendi muitas coisas que antes não era capaz de entender” (D. 1184).

Crescimento no amor generoso

No dia 15 de julho, o Senhor deu à Irmã o conhecimento interior de que ela seria transferida para uma outra casa. Nessa mesma época, ouviu, na alma, a voz: **“Não tenhas medo, Minha filha, pois é de Minha vontade que permaneças aqui. Os planos dos homens não darão certo e têm que se conformar à Minha vontade”** (D. 1180). Cinco dias depois, a Irmã ficou sabendo que seria transferida a Rabka, mas somente no dia 5 de agosto. Embora ainda não tivesse tido a ocasião de conversar com o Padre Andrasz após a sua volta de Roma, pediu à Madre superiora que lhe permitisse viajar a Rabka imediatamente. A Madre ficou admirada ao ver que Irmã Faustina queria partir tão depressa, mas ela não deu nenhuma explicação. “Isso será um segredo para sempre” – anotou no Diário (D. 1198).

Foi justamente dessa forma que, no dia 29 de julho, ela partiu para Rabka, um povoado nos Cárpatos onde a Congregação tinha uma casa de repouso para as irmãs e educandas. Ainda antes da partida, sentia na alma a escuridão e o vazio. A calorosa recepção das irmãs apenas aumentou o seu sofrimento. Em Rabka, o estado de saúde de Irmã Faustina decaiu tanto que ela não saía da cama. Diziam-lhe que os doentes de tuberculose não têm dores fortes e, no entanto, ela sempre as sentia. As dores no tórax eram tão intensas que ela nem podia mexer com a mão. Certa noite, teve que ficar deitada o tempo todo sem se mexer, pois parecia-lhe que, caso se mexesse, seus pulmões se arrebentariam em frangalhos. Naquela noite que se prolongou sem fim, Irmã Faustina uniu-se com Cristo crucificado e intercedeu junto ao Pai Celestial pelos pecadores. Uma das irmãs lhe disse que ela não se sentiria melhor, porque o clima em Rabka não influía bem em todos os doentes (D. 1199-1201).

Naquela ocasião, São José veio em sua ajuda e disse à Irmã Faustina que desejava que ela sempre lhe tivesse devoção, e pediu

que rezasse diariamente três orações (Pai-Nosso, Ave-Maria e Glória) e uma vez o “Lembrai-vos”. Deu-lhe a conhecer que apoia a obra da Misericórdia e prometeu à Irmã a sua especial ajuda e proteção (D. 1203).

O dia 1º de agosto, dia do retiro de um dia, também trouxe sofrimento para a Irmã. Ela não tinha nenhuma condição de rezar. Com o retiro, intensificou-se nela o tormento do corpo e da alma. Ela exclamava, dirigindo-se ao Senhor: “Ó meu Jesus, Vós estais vendo que Vossa filha está sem força” (D. 1204).

No dia 6 de agosto, Irmã Faustina começou uma novena à Mãe de Deus antes da Festa da Assunção. Rezava em três intenções: que pudesse encontrar-se com o Padre Sopoćko, que Deus apressasse a obra da misericórdia, e também na intenção da Polônia (D. 1206).

Quatro dias depois, em companhia de uma das irmãs, Irmã Faustina voltou para Cracóvia. Passou alguns dias escrevendo uma novena à Misericórdia Divina. Fora Jesus que lhe havia recomendado compor essa novena. Ela deveria escrevê-la antes da Festa da Misericórdia (D. 1207-1229).

Quando as irmãs começaram a lhe perguntar por que tinha voltado, Irmã Faustina tinha que se armar de paciência e responder a cada uma delas separadamente: “porque me sentia pior”. Isso era tanto mais difícil porque Irmã Faustina sabia que a maioria das irmãs não perguntava para compartilhar o seu sofrimento, mas para aumentar mais ainda esse sofrimento. “Só Jesus sabe o quanto estou sofrendo”, escreveu no Diário (D. 1236).

Dois dias após a sua volta, o Padre Sopoćko que, providencialmente, estava passando por Cracóvia, fez-lhe uma breve visita. A Irmã escreveu: “A minha alegria foi grande. Agradei a Deus por essa grande graça, visto que desejava encontrar-me com ele para a maior glória de Deus” (D. 1238). Depois descreveu a sua compreensão sobre o mistério do sacerdócio:

“Nosso Senhor defende muito os Seus representantes na terra. Está intimamente unido com eles e manda sobrepor o ponto de vista deles ao Seu próprio. Conheci a grande familiaridade que existe entre Cristo e o sacerdote. Jesus defende o que diz o sacerdote e, muitas vezes, se molda aos

seus desejos, fazendo depender do ponto de vista do sacerdote o Seu relacionamento com a alma. Nas graças especiais, conheci muito bem até que ponto partilhais com eles o poder e o mistério, Ó Jesus, mais do que com os anjos. Alegro-me com isso, porque tudo isso é para o meu bem” (D. 1240).

No dia 15 de agosto, durante a meditação, a presença de Deus envolveu a Irmã Faustina completamente. Foi-lhe concedida a graça de vivenciar a alegria de Nossa Senhora no momento da Assunção. A Virgem Maria disse à Irmã que não é possível ser agradável a Deus sem cumprir a Sua santa vontade. Ela lhe disse: *“Desejo muito que nisso te distingas, isto é, nessa fidelidade no cumprimento da vontade de Deus”*. No final da cerimônia, durante a qual as irmãs escolhem Nossa Senhora da Misericórdia como superiora geral da congregação, Irmã Faustina viu novamente a Santíssima Virgem Maria que lhe disse: *“Oh, como me é agradável o preito do vosso amor!”* – e cobriu todas as Irmãs da Congregação com o seu manto (D. 1244).

No dia seguinte, após a Comunhão, o Senhor apareceu à Irmã Faustina e disse: **“Minha filha, nas semanas em que não Me viste nem sentiste a Minha presença, estive unido contigo mais profundamente que nos momentos de enlevo. E a fidelidade e o perfume da tua oração chegaram até Mim”**. Após essas palavras, a Irmã ficou inundada pela felicidade e, por três dias, permaneceu em estado de profunda contemplação. Exteriormente, contudo, podia continuar cumprindo com as suas obrigações (D. 1246).

No dia 22 de agosto, Irmã Faustina recebeu a visita de mais uma santa:

“Hoje pela manhã, veio visitar-me a virgem Santa Bárbara e recomendou-me que, por nove dias, eu oferecesse a santa Comunhão pelo meu País. Disse: ‘Com isso aplacarás a ira de Deus’. Essa virgem tinha uma coroa de estrelas e uma espada na mão. O esplendor da coroa era igual ao da espada. O vestido era branco, os cabelos soltos, e era tão bela que, se eu não conhecesse a Virgem Santíssima, pensaria que era Ela. Agora compreendo que todas as virgens distinguem-se por uma formosura particular; refletem uma beleza especial” (D. 1251).

Nos últimos dias de agosto, a casa da Congregação, em Cracóvia, foi visitada pelo Padre Sopoćko. Irmã Faustina finalmente obteve permissão para uma conversa mais longa com o antigo confessor. Ficou sabendo que a obra da Misericórdia estava avançando e que a questão da Festa da Misericórdia também já estava bastante adiantada, mas que sempre havia necessidade de muita oração, porquanto existiam alguns obstáculos. O Padre Sopoćko pediu que Irmã Faustina não se preocupasse com nada e permanecesse tranquila com respeito a tudo. Disse ainda que não havia entregado para impressão a novena, a ladainha e o terço, e pediu à Irmã Faustina que rezasse, pedindo a aprovação dessas devoções pelas autoridades eclesiais.

O Padre Sopoćko partiu na manhã do dia 30 de agosto. Enquanto Irmã Faustina permanecia em profunda oração de ação de graças pelo dom do encontro com o Padre, sentiu uma particular união com o Senhor. Jesus lhe disse:

“É um sacerdote segundo o Meu Coração. Agradam-Me os seus esforços. Estás vendo, Minha filha, que a Minha vontade tem que se realizar, e estou cumprindo o que te prometi. Por ele derramo consolos para as almas sofredoras e atormentadas. Por ele agradou-Me divulgar a honra à Minha misericórdia, e por meio dessa Obra da misericórdia mais almas se aproximam de Mim do que se ele absolvesse dia e noite até o fim da sua vida. Porque assim trabalharia apenas até o fim da vida, enquanto que por essa Obra trabalhará até o fim do mundo” (D. 1256).

Durante aquela conversa, Irmã Faustina percebeu o quanto a alma do Padre Sopoćko estava atormentada, seu sofrimento era semelhante ao sofrimento do Salvador crucificado. Onde o Padre podia, com justiça, esperar consolo, encontrava apenas a cruz. Encontrava-se entre amigos, mas não tinha ninguém além de Jesus. Assim Deus desnuda as almas que ama de maneira especial (D. 1259).

Porteira

Em vista do seu precário estado de saúde, no dia 6 de setembro de 1937, Irmã Faustina foi dispensada das obrigações na horta. A partir de então, deveria desempenhar a função de porteira. Ela agradeceu ao Senhor e pediu-Lhe a bênção para a fiel execução da tarefa que Lhe havia sido confiada. Quase de imediato, começaram a ocorrer acontecimentos desagradáveis. Certa vez, atrasou-se para o almoço, porque alguns afazeres adicionais haviam-na detido na portaria. A Irmã que trabalhava na cozinha fez-Lhe sentir o quanto havia ficado aborrecida com isso. Irmã Faustina aceitou isso com humildade. Mais tarde, naquele mesmo dia, sentiu-se tão mal que precisou descansar. Quando pediu a uma outra irmã que a substituísse na portaria, novamente foi censurada: “Como é, a Irmã já descansou tanto que de novo vai se deitar? Que tanto fica deitada!” Irmã Faustina novamente ouviu, com paciência, tudo isso, mas não era ainda o fim. Teve que pedir ainda à irmã que cuidava das doentes que Lhe trouxesse a refeição. Essa irmã saiu da capela correndo atrás de Irmã Faustina e começou a gritar pelo corredor: “Por que a Irmã vai se deitar?” – e assim por diante. Irmã Faustina pediu, então, que não Lhe levasse nada. Escreveu no Diário que não tinha intenção de escrever sobre tudo isso. Acabou escrevendo, porque não queria que outras irmãs doentes fossem tratadas dessa forma:

“(…) porque isso não agrada ao Senhor. Naquele que sofre, devemos ver Jesus Crucificado e não um parasita ou um peso para a congregação. A alma que sofre submetendo-se à vontade de Deus atrai mais bênçãos Divinas para o convento, do que todas as irmãs que trabalham. Pobre da casa que não tem irmãs doentes! Deus, muitas vezes, concede muitas e grandes graças em consideração às almas sofredoras e afasta muitos castigos unicamente em consideração a elas” (D. 1268).

“Ó meu Jesus, quando seremos capazes de olhar as almas por motivos mais elevados? Quando é que serão verdadeiros os nossos juízos? Vós nos dais a possibilidade de nos exercitar em atos de caridade, e nós nos exercitamos em julgamentos. Para verificar se está florescendo o amor a Deus numa casa religiosa é preciso perguntar como é que são tratados os doentes, aleijados e inválidos” (D. 1269).

O Senhor compensava Irmã Faustina pela indiferença das irmãs. Quando ficou sabendo como era perigoso ficar na portaria nessa época de inquietações revolucionárias e o quanto os homens maus odeiam os conventos, rezava pedindo que o Senhor fizesse com que nenhuma pessoa maldosa ousasse aproximar-se da portaria. Ouviu, então, as palavras: **“Minha filha, desde o momento em que foste para a portaria, coloquei um querubim no portão, para o proteger; fica tranquila”**. Quando, depois dessa conversa com Jesus, a Irmã voltou aos seus afazeres, viu uma pequena nuvem branca e, dentro dela, um Querubim de mãos postas. Seu olhar era como um raio. Irmã Faustina compreendeu que nos olhos do Querubim ardia o fogo do amor a Deus (D. 1271).

No dia 14 de setembro o Senhor disse à Irmã:

“Minha filha, estás pensando que escreveste o suficiente sobre a Minha misericórdia? O que escreveste é apenas como uma pequena gota perante o oceano. Sou o Amor e a própria Misericórdia e não existe miséria que possa medir-se com a Minha misericórdia, nem a miséria a esgotará, visto que, à medida que se dá — aumenta. A alma que confiar na Minha misericórdia é a mais feliz, porque Eu mesmo cuido dela” (D. 1273).

“Escreve, Minha secretária, que sou mais generoso para com os pecadores, do que para com os justos. Foi por eles que descí à Terra... por eles derramei o Meu Sangue. Que não tenham medo de se aproximar de Mim. São eles que mais necessitam da Minha misericórdia” (D. 1275).

Reparação pelos abortos

No dia 16 de setembro, Irmã Faustina teve uma revelação surpreendente relacionada com certos sofrimentos incomuns que ela havia sentido:

“Hoje desejei tão ardentemente rezar uma Hora Santa diante do Santíssimo Sacramento; no entanto, outra era a vontade de Deus. Às oito horas, comecei a sentir dores tão violentas que tive de me deitar imediatamente. Fiquei me contorcendo nessas dores por três horas, isto é, até as onze da noite. Nenhum

remédio me ajudou, e vomitava tudo que engolia. Em certos momentos, essas dores me faziam perder a consciência. Jesus deu-me a conhecer que, dessa maneira, participei da Sua agonia no Jardim de Oliveiras e que Ele mesmo permitiu esses sofrimentos para desagrar a Deus pelas almas assassinadas nos ventres de mães perversas. Já passei três vezes por esses sofrimentos; sempre começam às oito horas, [e duram] até as onze da noite. Nenhum remédio consegue diminuir esses meus sofrimentos. Quando se aproximam as onze horas, desaparecem por si, e eu adormeço nesse momento; no dia seguinte, sinto-me muito fraca. Quando isso me aconteceu a primeira vez, eu estava no sanatório. Os médicos não podiam descobrir o que era, e nem injeções nem remédio algum me ajudava, e nem eu mesma compreendia que sofrimentos eram esses. Eu disse ao médico que nunca, na vida, tinha tido semelhantes dores. Ele afirmou que não sabia do que se tratava. Agora compreendo que sofrimento é esse, porque o Senhor me deu a conhecer... No entanto, quando penso que talvez algum dia ainda tenha que sofrer dessa maneira, tremo de terror, mas não sei se ainda alguma vez vou sofrer dessa maneira; deixo isso a Deus. O que Deus quiser enviar-me, aceitarei tudo com submissão e amor. Queira Deus que eu possa salvar, com esses sofrimentos, ao menos uma alma do homicídio” (D. 1276).

Mistérios ocultos

Irmã Faustina continuava a levar uma vida incomum, à sua maneira, geralmente oculta. No dia 29 de setembro, descreveu no Diário uma graça especial:

“Hoje compreendi muitos mistérios de Deus. Soube que a santa Comunhão dura em mim até a Comunhão seguinte. Uma viva e sensível presença de Deus permanece na minha alma. Essa consciência mergulha-me num profundo recolhimento, sem nenhum esforço da minha parte... O meu coração é um sacrário vivo em que está escondida a Hóstia Viva. Nunca procurei a Deus em algum lugar distante, mas no meu próprio interior. Na

profundeza do meu próprio ser, convivo com o meu Deus” (D. 1302).

As irmãs que com ela conviviam não se davam conta de que sua modesta companheira que fielmente e em silêncio cumpria as obrigações de porteira era uma alma escolhida para o sacrifício. Muitas delas achavam até que ela se fingia de doente para ter mais tempo para a oração. O trecho seguinte do Diário de Irmã Faustina, escrito exatamente naquele período, comprova o quanto elas estavam enganadas:

“Quando a gente está doente e fraca, esforça-se sem cessar para dar conta do que todos fazem habitualmente, mas nem desse ‘habitualmente’ a gente pode sempre dar conta. Mas agradeço-Vos, Jesus, por tudo. Não é a grandeza dos trabalhos, mas a grandeza do esforço que será recompensada. O que se faz por amor não é pequeno, ó meu Jesus, visto que o Vosso olhar tudo vê. Não sei por que me sinto tão excepcionalmente mal pela manhã. Para levantar da cama tenho que concentrar todas as forças e, algumas vezes, até preciso de heroísmo. Só ao me lembrar da santa Comunhão, recupero um pouco as forças. De modo que o meu dia começa com luta e termina com luta. Quando vou descansar, sinto-me como um soldado que volta do campo de batalha. O que esse dia contém em si, só Vós o sabeis, meu Mestre e Senhor” (D. 1310).

No final de setembro, aproximou-se do portão um jovem miserável, descalço e de cabeça descoberta, com a roupa rasgada. Faminto e resfriado, porque o dia era úmido, pediu algo para comer. Irmã Faustina foi até a cozinha, mas não encontrou aí nada separado para os pobres. Depois de alguma procura, conseguiu, no entanto, encontrar um pouco de sopa. Aqueceu-a, esfarelou dentro um pouco de pão e levou ao homem faminto. No momento de devolver o caneco vazio, revelou-se a ela como o Senhor do Céu e da Terra. Ela O reconheceu, mas Ele desapareceu imediatamente do seu olhar. Quando estava voltando ao prédio, meditando sobre o que havia acontecido no portão, ouviu, na alma, as palavras: **“Minha filha, chegaram aos Meus ouvidos as bênçãos dos pobres que, afastando-se da portaria, Me bendizem, e gostei dessa tua**

caridade nos limites da obediência e por isso desci do trono, para saborear o fruto da tua misericórdia” (D. 1312).

A partir desse momento, seu coração inflamou-se de um amor ainda mais puro para com os pobres e necessitados. Como se alegrava porque os superiores lhe tinham dado essa tarefa! Compreendeu que a caridade pode se expressar de diversas formas. A pessoa pode fazer o bem sempre e em toda a parte. No entanto, a Irmã teve que reconhecer mais uma vez que não se tratava de uma tarefa fácil para ela: “Oh, quantos esforços preciso fazer para cumprir bem as minhas obrigações, quando a saúde é tão fraca. Apenas Vós o sabereis, ó Cristo!” (D. 1314).

Um pouco depois Jesus disse à Irmã Faustina: **“Filha, necessito de sacrifício repleto de amor, porque apenas esse tem valor diante de Mim. Grandes são as dívidas contraídas pelo mundo diante de Mim. Podem pagá-las as almas puras, pelo seu sacrifício, praticando a misericórdia em espírito”** (D. 1316)

A Irmã respondeu: “Compreendo as Vossas palavras, Senhor, e a extensão da misericórdia que deve brilhar na minha alma” (D. 1317). Jesus disse então:

“Sei, Minha filha, que as compreendes e fazes tudo que está ao teu alcance, mas escreve-o para muitas almas que, às vezes, se preocupam por não possuírem bens materiais, para com elas praticar a misericórdia. A misericórdia do espírito, porém, tem um mérito muito maior e para a mesma não é preciso ter nem autorização nem depósito, é acessível a todos. Se a alma não praticar a misericórdia de um ou de outro modo, não alcançará a Minha misericórdia no dia do Juízo. Oh! se as almas soubessem armazenar os tesouros eternos, não seriam julgadas — prevenindo o Meu julgamento com obras de misericórdia” (D. 1317).

No dia 10 de outubro, quando Irmã Faustina estava conversando com Jesus, recebeu Dele uma lição proveitosa que assim descreveu:

“Ó meu Jesus, para Vos agradecer por muitas graças ofereço-Vos alma e corpo, inteligência e vontade, e todos os sentimentos do meu coração. Pelos votos, entreguei-me toda a Vós, nada mais tenho que Vos possa oferecer. — Jesus me disse: **Minha filha, não Me oferecete o que é**

verdadeiramente teu. — Aprofundei-me em mim e conheci que amo a Deus com todas as faculdades da minha alma e não podendo conhecer o que era que não tinha entregado ao Senhor, perguntei: “Jesus, dizei-me o que é, e Vos entregarei imediatamente com generosidade de coração”. — Jesus disse-me bondosamente: **Filha, entrega-Me a tua miséria, porque ela é tua propriedade exclusiva.**— Nesse momento, um raio de luz iluminou a minha alma e conheci todo o abismo da minha miséria. Nesse mesmo instante reclinei-me no Sacratíssimo Coração de Jesus com tanta confiança que, ainda que tivesse sobre a minha consciência os pecados de todos os condenados, não duvidaria (59) da misericórdia Divina — mas com o coração reduzido a pó, lançar-me-ia no abismo da Vossa misericórdia. Creio, ó Jesus, que não me afastaríeis de Vós, mas me daríeis a absolvição pela mão do Vosso representante” (D. 1318).

A Hora de grande Misericórdia

Naquele mesmo dia, Irmã Faustina recebeu também do Senhor instruções relacionadas com mais um elemento importante da Devoção à Misericórdia Divina. Tratava-se da Hora da grande Misericórdia:

“Às três horas da tarde, implora a Minha misericórdia especialmente pelos pecadores e, ao menos por um breve tempo, reflete sobre a Minha Paixão, especialmente sobre o abandono em que Me encontrei no momento da agonia. Essa é a Hora da grande misericórdia para o mundo inteiro. Permitirei que penetres na Minha tristeza mortal. Nessa hora nada negarei à alma que Me pedir pela Minha Paixão...” (D. 1320).

Um pouco antes dessas palavras do Senhor, Irmã Faustina anotou uma oração que pode ser rezada durante essa Hora: “Vós morrestes, Jesus, mas uma fonte de vida jorrou para as almas, e abriu-se um mar de misericórdia para o mundo. Ó Fonte de Vida, insondável misericórdia de Deus, envolvi o mundo todo e derramai-Vos sobre nós” (D. 1319).

Busca da santidade

No dia 20 de outubro, Irmã Faustina expressou a sua total submissão à vontade de Deus, especialmente nas questões relacionadas com a missão que lhe havia sido confiada:

“Ó meu Deus, que tudo que em mim existe Vos bendiga, meu Criador e Senhor! E com cada pulsar do meu coração desejo glorificar a Vossa insondável misericórdia. Desejo falar às almas da Vossa bondade e estimulá-las à confiança na Vossa misericórdia – eis a minha missão, que Vós mesmo me destinastes nesta e na outra vida” (D. 1325).

Naquele mesmo dia, Irmã Faustina começou, juntamente com outras irmãs, o seu último retiro de oito dias. Dava-se conta de que não lhe restava mais que um ano de vida. Ela escreveu: “Deste retiro quero sair santa, embora os olhos humanos não o percebam e nem mesmo o olhar das superiores. Abandono-me toda à ação da Vossa graça. Cumpra-se em mim inteiramente a Vossa vontade” (D. 1326).

No primeiro dia do retiro, Jesus disse à Sua “apóstola” Faustina:

“Minha filha, este retiro será uma contemplação ininterrupta. Eu te introduzirei nesse retiro como num banquete espiritual. Junto ao Meu misericordioso Coração, meditarás sobre todas as graças recebidas no teu coração e uma profunda paz acompanhará a tua alma. Desejo que o olhar da tua alma fique sempre fixo na Minha santa vontade e, assim, muito Me agradarás. Nenhum sacrifício pode ser comparado com esse. Durante todos os exercícios, permanecerás junto ao Meu Coração e não realizarás nenhum tipo de reforma, porque vou dispor da tua vida como Me apraz. Nenhuma das palavras do sacerdote que prega esse retiro poderá inquietar-te” (D. 1327).

Ela respondeu com humildade: “Jesus, Vós mesmo Vos dignastes pôr o fundamento para a construção da minha santidade, porque a minha colaboração não foi grande. Quanto à indiferença na utilização das criaturas e na sua escolha, Vós me ajudastes, Senhor, porque o meu coração é fraco por si só e por isso Vos pedi, meu Mestre, que não levásseis em consideração a dor do meu coração, mas cortásseis tudo que me pudesse deter no caminho do amor. Não

Vos entendia, Senhor, nos momentos de sofrimento, quando estáveis realizando Vossa obra na minha alma, mas hoje Vos compreendo e me alegro com a liberdade do espírito” (D. 1331).

A irmã escreveu ainda a respeito do tema da busca pela santidade:

“Apesar de todas as derrotas, quero lutar como uma alma santa e quero proceder como uma alma santa. Nada me desencorajará, como não se desencoraja uma alma santa. Quero viver e morrer como uma alma santa, olhando para Vós, Jesus, pregado na Cruz como um modelo de como deva proceder. Procurei um exemplo em minha volta e não encontrei exemplos satisfatórios. Percebi que a minha santidade estava como que se atrasando, mas, a partir do presente momento, fixei o olhar em Vós, ó Cristo, meu melhor Guia. Confio que abençoareis os meus esforços” (D. 1333).

Num dos dias do retiro, Irmã Faustina estava rezando diante do Santíssimo Sacramento, saudando as cinco Chagas de Jesus. Toda vez que saudava uma Chaga sentia uma torrente de graça que invadia a sua alma, dando-lhe o antegozo do Céu e despertando a total confiança na Misericórdia de Deus. Quando começou a escrever sobre tudo isso, ouviu o grito do demônio: “Ela escreve tudo, escreve tudo, e por isso nós perdemos tanto. Não escrevas sobre a bondade de Deus; Ele é justo”. O espírito mau deu um uivo de raiva e desapareceu (D. 1337-1338). A Irmã glorificava a Misericórdia de Deus com estas palavras:

“Ó Deus misericordioso, que não nos desprezais, mas nos cumulais sem cessar com as Vossas graças! Vós nos tornais dignos do Vosso Reino e, em Vossa bondade, preencheis com homens os lugares deixados pelos anjos ingratos. Ó Deus de grande misericórdia, que afastastes o Vosso santo olhar dos anjos revoltados e o voltastes para o homem contrito, seja dada honra e glória à Vossa insondável misericórdia, ó Deus, que não desprezais o coração humilhado!” (D. 1339).

Jesus lembrou à Irmã: **“Quando saíres desse retiro, lembra-te de que procederei contigo como com uma alma perfeita. Desejo ter-te nas minhas mãos como instrumento apto para realizar obras”** (D. 1359).

Irmã Faustina respondeu: “Ó Senhor, que permeais todo o meu ser e os mais profundos recônditos da minha alma, Vós vedes que desejo apenas a Vós e unicamente o cumprimento da Vossa santa vontade, não levando em conta qualquer dificuldade, ou sofrimento, ou humilhação e respeito humano” (D. 1360).

Jesus respondeu:

“Esse teu decidido propósito de te tornares santa é-Me imensamente agradável. Abençoo os teus esforços e te darei a oportunidade de te santificares. Sê cuidadosa para não perderes nenhuma oportunidade que a Minha providência te oferecer para a tua santificação. Se não conseguires aproveitar uma determinada oportunidade, não te inquietes, mas humilha-te profundamente diante de Mim e com grande confiança mergulha toda na Minha misericórdia. Dessa maneira, ganharás mais do que perdeste, porque a uma alma humilde se dá mais generosamente — mais do que ela mesma pede...” (D. 1361).

No sétimo dia do retiro, Irmã Faustina obteve o conhecimento interior do seu destino. Sabia que se tornaria santa. Essa profunda convicção encheu a alma da Irmã de enorme gratidão. Ela entregou toda a glória a Deus, pois sabia o que era por si mesma. Com a simplicidade de uma criança, descreveu todas as obras maravilhosas que o Senhor havia realizado para ela durante esse retiro:

“Saio desse retiro inteiramente transformada pelo amor de Deus. A minha alma inicia séria e corajosamente uma nova vida, embora exteriormente essa vida não se modifique em nada e ninguém o perceba. O amor puro é o guia da minha vida, e exteriormente a misericórdia é o seu fruto. Sinto que estou toda impregnada de Deus e é com Ele que vou enfrentar a vida de todos os dias, monótona, difícil e laboriosa — confio que Aquele que sinto em meu coração transformará essa monotonia em minha santidade pessoal.

Em profundo recolhimento junto ao Vosso misericordioso Coração, a minha alma está amadurecendo nesse retiro. Nos raios puros do Vosso amor, a minha alma perdeu a sua acidez e tornou-se um fruto doce e maduro. Agora posso ser inteiramente útil à Igreja pela minha santidade pessoal que pulsa de vida em

toda a Igreja, visto que todos constituímos um só corpo em Jesus. Por isso, esforço-me para que o solo do meu coração produza bons frutos. E, embora o olhar humano talvez nunca os veja, virá o dia em que se manifestará e então com esse fruto se alimentarão muitas almas” (D. 1363-1364).

No oitavo dia do retiro, quando a Irmã estava refletindo sobre todos os benefícios e graças recebidos do Senhor, sentiu a necessidade de demonstrar a Deus, por tudo isso, uma gratidão especial. Desejava mergulhar em ação de graças diante da Majestade de Deus durante os próximos sete dias e sete noites. Exteriormente, fez o propósito de cumprir as tarefas que lhe eram confiadas; interiormente, o seu espírito deveria permanecer incessantemente diante do Senhor, e todos os exercícios espirituais deveriam estar repassados do espírito de ação de graças (D. 1367).

Para se certificar de que as suas intenções eram agradáveis a Deus, e para afastar a menor sombra de dúvida, na confissão ela falou desses seus desejos ao Padre Andrasz. O Padre deu-lhe permissão para tudo, mas disse que não se esforçasse para rezar quando acordasse à noite. No dia seguinte, 29 de outubro, Irmã Faustina começou essa “grande ação de graças” por um ato de renovação dos votos (D. 1368-1369).

A ideia de alcançar a santidade não era para ela apenas uma aspiração dos últimos tempos, conforme testemunha o seguinte trecho do Diário:

“Ó meu Jesus, Vós sabeis que desde os meus mais tenros anos eu desejava tornar-me uma grande santa, isto é, desejava amar-Vos com um amor tão grande como, até então, nenhuma alma Vos havia amado. No começo eram secretos esses meus desejos, apenas Jesus conhecia. Hoje, já não posso encerrá-los no meu coração, desejaria gritar para o mundo todo: Amai a Deus, porque é bom e de grande misericórdia!” (D. 1372).

“Ó dias triviais e cheios de monotonia, olho para vós com um olhar solene e festivo! Oh! como é grandioso e solene o tempo que nos dá ocasião de colher méritos para o Céu eterno. Compreendo agora como o aproveitaram os santos” (D. 1373).

Uma semana após o retiro, na manhã do dia 5 de novembro de 1937, criou-se junto ao portão do convento uma situação perigosa.

Cinco desempregados queriam entrar à força. A irmã que estava cuidando da portaria, não podendo dar conta deles, correu à capela e contou tudo à Madre superiora. A superiora recomendou que Irmã Faustina fosse falar com os desempregados. Ela deixou a descrição desse acontecimento:

“Ainda me encontrava a uma boa distância da portaria, e já ouvia as suas insistentes batidas. Imediatamente envolveu-me a dúvida e o temor. Não sabia se devia abrir-lhes ou, como a irmã N., responder-lhes pela janelinha. Mas, de repente, ouvi, na alma, a voz: Vai, abre o portão e fala com eles com a mesma doçura com que falas Comigo. — Imediatamente abri o portão, aproximei-me do mais ameaçador e comecei a falar com ele com tanta doçura e calma que eles mesmos não sabiam como proceder e também começaram a conversar delicadamente e disseram: “Bem, é uma pena que o convento não tenha serviço para nós”. — E afastaram-se tranquilamente. Senti claramente que Nosso Senhor, a quem [apenas] uma hora antes havia recebido na santa Comunhão, agiu por meu intermédio nos seus corações. — Oh! como é bom agir sob a inspiração de Deus!” (D. 1377).

Algumas horas após esse incidente, Irmã Faustina sentiu-se mal. Foi falar com a Madre superiora, desejando pedir-lhe autorização para se deitar. Ficou sabendo, no entanto, que a moça que sempre a ajudava tinha um trabalho para fazer na horta, e que ela teria que dar conta da portaria sozinha. Quando Irmã Faustina voltou à portaria, sentiu dentro de si uma força estranha. Durante o dia todo, cumpriu a sua obrigação e sentiu-se bem. Ela atribuía à santa obediência esse acontecimento, bem como a fiel execução de diversas outras tarefas que lhe eram confiadas (D. 1378).

No dia 10 de novembro, a Madre Irena mostrou à Irmã Faustina um exemplar da brochura “Cristo, Rei de Misericórdia”, publicada pela Editora J. Cebulski, por encomenda do Padre Sopoćko. A Irmã perguntou se poderia dar uma olhada na brochura. Quando fazia isso, ouviu as palavras de Jesus: **“Já há muitas almas atraídas ao Meu amor através da Imagem. A Minha misericórdia atua nas almas através dessa Obra”** (D. 1379).

Fonte de vigor no sofrimento

No dia 19 de novembro, a “Secretária” de Jesus anotou as palavras que lhe tinham sido ditas pelo Senhor naquele dia, após a santa Comunhão:

“Desejo unir-Me com as almas humanas, a Minha delícia é unir-Me com elas. Fica sabendo, Minha filha, que quando venho pela santa Comunhão ao coração do homem, tenho as mãos cheias de toda espécie de graças e desejo entregá-las às almas, mas elas nem Me dão atenção; deixam-Me sozinho e se ocupam com outras coisas. Oh! quão triste fico por não reconhecerem o amor! Procedem Comigo como com alguma coisa morta” (D. 1385).

Irmã Faustina respondeu ao Senhor:

“Tesouro do meu coração, objeto único do meu amor e toda a delícia da minha alma, desejo adorar-Vos no meu coração, como sois adorado no trono da Vossa glória eterna! O meu amor deseja recompensar-Vos, ao menos em parte, pela tibieza de um tão grande número de almas. Ó Jesus, eis o meu coração que é para Vós uma morada, à qual nada tem acesso: Vós descansais nele, como num belo jardim. Ó meu Jesus, até logo, já tenho que ir trabalhar, mas provarei o meu amor para Convosco pelo sacrifício, nada deixarei passar nem permitirei que me escape alguma ocasião para isso” (D. 1385).

Naquele dia, Irmã Faustina mais do que nunca teve ocasiões de fazer de si mesma um sacrifício ao Senhor. Graças à força espiritual que havia haurido na Comunhão, não desperdiçou nenhuma delas. Os trechos seguintes do Diário testemunham o seu grande amor ao Sacramento da Eucaristia:

“Tudo o que há de bom em mim — foi realizado pela santa Comunhão; a Ela devo tudo. Sinto que esse fogo santo transformou-me inteiramente. Oh! como me alegro por ser uma morada Vossa, Senhor! O meu coração é um templo em que permaneceis continuamente...” (D. 1392).

“Jesus oculto, em Vós está toda a minha força. Desde a minha mais tenra infância, Nosso Senhor atraiu-me a Si no Santíssimo Sacramento. Tinha sete anos, quando, uma vez, no ofício das vésperas, Nosso Senhor estava exposto no ostensório, e então, pela primeira vez, foi-me concedido o amor Divino que encheu o meu pequeno coração. O Senhor concedeu-me a compreensão das coisas de Deus. Desde esse dia, até hoje, cresce o meu amor ao Deus oculto, até a intimidade mais estreita. Toda a força da minha alma provém do Santíssimo Sacramento. Passo todos os momentos livres dialogando com Ele. Ele é o meu Mestre” (D. 1404).

No dia do recolhimento mensal, 26 de novembro, Irmã Faustina conheceu mais profundamente o valor do sofrimento. Compreendeu que o sofrimento a tornava semelhante a Jesus. Se existisse algum outro caminho melhor, Jesus o teria indicado a ela. Apesar das dores e das provações, a Irmã sentia uma profunda paz, mas essa paz não diminuía o sofrimento que ela sentia. “E, se muitas vezes, tenho o rosto voltado para o chão e as lágrimas correm com abundância, no entanto, ao mesmo tempo, a minha alma está repleta de uma profunda paz e felicidade...” (D. 1394).

Naquele mesmo dia, Jesus disse à sua fiel Secretária:

“Oh! se os pecadores conhecessem a Minha misericórdia, não se perderiam em tão grande número! Diz às almas pecadoras que não temam aproximar-se de Mim, fala-lhes da Minha grande misericórdia. (...) Disse-me o Senhor: A perda de cada alma mergulha-Me em tristeza mortal. Sempre Me consolas quando rezas pelos pecadores. A oração que Me é mais agradável — é a oração pela conversão das almas pecadoras. Deves saber, Minha filha, que essa oração sempre é ouvida e atendida” (D. 1396-1397).

Novamente aproximava-se o Advento. Irmã Faustina velava como sempre. No dia do retiro mensal, fez o propósito de preparar o seu coração para a vinda do Senhor, permanecendo no silêncio e no recolhimento. Fez o propósito de unir-se também com a Mãe Santíssima, especialmente na imitação do Seu silêncio.

No dia 21 de novembro, recebeu uma carta do Padre Sopoćko. O Padre escreveu que Deus esperava dela a oração e o sacrifício mais que a ação. Tinha em mente a fundação da nova congregação. Uma das anotações no Diário testemunha que Irmã Faustina não ficou decepcionada com a resposta do Padre:

“Ontem, recebi uma carta do padre Sopoćko. Fiquei sabendo que a causa de Deus está progredindo, embora aos poucos. Imensamente alegre com isso, multipliquei as minhas orações por toda essa obra. Conheci que nesse momento Deus está exigindo de mim, nessa obra — orações e sacrifícios. A minha ação poderia realmente prejudicar os planos de Deus, como me escreveu na carta de ontem o padre Sopoćko. Ó meu Jesus, dai-me a graça de eu ser um instrumento dócil em Vossas Mãos. Conheci nessa carta a grande luz que Deus está concedendo a esse sacerdote. Isso me confirma na convicção de que Deus realizará essa obra através dele, apesar das contrariedades; de que realizará essa obra, ainda que as adversidades acumulem-se. Bem sei que, quanto mais bela e maior a obra, tanto mais terríveis as tempestades que se desencadearão contra ela. (D. 1401).

Deus, em Seus insondáveis desígnios, frequentemente permite que justamente aqueles que empreenderam os maiores esforços em alguma obra não gozem do fruto dessa obra aqui na terra. Deus reserva-lhes toda a felicidade para a eternidade. Mas, apesar de tudo, algumas vezes Deus lhes dá a conhecer quanto Lhe agradam os esforços deles. Esses momentos os fortalecem para novas lutas e provações. São essas almas que mais se assemelham ao Salvador o qual, em Sua obra fundada aqui na terra, só sentiu amarguras” (D. 1402).

Irmã Faustina tinha que travar agora lutas espirituais. Na noite de 30 de novembro de 1937, foi repentinamente dominada por uma estranha indisposição para com tudo que tinha algum relacionamento com Deus. Então ouviu as palavras que o demônio lhe dirigia: “Nem penses nessa Obra. Deus não é assim misericordioso como Dele estás falando. Não rezes pelos pecadores, porque mesmo assim eles serão condenados e, por essa Obra da misericórdia, tu mesma estás te expondo à condenação. Não fales nunca dessa misericórdia

de Deus com o confessor, especialmente, **não fales com o padre Sopoćko e com o frei Andrasz**". Nesse momento, a voz assumiu a figura do seu anjo da guarda. A Irmã disse imediatamente: "Sei quem és – o pai da mentira". Fez o sinal da cruz e esse anjo ficou muito raivoso e desapareceu. No dia seguinte, o Senhor deu a conhecer a ela que não a abandonaria, e que, sem a Sua permissão, ninguém poderia tocar sequer em um fio de cabelo da sua cabeça (D. 1405-1406).

Certo dia, em dezembro, quando Irmã Faustina estava recebendo a Comunhão, percebeu que, no cálice, havia apenas uma "Hóstia viva", aquela que o sacerdote lhe entregou. Ela voltou ao seu lugar e perguntou ao Senhor: "Por que uma viva? Pois estais vivo da mesma forma sob todas as espécies". O Senhor lhe respondeu: **"É verdade, sou O mesmo sob todas as espécies, mas nem todas as almas Me recebem com a mesma fé viva com que tu Me recebes, Minha filha, e, por isso, não posso agir nas almas delas como ajo na tua"** (D. 1407).

Pouco depois, Irmã Faustina participou de uma santa Missa celebrada pelo Padre Sopoćko. Viu, então, o Menino Jesus que, tocando com o dedo a testa do sacerdote, disse: **"O pensamento dele está estreitamente unido com o Meu e, portanto, fica tranquila quanto à Minha Obra. Não permitirei que ele se engane, e nada faças sem a permissão dele!"** (D. 1408).

A alma dela encheu-se então de uma grande paz a respeito de toda essa obra. Os dias seguintes trouxeram à Irmã uma consciência ainda maior do amor e do desvelo com que Deus a envolvia. O Senhor deu-lhe a conhecer mais profundamente que tudo depende da sua vontade e que permite certas dificuldades unicamente para o nosso mérito, para que a nossa fidelidade possa se manifestar claramente. Jesus também concedeu à Irmã a força de suportar o sofrimento e de se abnegar (D. 1409).

Amor à Imaculada

Irmã Faustina estava se preparando com grande zelo para a festa da Imaculada Conceição da Santíssima Virgem Maria. Passou dias em maior recolhimento, agradecendo a Deus pelo maravilhoso

privilégio que havia sido conferido à Imaculada. O coração da Irmã mergulhou inteiramente no coração da Mãe de Deus. Irmã Faustina estava se preparando para essa solenidade não apenas participando da novena com toda a Congregação, mas adicionalmente, durante nove dias, saudava Nossa Senhora recitando diariamente em Sua honra mil Ave-Marias. Já era a terceira vez que Irmã Faustina fazia esse tipo de novena. Na segunda vez, ela a havia feito também fora das práticas comuns da vida religiosa, enquanto cumpria as suas tarefas que executava com incomum exatidão. Era a primeira vez que ela fazia uma novena dessas fora no sanatório, deitada na cama. Como ela mesma disse, isso não era nada demais para honrar a Imaculada. Confessou, no entanto, que essa novena lhe havia custado muito esforço e concentração.

Deus abençoou os seus empenhos. Já na véspera da festa, dia 7 de dezembro, durante o almoço, o Senhor deu a conhecer à Irmã Faustina a grandeza do seu destino, isto é, a união estreita com Deus que não lhe será tirada por toda eternidade. A revelação havia sido tão viva e nítida que a Irmã permaneceu por muito tempo mergulhada na presença do Senhor.

No dia da festa da Imaculada Conceição, Irmã Faustina escreveu:

“Antes da santa Comunhão, vi a Mãe Santíssima em beleza inconcebível. Sorrindo para mim, disse-me: *Minha filha, por recomendação de Deus devo ser tua Mãe de maneira exclusiva e especial, mas desejo que também tu sejas minha filha especial. Desejo, minha filha caríssima, que te exercites em três virtudes que me são as mais caras e as mais agradáveis a Deus: a primeira — é a humildade, humildade e mais uma vez humildade; segunda — a pureza; a terceira — o amor a Deus.* Como filha minha, debes brilhar de maneira especial com essas virtudes.— Terminada a conversa, estreitou-me ao seu Coração e desapareceu.

Quando voltei a mim, o meu coração foi atraído para as virtudes de maneira estranha. Exercito-me fielmente nelas, estão como que gravadas no meu coração. Foi esse um grande dia para mim. Nesse dia, estive como que em contínua contemplação, só a lembrança dessa graça levava-me a uma

nova contemplação e permaneci o dia todo em ação de graças sem cessar, porque a lembrança dessa graça levava a minha alma a novamente mergulhar em Deus...

Ó meu Senhor, a minha alma é de todas a mais miserável, e Vós Vos rebaixais até ela tão bondosamente. Vejo claramente a Vossa grandeza e a minha pequenez. Por isso me alegro, por serdes tão poderoso e incomensurável, e me alegro imensamente por ser tão pequenina. Cristo sofredor, saio ao Vosso encontro. Como esposa Vossa, tenho que ser semelhante a Vós. O Vosso manto de ultrajes deve cobrir também a mim. Ó Cristo, Vós sabeis como desejo ardentemente assemelhar-me a Vós. Fazei que participe de toda a Vossa Paixão, que toda a Vossa dor se entorne no meu coração. Confio que completareis isso em mim, da maneira que julgardes apropriada” (D. 1414-1418).

Na primeira quinta-feira do mês, Irmã Faustina sentiu-se tão mal que não pôde participar da adoração noturna ao Santíssimo Sacramento. No entanto, procurava unir-se às irmãs que permaneciam em oração. Entre as quatro e as cinco horas da manhã, foi acordada repentinamente. Ouviu uma voz que a convidava a unir-se, pela oração, às irmãs que estavam na capela. O Senhor deu-lhe a conhecer que uma das irmãs estava intercedendo por ela junto a Ele. Enquanto Irmã Faustina rezava, foi transportada, em espírito, à capela e viu Nosso Senhor exposto no ostensório. No lugar do ostensório, viu a venerável Face de Jesus. O Senhor disse a ela. **“O que tu estás vendo na realidade, estas alma veem pela fé. Oh! como Me é agradável a grande fé delas. Repara que, embora em aparência não haja em Mim vestígio de vida, no entanto, em realidade essa vida está em toda a plenitude contida em cada Hóstia. No entanto, para Eu poder agir na alma, ela deve ter fé. Oh! como Me é agradável a fé viva”** (D. 1420).

Naquela hora, a Madre Irena estava fazendo a adoração juntamente com algumas outras irmãs. O Senhor deu a conhecer a Irmã Faustina que as orações da Madre haviam movido o Céu. A Irmã alegrou-se ao ver que existem almas tão agradáveis a Deus.

Natal de 1937

Irmã Faustina continuava a viver cada dia no silêncio e no sofrimento, mas também no poder e na misericórdia de Deus. Alguns dias antes do Natal, foi se confessar com o Padre Andrasz. O Padre, repartindo com ela espiritualmente o opłatek, apresentou-lhe os votos: “Seja muito fiel à graça de Deus. Segundo: peça à misericórdia de Deus por você e pelo Mundo todo, porque todos necessitamos muito, muito, da misericórdia de Deus” (D. 1432).

Dois dias antes do Natal, quando no refeitório eram lidas as palavras “amanhã é o Nascimento de Jesus Cristo segundo o corpo”, a alma de Irmã Faustina foi invadida pela luz e pelo amor de Deus. Obteve um conhecimento mais profundo do mistério da Encarnação. “Que grande Misericórdia de Deus está encerrada no mistério da Encarnação do Filho de Deus!” (D. 1433). Nesse mesmo dia escreveu ainda: “Hoje, o Senhor deu-me a conhecer a Sua indignação contra a Humanidade que merece pelos seus pecados a abreviação dos dias, mas conheci que a existência do mundo é sustentada pelas almas eleitas, isto é, as religiosas. Ai do mundo se faltarem ordens religiosas” (D. 1434).

Era a véspera do Natal. Após a Comunhão, a Santíssima Mãe de Deus permitiu que Irmã Faustina sentisse a preocupação pelo Filho de Deus que Ela própria trazia no coração. “Mas essa preocupação estava impregnada de um tal perfume de abandono à vontade de Deus que a chamo antes de delícia; não, de preocupação. Compreendi como a minha alma deve aceitar toda a vontade de Deus” (D. 1437).

O Senhor ficou muito satisfeito porque a Irmã entrou na capela, antes da ceia natalina. Irmã Faustina desejava repartir opłatek espiritualmente com aqueles a quem amava, mas que estavam distantes dela. Primeiramente mergulhou numa profunda oração e pediu ao Senhor que cumulasse todas essas pessoas com as suas graças. Depois intercedeu separadamente por cada uma das pessoas que lhe eram caras. Deus lhe deu a conhecer como Lhe é agradável uma oração assim. A alma da Irmã encheu-se de alegria ainda maior quando compreendeu que o Senhor ama de maneira especial aquele a quem nós amamos (D. 1438).

Durante as leituras no refeitório, todo o ser da Irmã permanecia mergulhado em Deus. Ela viu em espírito como Deus olhava com satisfação para todas as irmãs. Ficou sozinha com o Pai Celestial. Nesse momento, obteve um conhecimento mais profundo das três Pessoas Divinas que contemplaremos por toda a eternidade e, mesmo depois de milhões de anos, descobriremos que apenas começamos a nossa contemplação. Continuava meditando: “Oh! como é grande a misericórdia de Deus que admite o homem a uma tão profunda participação na Sua felicidade Divina! Mas ao mesmo tempo, que grande dor transpassa o meu coração por muitas almas terem desprezado essa felicidade!” (D. 1439).

Na cerimônia da repartição do opłatek, antes da ceia natalina, reinava uma atmosfera de sincero amor mútuo. Os votos da Madre Irena para Irmã Faustina foram: “Irmã, as obras de Deus andam devagar, portanto não tenha pressa”. De um modo geral, todas as irmãs desejavam-lhe um grande amor, portanto, o que ela mais desejava. Apenas uma delas, ao fazer os votos a Irmã Faustina demonstrou uma nota oculta de malícia, mas Irmã Faustina quase não prestou atenção a isso, visto que sua alma estava repleta de Deus. No entanto, o Senhor deu-lhe a conhecer por que Deus se comunica tão pouco a uma alma assim. Uma alma assim, até nas coisas santas busca sempre a si mesma. A Irmã pensou: “Oh! como é bom o Senhor por não permitir que eu erre, e sei que velará por mim até com ciúme, mas enquanto eu for pequenina, porque “Ele – o grande Senhor – gosta de conviver com pessoas assim, e aos grandes conhece de longe e opõe-se a eles” (D. 1440).

Irmã Faustina tinha a intenção de ficar em vigília de oração antes da missa do galo, mas sentiu-se tão mal que acabou adormecendo imediatamente. No entanto, quando soou a sineta para a santa Missa, ela acordou de imediato. Tinha grande dificuldade para se vestir, porque a todo momento sentia-se mal. Mais tarde, descreveu assim as suas vivências daquela noite e das festas natalinas:

“Quando vim para a Missa do Galo, já no começo da santa Missa, mergulhei toda em profundo recolhimento e vi a gruta de Belém repleta de muita luz. A Virgem Santíssima envolvia Jesus em faixas, inteiramente absorta em grande amor, mas S. José

ainda dormia. Foi somente quando a Mãe de Deus acomodou Jesus na manjedoura que a claridade de Deus acordou S. José que também se pôs a rezar. Porém, em seguida, fiquei a sós com o Menino Jesus que estendia para mim os Seus bracinhos, e compreendi que era para eu tomá-Lo em meus braços. Jesus recostou a Sua cabecinha em meu coração e com o Seu profundo olhar me deu a conhecer que estava sentindo-se bem junto ao meu coração. Nesse instante, desapareceu Jesus e ouvi a sineta para a santa Comunhão: a minha alma desfalecia de alegria.

No entanto, no final da santa Missa, sentia-me tão fraca que tive que sair da capela e ir para a cela — já não pude participar do chá em comum. Mas a minha alegria foi grande durante todo o Natal, porque a minha alma estava incessantemente unida com o Senhor. Conheci que cada alma gostaria de ter os consolos Divinos, mas que, de forma alguma, quer renunciar aos consolos humanos. Acontece, porém, que essas duas coisas não podem ser conciliadas.

Nesse período de Natal, senti que algumas almas rezam por mim. Alegro-me por existir já aqui na terra uma tal união e conhecimento espiritual. Ó meu Jesus, por tudo Vos seja dada honra!” (D. 1442-1444).

Durante os maiores sofrimentos da alma, Irmã Faustina estava apenas com Jesus, não recebia ajuda de nenhum ser humano. Antes ficava preocupada por não ter ninguém que compreendesse o seu coração. Agora não fazia questão disso, mesmo quando as suas intenções eram mal compreendidas e condenadas. “As pessoas não sabem perceber a alma – escreveu ela. – Elas veem o corpo e julgam de acordo com o corpo, mas, assim como o céu está distante da terra, também distantes estão os pensamentos de Deus dos nossos pensamentos” (D. 1445).

Jesus continuava instruindo sua “Secretária”: **“Não te preocupes com o procedimento dos outros. Tu deves proceder como Eu te mando; deves ser a Minha imagem viva pelo amor e pela caridade”** (D. 1446). Irmã Faustina respondeu: “Senhor, mas, muitas vezes, abusam da minha bondade”.

Jesus continuou:

“Não importa, filha Minha. Não te preocupes com isso; tu deves sempre ser caridosa para com todos, especialmente para com os pecadores.

Ah! como Me dói que as almas se unam tão pouco Comigo na santa Comunhão! Espero pelas almas e elas se mostram indiferentes. Amo-as tão afetuosa e sinceramente, e elas não confiam em Mim. Quero cobri-las de graças — mas elas não querem aceitá-las. Procedem Comigo como com alguma coisa inanimada e, no entanto, tenho o Coração cheio de amor e misericórdia. — Para conheceres ao menos um pouco a Minha dor, imagina a mãe mais carinhosa, que ama muito seus filhos; no entanto, esses filhos desprezam o amor da mãe: imagina a sua dor, ninguém a poderá consolar. Isso é apenas uma pálida imagem e semelhança do Meu amor.

Escreve, fala da Minha misericórdia. Diz às almas onde devem procurar consolos, isto é, no tribunal da misericórdia onde continuo a realizar os Meus maiores prodígios que se renovam sem cessar.

Para obtê-los, não é necessário empreender longas peregrinações, nem realizar exteriormente grandes cerimônias, mas basta ajoelhar-se com fé aos pés do Meu representante e confessar-lhe a própria miséria. O milagre da misericórdia de Deus se manifestará em toda a plenitude.

Ainda que a alma esteja em decomposição como um cadáver e ainda que humanamente já não haja possibilidade de restauração, e tudo já esteja perdido — Deus não vê as coisas dessa maneira. O milagre da misericórdia de Deus fará ressurgir aquela alma para uma vida plena. Ó infelizes, que não aproveitais esse milagre da misericórdia de Deus! Clamareis em vão, pois já será tarde demais” (D. 1446-1448).

Essas foram as últimas palavras que Jesus disse à Irmã Faustina no ano de 1937. Dois dias antes do Ano Novo, a Irmã sentiu-se tão mal que foi obrigada a permanecer acamada. Atormentava-a muito a tosse, esgotavam-na as constantes dores nos intestinos e os enjoos. Na véspera do Ano Novo, as irmãs foram acordadas às onze horas da noite, para que pudessem velar e

saudar o Ano Novo. Irmã Faustina procurava unir-se espiritualmente com a Comunidade nas devoções celebradas até o fim do ano, mas do anoitecer até à meia-noite ela sofria tanto que chegava a contorcer-se em dores. A única coisa que podia fazer era unir os seus sofrimentos às orações das irmãs que velavam na capela, prestando reparação a Deus pelas ofensas dos pecadores (D. 1451).

Quando o relógio anunciou a meia-noite, Irmã Faustina mergulhou numa contemplação mais profunda ainda. Ouviu então as palavras: **“Não temas, Minha filha, não estás sozinha. Luta com coragem, porque o Meu braço te ampara. Luta pela salvação das almas, exortando-as à confiança na Minha misericórdia, porque esta é a tua tarefa nesta vida e na futura”** (D. 1452).

“Após essas palavras tive uma compreensão mais profunda da misericórdia de Deus. Será condenada apenas a alma que quiser; porque Deus não condena a ninguém” (D. 1452).

Submissão total (1938) Aceitação do novo sofrimento

No dia 1º de janeiro de 1938, Irmã Faustina anotou: “Termino o ano velho com o sofrimento e com o sofrimento inicio também o novo”.

A seguir escreveu:

“Saúdo-te, ano novo, em que se completará a obra da minha perfeição. Já de antemão Vos agradeço, Senhor, por tudo o que a Vossa bondade me enviar. Agradeço-Vos pelo cálice de sofrimentos do qual beberei todos os dias. Não atenuéis o seu amargor, Senhor, mas fortalecei os meus lábios para que, bebendo a amargura, saiba sorrir de amor para Convosco, meu Mestre. Agradeço-Vos por todos os consolos e graças que não sou capaz de enumerar e que diariamente recaem sobre mim como o orvalho da manhã, tão mansa e silenciosamente que nenhum olhar das criaturas curiosas é capaz de percebê-los. Deles sabemos apenas Vós e eu, ó Senhor.

Por tudo isso, hoje Vos agradeço, porque talvez, no momento em que me apresentardes o cálice, o meu coração não seja capaz de agradecer. Eis que hoje, com vontade amorosa, submeto-me inteiramente à Vossa santa vontade, ó Senhor, e aos Vossos mais sábios desígnios que são sempre para mim os mais amorosos e cheios de misericórdia, embora muitas vezes não os possa compreender nem perscrutar. Mestre meu, eis que Vos entrego totalmente o leme da minha alma; conduzi-a Vós mesmo segundo as Vossas Divinas preferências. Encerro-me no Vosso Coração compassivo que é um mar de misericórdia insondável” (D. 1449-1450).

Naquela manhã, Irmã Faustina teve dificuldade para receber a santa Comunhão. E quanto a participar da santa Missa, não havia a

mínima possibilidade. A ação de graças da Irmã elevava-se para o Senhor do leito de dores.

A irmã enfermeira censurou Irmã Faustina porque, numa festividade tão grande, não esteve na santa Missa. Essa enfermeira veio até ela uma segunda vez, para medir a sua temperatura. Como não tinha febre, teve que ouvir mais um sermão a respeito de que não deveria entregar-se à doença. Quando ficou sozinha, repetiu as palavras: “Saúdo-te, Ano Novo, saúdo-te, cálice de amargura” (D. 1453).

Após o almoço, recebeu uma breve visita da Madre Irena. Irmã Faustina não pediu que o Padre Andrasz viesse ouvir a sua confissão, porque teve medo de que isso novamente suscitasse comentários. Temia também não ser capaz de se confessar, em razão do seu estado emocional. Mais tarde, naquela dia, uma das irmãs censurava Irmã Faustina por ela não ter bebido o leite com manteiga que havia sido deixado para ela na cozinha. Irmã Faustina respondeu apenas que não havia ninguém que lhe trouxesse. Ao anoitecer, as dores se intensificaram, e a Irmã sofreu muito até as onze horas. Para o seu sofrimento encontrou o seguinte remédio:

“Transportei-me, em espírito, ao sacrário e descobri o cibório, encostando a minha cabeça na beira do cálice, e todas as lágrimas caíram silenciosamente no Coração Daquela que é o único que compreende o que é a dor e o sofrimento. Senti doçura nesse sofrimento, e a minha alma desejou essa doce agonia que eu não trocava por nenhum tesouro do mundo. O Senhor me concedeu força de espírito e amor para com aqueles pelos quais me vem o sofrimento. — Eis o primeiro dia do ano. Ainda nesse dia senti a oração de uma bela alma” (D. 1454).

No dia 2 de janeiro, quando Irmã Faustina se preparava para receber a santa Comunhão, Jesus lhe recomendou que escrevesse mais, não apenas das graças que lhe concedia, mas também de outros assuntos, visto que tudo isso deveria levar consolo a muitas almas. Obediente às palavras de Jesus, a Irmã continuava escrevendo com sinceridade sobre as suas vivências:

“Depois dessa noite de sofrimentos, quando o padre entrou com Nosso Senhor na cela, um tal ardor envolveu todo o meu ser que eu sentia que, se o sacerdote tivesse demorado mais

um momento, o próprio Jesus fugiria de suas mãos e viria ter comigo. Depois da santa Comunhão, o Senhor disse-me: **Se o sacerdote não Me tivesse trazido a ti, Eu mesmo viria sob essa mesma espécie. Minha filha, os teus sofrimentos da noite de hoje conseguiram a graça da Misericórdia para um grande número de almas**” (D. 1458-1459).

Naquela manhã, Jesus disse também à Irmã Faustina que não havia gostado de que, por respeito humano, ela não tivesse pedido a presença do Padre Andrasz em sua cela para que pudesse se confessar. A Irmã pediu perdão ao Senhor com grande humildade e acrescentou: “Ó meu Mestre, repreendei-me, não deixeis passar nada e não permitais que eu erre” (D. 1460).

No dia 6 de janeiro, o Padre capelão trouxe a santa Comunhão para Irmã Faustina. Jesus deu a conhecer à Irmã Faustina que muitos bispos e uma pessoa leiga estavam examinando a proposta da Festa da Misericórdia. Uns estavam entusiasmados com essa questão, outros tratavam-na com desconfiança. Apesar de tudo isso, como resultado dessa obra revelou-se a grande glória de Deus (D. 1463).

Na véspera da primeira sexta-feira do mês, Irmã Faustina pensava que o seu estado de saúde havia melhorado sensivelmente, alegrava-se por poder rezar mais profundamente durante a adoração da hora santa. Contudo, ouviu as palavras: **“Não terás saúde e não adies o Sacramento da Confissão, porque isso não Me agrada. Não te prestes às murmurações dos que te cercam”** (D. 1464).

Irmã Faustina ficou admirada com essas palavras, visto que se sentia melhor, mas não refletiu mais tempo sobre elas. Quando apagaram a luz, ela começou a hora santa. Entretanto, havia algo de errado com o seu coração. Sofreu em silêncio até as onze horas. Como a dor se intensificou, ela acordou a irmã que dormia a seu lado. A irmã lhe deu o remédio que suavizou a dor o suficiente para Irmã Faustina poder se deitar. Agora compreendeu a advertência do Senhor e fez o propósito de, no dia seguinte, chamar qualquer sacerdote.

No entanto, isso não foi tudo. Enquanto Irmã Faustina estava deitada, rezando e oferecendo a sua dor pelos pecadores, foi atacada pelo espírito mau. O demônio não podia suportar a oração

da Irmã. Disse a ela: “Não rezes pelos pecadores, mas por ti mesma, porque serás condenada”. Sem lhe dar atenção, Irmã Faustina intercedia pelos pecadores com zelo redobrado. O demônio, enraivecido, uivou: “Oh, se eu tivesse poder sobre ti” e desapareceu. A Irmã compreendeu que seu sofrimento e suas orações tolhiam o espírito mau e arrancavam muitas almas das suas garras (D. 1465).

No dia seguinte, durante a missa, Irmã Faustina viu Cristo sofrer. Ficou impressionada porque Jesus, apesar das enormes dores, estava muito tranquilo. Compreendeu que, dessa forma, estava lhe ensinando como se comportar exteriormente diante dos diversos sofrimentos.

Como em todas as sextas-feiras, Irmã Faustina sentia dores nas mãos, nos pés e no lado. Dessa vez, o sofrimento durou mais tempo. De repente, ela viu um certo pecador que se aproximava do Senhor graças ao seu sofrimento. “Tudo é pelas almas famintas, para não perecerem de fome” – escreveu ela (D. 1468).

Naquele dia, Irmã Faustina aproveitou a ocasião para se confessar. Agradeceu a Jesus pelo consolo que recebeu por intermédio do seu substituto, o Padre capelão. “Ó minha Mãe, Igreja de Deus, tu és uma verdadeira mãe que compreende seus filhos” – escreveu e acrescentou:

“Hoje confessei-me com o padre capelão. Foi Jesus quem me consolou através desse sacerdote. Ó minha Mãe, Igreja de Deus, tu és uma verdadeira Mãe que compreende os seus filhos... Oh! como é bom que Jesus nos julgará de acordo com a nossa consciência, e não de acordo com as conversas e os juízos dos homens.

Ó Bondade inconcebível, vejo-Vos cheio de bondade até no próprio Julgamento. Embora me sinta fraca e a natureza exija descanso, sinto a inspiração da graça, para vencer-me e escrever. Escrever para o consolo das almas que amo tanto e com as quais partilharei a eternidade toda. E desejo tão ardentemente para elas a vida eterna. Por isso, aproveito todos os momentos livres, embora tão breves, para escrever, e da maneira como o deseja Jesus” (D. 1469-1471).

Durante a Missa do dia 8 de janeiro, Irmã Faustina obteve o conhecimento interior de que os esforços do Padre Sopoćko e os

empenhos dela eram uma obra comum e acrescentavam muita glória a Deus. Embora o Padre e ela estivessem separados por uma grande distância, muitas vezes, estavam juntos, visto que os unia o objetivo comum.

Embora a vida interior de Irmã Faustina fosse muito profunda, ela não cessava de buscar a máxima perfeição possível para ser útil à Igreja. Escreveu em seu Diário:

“Busco a maior perfeição possível, para ser útil à Igreja. A minha união com a Igreja é muito ampla. Quer a santidade, quer a queda de qualquer alma particular reflete-se em toda a Igreja. Observando-me a mim mesma e àqueles com quem convivo mais de perto, conheci a grande influência que exerço sobre as outras almas — não por algum tipo de atos heroicos, porque esses impressionam grandemente por si mesmos, mas por atos tão insignificantes como um gesto de mão, um olhar e muitas outras coisas que não menciono e que atuam e se refletem nas outras almas, o que eu mesma percebi “ (D. 1475).

Durante o ofício das vésperas, quando as irmãs cantavam o *Magnificat*, ao ouvir as palavras “demonstrou a força do seu braço”, a alma de Irmã Faustina mergulhou em profunda contemplação. Ela estava certa de que, em breve, o Senhor completaria a sua obra na alma dela. Não se admirava mais de o Senhor não lhe ter revelado tudo antes (D. 1477).

Naquele mesmo dia, perguntou ao Senhor: “Por que estais triste hoje, Jesus? Dizei-me qual é a causa da Vossa tristeza?” Jesus lhe respondeu: “ **As almas eleitas que não possuem o Meu espírito, que vivem segundo a letra, e essa letra a colocaram acima do Meu Espírito, acima do espírito de amor. Fundei toda a Minha lei no amor e, no entanto, não vejo esse amor nem sequer na vida religiosa; por isso, a tristeza enche o Meu Coração**” (D. 1478).

Irmã Faustina, embora tivesse que ficar acamada, não permanecia inativa. Lembrava-se da recomendação que havia recebido de Jesus e que fora confirmada pelos confessores de que não deveria cessar de escrever sobre a Misericórdia de Deus, visto que isso traria proveito e consolo às almas. De 8 a 15 de janeiro, a Irmã escreveu uma série de diálogos de Deus misericordioso com a alma pecadora, com a alma desesperada, com a alma sofredora,

com a alma que busca a perfeição e com a alma perfeita. Nesses diálogos, Irmã Faustina descreveu muitas experiências e sentimentos comoventes dela própria, que ela demonstra ao Deus sensível e compassivo. O Senhor, por Sua vez, demonstra o Seu infinito Amor e Misericórdia, dando ao mesmo tempo valiosas instruções, que devem servir não apenas a ela, mas a todos. Era o tempo em que ela estava sofrendo com maior intensidade devido a doença. Quantos esforços devem ter lhe custado escrever essas joias espirituais (D. 1485-1489).

No dia 17 de janeiro, Irmã Faustina não tinha condições de demonstrar confiança na garantia que lhe havia sido dada por Jesus alguns dias antes: **“Minha filha, não tenhas medo do que virá sobre ti. Não te deixarei sofrer acima das tuas forças. Conheces o poder da Minha graça, que isso seja suficiente”** (D. 1491). Desde o alvorecer do dia, as trevas haviam envolvido sua alma. Sentia-se abandonada pelo Senhor, mas sabia que de nada lhe serviria recorrer às criaturas. Quanto tentava unir-se em espírito com as irmãs que rezavam as vésperas na capela, mergulhou numa escuridão ainda maior. Foi envolvida por uma má vontade em relação a tudo. Então ouviu a voz do demônio: “Olha como é contraditório tudo o que Jesus te dá: manda que fundes um convento, e te dá a doença; manda que te esforces para conseguir essa Festa da Misericórdia, e o mundo nem quer saber dessa festa. Por que rezas por essa festa? Essa festa é tão inoportuna” (D. 1497).

A Irmã não dialogou com o espírito das trevas, no entanto tomou conta dela uma estranha apatia pela vida, tinha que se conformar com a vida, com toda a força da sua vontade.

O tentador falou novamente: “Pede a morte para ti amanhã depois da santa Comunhão. Deus te atenderá, porque já tantas vezes te atendeu e deu-te o que Lhe pediste”. A Irmã conservou-se calada, obrigando-se a pedir a Deus que não a abandonasse naquele momento. Já eram onze horas da noite, todas as irmãs dormiam, e a alma dela continuava lutando.

O tentador não cedia: “Por que te importas com as outras almas? Tu deverias rezar apenas por ti mesma. Os pecadores, eles se converterão sem as tuas preces. Estou vendo que estás sofrendo muito neste momento; por isso vou te dar um conselho do qual vai

depende a tua felicidade: nunca fales da misericórdia de Deus e, especialmente, não encorajes os pecadores à confiança na misericórdia de Deus, porque eles merecem o justo castigo. Outra coisa muito importante é que não fales do que ocorre em tua alma aos confessores, especialmente a esse frei extraordinário e a esse padre de Wilno. Eu os conheço e sei quem são eles e, por isso, quero prevenir-te contra eles. Olha, que para ser uma boa religiosa, basta viver como todas. Por que te expões a tantas dificuldades?” (D. 1496-1497).

Irmã Faustina continuava calada. Permanecia na presença de Deus apenas graças à sua vontade. Do seu coração, arrancava-se um gemido. Finalmente o tentador se afastou, e a Irmã logo adormeceu de cansaço. No dia seguinte, recebeu a Comunhão na cela vizinha, voltou à sua cela, caiu de joelhos e renovou o ato de submissão à santíssima vontade de Deus, pedindo ao Senhor que a auxiliasse na luta. Nesse momento, viu Jesus. O Senhor disse a ela:

“Estou satisfeito com o que estás fazendo. Continua tranquila, se fizeres sempre o que estiver ao teu alcance em toda essa Obra da misericórdia. Que a tua sinceridade diante do confessor seja a maior possível. O demônio não conseguiu nada tentando-te, porque não iniciaste diálogo com ele. Continua a agir assim. Hoje Me deste uma grande glória lutando tão fielmente. Que o teu coração se fortifique e se confirme na convicção de que Eu sempre estou contigo, embora não Me sintas no momento da luta” (D. 1499).

A seguir escreveu: “Hoje, o amor de Deus me transporta ao outro mundo. Estou submersa no amor, amo e sinto que sou amada, experimento isso em plena consciência. A minha alma mergulha no Senhor, conhecendo a grande majestade de Deus e a minha pequenez, mas por esse conhecimento aumenta a minha felicidade... Essa consciência é tão viva na alma, tão poderosa e, ao mesmo tempo, tão doce” (D. 1500).

Deus fez com que a Irmã não pudesse dormir em algumas noites que se seguiram. Ela, então, visitava, espiritualmente, diversas igrejas e capelas, em toda parte, fazendo uma breve adoração ao Santíssimo Sacramento. Depois voltava para capela na

casa da Congregação e rezava pelos sacerdotes que anunciavam a Misericórdia de Deus, nas intenções do Santo Padre e pedindo misericórdia para os pecadores.

No dia 20 de janeiro, ela anotou algumas ideias inspiradas sobre a virtude da humildade, sobre a fidelidade à vontade de Deus e sobre a Misericórdia de Deus. A respeito da Misericórdia escreveu assim:

“Ó Deus inconcebível, o meu coração derrete-se de alegria por me terdes dado mergulhar nos mistérios da Vossa misericórdia. Tudo começa com a Vossa misericórdia e termina com a Vossa misericórdia... Toda graça decorre da misericórdia, e a última hora é cheia de misericórdia para conosco. Que ninguém duvide da bondade de Deus; ainda que os seus pecados sejam negros como a noite, a misericórdia de Deus é mais forte do que a nossa miséria. No entanto, é preciso que o pecador abra ao menos um pouco a porta do seu coração aos raios da graça, da misericórdia de Deus, e o resto Ele completará. Mas infeliz é a alma que, mesmo na hora derradeira, tenha fechado a porta à misericórdia de Deus. Foram essas almas que fizeram Jesus mergulhar numa tristeza mortal no Jardim das Oliveiras. Afinal, do Seu compassivo Coração, brotou a misericórdia Divina” (D. 1506-1507).

Em Sua providência, Deus permitiu que a irmã enfermeira que devia cuidar de Irmã Faustina fosse a Irmã Crisóstoma. Ambas se conheciam ainda do tempo da estada em Wilno. A Irmã Crisóstoma havia ouvido, naquele tempo, alguma coisa sobre a espiritualidade de Irmã Faustina, mas não queria acreditar nisso. Acreditava antes nos boatos que difamavam Irmã Faustina, e era decerto por isso que, durante a doença, procedia com ela de maneira tão rude. Além de tudo, a Irmã a quem cabia fazer a limpeza na cela de Irmã Faustina tinha um medo terrível de se contaminar com a tuberculose, evitando essa tarefa por semanas inteiras. Irmã Faustina anotou algumas observações relacionadas com a sua longa doença:

“21 de janeiro de 1938. Jesus, seria realmente terrível sofrer se não existísseis. Mas, justamente Vós, Jesus, pregado na Cruz, me dais força e sempre estais junto da alma sofredora. As criaturas abandonam a pessoa que sofre, mas Vós, Senhor, sois fiel...

Acontece, muitas vezes, na doença aquilo que aconteceu com Jó no Antigo Testamento. Quando se anda e se trabalha, aí tudo é bom e bonito. Mas, quando Deus envia a doença, o número dos amigos começa a diminuir. Contudo, existem alguns. Eles se interessam pelo nosso sofrimento e assim por diante. Porém, se Deus envia uma doença mais longa, aos poucos, começam a nos abandonar também esses amigos fiéis. Visitam-nos com menos frequência, e suas visitas, muitas vezes, causam-nos ainda mais pesar. Em vez de nos consolarem, censuram-nos por algumas coisas, o que nos é ainda motivo de maior sofrimento. E é assim que a alma, como a de Jó, fica sozinha, embora felizmente não desolada, porque Jesus-Hóstia está com ela.

Quando experimentei os sofrimentos acima mencionados e passei a noite toda em amargura, de manhã, quando o padre capelão me trouxe a santa Comunhão, tive que me dominar com um esforço de vontade para não gritar em voz alta: 'Bem-vindo, meu verdadeiro e único Amigo'. A santa Comunhão me dá forças para os sofrimentos e a luta.

Quero dizer mais uma coisa que experimentei. Quando Deus não dá nem a morte nem a saúde, e isso dura anos — os que nos cercam acostumam-se com isso e acham que nós não estamos doentes. Então se inicia um contínuo martírio silencioso. Somente Deus sabe quantos sacrifícios essa alma oferece.

Quando, à noite, eu me sentia tão mal que não sabia como chegaria até a cela, encontrei a irmã assistente, que estava dizendo a uma das irmãs diretoras para ir à portaria com um recado. Apenas me viu, disse-lhe: 'A irmã não precisa mais ir; vai a irmã Faustina, porque está chovendo forte'. Respondi: 'Tudo bem'. Fui e cumpri o que me foi pedido, mas somente Deus sabe o que me custou. É um exemplo entre muitos. Parece, às vezes, que uma irmã do segundo coro é de pedra, mas também essa é uma criatura humana, tem coração e sentimentos... Nessas ocasiões, é o próprio Deus que nos vem em auxílio, porque, de outra forma, a alma não seria capaz de carregar tantas cruces, sobre as quais ainda nem escrevi e,

neste momento, não tenho intenção de escrever, mas quando sentir inspiração, escreverei...” (D. 1508-1511).

Nesse período difícil Jesus, Mestre de noviciado de Irmã Faustina, não cessava de lhe dar instruções. No dia seguinte, durante a Missa, a Irmã viu Nosso Senhor em enorme sofrimento, como que agonizando na Cruz. O Senhor disse a ela:

“Minha filha, medita com frequência sobre os sofrimentos que por ti suportei, e nada do que sofres por Mim te parecerá grande. Tu Me agradas mais quando meditas sobre a Minha dolorosa Paixão. Une os teus pequenos sofrimentos com a Minha dolorosa Paixão, para que tenham valor infinito diante de Minha majestade”. E lembrou-me mais uma vez: **“Muitas vezes Me chamas de teu Mestre. Isso agrada ao Meu Coração, mas não te esqueças, discípula Minha, que és discípula do Mestre Crucificado: essa única palavra te seja suficiente. Tu sabes o que se encerra na Cruz”** (D. 1512-1513).

Irmã Faustina sentia-se tão mal que não tinha condições de ir à capela para a adoração noturna. Também não podia dormir e passou a noite toda com Jesus no calabouço. Jesus deu-lhe a conhecer os sofrimentos por que aí havia passado na noite da Quinta-feira Santa. “O mundo saberá deles no dia do juízo” – escreveu a Irmã. A seguir, anotou as palavras de Jesus:

“Minha filha, diz às almas que estou lhes dando, como defesa, a Minha misericórdia. Estou lutando por elas sozinho e suportando a justa ira de Meu Pai. Minha filha, diz que a Festa da Minha misericórdia brotou das Minhas entranhas para o consolo do mundo inteiro” (D. 1516-1517).

Devoção à Misericórdia Divina

Antes da Comunhão, no dia 23 de janeiro, ou em algum dos dias seguintes, Jesus disse a Irmã Faustina: **“Minha filha, hoje fala abertamente com a superiora sobre a Minha misericórdia, porque de todas as superiores, é ela a que mais participou na divulgação da Minha misericórdia”** (D. 1519).

Aconteceu que, naquela tarde, a Madre Irena foi visitar Irmã Faustina e estava conversando sobre a Devoção à Misericórdia Divina. A Madre disse que a venda dos santinhos não ia muito bem, mas que ela mesma os distribuía e fazia o que estava ao seu alcance para difundir essa Devoção. Após a saída da Madre, o Senhor disse à Irmã Faustina como lhe era cara essa superiora. A seguir continuou desvendando diante da Irmã a mensagem da Misericórdia:

“Abri o Meu Coração como fonte viva de misericórdia; que dela tirem vida todas as almas, que se aproximem desse mar de misericórdia com grande confiança. Os pecadores alcançarão justificação, e os justos serão confirmados no bem. O que confiou na Minha misericórdia, derramarei na hora da morte a Minha Divina paz na sua alma.

Minha filha, não te cansas de divulgar a Minha misericórdia, consolarás com isso o Meu Coração que arde com a chama de compaixão para com os pecadores. Diz aos Meus sacerdotes que os pecadores empedernidos se arrependarão diante das palavras deles, quando falarem da Minha insondável misericórdia, da compaixão que tenho para com eles no Meu Coração. Aos sacerdotes que proclamarem e glorificarem a Minha misericórdia darei um poder extraordinário, ungiendo as suas palavras, e tocarei os corações daqueles a quem falarem” (D. 1520-1521).

Alguns dias mais tarde, Irmã Faustina teve uma visão: o Padre Andrasz mergulhado em oração. O Padre intercedia por ela junto ao Senhor. A Irmã agora tinha se afastado um pouco para a sombra, como se a obra da Misericórdia não lhe interessasse. Mas, embora tivesse deixado de falar nessa obra, rezava incessantemente para que Deus apressasse a instituição da Festa da Misericórdia. “E vejo – escreveu ela – que Jesus está agindo, Ele mesmo está dando as orientações de como isso deve ser realizado. Nada acontece por acaso” (D. 1530).

Em breve, no entanto, Irmã Faustina disse ao Senhor: “Estais vendo quantas dificuldades existem para acreditarem que Vós mesmo sois o autor desta obra? Mesmo agora, nem todos ainda

acreditam nisso”. Jesus lhe respondeu: **“Fica tranquila, Minha filha, nada pode opor-se à Minha vontade. Apesar das murmurações e da má vontade das irmãs, a Minha vontade se cumprirá plenamente, até o último desejo e recomendação. Não te entristeças com isso. Também eu fui pedra de escândalo para algumas almas”** (D. 1531).

Naquele mesmo dia, o Senhor deu a Irmã Faustina um conhecimento particular do destino da Polônia:

“Vi a ira de Deus pendente sobre a Polônia. E agora vejo que, se Deus punisse o nosso país com os maiores castigos, isso seria ainda Sua grande misericórdia, porque poderia castigar-nos com a condenação eterna por tão grandes delitos. Fiquei toda atemorizada quando o Senhor me abriu o véu apenas um pouco. Agora vejo claramente que as almas eleitas sustentam a existência do mundo — para que se complete a medida” (D. 1533).

Na quinta-feira, 27 de janeiro, a Irmã fazia a costumeira adoração da hora santa. Jesus queixou-se diante dela: **“Pelos benefícios, recebo a ingratidão; pelo amor, recebo o esquecimento e a indiferença. O Meu Coração não pode suportar isso”** (D. 1537).

“Neste ponto, – escreveu Irmã Faustina – no meu coração ateou-se um tão forte amor para com Jesus que, enquanto me oferecia pelas almas ingratas, mergulhei completamente Nele. Quando voltei a mim, o Senhor me fez provar uma parcela dessa ingratidão que inundava o Seu Coração; essa experiência durou pouco tempo” (D. 1538).

Durante um dos seus diálogos com o Senhor, a Irmã perguntou: “Quando me levareis a Vós? Eu já me sentia tão mal e aguardava com tanta ansiedade a Vossa vinda”.

Jesus respondeu: **“Fica sempre pronta, mas já não te deixarei muito tempo nesse exílio. Tem que se cumprir em ti a Minha santa vontade”**.

“Ó Senhor, se a Vossa santa vontade ainda não se cumpriu inteiramente em mim, eis que estou pronta para tudo que Vós quiserdes, Senhor. Ó meu Jesus, o que me admira é que Vós me

dais a conhecer tantos mistérios, e esse mistério, isto é, a hora da minha morte, não quereis dizer-me”.

O Senhor respondeu: **“Fica tranquila, Eu te darei a conhecê-la, mas agora ainda não”**.

“Ah! meu Senhor, peço-Vos perdão por querer saber disso. Vós mesmo sabeis o porquê, pois Vós conheceis o meu coração saudoso, que anseia por Vós. Vós sabeis que eu não gostaria de morrer nem um minuto antes, mas sim como dispusestes antes dos séculos” (D. 1539). Jesus ouvia as palavras da Irmã com grande benevolência.

No dia 28 de janeiro, o Senhor recomendou à sua “secretária” que anotasse palavras muito importantes:

“Anota, Minha filha, estas palavras: todas as almas que louvarem a Minha misericórdia e divulgarem a sua veneração, estimulando outras almas à confiança na Minha misericórdia, essas almas na hora da morte não sentirão pavor. A Minha misericórdia as defenderá nesse combate final... Minha filha, exorta as almas a rezarem esse Terço que te ensinei. Pela recitação desse Terço agrada-Me dar tudo o que Me peçam.

Quando os pecadores empedernidos o recitarem, encherei de paz as suas almas, e a hora da morte deles será feliz.

Escreve isto para as almas atribuladas: Quando a alma enxergar e reconhecer a gravidade dos seus pecados, quando se abrir diante na dos seus olhos todo o abismo da miséria em que mergulhou, que não se desespere, mas antes se lance com confiança nos braços da Minha misericórdia, como uma criança no abraço da sua querida mãe.

Essas almas têm prioridade no Meu Coração compassivo, elas têm primazia à Minha misericórdia. Diz que nenhuma alma que tenha invocado a Minha misericórdia se decepcionou ou experimentou vexame. Tenho predileção especial pela alma que confiou na Minha bondade.

Escreve que, quando recitarem esse Terço junto aos agonizantes, Eu Me colocarei entre o Pai e a alma agonizante, não como justo Juiz, mas como Salvador misericordioso” (D. 1540-1541).

A seguir, Jesus deu a conhecer à Irmã o Seu ciumento amor por ela: **“Até entre as religiosas te sentirás solitária e então debes saber que Eu desejo que te unas mais estreitamente Comigo. Muito Me importa cada palpitar do teu coração. Cada estremecimento do teu amor se reflete em Meu Coração. Tenho sede do teu amor” (D. 1542).**

Irmã Faustina respondeu: “Sim, Jesus, mas também o meu coração não saberia viver sem Vós, porque ainda que me fossem oferecidos os corações de todas as criaturas, elas não saciariam a profundidade do meu coração” (D. 1542).

Naquela noite, o Senhor disse a Irmã Faustina:

“Entrega-te toda a Mim na hora da morte e Eu te apresentarei a Meu Pai, como Minha esposa. Agora, recomendo-te que unas de maneira especial mesmo as tuas mínimas ações com os Meus méritos, pois, então, Meu Pai olhará para elas com amor, como se fossem Minhas.

Não alteres o exame particular que te dei através do frei Andrasz, isto é, de te unires continuamente a Mim. Isto é o que hoje estou exigindo expressamente de ti. Sê uma criança diante dos Meus representantes, visto que Me sirvo das suas bocas para te falar, para que em nada tenhas dúvidas” (D. 1543-1544).

No final de janeiro, Irmã Faustina já podia fazer as refeições juntamente com as irmãs, podia também ir à capela, mas ainda não tinha condições de voltar aos seus afazeres. Por isso, permanecia na cela fazendo crochê em toalhas para o altar. No Diário, ela escreveu:

“Esse trabalho me atrai enormemente, mas ainda me canso, até com um trabalho tão leve. Vejo como são débeis as minhas forças. Não tenho momentos indiferentes, porque cada instante da minha vida está repleto de oração, sofrimento e trabalho. De uma ou de outra maneira, sempre bendigo a Deus, e, se Deus me desse uma segunda vida, não sei se a aproveitaria melhor....” (D. 1545).

Jesus deu a conhecer a Irmã Faustina o quanto estava satisfeito com ela: **“Encanto-Me com o teu amor. O teu amor sincero é tão agradável ao Meu Coração como o perfume de um botão de rosa em hora matutina, quando o sol ainda não colheu dele o orvalho. O frescor do teu coração cativa-Me e, por isso, Me uno a ti tão estreitamente como a nenhuma outra criatura...”** (D. 1546).

A fraqueza não impediu que ela fizesse o retiro mensal de um dia. Fez, então, propósitos heroicos e, durante a meditação a respeito da morte, pediu ao Senhor para já experimentar aquelas vivências que acompanhariam a sua morte definitiva. Quando, na manhã seguinte, estava se preparando para receber a santa Comunhão como viático (Comunhão dada aos agonizantes), ouviu as palavras: **“Da maneira como estás unida a Mim na vida, assim também estarás unida no momento da morte”**. Irmã Faustina escreveu:

“Depois destas palavras despertou-se em minha alma, tamanha confiança na misericórdia de Deus que, ainda que tivesse sobre a minha consciência os pecados do mundo inteiro e os pecados de todas as almas condenadas, não duvidaria da bondade de Deus. E, sem pensar, me lançaria no abismo da misericórdia de Deus, que está sempre aberta para nós, e com o coração reduzido a pó, lançar-me-ia a Seus pés, submetendo-me inteiramente à Sua santa vontade que é a própria Misericórdia” (D. 1552).

Lição de humildade

No entanto, Deus estava exigindo muito mais da sua escolhida. No dia 2 de fevereiro, na festa da Apresentação de Jesus no templo, a alma da Irmã envolveu-se na escuridão. A mente de Irmã Faustina parecia não funcionar normalmente. Não compreendia a si mesma, nem àqueles que com ela falavam. Via-se cercada por terríveis tentações contra a fé. Não queria descrevê-las, por receio de que pudessem escandalizar aqueles que lessem a respeito delas. “Ó vendaval, o que estás fazendo com o barco do meu coração?” – exclamava ela (D. 1558). A tempestade, na alma de Irmã Faustina,

durou um dia e uma noite inteira. Quando a Madre superiora perguntou se ela não gostaria de se confessar, porque, exatamente naquele dia, o Padre Andrasz viria servir as irmãs com o sacramento da reconciliação, Irmã Faustina recusou. Receava que até o Padre não a compreendesse e que ela não pudesse confessar-se. O trecho seguinte do Diário testemunha que o tormento de Irmã Faustina lembrava os sofrimentos que experimentavam os místicos:

“Passei a noite toda com Jesus em Getsêmani. Soltava-se, do meu peito, um contínuo gemido de dor. O estado natural do moribundo seria mais fácil, porque nele a pessoa agoniza e morre, e aqui se agoniza e não se pode morrer. Ó Jesus, eu nem pensei que pudesse existir essa espécie de sofrimento. — O nada, eis a realidade! Ó Jesus, salvai-me! Creio em Vós de todo o coração. Tantas vezes vi o esplendor da Vossa face, e agora — onde estais, Senhor?... Creio, creio e, mais uma vez, creio em Vós, Deus Uno e Trino — Pai, Filho e Espírito Santo — e em todas as verdades que a Vossa santa Igreja me apresenta para a fé... No entanto, a escuridão não cessa, e o meu espírito mergulha numa agonia ainda maior. E nesse momento envolveu-me um tormento tão terrível que agora me admiro de mim mesma não ter expirado — mas foi um momento breve. Nesse momento, vi Jesus de cujo Coração saíam os mesmos dois raios que me envolveram toda. Nesse mesmo momento, desapareceram os meus tormentos. — Minha filha — disse-me o Senhor — debes saber que, o que acabas de viver agora, é o que és por ti mesma, e apenas pela Minha graça és participante da vida eterna e de todos os dons que te concedo generosamente.— E, com estas palavras do Senhor tive um verdadeiro conhecimento de mim mesma. Jesus me dá uma lição de profunda humildade e, ao mesmo tempo, de uma total confiança Nele. O meu coração está reduzido a cinza e pó e, ainda que todos os homens me pisoteiem, eu consideraria isso ainda como uma graça. Sinto e estou tão profundamente convencida de que nada sou, que as verdadeiras humilhações serão um alívio para mim” (D. 1558-1559).

No dia seguinte, após a Comunhão, o bom Mestre continuava instruindo sua noviça. Deu-lhe, então, as seguintes instruções:

“Primeiro — não lutes sozinha com a tentação, mas conta-a imediatamente ao confessor, e então a tentação perderá toda a sua força. Segundo — nessas provações não percas a paz, vive na Minha presença, pede o auxílio de Minha Mãe e dos santos. Terceiro — tem a certeza de que Eu olho para ti e te fortaleço. Quarto — não tenhas medo nem de lutas espirituais, nem de qualquer tentação, porque Eu te fortaleço. Desde que desejes lutar, deves saber que a vitória sempre estará a teu lado. Quinto — fica sabendo que, pela luta corajosa, Me dás grande glória e acumulas méritos para ti. A tentação proporciona a ocasião de Me demonstrares fidelidade.

E agora te direi o que é mais importante para ti: sinceridade ilimitada diante do teu diretor espiritual. Se não aproveitares essa graça de acordo com as Minhas orientações, Eu o retirarei e, então, ficarás entregue a ti mesma, e voltarão todos os tormentos que conheces. Não Me agrada que não aproveites a ocasião, quando podes encontrar-te e conversar com ele. Deves saber que é grande graça Minha, quando Eu dou à alma um diretor espiritual. Muitas almas Me pedem isso, e nem a todas concedo essa graça. Desde o momento em que o escolhi para teu diretor, Eu lhe concedi uma nova luz para o melhor conhecimento e compreensão da tua alma...” (D. 1560-1561).

Após essa admoestação do Senhor, Irmã Faustina escreveu: “Ó meu Jesus, minha única Misericórdia, permiti que eu veja contentamento em Vosso rosto, como sinal de reconciliação comigo, porque o meu coração não suportará a Vossa seriedade; se a prolongardes ainda um momento, ele se partirá de dor. Vede como já estou reduzida a pó” (D. 1562).

“Nesse mesmo momento, me vi como que num palácio, e Jesus me deu a Sua mão, acomodou-me ao Seu lado e disse com bondade: **Esposa Minha, sempre Me és agradável pela humildade. A maior miséria não Me impede de Me unir com a alma, mas onde há orgulho, aí Eu não estou”** (D. 1563).

Quando Irmã Faustina recuperou a consciência e refletiu sobre tudo o que havia ocorrido em seu coração, deu graças a Deus pelo

amor e misericórdia que lhe havia demonstrado. O conhecimento mais profundo do valor da humildade despertou em sua alma esta oração:

“Jesus, ocultai-me; tal como Vós Vos ocultastes sob a espécie da Hóstia branca, assim escondi-me do olhar humano e, especialmente, ocultai aqueles dons que bondosamente me concedeis; que eu não revele exteriormente o que fazeis na minha alma. Sou uma hóstia branca diante de Vós, ó Sacerdote Divino, consagrai-me Vós mesmo, e que a minha transformação seja conhecida apenas por Vós. Todos os dias, como hóstia de sacrifício, coloco-me diante de Vós e suplico-Vos misericórdia para o mundo. Eu me aniquilarei diante de Vós, silenciosa e imperceptivelmente. O meu puro amor arderá em profundo silêncio como um holocausto. Que o perfume desse amor se eleve aos pés do Vosso trono. Vós sois o Senhor...” (D. 1564).

Logo depois, Jesus pediu à Irmã Faustina: **“Minha filha, ajuda-Me a salvar um pecador agonizante; reza por ele o Terço que te ensinei”**. A Irmã descreveu o que aconteceu então:

“Quando comecei a recitar este Terço, vi o agonizante em terríveis tormentos e lutas. Defendia-o o anjo da guarda, mas estava como que impotente diante da enormidade da miséria dessa alma. Toda uma multidão de demônios estava esperando por essa alma. No entanto, durante a recitação do Terço, vi Jesus da forma como está pintado na Imagem. Os raios que saíam do Coração de Jesus envolveram o enfermo, e as forças do mal fugiram em pânico. O enfermo exalou tranquilamente o último suspiro. Quando voltei a mim, compreendi como a recitação desse Terço é importante para os agonizantes: aplaca a ira de Deus” (D. 1565).

Bênção para a santa secretária

Certo dia, na primeira semana de fevereiro, Irmã Faustina pegou a caneta na mão, rezou ao Espírito Santo e a seguir disse: “Jesus, abençoei esta caneta, para que tudo o que me mandais escrever seja para a glória de Deus”. Então ouvi a voz:

Sim, abençoo, porque nessa escrita está o selo da obediência à superiora e ao confessor e, por isso mesmo, já Me dás glória, e muitas almas tirarão proveito para si. Minha filha, quero que dediques todos os momentos livres a escrever sobre a Minha bondade e misericórdia; é teu dever e tua missão em toda a tua vida dar a conhecer às almas a grande misericórdia que tenho para com elas, e animá-las à confiança no abismo da Minha misericórdia” (D. 1567).

Um pouco antes, a Madre Irena havia dito à Irmã Faustina que escrevesse mais sobre a Misericórdia de Deus, o que foi para ela uma confirmação da recomendação de Jesus. Agora compreendeu que, quando o Senhor deseja alguma coisa, estimula também os superiores a conceder as necessárias permissões. “Embora aconteça – escreveu ela – que essa autorização nem sempre seja obtida de imediato. Algumas vezes, a nossa paciência é colocada à prova” (D. 1568).

Irmã Faustina anotou, no Diário, a oração em que suplica a Deus misericórdia para a humanidade. Não fez preceder essa oração de nenhuma introdução:

“Ó Deus de grande misericórdia, Bondade infinita, eis que hoje a humanidade toda clama, do abismo da sua miséria, à Vossa misericórdia, à Vossa compaixão, ó Deus, e clama com a potente voz da sua miséria. Ó Deus clemente, não rejeiteis a oração dos exilados desta terra. Ó Senhor, Bondade inconcebível, que conheceis profundamente a nossa miséria e sabeis que, com nossas próprias forças, não temos condições de nos elevar até Vós — por isso Vos suplicamos: adiantai-Vos ao nosso pedido com a Vossa graça e aumentai em nós, sem cessar, a Vossa misericórdia, a fim de que possamos cumprir fielmente a Vossa santa vontade durante toda a nossa vida e na hora da morte. Que o poder da Vossa misericórdia nos defenda dos ataques dos inimigos da nossa salvação, para que aguardemos com confiança, como Vossos filhos, a Vossa vinda última, dia que somente Vós conheceis. E esperamos alcançar tudo o que Jesus nos prometeu, apesar de toda a nossa miséria, porque Jesus é a nossa confiança. Pelo Seu Coração

misericordioso, como por uma porta aberta, entraremos no céu” (D. 1570).

A seguir, a Irmã lembra que, desde que entrou na Congregação, sempre a censuravam por ser “santa”. Diziam isso sempre com sarcasmo e, no princípio, isso a magoava muito. Com o tempo, entretanto, ela conseguiu elevar-se acima dessas coisas, e o apelido de “santa” incomodava-a apenas quando magoava também outras pessoas. Numa dessas situações, Irmã Faustina queixou-se ao Senhor, que lhe respondeu: **“Estás triste com isso? Pois és uma santa. Em breve, Eu mesmo manifestarei isso em ti, e pronunciarão a mesma palavra “santa” — mas agora, somente com amor”** (D. 1571).

Hora de grande misericórdia

A partir de 3 de fevereiro, Irmã Faustina deixou de datar as suas anotações. Podemos supor, todavia, que, antes do dia 10 de fevereiro, Jesus fez-lhe lembrar mais uma vez a honra ao seu Coração. Falou dela a primeira vez no dia 20 de outubro de 1937 (D. 1320):

“Lembro-te, Minha filha, que todas as vezes que ouvires o bater do relógio, às três horas da tarde, deves mergulhar toda na Minha misericórdia, adorando-a e glorificando-a. Implora a onipotência dela em favor do mundo inteiro e especialmente dos pobres pecadores, porque nesse momento foi largamente aberta para toda alma. Nessa hora, conseguirás tudo para ti e para os outros. Nessa hora, realizou-se a graça para todo o mundo: a misericórdia venceu a justiça. Minha filha, procura rezar, nessa hora, a via-sacra, na medida em que te permitirem os teus deveres, e se não puderes fazer a via-sacra, entra, ao menos por um momento, na capela, e adora o Meu Coração, que está cheio de misericórdia no Santíssimo Sacramento. Se não puderes sequer ir à capela, recolhe-te em oração onde estiveres, ainda que seja por um breve momento. Exijo honra à Minha misericórdia de toda a criatura, mas de ti em primeiro lugar,

porque te dei a conhecer mais profundamente esse mistério” (D. 1572).

Irmã Faustina levou a sério essas palavras. Graças às lembranças de algumas irmãs e educandas, reunidas alguns anos mais tarde, sabemos que muitas vezes, às três horas da tarde, Irmã Faustina era vista deitada de bruços na capela ou em algum lugar retirado. Ela estava inteiramente entregue à tarefa que havia recebido de Jesus – a tarefa de salvar almas, o que se comprova pela seguinte oração:

“Ó meu Jesus, que os últimos dias do exílio sejam inteiramente conforme a Vossa santíssima vontade. Uno os meus sofrimentos, amarguras e a própria agonia com a Vossa santa Paixão e ofereço-me pelo Mundo inteiro, pedindo a abundância da misericórdia de Deus para as almas, especialmente para as almas que se encontram em nossas casas” (D. 1574).

O Senhor não cessava de revelar à Irmã Faustina a profundidade da sua Misericórdia, e ela, sua fiel secretária, anotava as palavras da mensagem divina:

“Diz às almas que não impeçam a entrada da Minha misericórdia nos seus corações, pois Ela deseja tanto agir neles. A Minha misericórdia trabalha em todos os corações que lhe abrem as suas portas. E tanto o pecador como o justo necessitam da Minha misericórdia. A conversão e a perseverança são uma graça da Minha misericórdia.

Que as almas que buscam a perfeição glorifiquem de maneira especial a Minha misericórdia, porque a liberalidade das graças que lhes concedo decorre da Minha misericórdia. Desejo que essas almas se distingam por uma ilimitada confiança na Minha misericórdia. Eu mesmo Me ocupo com a santificação dessas almas: Eu lhes fornecerei tudo o que for necessário para a sua santidade. As graças da Minha misericórdia colhem-se com um único vaso que é a confiança. Quanto mais a alma confiar, tanto mais receberá. Grande consolo Me dão as almas de ilimitada confiança, porque, em almas assim derramo todos os tesouros das Minhas graças. Alegro-Me por pedirem muito,

porque o Meu desejo é dar muito, muito mesmo. Fico triste, entretanto, quando as almas pedem pouco, quando estreitam os seus corações” (D. 1577-1578).

Com Jesus no Calvário

Certo dia, Irmã Faustina conscientizou-se, com grande nitidez, de que em todos as fases da sua vida havia seguido os passos de Jesus: na infância, na juventude, no tempo da vocação e no trabalho apostólico. Havia estado com Ele também no monte Tabor e no Jardim das Oliveiras. Sentia que agora estava com o Senhor no Calvário. Disse ela a Jesus:

“Meu Jesus, agora reconheço ter passado por todas as etapas da minha vida Convosco: infância, juventude, vocação, trabalhos apostólicos, Tabor, Jardim de Oliveiras e agora já estou juntamente Convosco no Calvário. De boa vontade, submeti-me à crucificação e já estou crucificada. Embora ainda ande um pouco, estou estendida na cruz e sinto claramente que a minha força vem da Vossa Cruz, que Vós mesmo sois a minha perseverança. Embora, muitas vezes, eu ouça a voz da tentação que me diz: ‘Desce da cruz!’, o poder de Deus me fortifica. E mesmo que o abandono, as trevas e diversos sofrimentos atinjam o meu coração, no entanto, o misterioso poder de Deus me apoia e me fortalece. Quero beber o cálice até a última gota. Confio firmemente que, se a Vossa graça me apoiou nos momentos do Jardim das Oliveiras, também me ajudará agora que estou no Calvário” (D. 1580).

Agora, sem se lembrar mais de si mesma, Irmã Faustina se derramou diante de Jesus as suas aspirações mais secretas, como num ato de última vontade ou testamento:

“Ó Jesus, meu Mestre, uno os meus desejos com os desejos que Vós tínheis na Cruz: desejo cumprir a Vossa santa vontade; desejo a conversão das almas; desejo que seja adorada a Vossa misericórdia; desejo que seja apressado o triunfo da Igreja; desejo que a Festa da Misericórdia seja celebrada no mundo inteiro; desejo a santidade para os sacerdotes; desejo que haja uma santa na nossa congregação; desejo que em toda a nossa

congregação haja um espírito de grande zelo pela glória de Deus e pela salvação das almas; desejo que as almas que estão em nossas casas não ofendam a Deus, mas perseverem no bem; desejo para meus pais e para toda a família a bênção de Deus; desejo que Deus conceda luz especial aos meus diretores espirituais, especialmente ao Frei An. e ao Padre So.; desejo uma bênção especial para as que foram minhas superiores, especialmente, para a Madre geral, a Madre Irena e a Madre M. Józefa.

Ó meu Jesus, agora envolvo o mundo inteiro e peço-Vos misericórdia para ele. Quando me disserdes, ó Deus, que já basta, que já se cumpriu inteiramente a Vossa santa vontade, então, em união Convosco, meu Salvador, entregarei a minha alma nas mãos do Pai celestial, cheia de confiança na Vossa insondável misericórdia, e, quando me encontrar aos pés do Vosso trono, o primeiro hino que entoarei será o da Vossa misericórdia. Não me esquecerei de ti, pobre terra — embora sinta que imediatamente mergulharei toda em Deus como num oceano de felicidade. Isso não será obstáculo a que eu volte à terra, encoraje as almas e as estimule à confiança na Misericórdia Divina. Pelo contrário, essa submersão em Deus me dará uma possibilidade ilimitada de agir” (D. 1581-1582).

Enquanto Irmã Faustina ainda estava escrevendo, postou-se ao lado dela o demônio. O espírito mau rangia os dentes de raiva. Não podendo suportar a verdade sobre a misericórdia de Deus, começou a jogar no chão, com estardalhaço, os objetos que se encontravam na cela. Entretanto, a Irmã, repleta da força divina, não dava atenção ao furor do inimigo da nossa salvação. Continuou escrevendo, glorificando a misericórdia de Deus.

Naquela mesma semana, Irmã Faustina teve uma visão de Nossa Senhora com o Menino Jesus nos braços. Maria olhou para ela bondosamente e disse: “*Sou a Mãe dos Sacerdotes*”. Colocou Jesus no chão, ergueu a mão direita para o céu e disse: Ó Deus, abençoai a Polônia, abençoai os sacerdotes”. Mais uma vez falou à Irmã Faustina: “*Conta o que viste aos sacerdotes*” (D. 1585). Embora a Irmã nunca antes tivesse visto Maria assim e não compreendesse

nada dessa visão, decidiu que, na primeira oportunidade, contaria tudo ao Padre Andrasz.

Por volta do dia 9 de fevereiro, Irmã Faustina ouviu as seguintes palavras:

“No Antigo Testamento, Eu enviava profetas ao Meu povo com ameaças. Hoje estou enviando-te a toda a humanidade com a Minha misericórdia. Não quero castigar a sofrida humanidade, mas desejo curá-la, estreitando-a ao Meu misericordioso Coração. Utilizo os castigos apenas quando eles mesmos Me obrigam a isso, e é com relutância que a Minha mão empunha a espada da justiça. Antes do dia da justiça, estou enviando o dia da misericórdia”(D. 1588).

Irmã Faustina respondeu: “Ó meu Jesus, falai Vós mesmo às almas, porque as minhas palavras são insignificantes” (D. 1588).

Os sofrimentos da Irmã intensificaram-se nos dois últimos dias do carnaval. Unia-se, então, ainda mais com o Salvador que padecia, suplicando a Misericórdia para o mundo enlouquecido pela maldade. Durante o dia todo, sentiu a dor da coroa de espinhos; quando tentava deitar-se, não podia encostar a cabeça no travesseiro. Por volta das nove horas da noite, a dor cessou e a Irmã adormeceu, mas, no dia seguinte, sentia-se completamente esgotada. No Diário, ela revelou qual tinha sido a fonte da sua perseverança:

“Jesus-Hóstia, se Vós mesmo não me fortalecêsseis, não conseguiria perseverar na cruz, mas a força da Vossa graça me mantém num nível mais elevado e torna meritórios os meus sofrimentos. Vós me dais forças para eu seguir sempre adiante e conquistar o céu à força, e ter no coração amor por aqueles que me trazem contrariedades e me desprezam. Tudo é possível com a Vossa graça” (D. 1620).

No dia 1º de março, véspera da Quarta-feira de Cinzas, a Irmã fez o retiro mensal de um dia. Fez o propósito de ser, nessa Quaresma, uma hóstia nas mãos de Jesus. Rezava assim: “Fazei uso de mim, para que Vós mesmo possais entrar no íntimo dos pecadores. Exigi o que Vos aprouver; nenhum sacrifício me parecerá grande demais, quando se trata das almas. Durante todo este mês, a santa Missa e a santa Comunhão serão na intenção de frei Andrasz,

para que Deus lhe faça conhecer ainda mais profundamente o Seu amor e misericórdia” (D. 1622-1623).

Irmã Faustina iniciou a Quaresma como queria Jesus. Aceitava tudo com amor e inteiramente submissa à Sua santa vontade. “Não sou capaz de maiores mortificações, porque estou muito fraca. A longa doença destruiu completamente as minhas forças – escreveu ela – Uno-me a Jesus, pelo sofrimento. Quando reflito sobre a Sua dolorosa Paixão, diminuem os meus sofrimentos físicos” (D. 1525).

Jesus disse à Irmã: **“Vou levar-te, durante toda a quaresma, à Minha escola. Quero ensinar-te a sofrer”**.

Respondeu ela: “Convosco, Senhor, estou pronta para tudo”.

O Senhor disse: **“Permito-te beber do cálice do qual Eu bebo; estou te dando hoje essa honra exclusiva...”** Naquele dia, Irmã Faustina sentiu a Paixão de Cristo em todo o seu corpo. O Senhor lhe deu a conhecer também que algumas almas haviam se convertido (D. 1626-1627).

O ensinamento divino começou durante a santa Missa. Irmã Faustina viu Jesus crucificado. O Senhor disse a ela: **“Minha discípula, demonstra grande amor para com aqueles que te infligem sofrimentos, faz o bem àqueles que te odeiam”**.

Respondeu ela: “Ó meu Mestre, estais vendo que não tenho sentimento de amor para com eles, e isso me preocupa”.

Jesus respondeu: **“O sentimento nem sempre está em teu poder. Conhecerás que tens amor, se, depois de experimentar dissabores e contrariedades, não perderes a calma, mas rezares por aqueles que te fizeram sofrer e se lhes desejares o bem”** (D. 1628).

Naquele tempo, a Irmã escreveu um poema que começa com as palavras: “Sou uma hóstia em Vossas mãos”. Esse poema devia lembrar-lhe de que ela havia se entregado ao Senhor como uma hóstia de sacrifício. Num outro poema, também desse período, Irmã Faustina confessa que os desejos do seu coração são tão grandes e inconcebíveis que criam um abismo impossível de ser preenchido. Nem as mais belas coisas do mundo podem satisfazer o seu coração. A Terra não tem um amor comparável ao amor de Irmã Faustina. Por isso, ela volveu o seu olhar para a vida eterna, seu coração deseja o amor do Imortal (cf.D.1629, 1632).

No dia 10 de março, Irmã Faustina escreveu que seus sofrimentos continuavam. Ela estava crucificada com Jesus. Havia pouco a Madre superiora lhe dissera: “também é falta de amor ao próximo da parte da irmã, quando a irmã come alguma coisa, depois fica sofrendo e perturba as outras no descanso noturno”. Após ouvir essa advertência, Irmã Faustina decidiu sofrer em segredo e não pedir ajuda, visto que, de qualquer forma, nada lhe trazia alívio. Estava certa de que a suas dores não eram provocadas pela comida, o que aliás foi confirmado pelo Dr. Silberg. Irmã Faustina aceitava os seus sofrimentos como vontade de Deus. As dores eram tão fortes que chegavam a fazê-la perder os sentidos. Depois normalmente ficava coberta de suor frio, e, aos poucos, a dor cessava. Ela conseguiu suportar alguns acessos de que apenas Jesus sabia. “Se aceito os êxtases e enlevos de amor até o ponto de esquecer o que ocorre à minha volta – raciocinava ela – também é justo que aceite com amor esses sofrimentos que me fazem perder a consciência” (D. 1633).

O médico examinava as irmãs doentes na sala de visitas. Um dia, Irmã Faustina não podia descer e pediu que o médico viesse vê-la na cela. Após examiná-la, o médico disse: “Transmitirei tudo à Irmã enfermeira”. Após a saída do médico, entrou na cela a enfermeira, demonstrando grande insatisfação diante de Irmã Faustina.

“Irmã, o que foi que o médico disse dessas dores?” – perguntou Irmã Faustina. A enfermeira respondeu: “Não disse nada; disse que não era nada, que são caprichos da doente”. Tendo dito essas palavras afastou-se e não veio mais ver a Irmã durante toda a semana seguinte. Os sofrimentos de Irmã Faustina voltaram com enorme violência, e parecia que, dessa vez, chegaria à morte.

Os superiores decidiram consultar o Doutor Adam Silberg, o mesmo que havia tratado dela no sanatório de Pradnik. O médico constatou que a situação era grave. Disse à Irmã: “Já não é possível ficar novamente sã. Pode ainda haver cura até certo ponto, mas não se pode falar de um inteiro restabelecimento de saúde”. O remédio que havia receitado, deveria defender a Irmã Faustina dos acessos mais fortes, mas o médico queria muito que a doente fosse até o sanatório, “se a Irmã vier aqui [no sanatório] – então trataremos de

consertar essa saúde de alguma maneira, na medida em que ainda for possível” (D. 1634).

A partida para o tratamento médico trouxe muitos dissabores à Irmã Faustina. Ela não deixou de mencioná-los em suas anotações, visto que – como escreveu – “tudo isso Jesus me manda escrever para o consolo de outras almas, que, muitas vezes, terão que passar por sofrimentos semelhantes” (D. 1635). Em síntese, a irmã que acompanhou Irmã Faustina na viagem ao sanatório não escondia diante dela a sua insatisfação e tentava importuná-la. Quando Irmã Faustina percebeu que a sua paz imperturbável estava irritando os nervos da irmã, começou a rezar por ela e ofereceu tudo isso na intenção de suplicar misericórdia para os pobres pecadores. Depois, quando voltaram para casa, Irmã Faustina sentiu necessidade de confissão, queria também pedir o conselho do seu diretor espiritual. Geralmente confessavam-se primeiro as noviças. Para confessar-se antes delas, Irmã Faustina teria que obter a autorização da Mestra do noviciado. Entretanto, não tinha força suficiente para procurá-la e ficou esperando a sua vez. Quando se aproximou do confessor, sentiu-se tão fraca que mal conseguiu confessar-se.

Naquele dia, ocorreram também certos desentendimentos entre Irmã Faustina e a Madre superiora. A Irmã podia resolver a questão com poucas palavras de esclarecimento, mas era impedida pelo dever de manter segredo.

Nos dias que se seguiram, os sofrimentos de Irmã Faustina não cessavam de dia nem de noite. Ela ofereceu-os na intenção de pedir a Deus misericórdia para as almas daqueles que morrem em desespero e também para os pobres pecadores empedernidos.

Na sexta-feira, 25 de março, Irmã Faustina viu Jesus sofrendo. O Senhor inclinou-se sobre ela e disse sussurrando: **“Minha filha, ajuda-Me a salvar os pecadores”**. Nesse momento, um desejo ardente de salvar as almas dominou-a até os limites da inconsciência. Quando recuperou a consciência, sabia de que forma deveria levar a salvação às almas e preparou-se para sofrimentos maiores ainda. Além das dores, agora bem mais sensíveis, Irmã Faustina suportava com paciência os sofrimentos causados pelas chagas nas mãos, nos pés e no lado. Ela sentia o ódio do inimigo, mas o demônio não a tocou (D. 1645-1646).

No dia 1º de abril, primeira sexta-feira do mês, Irmã Faustina se via consumida por uma febre muito alta. Não tinha condições de ingerir alimentos sólidos e desejava muito beber algo refrescante. Mas aconteceu que, na jarra, não tinha nem um pouquinho de água. Irmã Faustina renovou a sua intenção com as palavras: “Tudo seja, Jesus, para pedir misericórdia para as almas” (D. 1647). Logo depois, entrou em sua cela uma noviça com uma grande laranja que lhe havia enviado a mestra do noviciado, Irmã Calista. Irmã Faustina escreveu:

“Vi nisso a mão de Deus. Isso repetiu-se mais algumas vezes. Durante esse tempo, embora soubessem das minhas necessidades, jamais ganhava alguma coisa vivificante para comer, embora a pedisse. Eu via, porém, que Deus estava exigindo sofrimentos e sacrifício. Não escrevo em detalhes sobre essas coisas que me negavam, por que são muito melindrosas e difíceis de acreditar; Deus pode, no entanto, exigir também sacrifícios assim” (D. 1647).

Naquele dia, Irmã Faustina recebeu a visita da Madre superiora. A Irmã tinha a intenção de pedir que lhe fosse permitido ter, na cela, algo que matasse a sua grande sede. Mas, antes que conseguisse falar disso, a Madre começou a falar: “Irmã, vamos ver se acabamos de uma vez com essa doença, de um ou de outro modo. Vamos ter que fazer algum tratamento, ou alguma coisa – assim não pode continuar” (D. 1648).

Quando a Madre saiu, Irmã Faustina ajoelhou-se e rezou: “Faça-se comigo a Vossa santa vontade; fazei comigo, Jesus, o que Vos aprouver” (D. 1648). Nesse momento, sentiu-se completamente abandonada e cercada por diversas tentações. Encontrou paz e luz numa ardente oração. Compreendeu que a superiora estava apenas submetendo-a a uma prova.

Mais tarde, naquele mesmo dia, Irmã Faustina leu um relatório da canonização de Santo André Bobola. Começou, então, a chorar como uma criança, de pena por sua Congregação não ter ainda uma santa. Disse ao Senhor: “Conheço a Vossa generosidade, mas parece serdes menos generoso para conosco”.

O Senhor respondeu: “**Não chores, tu és essa santa**”. A alma de Irmã Faustina foi inundada de luz. Jesus deu-lhe a conhecer

quanto ainda ela teria que sofrer.

Perguntou então ao Senhor: “Como é que vai ser isso, pois me faláveis de uma outra Congregação?”

Jesus respondeu: **“Não compete a ti saber como sucederá isso, mas ser fiel à Minha graça e fazer sempre que estiver ao teu alcance e o que te permitir a obediência...”** (D. 1650).

Irmã Faustina transpunha para o papel o que sentia no coração. Escrevia verso após verso, em cada estrofe glorificando a misericórdia de Deus. A poesia da Irmã expressa também a alegria decorrente do conhecimento de que, em breve, lhe seria dado abandonar este mundo para participar do banquete celestial e encontrar-se com o Amor eterno seu melhor Pai, seu Esposo. Irmã Faustina estava certa de que o seu destino era o Céu, mas prometia lembrar-se da humanidade e pedir a misericórdia de Deus para todos, especialmente, para aqueles que eram caros ao seu coração. Um dos poemas da Irmã encerra uma profecia: “Sei que virá a hora em que todos compreenderão a obra de Deus em minha alma. Sei que essa é a Vossa vontade – e assim será” (D. 1653).

Em forma poética, Irmã Faustina expressou também a sua convicção de que, por si mesma, não seria capaz de lutar nem de sofrer:

“Sem Vós, Cristo, eu não saberia sofrer,
por mim mesma, não saberia enfrentar as adversidades,
eu sozinha não teria coragem de beber do Vosso cálice,
mas Vós, Senhor, sempre estais comigo — e me conduzis por
caminhos misteriosos” (D. 1654).

Confessou também:

“Ó Cristo, se a alma soubesse, de uma só vez, o que vai sofrer pela vida toda, morreria de assombro diante dessa visão, não conseguiria aproximar dos seus lábios o cálice da amargura. Mas como lhe foi dado de gota em gota, esgota-o até o fundo. Ó Cristo, se Vós mesmo não amparásseis a alma, o que ela poderia por si mesma? Somos fortes, mas pelo Vosso poder. Somos santos, mas pela Vossa santidade. E por nós mesmos o que somos? — Menos que o nada...”(D. 1655).

Semana Santa e Páscoa

Começou a última Semana Santa na vida de Irmã Faustina. No dia 10 de abril, Domingo de Ramos, ela estava na santa Missa, mas não tinha forças para participar da procissão com os ramos. Enfraquecida por calafrios, suores e febre, mal aguentou até o fim da celebração. Durante a Missa, Jesus deu-lhe a conhecer quão dolorosamente se refletiam em seu Sacratíssimo Coração as exclamações de “Hosana”, e cada exclamação dessa traspassava também de sofrimento a alma e o coração de Irmã Faustina. Como Jesus, estava mergulhada num mar de amargura e sentiu-se atraída pela sua presença. Ouviu as palavras do Senhor: **“Minha filha, a tua compaixão por Mim é um alívio para Mim. A tua alma adquire uma beleza singular quando medita sobre a Minha Paixão”** (D. 1657).

No dia seguinte, Irmã Faustina sentiu-se tão mal que teve que receber a Comunhão em cima, juntamente com as outras irmãs doentes. A Eucaristia foi trazida à enfermaria pelo sacerdote que havia celebrado a santa Missa. Primeiro deu a Comunhão à três irmãs e depois à Irmã Faustina. Pensando que Irmã Faustina já era a última, deu-lhe duas Hóstias. A noviça da cela vizinha não recebeu a Eucaristia. Quando o sacerdote foi buscar a santa Comunhão para ela, Jesus disse a Irmã Faustina: **“É com relutância que entro naquele coração. Recebeste essas duas Hóstias, porque não Me apresso em vir à alma que se opõe à Minha graça. Não Me agrada permanecer numa alma assim”** (D. 1658). A alma da Irmã foi imediatamente atraída à presença de Deus e o Senhor lhe deu um profundo conhecimento interior de todo o plano da Misericórdia. “Foi como o clarão de um relâmpago – escreveu ela – porém mais claro do que se eu tivesse olhado, por duas horas inteiras, com os olhos do corpo” (D. 1658).

Não existem palavras que possam descrever plenamente a alegria que Irmã Faustina sentia em sua alma:

“A glória da misericórdia de Deus já ressoa, apesar dos esforços dos inimigos e do próprio satanás que odeia tanto a misericórdia de Deus, e essa Obra é a que lhe arrancará mais almas. Por isso, o espírito das trevas tenta até pessoas boas, às vezes violentamente, para que dificultem essa Obra. No entanto,

conheci claramente que a vontade de Deus já está se cumprindo — e se cumprirá até a última gota. Os maiores esforços dos inimigos não frustrarão nem o mais pequeno detalhe do que o Senhor decidiu. Não importa que existam momentos em que parece que essa Obra está completamente destruída: ela então se fortalece” (D. 1659).

Na Quinta-Feira Santa, Irmã Faustina sentiu-se suficientemente forte para poder participar das cerimônias na igreja. Durante a santa Missa, Jesus lhe disse: **“Olha para o Meu Coração cheio de amor e misericórdia para com os homens, mas, especialmente, para com os pecadores. Contempla e adentra na Minha Paixão”**. Num só momento, a Irmã experimentou, em seu coração, toda a Paixão de Cristo. “Admirei-me de que esses suplícios não me tivessem privado da vida” – escreveu ela (D. 1663).

Naquela noite, durante a hora santa, Irmã Faustina ouviu as palavras: **“Estás vendo a Minha misericórdia para com os pecadores que, neste momento, se manifesta com todo o seu poder. Repara como escreveste pouco sobre ela. Isso é apenas uma gota. Faz o que estiver ao teu alcance para que os pecadores conheçam a Minha bondade”** (D. 1665).

Na Sexta-Feira Santa, Jesus apareceu à Irmã Faustina como se estivesse na Paixão, mas antes de ser crucificado. Disse então: **“Tu és o Meu Coração. Fala aos pecadores da Minha misericórdia”** (D. 1666). A irmã obteve o conhecimento interior de toda a profundidade da misericórdia que Deus tem para com as almas e compreendeu que, o que havia escrito até então, era apenas uma gotinha diante da imensidão da bondade divina.

No Sábado Santo, durante a adoração, Jesus disse à Irmã: **“Fica tranquila, Minha filha. Esta Obra da misericórdia é Minha, nada de teu há nela. Agrada-Me que estejas cumprindo fielmente o que te recomendei: não acrescentaste, nem diminuístes uma palavra sequer”** (D. 1667). Por uma iluminação interior, o Senhor deu a conhecer à Irmã Faustina que nenhuma palavra do que havia escrito procedia dela mesma. “Apesar das dificuldades e das adversidades, sempre, sempre cumpro a vontade de Deus conhecida” – escreveu naquele dia (D. 1667).

Na manhã seguinte, antes da Missa da Páscoa, Irmã Faustina sentiu-se tão fraca que perdeu a esperança de participar da procissão na igreja, juntamente com as outras irmãs. Disse ao Senhor: “Jesus, se Vos são agradáveis as minhas orações, fortalecei-me para essa hora, para que eu possa participar da procissão” (D. 1668). Nesse momento, sentiu-se forte. Estava certa de que poderia ir junto com as outras irmãs.

Durante a procissão, Jesus apareceu à Irmã Faustina. Estava cercado por um esplendor maior que o brilho do sol. O Senhor olhou para a Irmã com amor e disse: **“Coração do Meu Coração, enche-te de alegria”** (D. 1669).

O espírito de Irmã Faustina imediatamente mergulhou em Deus. Quando recuperou a consciência, viu que ainda estava acompanhando a procissão. Sua alma permanecia inteiramente submersa no Senhor.

Quando estava agradecendo ao Senhor pela redenção e pelo dom do seu amor – pelo dom do próprio Jesus na santa Comunhão, foi atraída à presença da Santíssima Trindade e mergulhada no amor do Pai, do Filho e do Espírito Santo. “É difícil descrever esses momentos” – anotou no Diário (D. 1670).

No dia seguinte, durante o recreio, uma das irmãs disse: “A irmã Faustina está tão mal que mal consegue andar, seria bom que morresse o quanto antes, porque será santa” (D. 1672).

Uma das irmãs diretoras respondeu com ironia: “Que vai morrer, nós sabemos; mas se vai ser santa — é ainda uma pergunta”. Começaram a aparecer outras observações maliciosas a esse respeito. Irmã Faustina permaneceu em silêncio durante essa conversa (D. 1672).

Naquela época, Irmã Faustina começou a receber cartas das irmãs com as quais havia feito o noviciado. Muitas dessas cartas divertiam muito Irmã Faustina, e mesmo faziam-na rir, como por exemplo esta:

“Querida irmã Faustina, estamos muito tristes porque a irmã está tão gravemente doente, mas estamos também contentes, porque, quando Nosso Senhor a levar, a irmã vai rezar por nós, pois pode conseguir muito junto ao Senhor”.

Uma das irmãs assim expressou o seu pedido: “Quando a irmã morrer, cerque-me de proteção especial, porque certamente a irmã pode fazer isso por mim”.

Uma outra irmã escreveu: “Espero, com tanta ansiedade, que Nosso Senhor leve a irmã, porque sei o que vai acontecer, e desejo muito a morte para a irmã”. Irmã Faustina resistiu à tentação de perguntar a essa irmã o que é que aconteceria, segundo ela, e disse: “Acontecerá comigo, pecadora, o que acontece com todos os pecadores, se não me amparar a misericórdia de Deus” (D. 1673).

Volta ao sanatório

Irmã Faustina ficou sabendo que, na quinta-feira, 21 de abril, voltaria ao sanatório em Prądnik e lá ficaria pelo menos por dois meses. Na véspera da partida, ela estava preocupada pensando que a deixariam numa sala comum e que isso lhe acarretaria muitos dissabores. Naquela noite, foi à capela para uma longa conversa com Jesus e lhe expôs todos os seus receios e temores. O Senhor ouviu-a com amor e depois disse: **“Fica tranquila, Minha filha. Eu estou contigo, vai com a maior tranquilidade. Está tudo preparado. Mande preparar, à Minha maneira, um quarto separado para ti”**(D. 1674). Tranquilizada e cheia de gratidão, a Irmã foi descansar.

A Irmã Felícia acompanhou Irmã Faustina até o sanatório. Realmente, lá já havia um quarto separado à sua espera. Ela escreveu:

“Quando entramos nesse quarto, ficamos admiradas de tudo estar tão lindamente preparado, limpinho, coberto de toalhas, enfeitado de flores. As irmãs tinham posto sobre um pequeno armário um bonito cordeirinho pascal. Logo vieram três irmãs do Coração de Jesus que trabalham neste sanatório, minhas antigas conhecidas, que me saudaram cordialmente. A irmã Felícia ficou admirada com tudo isso. Despedimo-nos cordialmente, e ela foi embora. Quando fiquei sozinha, a sós com Nosso Senhor, agradei-Lhe por essa grande graça” (D. 1675).

Naquela noite, a Irmã que cuidava de Irmã Faustina disse: “Amanhã a Irmã não receberá Nosso Senhor, porque está muito cansada, e depois veremos como será” (D. 1676). Irmã Faustina ficou muito sentida com isso, mas submeteu-se à vontade de Deus e procurou dormir. Pela manhã, após fazer a meditação preparou-se para receber a Comunhão, apesar de que não deveria receber Nosso Senhor. No seu Diário, anotou o que, então, aconteceu:

“Quando a minha ansiedade e o meu amor atingiram o grau máximo, vi junto da minha cama um serafim que me deu a santa Comunhão, pronunciando estas palavras: ‘Eis o Senhor dos anjos’. — Quando recebi o Senhor, o meu espírito mergulhou no amor a Deus e no assombro. Repetiu-se isso por treze dias, embora, nunca tivesse certeza de que me traria no dia seguinte. Submetendo-me a Deus, confiava na bondade de Deus e nem ousava pensar se amanhã teria a santa Comunhão dessa maneira.

O serafim estava envolto por uma grande claridade, refletia-se nele a divinização, o amor de Deus. Tinha uma veste dourada e, por cima, uma sobrepeliz e uma estola transparentes. O cálice era de cristal, coberto por um véu transparente. Quando me ofertava o Senhor, desaparecia imediatamente” (D. 1676).

Certo dia, Irmã Faustina tinha certa dúvida e perguntou ao serafim: “Eu não poderia confessar-me contigo?”

Respondeu ele: “Nenhum espírito no céu têm esse poder”. Nesse momento, a Hóstia santa descansou nos lábios da Irmã (D. 1676).

No domingo, um sacerdote trouxe a Comunhão para Irmã Faustina. Após cerca de duas semanas, permitiram que ela levantasse. Poderia agora participar da santa Missa e rezar na capela.

O primeiro exame confirmou os receios do Dr. Adam Silberg. O estado de Irmã Faustina era muito grave. “Mas Deus Todo-Poderoso pode tudo” – disse o médico. Quando a Irmã voltou para o quarto, sentiu tanta gratidão por tudo que o Senhor lhe havia enviado na vida, uma tal alegria e uma paz tão completa que, “se a morte ocorresse nesse momento – escreveu ela – não lhe diria: ‘Espera, porque ainda tenho assuntos para resolver’. Não, eu a saudaria com

alegria, porque estou pronta para o encontro com o Senhor, não apenas hoje, mas desde o momento em que confiei plenamente na misericórdia de Deus, submetendo-me inteiramente à Sua santíssima vontade, cheia de misericórdia e compaixão. Sei o que sou por mim mesma.....” (D. 1679).

No primeiro domingo depois da Páscoa, isto é, dia da Festa da Misericórdia, tão desejada por Jesus, Irmã Faustina escreveu:

“Hoje novamente me ofereci em sacrifício ao Senhor, como holocausto pelos pecadores. Meu Jesus, se já está próximo o fim da minha vida — suplico-Vos humildemente, aceitai a minha morte em união Convosco como uma oferta de holocausto que hoje Vos faço no pleno gozo das minhas faculdades mentais e com toda a consciência, com um tríplice objetivo:

Primeiro — para que a obra da Vossa misericórdia se difunda pelo mundo todo e para que a Festa da Misericórdia seja solenemente aprovada e comemorada.

Segundo — para que os pecadores e especialmente as almas agonizantes recorram à Vossa misericórdia, experimentando os inefáveis efeitos dessa misericórdia.

Terceiro — para que toda a obra da Vossa misericórdia seja executada de acordo com os Vossos desejos e por certa pessoa que dirige esta obra...

Aceitai, Jesus piedosíssimo, esse meu mísero sacrifício que Vos fiz hoje diante do céu e da terra. Que o Vosso Sacratíssimo Coração, cheio de misericórdia, preencha o que falta nesse sacrifício e o ofereça ao Vosso Pai pela conversão dos pecadores” (D. 1680).

Nesse momento, sentiu que era propriedade exclusiva de Deus. Foi-lhe dada a máxima liberdade espiritual, liberdade que nunca antes havia experimentado. Nesse mesmo momento, Irmã Faustina viu a glória da Misericórdia de Deus e um enorme número de almas que glorificavam a bondade do Senhor. Enquanto assim permanecia, mergulhada em Deus, ouviu as palavras: **“Tu és minha filha caríssima”** (D. 1681). A presença viva de Deus permaneceu com ela durante o dia todo.

Na noite do dia 1º de maio, Jesus perguntou à Irmã Faustina: **“Minha filha, não te falta alguma coisa?”**. A Irmã respondeu: “Ó

meu Amor, quando tenho a Vós, tenho tudo”. O Senhor respondeu:

“Se as almas se submetessem inteiramente a Mim, Eu mesmo Me encarregaria da sua santificação e as cumularia de graças ainda maiores. Existem almas que arruínam os Meus esforços, mas não desanimo. Todas as vezes que recorrem a Mim, apresso-Me em dar-lhes ajuda, amparando-as com a misericórdia e dando-lhes o primeiro lugar no Meu compassivo Coração.

Escreve para as almas religiosas que a Minha delícia é vir aos seus corações na santa Comunhão. Mas, se nesse coração há outro alguém, Eu não posso tolerar isso e saio dele o quanto antes, levando comigo todos os dons e graças que preparei para essa alma, e ela nem percebe a Minha saída. Só após algum tempo chamará a sua atenção o vazio interior e a insatisfação. Oh! se então, recorresse a Mim, Eu a ajudaria a purificar o coração, realizaria tudo na sua alma. Mas, sem o seu conhecimento e consentimento não posso governar o seu coração” (D. 1682-1683).

Durante a meditação e as horas santas, Jesus continuava a instruir sua noviça:

“Minha filha, observa fielmente as palavras que te digo: não dês demasiado valor a nenhuma coisa exterior, ainda que te pareça muito preciosa. Abandona-te a ti mesma e permanece continuamente Comigo.

Confia tudo a Mim e não faças nada por tua conta, e terás sempre grande liberdade de espírito; e nenhuma circunstância nem acontecimento conseguirão perturbar-te. Não prestes muita atenção às palavras dos homens, deixa que cada um te julgue como quiser. Não te justifiques, que isso em nada te prejudicará. Entrega tudo ao primeiro sinal de exigência, ainda que sejam as coisas mais necessárias.

Não peças nada sem pedir o Meu conselho. Permite que te tirem até aquilo a que tens direito — o reconhecimento, o bom nome; que o teu espírito se eleve acima de tudo isso. E, assim, liberta de tudo, descansa junto ao Meu Coração. Não permitas que alguma coisa perturbe a tua paz.

Discípula, reflete sobre essas palavras que te disse” (D. 1685).

No dia 8 de maio, Irmã Faustina distinguiu, numa visão simbólica, duas enormes colunas fincadas na terra. Uma dessas colunas havia sido fincada com grande esforço e dificuldade por ela mesma, a outra – por S.M. Não sabemos a quem se referem essas iniciais. A Irmã estava admirada por ver que havia conseguido realizar uma coisa tão difícil. Compreendeu que isso havia acontecido não graças à sua própria força, mas graças ao poder que lhe fora dado pelo Senhor.

No alto dessas duas colunas, estava pendurada a Imagem de Jesus Misericordioso. Imediatamente, do lado de fora e de dentro das colunas, surgiu um grande santuário. Irmã Faustina via a mão que estava terminando a construção desse santuário, mas não via a pessoa a quem pertencia essa mão. Fora e dentro do santuário, havia multidões de pessoas, enquanto os raios que saíam do misericordioso Coração de Jesus desciam sobre todos (D. 1689).

Naquele mesmo dia, depois da comunhão, Jesus disse à Irmã Faustina: **“Minha filha, dê-Me almas; saiba que a tua tarefa é conquistar almas para Mim com a oração e com o sacrifício, incentivando-as à confiança na Minha misericórdia” (D. 1690).**

Outro dia, quando Irmã Faustina escrevia, em palavras ardentes, sobre Jesus oculto no Santíssimo Sacramento e sobre a sua familiaridade com ela, viu Nosso Senhor inclinado ao seu lado. Jesus perguntou: **“Minha filha, o que estás escrevendo?”**

Ela respondeu: “Estou escrevendo sobre Vós, Jesus, sobre Vós oculto no Santíssimo Sacramento, sobre o Vosso inconcebível amor e misericórdia para com os homens”.

Jesus disse: **“Secretária do Meu mais profundo mistério, deves saber que estás em exclusiva intimidade Comigo. A tua tarefa é escrever tudo que te dou a conhecer sobre a Minha misericórdia para o proveito das almas que lendo esses escritos experimentarão consolo na alma e terão coragem de se aproximar de Mim. E, por isso, desejo que dediques todos os momentos livres a escrever”.**

“Ó Senhor, mas será que terei sempre, mesmo que seja um breve momento, para escrever alguma coisa?” – perguntou Irmã

Faustina.

Jesus retorquiu: **“Não compete a ti pensar sobre isso. Faz apenas o que poderes. Eu sempre conciliarei as circunstâncias de tal maneira que cumprirás com facilidade o que estou pedindo...”** (D. 1693).

A partir de então, ela raramente datava as anotações no Diário. Parece que, nesse período, ela anotava os seus pensamentos ao acaso. No entanto, era obediente a Jesus e não deixava de anotar nada do que lhe revelava sobre a Sua misericórdia.

Numa quinta-feira, Irmã Faustina sentia-se melhor e estava feliz por poder rezar a hora santa. No entanto, quando começou a adoração os seus sofrimentos físicos intensificaram-se a tal ponto que ela não tinha condições de rezar. Essas dores cessaram exatamente quando terminou a hora santa. A Irmã queixava-se a Jesus dizendo que o seu sofrimento não lhe havia permitido vivenciar a sua dolorosa Paixão. O Senhor respondeu:

“Minha filha, fica sabendo que, se te permito sentir e conhecer mais a fundo os Meus sofrimentos, é por graça Minha. Mas quando passas por um obscurecimento mental, e os teus sofrimentos são grandes, então participas vivamente da Minha Paixão e te faço inteiramente semelhante a Mim. A ti, compete te submeter à Minha vontade, especialmente nesses momentos, mais do que em qualquer outra ocasião...” (D. 1697).

Uma das práticas prediletas de Faustina, mesmo antes de ingressar na vida religiosa, era velar junto aos agonizantes e pedir para eles, em oração, a confiança na misericórdia de Deus. Como já foi mencionado, ela não abandonou essa prática no sanatório. De início, ela mesma podia estar fisicamente presente junto aos agonizantes; depois, quando a superiora lhe proibiu essa prática, acompanhava os agonizantes espiritualmente. Ela assim escrevia sobre os pecadores que estavam partindo desse mundo:

“A misericórdia de Deus atinge às vezes o pecador no último instante, de maneira surpreendente e misteriosa. Exteriormente vemos como se tudo estivesse perdido, mas não é assim. A alma, iluminada pelo forte raio de uma extrema graça Divina, dirige-se a Deus no último instante com tanta força de amor que

imediatamente recebe de Deus [o perdão] das culpas e dos castigos, e exteriormente não nos dá nenhum sinal nem de arrependimento nem de contrição, visto que já não reage às coisas exteriores. Oh! quão inconcebível é a misericórdia de Deus. Mas oh! horror — existem também almas que voluntária e conscientemente afastam essa graça e a desprezam. Embora já em meio à própria agonia, Deus misericordioso dá à alma esse momento de luz interior com que, se a alma quiser, tem a possibilidade de voltar a Deus. Mas, muitas vezes, as almas têm tamanha dureza de coração que conscientemente escolhem o inferno, anulam todas as orações que as outras almas fazem por elas a Deus e até os próprios esforços de Deus...”(D. 1698).

Certo dia, Irmã Faustina pediu a Jesus que a instrísse sobre a vida interior. O Senhor respondeu:

“Fui teu Mestre — sou e serei. Procura fazer com que o teu coração se assemelhe ao Meu Coração manso e humilde. Não reclames nunca os teus direitos. Suporta todas as vicissitudes da vida com grande serenidade e paciência. Não te defendas, quando toda a vergonha recair sobre ti injustamente. Permite que triunfem os outros. Não deixes de ser boa quando perceberes que estão abusando da tua bondade. Quando for necessário, te defenderei Eu mesmo. Sê grata pela menor graça Minha, porque essa gratidão Me obriga a conceder-te novas graças...” (D. 1701).

Um outro dia, quando Irmã Faustina estava terminando de rezar a Via-sacra, Jesus começou a queixar-se da falta de amor das almas eleitas. Falou: **“Permitirei que sejam destruídos conventos e igrejas”**.

A Irmã respondeu: “Jesus, mas tantas almas Vos glorificam nos conventos”.

O Senhor respondeu: **“Essa glória fere o Meu Coração, porque o amor foi expulso dos conventos (...) Os grandes pecados do mundo ferem o Meu Coração como que superficialmente, mas os pecados da alma eleita transpassam o Meu Coração...”** (D. 1702).

Irmã Faustina começou a chorar amargamente, pois não podia encontrar nada para justificar as almas eleitas. O Senhor olhou para

ela bondosamente e consolou-a com estas palavras: **“Não chores, existe ainda um grande número de almas que Me amam muito, mas o Meu Coração deseja ser amado por todos, e, porque o Meu amor é grande, por isso os ameaço e castigo”** (D. 1703).

Em outra ocasião, quando Irmã Faustina entrou por um momento na capela, seu coração mergulhou numa oração de ação de graças. Ela glorificava a inconcebível bondade e misericórdia do Senhor. Ouviu, então, na alma as palavras: **“Sou e serei para ti, tal como Me glorificas. Experimentas a Minha bondade já nesta vida e naquela futura a experimentarás em toda a plenitude”** (D. 1707).

Ela respondeu:

“Ó Cristo, a minha maior delícia é ver que Vós sois amado, que ressoe a Vossa honra e glória, especialmente, a honra à Vossa misericórdia. Ó Cristo, até o último instante da vida não cessarei de bendizer a Vossa bondade e misericórdia. Com cada gota do sangue, com cada pulsação do coração, bendigo a Vossa misericórdia. Desejo transformar-me toda num hino de adoração a Vós. E, quando já estiver no leito da morte, que a última batida do meu coração seja um hino amoroso para bendizer a Vossa insondável misericórdia” (D. 1708).

No dia 26 de maio, quando Irmã Faustina estava refletindo sobre o mistério da Ascensão de Nosso Senhor, viu-se em meio a uma grande multidão de discípulos e apóstolos. Estava aí também Nossa Senhora. Jesus dizia a Seus discípulos que fossem ao mundo todo e ensinassem em seu Nome. A seguir levantou as mãos, abençoou-os e desapareceu numa nuvem. A Irmã percebeu que a Santíssima Virgem Maria ansiava por Jesus com toda a força do seu amor, mas estava tão repleta de paz e tão submissa a Deus que seu coração desejava apenas o que desejava Deus. A seguir ficou apenas com Nossa Senhora. A Mãe de Deus deu-lhe instruções relacionadas com a vida interior. Falou assim: *“A verdadeira grandeza da alma consiste em amar a Deus e humilhar-se em Sua presença, esquecer inteiramente de si e não dar valor algum a si mesmo, porque grande é o Senhor, mas somente pelos humildes tem predileção e aos orgulhosos sempre se opõe”* (D. 1711).

A força de união com Deus

Certo dia, após a Comunhão, quando Irmã Faustina já havia acolhido a Jesus em seu coração, disse a Ele:

“Amor meu, reinai nos mais reservados recônditos do meu coração, lá onde se iniciam os meus mais secretos pensamentos. Naquele mais profundo santuário onde apenas Vós, Senhor, tendes acesso e onde o pensamento humano não é capaz de alcançar. Permanecei ali apenas Vós, e provenha de Vós tudo o que faço exteriormente. Desejo ardentemente e faço o possível com toda a força da minha alma a fim de que Vós, ó Senhor, Vos sintais como em Vossa casa nesse santuário” (D. 1721).

Ouviu então estas palavras:

“Se não amarrasses as Minhas mãos, enviaria muitos castigos à terra. Minha filha, o teu olhar desarma a Minha ira. Embora a tua boca se cale, clamas a Mim tão poderosamente que o céu todo se move. Não posso fugir ao teu pedido, pois não Me buscas longe, mas no teu próprio coração” (D. 1722).

Alguns dias depois da festa da Ascensão, Jesus disse à Irmã Faustina:

“Escreve: Sou três vezes Santo e abomino o menor pecado. Não posso amar uma alma manchada pelo pecado, mas, quando se arrepende, não há limites para a Minha generosidade com ela. A Minha misericórdia a envolve e justifica. Com a Minha misericórdia persigo os pecadores em todos os seus caminhos, e o Meu Coração se alegra quando eles voltam a Mim. Esqueço as amarguras com que alimentaram o Meu Coração e alegro-Me com a volta deles. Diz aos pecadores que ninguém escapará ao Meu braço. Se fogem do Meu misericordioso Coração, hão de cair nas mãos da Minha justiça. Diz aos pecadores que sempre espero por eles, presto atenção ao pulsar do coração deles, para ver quando pulsará por Mim. Escreve que falo a eles pelos remorsos da consciência, pelos fracassos e sofrimentos, pelas tempestades e raios; falo pela voz da

Igreja e, se menosprezarem todas as Minhas graças, começarei a Me zangar com eles, abandonando-os a si mesmos e dou-lhes o que desejam” (D. 1728).

A Irmã sabia que, apesar do solícito desvelo dos superiores e dos esforços dos médicos, o seu estado de saúde piorava continuamente. “Mas alegro-me imensamente com o Vosso chamado, meu Deus, meu Amor – escreveu ela –, porque sei que, no momento da morte, se iniciará a minha missão” (D. 1729). E, mais uma vez, confessou a sua confiança na misericórdia de Deus:

“Embora a minha miséria seja grande e numerosas as faltas, confio na Vossa misericórdia, porque sois o Deus de misericórdia, e não se ouviu jamais, nem a terra ou o céu recordam, que uma alma que confiou na Vossa misericórdia tenha se decepcionado. Ó Deus de compaixão, somente Vós podeis justificar-me e nunca me rejeitareis enquanto, contrita, me dirigir ao Vosso misericordioso Coração do qual ninguém recebeu uma negativa, nem sequer o pecador por maior que fosse” (D. 1730).

Certa noite, no fim de maio, Irmã Faustina foi acordada por uma violenta tempestade. Ela descreveu assim esse acontecimento:

“Hoje fui acordada por uma grande tempestade. Desencadeou-se uma ventania e caía uma chuva torrencial com raios e trovões a todo instante. Comecei a rezar, para que a tempestade não causasse nenhum dano; então ouvi estas palavras: Recita o Terço que te ensinei, que a tempestade cessará. — Logo comecei a recitar esse Terço, e nem cheguei a terminá-lo quando a tempestade de repente cessou, e ouvi estas palavras: Por ele conseguirás tudo, se o que pedires estiver de acordo com a Minha vontade” (D. 1731).

Seria essa tempestade o prenúncio de uma outra tempestade ainda maior que, dentro de um ano, iria desencadear-se sobre a sua querida pátria? Irmã Faustina sabia que, a qualquer momento, poderia eclodir uma guerra longa, terrível, cheia de desgraças. Por essa razão, rezava pela Polônia com um ardor ainda maior. Certo dia, ouviu durante a oração estas palavras: **“Amo a Polônia de maneira especial e, se ela for obediente à Minha vontade, Eu a**

elevarei em poder e santidade. Dela sairá a centelha que preparará o mundo para a Minha Vinda derradeira” (D. 1732).

Durante a sua estada no sanatório, Irmã Faustina nunca esteve inativa. Permanecendo incessantemente na proximidade do Senhor, ela rezava pelos pecadores, dava conselhos aos pacientes que a visitavam, bem como intercedia pelos agonizantes e pelas almas do purgatório que vinham pedir-lhe ajuda. O Senhor animou-a também a anotar uma série de reflexões. Irmã Faustina entremeava as suas reflexões com versos e orações que glorificavam a misericórdia de Deus que se manifesta no plano divino da criação e da salvação. Tudo isso pode ser lido integralmente no Diário (D. 1741-1751).

No dia 2 de junho, a Irmã iniciou um retiro de três dias pregado diretamente por Jesus, Mestre desse retiro. Fora Ele mesmo que havia recomendado à Irmã Faustina realizar esses exercícios, tendo destinado para esse fim os três dias que precediam o domingo de Pentecostes. A Irmã concordou com isso, mas somente depois de ter recebido a permissão da superiora. Jesus dirigiu todo o retiro. Todos os dias dava à Irmã Faustina temas para reflexão durante a primeira e a segunda meditação, todos os dias também pronunciava conferências. O Senhor indicou também para esse retiro leituras especiais do Evangelho de São João.

No primeiro dia, Irmã Faustina deveria ler pausadamente o capítulo 15; no segundo, o capítulo 19, não apenas com os lábios, mas também com o coração; e no terceiro dia Jesus recomendou-lhe que lesse o capítulo 21, mais com o coração do que com a mente. No último dia do retiro, o Senhor pregou à Irmã Faustina uma conferência que poderia ser chamada de “Testamento da Misericórdia”.

“Fica sabendo, Minha filha, que o Meu Coração é a própria Misericórdia. Desse mar de misericórdia, derramam-se graças pelo mundo todo. Nenhuma alma que de Mim se tenha aproximado, saiu sem consolo. Toda a miséria submerge na Minha misericórdia, e toda graça brota dessa fonte — salvadora e santificante. Minha filha, desejo que o teu coração seja a morada da Minha misericórdia. Desejo que essa misericórdia se derrame sobre o mundo todo pelo teu coração. Quem quer que se aproxime de ti, que não se

afaste sem essa confiança na Minha misericórdia que tanto desejo para as almas. Reza quanto puderes pelos agonizantes; pede para eles a confiança na Minha misericórdia, porque eles são os que mais necessitam de confiança e os que menos a têm. Fica sabendo que a graça da salvação eterna de algumas almas, no seu derradeiro momento, depende da tua oração. Tu conheces todo o abismo da Minha misericórdia, portanto, tira dela para ti e especialmente para os pobres pecadores. É mais fácil que o céu e a terra se transformem em nada do que a Minha misericórdia deixar de envolver uma alma confiante” (D. 1777).

Após esse extraordinário retiro, Irmã Faustina fez um único propósito, aliás já repetido havia vários anos – o propósito de unir-se com Cristo-Misericórdia. No fim do retiro, ela disse a Jesus: “Agradeço-Vos, Amor Eterno, pela Vossa inconcebível bondade, por Vós mesmo Vos ocupardes diretamente com a minha santificação”.

O Senhor disse: **“Minha filha, três virtudes devem adornar-te especialmente: humildade, pureza de intenção e amor. Não faças nada mais a não ser o que estou exigindo de ti e aceita tudo que te oferecer a Minha mão. Procura viver em recolhimento, para que ouças a Minha voz, que é tão silenciosa que apenas as almas recolhidas podem ouvir...” (D. 1779).**

No dia de Pentecostes, Irmã Faustina levantou-se mais cedo do que costumava, apesar de, na noite anterior, não ter conseguido dormir antes da meia-noite devido a emoção que sentia ao pensar na renovação dos votos. Dirigiu-se à capela e mergulhou na vivência do amor a Deus. Antes de receber a Comunhão, renovou particularmente os seus votos. Após a Comunhão, foi envolvida pelo infinito amor de Deus. “A minha alma permanecia com o Espírito Santo, que é o mesmo Senhor que o Pai e o Filho – escreveu ela. – A sua inspiração enche a minha alma de tamanho prazer que, em vão, eu me esforçaria para, ao menos em parte, dar uma ideia do que estava vivendo o meu coração” (D. 1781).

Alguns dias depois, durante uma conversa mais longa, o Senhor disse à Irmã:

“Como desejo a salvação das almas! Minha caríssima secretária, escreve que desejo derramar a Minha Vida Divina nas almas dos homens e santificá-las, desde que queiram aceitar a Minha graça. Os maiores pecadores atingiriam uma grande santidade, desde que tivessem confiança na Minha misericórdia. As Minhas entranhas estão repletas de misericórdia que está derramada sobre tudo o que criei. O Meu prazer é agir na alma humana, enchê-la da Minha misericórdia e justificá-la. O Meu reino está sobre a terra; a Minha vida, na alma humana. Escreve, Minha secretária, que o guia das almas sou diretamente Eu — e, indiretamente, as guio pelo sacerdote e conduzo cada uma à santidade por um caminho somente por Mim conhecido” (D. 1784).

No dia 17 de junho, sexta-feira, logo depois da festa de Corpus Christi, Irmã Faustina sentiu-se tão mal que pensou que estava se aproximando o momento tão desejado. Estava com muita febre e, à noite, vomitando, perdera muito sangue. Embora ainda pudesse receber a Comunhão, estava muito fraca para permanecer na Santa Missa. Naquela tarde, a temperatura de Irmã Faustina caiu, ela se sentia como se tudo em seu corpo estivesse morrendo. No entanto, quando mergulhou numa profunda oração, compreendeu que “este não é ainda o momento da libertação, mas um chamado mais próximo do esposo” (D. 1786).

No encontro seguinte com o Senhor, ela disse: “Vós me iludis, Jesus, mostrais-me a porta do céu aberta e, depois, deixais-me novamente na terra”.

O Senhor respondeu: **“Quando vires, no céu, os teus dias atuais, ficarás feliz e gostarias de vê-los mais numerosos. Não Me admiro, Minha filha, de que não possas compreender isso agora, porque o teu coração está repleto de dor e saudade de Mim. Agrada-Me a tua vigilância e seja-te suficiente a Minha palavra — de que será em breve” (D. 1787).** E, mais uma vez, a alma de Irmã Faustina ficou no exílio.

Em junho, recebeu uma breve visita da Madre Irena. Quando essa examinou o quarto, disse: “Tudo aqui está bonito demais”. A Irmã concordou com isso, mas escreveu no Diário:

“E realmente as irmãs procuram tornar agradável a minha estada neste sanatório. No entanto, toda essa beleza não diminui o meu sacrifício que apenas Deus vê e que cessará somente no instante em que o meu coração deixar de bater. Nenhuma beleza da terra toda, nem mesmo do próprio céu, poderá apagar o tormento da minha alma que, embora tão interior, se mantém vivo a cada instante. Cessará, quando Vós mesmo, autor do meu tormento, disserdes: “Basta!”. Nada conseguirá diminuir o meu sacrifício” (D. 1785).

A Madre geral Michaela fez uma visita à Irmã Faustina em julho. Esse último encontro com Irmã Faustina deu-lhe muito prazer, visto que ela fez um relato animado de diversos acontecimentos da sua vida no hospital. Antes da despedida, Irmã Faustina disse com alegria: “Querida Madre, que lindas coisas me conta Nosso Senhor”. E apontando para os seus cadernos de anotações acrescentou: “A senhora vai ler tudo isso”.

Em agosto, a Madre Michaela recebeu a notícia de que o estado de saúde de Irmã Faustina havia piorado muito. A superiora escreveu, então, uma carta à Irmã na qual lhe assegurava a sua simpatia e a sua lembrança. Mencionou também que o Padre Sopoćko participaria de um sínodo que se realizaria em Częstochowa e, com certeza, iria visitá-la. Irmã Faustina ficou muito feliz com isso. No final de agosto, ela escreveu à Madre geral:

“Madre querida, parece-me que é a nossa última conversa aqui na terra. Sinto-me muito fraca e escrevo com a mão trêmula. Sofro tanto quanto sou capaz de suportar. Jesus nada envia além das forças. Se os sofrimentos forem grandes, desmedida também há de ser a graça Divina. Estou por inteiro entregue a Deus e à Sua santa Vontade. Invade-me uma saudade de Deus cada vez maior. A morte nem me assusta, transborda na minha alma uma imensa paz.

Ainda pratico todos os exercícios espirituais, também me levanto para a santa Missa, mas não assisto a todo o Ofício, pois com frequência sinto-me mal. Aproveito-me tanto quanto posso das graças que Jesus nos deixou na Sua Igreja.

Madre querida, agradeço-vos de todo o meu coração cheio de reconhecimento por tudo o que experimentei de bom na

congregação desde o momento em que fui admitida até o presente. Estou grata em particular pela vossa sincera compaixão e pelos vossos conselhos nos momentos difíceis em que parecia impossível sobreviver. Que Deus vos pague com generosidade.

Agora, no espírito de submissão religiosa da nossa comunidade, peço-vos muito humildemente perdão por não haver observado as regras com rigor, por ter dado mau exemplo às Irmãs, pela falta de zelo em toda a vida religiosa, e por todos os aborrecimentos e sofrimentos que possa ter-vos causado – ainda que inconscientemente. A vossa bondade, minha querida Mãe, constituiu para mim uma força nos momentos difíceis. Espiritualmente, ponho-me de joelhos perante vós e peço humildemente que me perdoeis todas as faltas, e peço a vossa bênção na hora da morte. Tenho confiança no poder das orações da Madre e das queridas Irmãs. Sinto-me amparada por tal poder. Peço desculpa pela minha letra ruim, mas a minha mão treme e fica entorpecida.

Adeus, minha Mãezinha muito querida, nos veremos no Céu junto do Trono de Deus. Que desde já a Misericórdia Divina seja glorificada em nós e por nós. Beijo as vossas mãos com a maior veneração e peço-vos oração.

A completa miséria e nada, Irmã Faustina” [4].

O Senhor, desejando talvez consolar Irmã Faustina, deu-lhe a graça de olhar, por um momento, para o futuro. Ela não assinalou a descrição dessa visão com uma data exata. Escreveu assim:

“Hoje vi a glória de Deus que desce da Imagem. Muitas almas recebem graças, embora não falem sobre elas em voz alta. Embora diversas sejam as suas vicissitudes, Deus recebe glória por ela, e os esforços do demônio e das pessoas más desmoronam e transformam-se em nada. Apesar da maldade do demônio, a misericórdia divina triunfará no mundo inteiro e será venerada por todas as almas” (D. 1789).

Graças ao seu Senhor e Mestre, Irmã Faustina recebeu um ensinamento extremamente precioso: “Conheci que, para Deus poder agir na alma, ela deve renunciar o agir por conta própria,

porque, de outra forma, Deus não realizará nela a Sua vontade” (D. 1790).

A seguir a Irmã descreveu dois acontecimentos em que se manifestou o enorme poder do Terço da Misericórdia Divina:

“Quando estava se aproximando uma grande tempestade, comecei a recitar esse Terço. Então ouvi a voz de um anjo: ‘Não posso aproximar-me na tempestade, pois a claridade que sai da sua boca afasta a mim e a tempestade’. Assim se queixava o anjo de Deus. Então conheci que grande destruição devia ser causada por essa tempestade, mas também conheci que essa oração era agradável a Deus e como é grande o poder desse Terço” (D. 1791).

“Hoje chegou a mim o Senhor e disse: **Minha filha, ajuda-Me a salvar as almas. Irás a um pecador agonizante e recitarás esse Terço, e com isso conseguirás para ele a confiança na Minha misericórdia, visto que já se encontra em desespero.** De repente, encontrei-me numa choupana desconhecida onde estava agonizando um homem, já idoso, em terríveis tormentos. Em volta da cama havia um grande número de demônios e a família chorando. Quando comecei a rezar, dispersaram-se os espíritos das trevas, com sibilos e ameaças contra mim. Essa alma tranquilizou-se e, cheia de confiança, descansou no Senhor. No mesmo instante eu me vi em meu quarto. Como isto acontece — não sei” (D. 1797-1798).

Irmã Faustina anotou também mais uma visão: “Hoje vi o Sacratíssimo Coração de Jesus, no Céu, na grande claridade. Da Chaga saíam esses raios e espalhavam-se pelo mundo inteiro” (D. 1796).

Durante a sua permanência no hospital, Irmã Faustina edificava a todos pela sua delicadeza, modéstia e amor à ordem, bem como pelo respeito, submissão e obediência ao pessoal do hospital. Amavam-na todos que com ela se relacionavam. Embora ela falasse pouco, toda a sua pessoa e postura diziam mais que milhões de palavras. O diretor do hospital, Dr. Adam Silberg, muitas vezes visitava Irmã Faustina e conversava com ela sobre assuntos espirituais. Como recém-batizado, tinha muitas perguntas a fazer à sua incomum paciente.

Últimos dias

No dia 24 de agosto, a Madre Irena foi informada de que o estado de saúde de Irmã Faustina havia piorado sensivelmente. A superiora apressou-se em ir ao hospital, para velar junto à doente. No dia seguinte, 25 de agosto de 1938, no dia do trigésimo terceiro aniversário de Irmã Faustina, o Padre Teodoro Czaputa, capelão da casa da Congregação em Jozefów, administrou-lhe o sacramento da Unção dos Enfermos. O estado de saúde da Irmã não apresentou melhora.

No dia 28 de agosto, Irmã Faustina recebeu a visita do Padre Sopoćko. No dia 2 de setembro, o Padre veio novamente a Pradnik e passou algum tempo conversando com a Irmã. Quando saiu, lembrou-se de que deveria dar à Irmã Faustina alguns santinhos recém-impresos, por isso voltou ao quarto dela. A Irmã permanecia em êxtase de união com Deus. O Padre resolveu não perturbá-la.

Irmã Alfreda, a nova enfermeira da casa da Congregação em Cracóvia, percebeu que o estado de Irmã Faustina era muito grave e, por isso, perguntou-lhe se não gostaria de voltar a Łagiewniki, para morrer na Congregação.

Em resposta, Irmã Faustina sorriu alegremente, mas após uma breve reflexão disse: “Eu não vou morrer agora, por isso a Irmã pode ainda deixar-me aqui, porque com a minha presença eu causaria muito embaraço à Comunidade, já que uma das irmãs teria que ficar sempre junto de mim”. Porém, em seguida, acrescentou: “Mas faça o favor de fazer o que a Irmã achar melhor e o que desejam os superiores”.

Duas semanas depois, no dia 17 de setembro, a Irmã Alfreda veio buscar Irmã Faustina. O Doutor Silberg pediu-lhe o santinho de Santa Terezinha que se encontrava na sua mesinha de cabeceira; queria pendurá-lo sobre a cama do seu filhinho de seis anos. A Irmã Alfreda, um pouco inquieta com isso, sugeriu que o santinho fosse desinfetado. O médico respondeu: “Não tenho medo de contágio, porque Irmã Faustina é uma irmã em quem confio. Irmã Faustina é uma santa, e os santos não infeccionam”.

A viagem até Jozefów foi muito difícil para Irmã Faustina. A Irmã Alfreda, vendo como a sua protegida estava fraca, estava muito preocupada. Irmã Faustina procurava tranquilizá-la com as palavras: “Irmã, não se preocupe, porque não vou morrer na viagem”.

Em Łagiewniki, Irmã Faustina foi acomodada num quarto separado e confiada à terna e amorosa proteção da Irmã Amélia. O organismo de Irmã Faustina estava tão deteriorado que ela já não podia ingerir alimentos. Sua vida estava aos poucos chegando ao fim. No dia 22 de setembro, segundo um costume aceito na Congregação, Irmã Faustina pediu perdão a toda a Comunidade por todas as suas falhas involuntárias. Depois ficou aguardando tranquilamente a vinda de seu Esposo.

No dia 26 de setembro, o padre Sopoćko veio visitar Irmã Faustina. Foi a sua última visita. A Irmã não desejava mais conversar com ele. Estava mergulhada na vivência da união com o Pai Celestial. Em suas memórias, o Padre Sopoćko escreveu: “Ela dava a impressão de um ser sobrenatural. Naquela oportunidade, eu já não tinha a mínima dúvida de que o relato, no seu Diário, a respeito da Comunhão que Ihe havia sido dada no hospital por um Anjo correspondia à realidade”. Foi justamente, nesse dia, que Irmã Faustina revelou ao Padre a data da sua morte, data que Jesus Ihe havia dado a conhecer.

Alguns dias antes da sua morte, Irmã Faustina recebeu a visita da irmã que cuidava da horta. Naquela ocasião, ela já estava extremamente esgotada pela doença. “A Irmã não tem medo da morte?” – perguntou-lhe a irmã visitante.

“Por quê? – respondeu Irmã Faustina. – Todos os meus pecados e imperfeições serão consumidos como uma palha no fogo da Misericórdia Divina”. Depois a conversa passou a girar em torno da guerra. A irmã que a visitava afirmava que a guerra duraria pouco.

“Oh, não – respondeu Irmã Faustina – a guerra vai durar muito, muito, muito tempo. Haverá terríveis desgraças e sofrimentos enormes recairão sobre os homens”.

“E a Polônia vai existir?” – perguntou a irmã.

“Oh, a Polônia vai existir. As pessoas serão muito poucas, porque vão perecer, e vão se amar muito e vão querer encontrar-se” – disse Irmã Faustina.

Não era a primeira vez que Irmã Faustina falava da guerra. Muitas vezes, pedia às irmãs e educandas que rezassem pela Polônia, afirmando que, em breve, eclodiria uma guerra longa e terrível. A descrença das pessoas não desencorajava Irmã Faustina; ela repetia que haveria uma guerra terrível, pavorosa. O Padre Sopoćko lembra que Irmã Faustina chorava pelo destino da Polônia, mas, naquele tempo, ele não dava muita atenção ao que ela dizia sobre a guerra. Não indagava sobre detalhes, e a própria Irmã Faustina nada falava sobre eles. Lembra-se, no entanto, de que certa vez ela suspirou e cobriu o rosto, como se tentasse fugir de alguma visão terrível.

As irmãs também não podiam compreender a incessante inquietação que provocava em Irmã Faustina a lembrança da guerra que se aproximava. Numa ocasião, ela mencionou à Irmã Ana, uma das irmãs de mais idade, que “haverá uma guerra terrível, mas as irmãs não sairão daqui”. A Irmã Ana, embora demonstrasse muita simpatia por Irmã Faustina, pensou consigo mesma que no leito de morte é preciso pensar em sua própria alma, e não em alguma guerra futura.

Durante a guerra, que eclodiu um ano após a morte de Irmã Faustina, por três vezes, os nazistas ameaçaram as irmãs de expulsão. As irmãs lembraram-se, então, das palavras de Irmã Faustina. Todas as vezes que a situação se tornava difícil, elas corriam ao túmulo de Irmã Faustina e pediam que ela lhes conseguisse, pela misericórdia de Deus, a graça de a casa delas ser deixada em paz. As ameaças não se concretizavam e as irmãs ficaram em Łagiewniki, como havia profetizado Irmã Faustina.

Quando todos os seus assuntos terrenos foram resolvidos, Irmã Faustina ficou aguardando tranquilamente o seu Amado, sempre edificando as outras irmãs com a sua postura. Aquelas irmãs que não tiveram com ela um relacionamento positivo lamentaram muito, mais tarde, não terem partilhado com Irmã Faustina as graças especiais que iluminaram os últimos instantes de sua vida. No entanto, a maior parte das irmãs rendeu-se ao encanto interior da enferma; e as últimas palavras que ela lhes disse adentraram profundamente em suas mentes, apesar de que poucas delas tenham sido anotadas. Quando a antiga enfermeira, a mesma irmã

que havia causado sofrimentos a Irmã Faustina, viu sua figura semelhante a um esqueleto, desatou a chorar e exclamou: “Irmã, em que estado a Irmã se encontra”.

Irmã Faustina respondeu: “O que significa isso em vista do amor de Deus?”

Nesses últimos dias, a Madre Irena visitava Irmã Faustina de muito bom grado. “Tanta paz e estranha fascinação tinha a nossa doente. Como tinha mudado! Havia desaparecido todo o nervosismo anterior provocado por toda a questão da Misericórdia Divina. Ela agora assumia tudo tranquilamente, submetendo-se à vontade de Deus” – lembrava ela.

Durante uma das visitas da Madre, Irmã Faustina lhe disse: “Vai ter a Festa da Misericórdia Divina, estou vendo isso. Quero apenas a vontade de Deus”. Numa outra ocasião falou do trabalho comum das irmãs diretoras e coadjuvadoras. Irmã Faustina lembrava aquelas irmãs que sabiam engajar no trabalho educativo também as irmãs coadjuvadoras e partilhavam com elas as preocupações e os problemas que lhes apresentavam as moças e os trabalhos escolares. Em sua simplicidade, Irmã Faustina disse uma vez à Madre Irena: “A Madrezinha vai ver que a Congregação vai ter muito consolo através de mim”. Quando a superiora lhe perguntou se estava feliz por morrer nessa Congregação, ela respondeu: “Sim. Por todos os dissabores que tive por esse motivo (a questão da fundação da nova congregação), já aqui, na Terra, a Madrezinha vai ter muita alegria”.

Durante uma das visitas da Madre Irena, um pouco antes da morte de Irmã Faustina, a enferma ergueu-se um pouco na cama e com um gesto de mão pediu à superiora que se aproximasse dela. “Nosso Senhor quer me exaltar e fazer de mim uma santa” – disse então.

A Madre Irena confirmou depois: “Ela disse isso com tanta seriedade que eu tive a estranha sensação de que Irmã Faustina estava aceitando essa garantia como um dom da misericórdia de Deus, sem sombra de orgulho. Afastei-me dela impressionada com o que tinha dito, embora não me desse conta da importância dessas palavras”.

No dia 5 de outubro, Irmã Faustina disse sussurrando à Irmã Felícia: “Hoje o Senhor vai me levar”. Às quatro horas da tarde, o

Padre Andrasz ouviu a sua última confissão. Irmã Faustina sofria muito. Algumas horas mais tarde, pediu uma injeção de anestesia, mas depois desistiu da injeção, desejando cumprir até o fim a vontade de Deus.

Às nove horas da noite, as irmãs reuniram-se junto à cama de Irmã Faustina e juntamente com o capelão, o Padre Czaputa, recitaram as orações dos agonizantes. Irmã Faustina estava consciente e sentia-se feliz com a presença das pessoas que lhe eram caras, especialmente da Madre superiora, testemunha fiel das suas revelações. Visto que a agonia ainda não havia começado, as irmãs se afastaram. Junto à cama de Irmã Faustina, permaneceu apenas a Irmã Ligória. Às dez e quarenta e cinco da noite, quando a Irmã Ligória saiu correndo para chamar a Madre Irena, Irmã Faustina, com os olhos levantados para o céu como em êxtase, foi buscar a sua recompensa.

Quase que de imediato o corpo deteriorado de Irmã Faustina assumiu uma espécie de beleza sobrenatural, o que não deve causar admiração a ninguém. A oração de Irmã Faustina: “Divinizai-me, para que os meus atos Vos sejam agradáveis, que o faça o poder da santa Comunhão que recebo diariamente” – foi agora cumprida.

Algum tempo depois da morte de Irmã Faustina, foi encontrado um pequeno caderno de anotações dela intitulado: “Minha preparação para a santa Comunhão”. Na introdução ela escreveu:

“O momento mais solene na minha vida é aquele em que recebo a Santa Comunhão. Anseio por cada Santa Comunhão e por elas dou graças à Santíssima Trindade. Os anjos, se pudessem invejar, nos invejariam por duas coisas: a primeira é a recepção da Santa Comunhão; a segunda, o sofrimento” (D. 1804).

Numa das anotações desse caderno, Irmã Faustina escreve que um dia estava se preparando para a vinda de Jesus como Rei. Sua mente foi, então, atingida pela consciência de que Jesus não é apenas Rei, mas antes Rei dos reis e Senhor dos senhores, diante do qual tremem todos os poderes e todas as autoridades. Quando O convidou para entrar na morada do seu coração, a alma de Irmã Faustina foi tomada de tamanho respeito que ela desfaleceu de temor, caindo aos seus pés. Jesus estendeu para ela sua mão e

bondosamente permitiu que ela sentasse a seu lado. Depois tranquilizou-a dizendo:

“Estás vendo, abandonei o trono do céu para Me unir a ti. O que estás vendo é apenas uma pequena parcela e a tua alma já desfalece de amor. Como, então, se espantará o teu coração quando Me vires em toda a glória! Mas quero te dizer que essa vida eterna deve iniciar-se já aqui na terra pela santa Comunhão. Cada santa Comunhão te torna mais capaz de conviver com Deus por toda a eternidade” (D. 1810).

Como deve ter sido admirável a recepção dessa grande amante da Eucaristia no Céu, visto que até os seus restos mortais pareciam transfigurados depois da morte.

O sepultamento de Irmã Faustina realizou-se no dia 7 de outubro de 1938, na festa de Nossa Senhora do Rosário, primeira sexta-feira do mês. Além do capelão, o Padre Czaputa, participaram das cerimônias fúnebres três jesuítas – dois padres e um clérigo. Às oito e meia, foram cantadas as matinas. A seguir, o Padre Wojton, SJ, celebrou a Missa fúnebre no altar-mor, e o Padre Chabrowski, SJ, com paramentos brancos, no altar do Santíssimo Coração de Jesus onde atualmente se encontra a Imagem de Jesus Misericordioso. Da família de Irmã Faustina ninguém compareceu ao enterro. Não querendo expor os seus familiares a despesas relacionadas com a viagem, ela havia pedido que não fossem avisados do seu estado grave, nem de sua morte. Após a Missa, as irmãs e as educandas pegaram o féretro aos ombros e depositaram-no na sepultura comum da Congregação, em Łagiewniki.

Epílogo

Foram muito poucas as irmãs na Congregação que perceberam as extraordinárias vivências místicas de Irmã Faustina. Após a morte da Irmã, durante dois anos quase não se falava dela. Depois, em Wilno, começou a difundir-se a Devoção à Misericórdia Divina, e com ela as pessoas começaram a relacionar o nome de Irmã Faustina. A notícia a esse respeito chegou a diversas casas da Congregação; as irmãs começaram a fazer várias perguntas. Em 1941, a Madre Michaela Moraczewska, que continuava exercendo a função de superiora geral da Congregação, reconheceu que havia chegado o tempo apropriado para oficialmente familiarizar as irmãs com a missão de Irmã Faustina. Começou a fazer isso visitando as casas da Congregação aonde podia chegar durante a ocupação nazista.

As irmãs ficavam espantadas com o que ouviam: “É que ela era cheia de simplicidade – disse uma delas – e em nada se distinguia de nós; era inteiramente uma de nós, apenas mais virtuosa, mais recolhida e mais unida com Deus. Foi por isso que, quando após a sua morte ficamos sabendo das grandes coisas que Deus tinha operado nela, não podíamos acreditar”. Mas evidentemente as irmãs estavam muito felizes porque a padroeira da sua Congregação, a Mãe de Misericórdia, havia obtido para elas e recomendado através de Irmã Faustina, o grande dom de lembrar a Misericórdia de Deus ao pobre mundo pecador.

A própria Devoção já era conhecida tanto das irmãs como das educandas da Congregação. Já havia quase dois anos utilizavam-se da brochura do Padre Sopoćko, que continha a Novena, a Ladainha e o Terço à Misericórdia Divina. No entanto, não se davam conta de que a autora dessas orações era Irmã Faustina. Os santinhos de Jesus Misericordioso, com o Terço impresso no verso, também eram de conhecimento geral, pois haviam sido distribuídos às irmãs pela Madre Irena.

Embora a Madre Irena fosse muito cuidadosa na difusão dessa devoção, quando, em setembro de 1937, tornou-se superiora da

casa de Cracóvia, arranhou um pequeno quadro de Jesus Misericordioso e recomendou que fosse colocado no altar de São José. Visto que as irmãs e educandas falavam dessa Imagem com grande respeito e veneração, a Madre resolveu trazer à capela um quadro grande. Em 1938, no primeiro domingo depois da Páscoa, portanto no dia que Jesus havia escolhido para a Festa da Misericórdia, esse quadro foi colocado no altar lateral do Sacratíssimo Coração de Jesus. Nesse mesmo dia, foi celebrada, nesse altar, uma santa Missa; foi também pregada uma homilia especial sobre a Misericórdia Divina. Irmã Faustina permanecia então no hospital e provavelmente não sabia dessas solenidades, pois com certeza teria mencionado, em seu Diário, um acontecimento tão importante.

A missão de Irmã Faustina realmente iniciou-se após a sua morte, de acordo com o que havia dito um dia. Durante a guerra, a capela da Congregação ficava aberta para todos. A partir de então, o túmulo de Irmã Faustina começou a ser visitado por pessoas de todas as classes sociais. Vinham para pedir a intercessão da Irmã, para agradecer por graças recebidas ou simplesmente para rezar. A devoção à Misericórdia Divina, em Łagiewniki, unia-se estreitamente com a pessoa de Irmã Faustina. A oração diante do altar da Misericórdia era sempre acompanhada por uma visita ao túmulo de Irmã Faustina. Essa devoção espalhou-se por toda a Polônia quase que espontaneamente. O motivo principal disso eram, sem dúvida, as enormes dificuldades daquele tempo. A mensagem de Irmã Faustina vinha ao encontro dessas dificuldades de uma maneira especial. As irmãs e educandas lembravam o amor e a preocupação de Irmã Faustina com a sua Pátria. Falavam das suas profecias relacionadas com a guerra àqueles que visitavam o túmulo e a capela. Essas pessoas, por sua vez, transmitiam isso a outros.

A casa da Congregação, em Łagiewniki, tornou-se o centro principal da devoção à Misericórdia Divina. Os fiéis vinham aí em busca de santinhos, bem como de textos com a Novena, o Terço e a Ladainha da Misericórdia Divina. Com a permissão das autoridades eclesiásticas, em cada terceiro domingo do mês realizavam-se orações especiais à Misericórdia Divina, e no primeiro domingo depois da Páscoa era comemorada a Festa da Misericórdia. Havia

cada vez mais entronizações solenes da Imagem de Jesus Misericordioso em diversas igrejas e instituições católicas. Bispos de muitas dioceses polonesas deram licença para a publicação de santinhos e orações à Misericórdia Divina. Até 1951, apenas na Polônia já existiam 130 centros dessa devoção.

Durante a Segunda Guerra Mundial, a partir de 1940, a Devoção à Misericórdia Divina tornou-se para muita gente um escudo de força e esperança, o que se manifestou especialmente nos numerosos campos de concentração, espalhados pela Polônia e fora de suas fronteiras. Os soldados e refugiados levaram depois essa Devoção a todos os continentes. A Novena, a Ladainha e o Terço foram traduzidos para muitos idiomas. Os centros mais dinâmicos da devoção à Misericórdia Divina surgiram na França, nos Estados Unidos e na Austrália. Contribuíram para isso especialmente os Padres Palotinos e os Padres Marianos, o que aconteceu em razão das graças que alguns deles obtiveram.

O crescimento contínuo da popularidade do culto da Misericórdia que perdurou até meados dos anos cinquenta, parecia desmentir a profecia que, em 1935, Irmã Faustina anotou em seu Diário:

“Em determinado momento, quando conversava com o meu diretor espiritual, vi interiormente, mais rapidamente que num relâmpago, a sua alma em grande sofrimento, num tal martírio que só poucas almas o experimentam. Esse sofrimento provém dessa obra. Virá o tempo em que essa obra, que Deus tanto recomenda, será como que totalmente destruída — e, depois disso, a ação de Deus se manifestará com grande força, dando testemunho da verdade. Ela [essa obra] será um novo esplendor para a Igreja, ainda que há muito tempo nela já existe. Que Deus é infinitamente misericordioso, ninguém o poderá negar; mas Ele deseja que todos saibam disso, antes que venha novamente como Juiz, quer que primeiro as almas O conheçam como Rei de Misericórdia. Quando vier esse triunfo, nós já estaremos na vida nova, na qual não há sofrimentos. Mas, antes disso, a sua alma será repleta de amargura à vista da ruína dos seus esforços. Contudo, essa destruição será apenas ilusória, visto que Deus não muda o que uma vez tenha decidido; mas, ainda que a destruição seja aparente, o sofrimento será bem

real. Quando isso sucederá — não sei, quanto tempo vai durar — não sei. Mas Deus prometeu uma grande graça — **especialmente a ti e a todos que proclamarem esta Minha grande misericórdia. Eu mesmo os defenderei na hora da morte como a Minha glória, ainda que os pecados da alma fossem negros como a noite; quando o pecador recorre à Minha misericórdia presta-Me a maior glória e é a honra da Minha Paixão. Quando a alma glorifica a Minha bondade, então o demônio treme diante dela e foge até o fundo do inferno”** (D. 378).

A primeira parte dessa profecia cumpriu-se quase ao pé da letra quando a Santa Sé, baseando-se em dados incompletos e insuficientes relacionados com as revelações, por uma notificação do dia 6 de março de 1959 proibiu a difusão da devoção à Misericórdia Divina nas formas propostas pela Irmã Faustina. A questão da remoção das Imagens de Jesus Misericordioso daquelas igrejas onde já haviam sido expostas e recebia veneração pública foi deixada a critério dos bispos. Em consequência disso, as Imagens foram removidas de muitas igrejas, e alguns Padres deixaram de pregar sobre a Misericórdia Divina. O Padre Sopoćko foi severamente repreendido pela Santa Sé. A difusão do culto da Misericórdia acarretou-lhe também muitos outros sofrimentos. A Congregação das Irmãs de Nossa Senhora da Misericórdia também foi proibida de divulgar essa Devoção. Em consequência, foram removidas as Imagens, tendo sido abandonado também o Terço, a Novena, bem como outras manifestações da veneração da Misericórdia Divina. Parecia que a obra da misericórdia, para a qual o Senhor tanto havia pressionado Irmã Faustina, havia sido completamente destruída.

Diante da proibição da Santa Sé, as Irmãs da Congregação de Nossa Senhora da Misericórdia, em Łagiewniki, dirigiram-se ao Ordinário da arquidiocese de Cracóvia, o Arcebispo Baziak, perguntando o que deviam fazer em relação à solenidade em honra da Misericórdia Divina, e também em relação à Imagem colocada no altar lateral e cercada de numerosos votos. O Arcebispo recomendou que a Imagem fosse deixada naquele local e que fosse permitido que os fiéis pedissem graças diante dela. Da mesma forma, foram

preservadas as solenidades comemoradas até então. Dessa maneira, a devoção à Misericórdia Divina passou pelo tempo de prova no pequeno centro religioso de Cracóvia, no local onde havia sido sepultada Irmã Faustina.

Nesse ínterim, em 1963, o Prefeito da Congregação do Santo Ofício, Cardeal Ottaviani, demonstrou grande benevolência à missão de Irmã Faustina. Aconselhou ao Arcebispo Karol Wojtyła, promotor do processo de beatificação da Irmã, que agisse rápido, enquanto as testemunhas ainda estavam vivas. E assim, vinte e sete anos após a morte de Irmã Faustina, no dia 21 de outubro de 1965, o Bispo Julian Groblicki, delegado pelo Arcebispo Wojtyła, abriu numa sessão solene o processo informativo relacionado com a vida e as virtudes de Irmã Faustina. A partir de então, cabe a Irmã Faustina o título de Serva de Deus. No decorrer do processo, foi realizada a exumação dos restos mortais da Irmã. No dia 25 de novembro de 1966, foram transferidos do cemitério para a capela da Congregação. O Arcebispo Karol Wojtyła, recém-elevado à dignidade de cardeal, no dia 20 de setembro de 1967, encerrou com uma sessão solene o processo informativo de Irmã Faustina na diocese de Cracóvia. No dia 26 de janeiro de 1968, as atas do processo informativo foram aceitas pela Congregação para as Questões dos Santos em Roma. Por um decreto dessa mesma Congregação do dia 31 de janeiro de 1968, o processo de beatificação da Serva de Deus Irmã Faustina Kowalska foi aberto formalmente.

No dia 15 de abril de 1978, após tomar conhecimento de documentos originais, antes desconhecidos, a Santa Sé tornou plenamente sem efeito a sua notificação de 1959. Após uma proibição que permaneceu em vigor durante vinte anos, novamente foi concedida permissão para a difusão da devoção à Misericórdia Divina nas formas propostas por Irmã Faustina. Devemos a revogação dessa proibição sobretudo aos empenhos do Arcebispo de Cracóvia, o Cardeal Karol Wojtyła, que, seis meses mais tarde, no dia 16 de outubro de 1978, foi elevado à Sé de Pedro como Papa João Paulo II. Começou a cumprir-se, portanto, a segunda parte da profecia de Irmã Faustina acima mencionada. Em maio de 1938 a Irmã escreveu no Diário:

“Quando estava rezando pela Polônia, ouvi estas palavras: **Amo a Polônia de maneira especial e, se ela for obediente à Minha vontade, Eu a elevarei em poder e santidade. Dela sairá a centelha que preparará o mundo para a Minha Vinda derradeira**” (D. 1732).

No dia 18 de abril de 1993, no Segundo Domingo da Páscoa, o Santo Padre João Paulo II declarou solenemente a Serva de Deus Irmã Faustina Kowalska Bem-aventurada e a canonizou em 30 de Abril de 2000.

Será a devoção à Misericórdia Divina “um novo esplendor para a Igreja, embora exista nela já há muito tempo”? (cf. D. 378). Será aquela centelha que sairá da Polônia e preparará o mundo para a vinda definitiva do Senhor? Se assim for, terá que ser cumprido mais um desejo de Jesus – desejo repetido por pelo menos catorze vezes segundo o testemunham as anotações de Irmã Faustina. Jesus desejava que no primeiro domingo depois da Páscoa fosse oficialmente comemorado na Igreja a Festa da Misericórdia Divina. Desejava também que nesse dia a Imagem da Misericórdia fosse abençoada e recebesse veneração pública.

Irmã Faustina sabia quanto é necessária essa Festa e – como já foi mencionado anteriormente – rezava fervorosamente pela sua instituição. No dia 10 de abril de 1937, quando pegou nas mãos o artigo sobre a Misericórdia Divina enviado pelo Padre Sopoćko – publicado no “Semanário” editado em Wilno – sua alma, como ela mesma se expressou, foi “traspassada pela seta do amor”. Ela ouviu então as palavras: **“Pelos teus ardentes desejos, estou apressando a Festa da Misericórdia”** (D. 1082).

Pelo bem do mundo, rezemos ardentemente pelo cumprimento dessa promessa: Maranâ tâ! Vinde, Senhor Jesus – misericórdia encarnada de Deus!

Anexo 1

Rito de canonização de Maria Faustina Kowalska

Homilia do Papa João Paulo II na Concelebração Eucarística

30 de Abril de 2000

1. *“Confitemini Domino quoniam bonus, quoniam in aeternum misericordia eius”.*

“Louvai o Senhor, porque Ele é bom, porque é eterno o Seu amor” (Sl 118, 1). Assim canta a Igreja na Oitava de Páscoa, como que recolhendo dos lábios de Cristo essas palavras do Salmo, dos lábios de Cristo ressuscitado que, no Cenáculo, traz o grande anúncio da misericórdia divina e confia aos apóstolos o seu ministério: “A paz seja convosco! Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós... Recebei o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; àqueles a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos” (*Jo 20, 21-23*).

Antes de pronunciar essas palavras, Jesus mostra as mãos e o lado. Isto é, indica as feridas da Paixão, sobretudo a chaga do coração, fonte onde nasce a grande onda de misericórdia que inunda a humanidade. Daquele Coração a Irmã Faustina Kowalska, a Beata a quem de agora em diante chamaremos Santa, verá partir dois fâcos de luz que iluminam o mundo: “Os dois raios, explicou-lhe certa vez o próprio Jesus representam o sangue e a água” (*Diário, Libreria Editrice Vaticana, pág. 132*).

2. *Sangue e água!* O pensamento corre rumo ao testemunho do evangelista João que, quando um soldado no Calvário atingiu com a lança o lado de Cristo, vê jorrar dali “sangue e água” (cf. *Jo 19, 34*). E se o sangue evoca o sacrifício da cruz e o dom eucarístico, a água,

na simbologia joanina, recorda não só o batismo, mas também o dom do Espírito Santo (cf. *Jo* 3, 5; 4, 14; 7, 37-39).

A misericórdia divina atinge os homens através do Coração de Cristo crucificado: “Minha filha, dize que sou o Amor e a Misericórdia em pessoa”, pedirá Jesus à Irmã Faustina (*Diário*, pág. 374). Cristo derrama essa misericórdia sobre a humanidade mediante o envio do Espírito que, na Trindade, é a Pessoa-Amor. E porventura não é a misericórdia o “segundo nome” do amor (cf. *Dives in misericordia*, 7), cultuado no seu aspecto mais profundo e terno, na sua atitude de cuidar de toda a necessidade, sobretudo na sua imensa capacidade de perdão?

É deveras grande a minha alegria, ao propor hoje à Igreja inteira, como dom de Deus para o nosso tempo, a vida e o testemunho da *Irmã Faustina Kowalska*. Pela divina Providência, a vida dessa humilde filha da Polônia esteve completamente ligada à história do século XX, que há pouco deixamos atrás. De fato, foi entre a primeira e a segunda guerra mundial que Cristo lhe confiou a sua mensagem de misericórdia. Aqueles que recordam, que foram testemunhas e participantes nos eventos daqueles anos e nos horríveis sofrimentos que daí se originaram para milhões de homens, bem sabem que a mensagem da misericórdia é necessária.

Jesus disse à Irmã Faustina: “A humanidade não encontrará paz, enquanto não se voltar com confiança para a misericórdia divina” (*Diário*, pág. 132). Através da obra da religiosa polonesa, essa mensagem esteve sempre unida ao século XX, último do segundo milênio e ponte para o terceiro. Não é uma mensagem nova, mas pode-se considerar um dom de especial iluminação, que nos ajuda a reviver de maneira mais intensa o Evangelho da Páscoa, para oferecê-lo como um raio de luz aos homens e às mulheres do nosso tempo.

3. O que nos trarão os anos que estão diante de nós? Como será o futuro do homem sobre a terra? A nós não é dado sabê-lo. Contudo, é certo que, ao lado de novos progressos, não faltarão, infelizmente, experiências dolorosas. Mas a luz da misericórdia divina, que o Senhor quis como que entregar de novo ao mundo através do carisma da Irmã Faustina, iluminará o caminho dos homens do terceiro milênio.

Assim como os Apóstolos outrora, é necessário, porém que também a humanidade de hoje acolha, no cenáculo da história, Cristo ressuscitado, que mostra as feridas da sua crucifixão e repete: *A paz seja convosco!* É preciso que a humanidade se deixe atingir e penetrar pelo Espírito que Cristo ressuscitado lhe dá. É o Espírito que cura as feridas do coração, abate as barreiras que nos separam de Deus e nos dividem entre nós; restitui, ao mesmo tempo, a alegria do amor do Pai e a da unidade fraterna.

4. É importante, então, que acolhamos inteiramente a mensagem que nos vem da palavra de Deus neste segundo Domingo de Páscoa, que, de agora em diante, na Igreja inteira, *tomará o nome de “Domingo da Divina Misericórdia”*. Nas diversas leituras, a liturgia parece traçar o caminho da misericórdia que, enquanto reconstrói a relação de cada um com Deus, suscita também entre os homens novas relações de solidariedade fraterna. Cristo ensinou-nos que “o homem não só recebe e experimenta a misericórdia de Deus, mas é também chamado a “ter misericórdia” para com os demais. “Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia” (Mt 5, 7) (*Dives in misericordia*, 14). Depois, Ele indicou-nos as múltiplas vias da misericórdia que não só perdoa os pecados, mas vai também ao encontro de todas as necessidades dos homens. Jesus inclinou-se sobre toda a miséria humana, material e espiritual.

A sua mensagem de misericórdia continua a alcançar-nos através do gesto das suas mãos estendidas rumo ao homem que sofre. Foi assim que O viu e testemunhou aos homens de todos os continentes a Irmã Faustina que, escondida no convento de Łagiewniki em Cracóvia, fez da sua existência um cântico à misericórdia: *Misericordias Domini in aeternum cantabo*.

5. A canonização da Irmã Faustina tem uma eloquência particular: mediante este ato quero hoje transmitir esta mensagem ao novo milênio. Transmito-a a todos os homens para que aprendam a *conhecer sempre melhor o verdadeiro rosto de Deus e o genuíno rosto dos irmãos*.

Amor a Deus e amor aos irmãos são de fato inseparáveis, como nos recordou a primeira Carta de João: “Nisto conhecemos que amamos os filhos de Deus: quando amamos a Deus e guardamos os

Seus mandamentos” (5, 2). O Apóstolo recorda-nos nisso a verdade do amor, indicando-nos, na observância dos mandamentos, a medida e o critério.

Com efeito, não é fácil amar com um amor profundo, feito de autêntico dom de si. Aprende-se esse amor na escola de Deus, no calor da sua caridade. Ao fixarmos o olhar Nele, ao sintonizarmo-nos com o seu coração de Pai, tornamo-nos capazes de olhar os irmãos com olhos novos, em atitude de gratuidade e partilha, de generosidade e perdão. *Tudo isso é misericórdia!*

À medida que a humanidade aprender o segredo desse olhar misericordioso, manifestar-se-á como perspectiva realizável o quadro ideal, proposto na primeira leitura: «A multidão dos que haviam abraçado a fé tinha um só coração e uma só alma. Ninguém chamava seu ao que lhe pertencia mas, entre eles, tudo era comum» (Act 4, 32). Aqui a misericórdia do coração tornou-se também estilo de relações, projeto de comunidade, partilha de bens. Aqui floresceram as “obras da misericórdia”, espirituais e corporais. Aqui a misericórdia tornou-se um concreto fazer-se “próximo” dos irmãos mais indigentes.

6. A Irmã Faustina Kowalska deixou escrito no seu *Diário*: “Sinto uma tristeza profunda, quando observo os sofrimentos do próximo. Todas as dores do próximo se repercutem no meu coração; trago no meu coração as suas angústias, de tal modo que me abatem também fisicamente.

Desejaria que todos os sofrimentos caíssem sobre mim, para dar alívio ao próximo” (pág. 365). Eis a que ponto de partilha conduz o amor, quando é medido segundo o amor de Deus!

É nesse amor que a humanidade de hoje se deve inspirar, para enfrentar a crise de sentido, os desafios das mais diversas necessidades, sobretudo a exigência de salvaguardar a dignidade de cada pessoa humana. A mensagem de misericórdia divina é assim, implicitamente, também uma *mensagem sobre o valor de todo o homem*. Toda a pessoa é preciosa aos olhos de Deus. Cristo deu a vida por cada um. O Pai dá o seu Espírito a todos, oferecendo-lhes o acesso à Sua intimidade.

7. Esta mensagem consoladora dirige-se sobretudo a quem, afligido por uma provação particularmente dura ou esmagado pelo

peso dos pecados cometidos, perdeu toda a confiança na vida e se sente tentado a ceder ao desespero. Apresenta-se-lhe o rosto suave de Cristo, chegando-lhe aqueles raios que partem do seu Coração e iluminam, aquecem, indicam o caminho e infundem esperança. Quantas almas já foram consoladas pela invocação “*Jesus, confio em Vós*”, que a Providência sugeriu através da Irmã Faustina! Esse simples ato de abandono a Jesus dissipa as nuvens mais densas e faz chegar um raio de luz à vida de cada um.

“Jezu ufam tobie!”

8. *Misericordias Domini in aeternum cantabo* (Sl 88 [89], 2). À voz de Maria Santíssima, “Mãe da misericórdia”, à voz desta nova Santa que, na Jerusalém celeste, canta a misericórdia juntamente com todos os amigos de Deus, unamos também nós, Igreja peregrinante, a nossa voz.

E tu, Faustina, dom de Deus ao nosso tempo, dádiva da terra da Polônia à Igreja inteira, obtém-nos a graça de perceber a profundidade da misericórdia divina, ajuda-nos a torná-la experiência viva e a testemunhá-la aos irmãos! A tua mensagem de luz e de esperança se difunda no mundo inteiro, leve à conversão os pecadores, amenize as rivalidades e os ódios, abra os homens e as nações à prática da fraternidade. Hoje, ao fixarmos contigo o olhar no rosto de Cristo ressuscitado, fazemos nossa a tua súplica de confiante abandono e dizemos com firme esperança:

Jesus Cristo, confio em Ti!

“Jezu, ufam tobie!”.

Anexo 2

Proclamação do Domingo da Divina Misericórdia

Em virtude de um Decreto publicado a 5 de maio de 2000 pela Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, A Santa Sé proclamou o Segundo Domingo da Páscoa também como Domingo da Divina Misericórdia.

Decreto

O Senhor é bom e tem muita misericórdia (Sl 111, 4) e, pelo grande amor com que nos amou (Ef 2, 4) e em razão de indizível bondade, deu-nos Seu Filho Unigênito como nosso Redentor, de maneira que pela Morte e Ressurreição desse Filho Ele pudesse abrir para a raça humana o caminho da vida eterna e que os filhos adotivos que receberam a Sua misericórdia dentro do Seu templo pudessem levar o Seu louvor aos confins da terra.

Nos nossos tempos, em muitas partes do mundo os fiéis cristãos desejam louvar a divina misericórdia no culto divino, especialmente na celebração do Mistério Pascal, no qual a amável benevolência de Deus resplandece de maneira especial.

Atendendo a esses desejos, o Supremo Pontífice João Paulo II graciosamente determinou que, no Missal Romano, após o título Segundo Domingo da Páscoa, seja doravante adicionada a denominação “ou Domingo da Divina Misericórdia” e prescreveu que os textos assinalados para o dia, no mesmo Missal e na Liturgia das Horas do Rito Romano, devem ser sempre utilizados para a celebração litúrgica desse Domingo.

A Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos agora publica essas decisões do Supremo Pontífice para que possam produzir efeito.

Não obstante qualquer disposição contrária.

+ Cardeal Jorge A. Medina Esteves

Prefeito
+ Francesco Pio Tamburrino
Arcebispo Secretário

Bibliografia

Fontes publicadas

Pe. Izydor Borkiewicz OFM Conv., Kowalska Helena (Siostra M. Faustyna), in: Hagiografia Polska, vol. I, Poznan 1971, p. 837-849.

Dzienniczek Slugi Bozej S. M. Faustyny Kowalskiej Profeski wieczystej; Zgromadzenia Matki Bozej Milosierdzia, Cracovia – Stockbridge – Roma 1981.

Irmã M. Beata Piekut CNSM, Kalendarzyk zycia Slugi Bozej. s. M. Faustyny Kowalskiej, Cracovia 1973.

Pe. Stanislaw Szymanski SJ, W Sluzbie Bozego Milosierdzia. Siostra Faustyna Kowalska, Londres 1978.

Fontes de arquivo

Recordações de membros da família de Irmã Faustina.

Recordações de Marciana Sadowski.

Recordações de Aldona Lipszyc.

Recordações do padre Miguel Sopoćko.

Pronunciamento das Irmãs da Congregação de Nossa Senhora da Misericórdia.

Pronunciamentos das educandas de diversos institutos da Congregação de Nossa Senhora da Misericórdia.

[1] N.R.: Palavras repetidas por Genia, irmã de Helena, em suas memórias, transcritas no livro *Biografia de uma Santa* de autoria de Ewa Czackowska.

[2] N.R.: Cf. Diário, 8

[3] N.R.: Oplatek: Pão ázimo - uma espécie de pão, semelhante à hóstia não consagrada, em sinal de união e alegria espiritual pelo nascimento do Senhor

[4] N.R.: Carta publicada no livro *Cartas de Santa Faustina*. Curitiba-PR: Editora Apostolado da Divina Misericórdia, 2013. pág.125